CARLOS WALLENSTEIN

obras completas

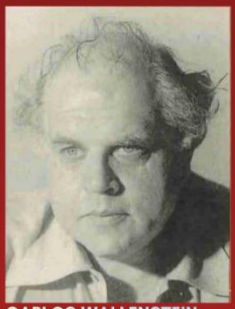
3
Teatro Radiofónico



Ed.
Centenário
1926-2026

ACTOR DE TEATRO, CINEMA E TELEVISÃO. ENCENADOR DE PEÇAS TEATRAIS E DE ÓPERAS. INTÉRPRETE DE TEATRO RADIOFÓNICO. DIRECTORDE COMPANHIAS. RESPONSÁVEL PELO SECTOR DE TEATRO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. LIGADO AINDA À MÚSICA E AO BAILADO.
MENOS CONHECIDA É A ACTIVIDADE LITERÁRIA DE C. WALLENSTEIN. A VERDADE É QUE TODA
A VIDA ESCREVEU POESIA,CONTOS E CRÓNICAS E MUITOS TEXTOS PARA TEATRO (ORIGINAIS, VERSÕES E TRADUÇÕES). PUBLICOU LIVROS, COLABOROU EM JORNAIS E REVISTAS, FIGUROU
EM ANTOLOGIAS POÉTICAS,MAS DEIXOU
INÉDITA A MAIOR PARTE DOS SEUS ESCRITOS.

ESTE VOL. 3 DAS OBRAS COMPLETAS DE
C. WALLENSTEIN REVELA A SUA PRODUTIVA ACTIVIDADE COMO ESCRITOR DA RÁDIO, ONDE TRABALHOU, DURANTE QUASE 40 ANOS, NÃO SÓ COMO AUTOR MAS TAMBÉM COMO ACTOR, ADAPTADOR E DIRECTOR, EM VÁRIAS RUBRICAS DE TEATRO RADIOFÓNICO



CARLOS WALLENSTEIN
(Ponta Delgada.4.11.1926 - Lisboa.6.11.1990)

Carlos Wallenstein, escritor da rádio. Como Brecht, Beckett, Dylan Thomas, Orson Wells... Só que Wallenstein escreveu em Portugal (...) No entanto, o Carlos tem uma obra. Que percorre a história do teatro radiofónico (...): de um evidente realismo, herdado do teatro e do cinema, o teatro da rádio partiu para novas formas artísticas que privilegiam a palavra, o tratamento acústico e a música como personagem dramático. (...)

Sem bases teóricas, sem o confronto com outras obras, Wallenstein intemporizou o seu teatro. Partindo da comédia romântica, tão habitualno "Teatro das Comédias", de Álvaro Benamor, abordou o teatro de Maeterlink, aflorou lonesco, o expressionismo, o teatro épico. (...)

Este livro será para muitos uma revelação. Cada peça identifica um dos muitos caminhos que o o radiofónico pode explorar. Até o da nostalgia das "ilhas de bruma", onde o Carlos nasceu. E se a ironia, a caricatura, o duplo sentido são constantes, encontramos no "Requiem", que teve magníficas interpretações de Carmem Dolores e de Eunice Mufioz, uma notável qualidade dramática. (...)

E, porque o teatro radiofónico é ilusão, catalizador da nossa criatividade, a voz, o riso, a presença do Carlos aí está entre os seus personagens.

Eduardo Street

DO AUTOR:

Publicados:

CINCO HISTÓRIAS SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL,
ed. Contra- ponto, 1953, contos
TEORIA DA TRIBUTAÇÃO,
ed. Sociedade de Expansão Cultural, 1966, poesia
A CELESTINA,
ed. Let, 1972, teatro
A MANTILHA DE BEATRIZ,
ed. Prelo / Sociedade Portuguesa de Autores, 1973, teatro
TRÉMULOS PERANTE O SENHOR,
ed. Moraes, 1982, teatro
CORPO CONFLITO,
ed. Moraes, 1983, colec. Círculo de Poesia
O AMOR DAS TRÊS LARANJAS,
ed. Plátano, 1984, teatro
OBRAS COMPLETAS -1. POESIA,
ed. Salamandra, 1998
OBRAS COMPLETAS - 2. CONTOS E CRÓNICAS,
ed. Salamandra, 1999
OBRAS COMPLETAS - 3. TEATRO RADIOFÓNICO,
ed. Salamandra, 2000
OBRAS COMPLETAS - 4. TEATRO,
ed. Salamandra, 2000

Textos incluídos em:

Doze Jovens Poetas Portugueses, Antologia organizada por Alfredo Margarido e Carlos Eurico da Costa, Os Cadernos de Cultura, Min. Educação e Saúde - Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1953

Antologia de Contes Portugueses - vol. II. Manuel de Seabra - Félix Cucurull, Alberti Editor - Barcelona, 1959

Antologia do Conto Fantástico Português, org. E. Melo e Castro, Ed. Afrodite, Lisboa, 1967; 2.a ed. 1974

Antologia da Poesia Açoriana do Séc. XVIII a 1975, Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira, colecção Vozes do Mundo - Sá da Costa Ed., Lisboa, 1977

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX, org. João de Melo, Vega, Lisboa, 1978

Antologia Poética dos Açores - II Vol. Prefácio, selecção e notas de Ruy Galvão de Carvalho, Colecção Gaivota - Secret. Regional da Educação e Cultura, 1984

Antologia de Contos Açorianos - Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira [projecto nunca publicado, devido ao falecimento do organizador, Pedro da Silveira, em 2003]

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS
3 - TEATRO RADIOFÓNICO

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Eduardo Street

Carlos Wallenstein
Escritor da Rádio

Carlos Wallenstein, escritor da rádio.

Como Brecht, Beckett, Dylan Thomas, Orson Wells...

Só que Wallenstein escreveu em Portugal. Num país em que o autor radiofónico estava para o escritor como o fotógrafo para o pintor. No entanto, o Carlos tem uma obra. Que percorre a história do teatro radiofónico.

Do teatro radiofónico...

Este não surgiu como a pintura, ou a música, espontâneo, natural.

Tal como o cinema, nasceu de um invento, que no início não se sabia bem para que serviria. Foi preciso esperar por 1924 para que a peça "Maremoto", dos franceses Germinet e Gusy, demonstrasse as possibilidades do novo meio de comunicação. Depois, escritores, produtores e realizadores lançaram-se na aventura e a palavra, o som, o ruído e o silêncio criaram esse teatro em que os personagens são invisíveis e o cenário é criado pela imaginação dos ouvintes.

É evidente que o teatro radiofónico tem limites. O acontecimento real chega até nós através da ilusão. Ilusão que nos obriga a interpretar os "sinais" sonoros, a dar corpo às vozes, a vesti-los, a adivinhar as máscaras fisionómicas. Mas, ao contrário do teatro e do cinema, incluindo a televisão, a rádio oferece-nos a sensação de sermos o único espectador. Em nenhuma outra "arte do espectáculo" há tão íntima relação entre quem fala e quem ouve, entre o emissor e o receptor.

Seria ocioso recordar agora a sua evolução. Bastará dizer que de um evidente realismo, herdado do teatro e do cinema, com passos tonitruantes, portas que rangem e batem, passarinhos que chilreiam, o teatro da rádio partiu para novas formas artísticas que privilegiam a palavra, o tratamento acústico e a música como personagem dramático.

Hoje, talvez seja a Alemanha com o "Horspiel", em que a arte e a técnica se conjugam, o país que mais tem avançado para uma total independência do teatro radiofónico da sintaxe do cinema e do teatro.

Em Portugal, a fase do realismo poucas vezes foi ultrapassada antes dos anos 90 e, entre as excepções, surge o Carlos Wallenstein.

Acompanhámos a sua carreira como actor, o seu voo como poeta, as ambições do dramaturgo, os sonhos que quis realizar na Gulbenkian e a sua criatividade como autor de peças para a rádio. Foi pois com alegria não isenta de emoção que soubemos da iniciativa de publicar os originais já transmitidos e, também, os inéditos.

Assim, perante o convite para escrever o prefácio do "seu teatro", aceitámos. Sabemos que outros melhor o podiam fazer, mas ninguém com o mesmo entusiasmo. Realizámos algumas das peças do Carlos Wallenstein e os anos não fizeram esquecer o trabalho comum, a luta para ultrapassar hábitos e fórmulas que só agora (!) a rádio venceu.

Com relutância, sugerimos a exclusão de alguns textos da selecção inicial feita pela maior e mais constante admiradora do Carlos - sua mulher - e, se o fizemos, foi nossa única preocupação realçar o percurso do escritor que, num meio hostil, intuiu a evolução da rádio.

Sem bases teóricas, sem o confronto com outras obras, Wallenstein intemporizou o seu teatro. Partindo da comédia romântica, tão habitual no "Teatro das Comédias" de Álvaro Benamor, abordou o teatro de Maeterlink, aflorou Ionesco, o expressionismo, o teatro épico.

Os textos do Carlos Wallenstein, nos anos 60 e 70 (!), evidenciam uma técnica narrativa que, mesmo quando entra no caminho da abstracção, constrói uma linguagem que o aproxima do intraduzível "Horspiel" alemão.

A propósito, recorde-se que na época em que o Carlos escrevia textos para o "Teatro de Ensaio", da ex-Emissora Nacional, Ingeborg Bachmann alcançava internacionalmente o sucesso com "O Bom Deus de Manhattan". Ingeborg morreu consagrada como uma brilhante escritora de rádio, Carlos Wallenstein ficou, imerecidamente, como um excelente actor que também escreveu...

Este livro será para muitos uma revelação. Cada. peça, identifica um dos muitos caminhos que o teatro radiofónico pode explorar. Até o da nostalgia das "Ilhas de bruma", onde o Carlos nasceu. E se a ironia, a caricatura, o duplo sentido são constantes, encontramos no "Requiem", que teve magníficas interpretações de Carmen Dolores e de Eunice Muñoz, uma notável qualidade dramática.

Quando relemos, e nalguns casos, lemos pela primeira vez estes textos, perguntámo-nos: onde poderia ter chegado o Carlos, se em Portugal existissem estúdios experimentais? Que diferença entre o Atélier de Création Radiophonique ou o BBC-Workshop e o estúdio da ex-E.N., onde perante alguns sorrisos se gravavam peças de Wallenstein...

Que este livro, tardio mas necessário, preste a homenagem merecida A rádio, tão avara em reconhecer os seus maiores, tão pobre em publicações que contem a sua história, fica-lhe devedora de mais esta contribuição.

E, porque o teatro radiofónico é ilusão, catalizador da nossa criatividade, e a voz, o riso, a presença do Carlos aí está entre os seus personagens

Eduardo Street

Setembro de 2000

O Diabo Infeliz e o Banqueiro

Comédia

PERSONAGENS:

Brigite
Diabo
Samuel

Barulhos de máquinas, sirenes. Grande algazarra.

Samuel – (Campainha) Brigite! Brigite!
Brigite – (Falando no intercomunicador) Senhor Figueira.
Samuel – Vem cá.
Brigite – Vou imediatamente.

Toca o telefone durante algum tempo. Abre-se a porta.

Brigite – Dá-me licença, senhor Figueira?
Samuel – Atende o telefone.
Brigite – Alô?... A moment, please!
Samuel – Quem é?
Brigite – O secretário do Paxá de Tokbank.
Samuel – Diz-lhe que não atendo.
Brigite – Muito bem. *(Ao telefone)* Mr. Figueira doesn't want to speak with you .... But .... What?! A minute, please. Depressa, senhor Figueira! Depressa!
Samuel – O que é?
Brigite – É Sua Alteza que está ao telefone.
Samuel – Qual Alteza?
Brigite – O Paxá!

Samuel – Está bem, *é* a mesma coisa. Já disse que não o atendo!

Brigite – Mas é um príncipe, senhor Figueira!

Samuel – Vá, diz-lhe que não o atendo.

Brigite – Não tenho coragem.

Samuel – Eh lá! Então quem é que manda aqui? Brigite, diz-lhe que não quero, não quero falar com ele, ouviste?

Brigite – Your Highness? I beg your pardon, sir .... I am....

Samuel – Tu não "begues pardon" nenhum, Brigite! Deixa ver o telefone, que ele vai ouvir o que não quer.

Brigite – Senhor Figueira!

Samuel – Deixa ver. Alô? Figueira speaking! Yes, Figueira. É o Paxá, não é? Very well! Então ouve, que vais ouvir das boas. Alô? Paxá? .... Don't you understand? Não percebes nada? Não faz mal. Ouves mesmo em português que é uma beleza. Não estou interessado .... I am not interested, compreendeste? Não quero negócios contigo. I don't want any business with you. Percebeste agora? Olha, o que eu estimo é que ganhes o próximo rally de camelos do deserto! Adeusinho! (Desliga).

Brigite – Oh!

Samuel – Estás indignada, Brigite?

Brigite – Estou.

Samuel – Com quê?

Brigite – Ele é um príncipe, um Paxá!

Samuel – Desde quando é que os milionários têm de curvar-se perante um príncipe, ainda que ele seja senhor de um país de desertos e de miragens?

Brigite – Um príncipe sempre foi um príncipe.

Samuel – E um milionário nem sempre foi milionário, mas passou a ser a partir de certa altura, devido ao seu suor, ao seu trabalho, ao seu talento. Aliás, o Paxá interessa-me.

Brigite – Acabou de dizer-lhe que não.

Samuel – Ele precisa mais de mim do que eu dele. Por isso posso dizer-lhe que não me interessa. Mas a sua situação no trono está periclitante, descobriram o subsolo do seu país, e eu sou no mundo a única pessoa que pode manter a coroa na cabeça do Paxá. As realezas, minha querida Brigite, dependem da pobreza do subsolo, acredita nisto. Se o subsolo é pobre, pode haver um rei; se o subsolo é rico, os reis têm de entregar o Poder na mão dos milionários. Isto é uma coisa que ninguém sabe, é uma conclusão a que eu cheguei e que não ofereço a ninguém. É minha. É o segredo do meu triunfo. Não achas que eu sou um triunfador, Brigite?

Brigite – Acho.

Samuel – Sinceramente?

Brigite – Sinceramente.

Samuel – Também eu. Ora bem, o Paxá dificilmente me apanha neste negócio.

Brigite – Porquê?

Samuel – Achas que o Paxá me pode garantir que os seus súbditos o amam, daquele amor fiel e medieval que os súbditos tinham pelo seu rei?

Brigite – Não percebo nada disso.

Samuel – Nem eu quero que percebas. Considero-te a melhor secretária e a intérprete mais inteligente que já tive. Se começas a perceber destas coisas, estragas tudo.

Brigite – Obrigada.

Samuel – Vou aumentar-te o ordenado.

Brigite – Muito obrigada, senhor Figueira.

Samuel – És sentimental e honesta. Recordas-me a minha terra. Gosto muito do meu país mas não é terra que dê pasto à minha fantasia e à minha vocação de milionário internacional. Às vezes sinto muitas saudades de lá viver modestamente. Brigite!

Brigite – Senhor Figueira?

Samuel – Que mais tenho hoje na agenda?

Brigite – Dentro de um quarto de hora tem de fazer o discurso.

Samuel – No banquete de confraternização do meu pessoal. É verdade, tinha-me esquecido do banquete.

Brigite – Preparou o discurso?

Samuel – Não, mas falarei em português. Se disser alguma coisa inconveniente não tem importância, eles não entendem quase nada do que eu disser. E dá prestígio falar de maneira que ninguém entende. Bom, tenho de ir.

Brigite – Transmiti as suas ordens à charanga. Toca o hino e depois o senhor Figueira sobe à tribuna.

Samuel – Óptimo. E depois vou para casa. Estou muito cansado.

Brigite – Irei a sua casa saber se precisa alguma coisa de mim. Até logo, senhor Figueira.

Ruídos de máquinas. A charanga toca o hino, um hino convencional. Grande silêncio. Samuel fala com um pouco de eco, como se o seu discurso fosse transmitido por uma amplificação sonora.

Samuel – Amigos, empregados e colaboradores. Reunimos, nestes hangares das minhas fábricas, mais de noventa mil pessoas que estão comigo empenhadas numa grande missão. A nossa divisa tem sido: "Servir a humanidade, servindo-nos a nós mesmos". Hoje, meus amigos, cessaram as máquinas das minhas fábricas, parou o silvo das sirenes e reunimo-nos neste bodo festivo. Eu sei que escutais as minhas palavras como no campo os lavradores esperam o nascer do sol para começarem o trabalho. Nada de novo tenho a dizer pois mais do que as palavras fala a eloquência da obra realizada. Engenheiros, empregados, operários! Homens de negócio!

Todos os que aqui estão e que estão comigo! Eu vos saúdo! Se acreditardes no valor dos nossos desígnios, continuaremos. E se assim acontecer, o futuro não nos será roubado. O futuro continuará sendo nosso. Espero que todos me compreendam.

Grande alarido de hurras e de bater de copos ou outros quaisquer ruídos com a mesma intenção. Toca o hino.

Samuel – (Falando ainda dentro do ruído e com a intenção de o fazer cessar) Mais uma palavra! Só mais uma palavra!

O ruído vai diminuindo. Quando fala, a voz do banqueiro entristece.

Samuel – (Comovido, falando para um silêncio sincero) Deu-se este ano um acontecimento triste que atingindo-me a mim vos atingiu a vós. A minha mulher, a minha querida mulher, aquela que todos estimávamos, morreu. Morreu prematuramente. Prematuramente penso eu, pois já se aproximava dos setenta anos. Mas que importa a idade se a sua companhia era ainda tão válida como fora na juventude? Esteve sempre a meu lado, na opulência como esteve na miséria. Por isso, apesar dos seus setenta anos, digo que nos abandonou prematuramente. Foi Deus quem a chamou. Sim, eu não tenho dúvidas acerca do seu destino após a morte. Além desta, existe outra vida, onde são louvadas ou castigadas as acções que praticamos neste mundo. Existe um céu para os bons e um inferno para os maus. Ela, tenho a certeza, está no céu. Oh, perdoem-me! Perdoem este momento de luto! Quero que a nossa festa continue com a alegria que lhe é habitual. Hip! Hip! Hip! Hurra!

Um grande silêncio.

Samuel – Então, amigos! Ajudem-me a esquecer este momento de dor! Vamos! Hip! Hip! Hip! Hurra! Hurra! Hurra!

Subitamente um grande alarido de hurras e de copos que se tocam. Toca o hino. Música de separador. Ouve-se abrir uma porta.

Samuel – Estás aí, Brigite?

Brigite – Ah, desculpe, senhor Figueira. Vim para sua casa quando saí do escritório. Uns homens que estão lá em baixo à entrada não me queriam deixar passar.

Samuel – (Divertido) O Neckermann e o Stilmen, os meus guarda-costas. São muito estúpidos mas são os mais valentes cães de guarda que já encontrei.

Brigite – Quando lhes mostrei a credencial, tiraram o chapéu e deixaram-me passar. Sentei-me neste *maple* à sua espera.

Samuel – Não preciso de ti. Podes dispor do teu serão.

Brigite – Então boa noite, senhor Figueira. Até amanhã.

Samuel – Boa noite.

Brigite – (Pausa) Correu bem o discurso?

Samuel – Muito bem. Ninguém percebeu nada mas fui muito aplaudido.

Brigite – Tenho a certeza de que se tivessem compreendido, tinham aplaudido ainda mais.

Samuel – Sobretudo a parte em que me referi à morte da minha mulher foi muito impressionante.

Brigite – Ah, já me esquecia. Madame De Courcelles telefonou.

Samuel – E que me queria a estimada Madame De Courcelles?

Brigite – Felicitá-lo.

Samuel – Porquê?

Brigite – Por essa parte do seu discurso em que se referiu à saudade da sua esposa. Diz que voltará a telefonar para lhe dizer pessoalmente quanto o apreciou.

Samuel – Voltará a telefonar? Que maçada. Eu não quero que me macem, irra! Estou estafadíssimo, preciso de descansar.

Toca o telefone.

Samuel – Brigite. Atende. Se perceberes que é Madame De Courcelles, não dizes nada. Desligas pura e simplesmente a ficha do telefone.

Brigite – *(Ao telefone)* Alô?

Samuel – É ela?

Brigite – Não, senhor Figueira. É o secretário do Paxá.

Samuel – Então desliga a ficha à mesma.

Brigite – *(Toque de campainha)* Pronto.

Samuel – Que bom! Estou desligado do resto do mundo. Vou calçar as minhas pantufas e sentar-me naquele *maple* a beber o meu *whisky.* Lá fora levantou-se de repente uma tempestade tremenda.

Brigite – É natural. Estamos no Inverno. Boa noite, senhor Figueira.

Samuel – Boa noite, Brigite.

A porta fecha-se. Música muito suave.

Samuel – Um pouco de *whisky. (Ouve-se o whisky a correr)* Um pouco de soda. *(Ouve-se o jacto da soda)* Uma pedra de gelo... Outra pedra de gelo... E que bom que é este *maple*! O momento em que melhor se sente a vantagem de ser milionário, é nestas noites de Inverno, quando temos dinheiro bastante para tirar o telefone da ficha, e sentimos a suavidade

de um *maple,* o calor do fogão, talvez demasiado... *(Muito triste)* E por esse mundo fora, expostos ao rigor da invernia, à chuva, à neve, à tempestade, existem miseráveis que não têm uma côdea de pão para a boca nem um tecto para se cobrirem. É verdade, não há dúvida, mas a culpa não é minha... Oh, é bom ser milionário, é dignificante, é uma honra para o género humano!

Um trovão brutal. Cresce a ventania e a tempestade. Barulho de uma janela que se abre violentamente.

Samuel – Maldita tempestade! Parece que quer arrombar todas as janelas.

Diabo – Deixa-te estar sentado, não te incomodes, Samuel. Eu próprio fecho a janela.

Samuel – Mas o que é que faz aqui? Quem é o senhor?

Diabo – O Diabo.

Samuel – O Diabo?!

Diabo – Em pessoa.

Samuel – Mas que vem cá fazer entrando pela janela dos meus aposentos?

Diabo – Estavas sozinho, não?

Samuel – Estava. E se não se importa, prefiro continuar. Pode fazer o favor de sair?

Diabo – De maneira nenhuma. Quero conversar contigo.

Samuel – Para quê?

Diabo – Em primeiro lugar para te dar os parabéns pelo comovente discurso que fizeste sobre a tua mulher a quem passaste a vida a detestar e a faltar ao respeito. Madame De Courcelles não gostou mas não tenho nada com isso, são problemas íntimos. Bem, eu vim directamente do Inferno.

Samuel – Directamente para aqui?

Diabo – Sim.

Samuel – Vestido dessa maneira? Não acredito.

Diabo – Sei o que estás a pensar. Julgas que eu não passo de um intrujão.

Samuel – Por amor de Deus...

Diabo – Por amor de quem? Ah, agora compreendo: o grande banqueiro Samuel Figueira também comete *gaffes*... Pois não vês que é uma *gaffe* ordinária falar diante de mim disso de que falaste?

Samuel – Ah, sim, não me tinha lembrado. Desculpe.

Diabo – Talvez eu não passe de um bandido, um salteador que entrou pela janela para te roubar o cofre ou descobrir algum segredo entre a papelada...

Samuel – Não tenho dinheiro aqui. E não tenho segredos importantes.

Diabo – Tens.

Samuel – A minha vida pode ser conhecida por toda a gente. Não tenho segredos.

Diabo – Ah! Ah! Ah! Deixa-me rir! Tu sabes muita coisa, Samuel. Se tu estivesses interessado em fazer um escândalo, a vida de muitas cidades ficaria a descoberto e depois disso pouca gente poderia ainda gabar-se de ser honrada. Tu tens segredos capazes até de desencadear uma guerra entre as nações, tens tudo o que é preciso, tudo, para aliciar as mulheres, pervertê-las e fazer das almas lenha para atear as chamas do Inferno.

Samuel – As chamas do Inferno! Quem é que acredita nelas? Isso é uma imagem grosseira que se usou antigamente para se dar ao povo a noção do horror de uma eternidade vivida sem a presença de Deus.

Diabo – Ah sim? E se o teu palacete for, de repente, consumido por uma amostrinha das chamas em que dizes que não acreditas.

Samuel – Tu não és o Diabo. E deves concordar que escolheste pessoa de têmpera demasiado rija para brincadeiras. Vou pegar naquele telefone e chamar os meus guarda-costas.

Diabo – Eles não te atendem. Estão a dormir.

Samuel – Vamos ver. *(Ao telefone)* Está? Está lá? *(Gritando)* Está lá?

Neckermann, Stilmen! *(Desistindo)* Estão de facto a dormir?

Diabo – Estão.

Samuel – É fantástico! Vou lá abaixo metê-los na ordem.

Diabo – Inútil, não consegues abrir aquela porta.

Samuel – Não consigo?

Diabo – Não.

Samuel – *(Tentando abrir o trinco)* Realmente... está fechada. *(Batendo desesperadamente)* Eh! Venham cá! Criados! *(Toca uma campainha).*

Diabo – Não te ouvem. Estão todos a dormir, varados por um desejo infernal que lhes enviei: o narcótico do Inferno.

Samuel – *(Com medo)* Bom... Eu... Eu não sei que sinto... Mas se me queres fazer mal... Eu...

Diabo – Desce-te sobre as pálpebras um sono tremendo... como nunca sentiste. Posso transformar-te em águia, em cavalo, em porco se me apetecer... Mas não, Samuel, não te transformarei em. nada disso. Quero-te exactamente como és, Samuel Figueira, industrial, banqueiro e outras coisas mais, um dos homens mais ricos do mundo.

Samuel – Tu... vais matar-me... Tu... queres a minha alma...

Diabo – *(Ri-se)* A tua alma já é minha há muitos anos, idiota! Quero as outras almas que me chegarão através de ti. Agora vais dormir, Samuel. Eu espero que acordes. E entretanto vou sentar-me no teu *maple* e beber o teu *whisky.*

Música muito suave. Samuel acorda e boceja longa e ruidosamente.

Diabo – Olá, já acordaste?

Samuel – Já.

Diabo – Dormiste bem?

Samuel – Desde que sou milionário nunca dormi tão sossegado.

Diabo – Coisas que o teu amigo te arranja... Adormeci-te com o mais suave dos meus sonos. Agora já nem consegues detestar-me, confessa.

Samuel – Não te detesto. Ignoro-te e desprezo-te.

Diabo – Então podemos conversar na maior intimidade. Eu também não estive mal. Gosto da tua casa, sabes? Bebi o *whisky* que tinhas deixado e preparei mais. É bom, o *whisky.* E o calor do teu fogão *é* suave. O calor lá no Inferno *é* insuportável! Eu já protestei mas o Satanás não quer convencer-se de que com as chamas não arranjamos nada.

Samuel – Mas lá no Inferno há mesmo chamas, coisas a arder para queimar as pessoas?

Diabo – Há. É um disparate. *(Num suspiro triste)* Ah, o Inferno está terrivelmente antiquado.

Samuel – *(Muito curioso)* Quem manda é o Lúcifer, não é?

Diabo – O Lúcifer... Bom... quem manda verdadeiramente é o Satanás. Ora o Satanás está velho e fora de moda. Não compreende que o mundo tem dado muitas voltas e que agora está tudo diferente. Imagina tu que ainda se rala por causa do Gil Vicente.

Samuel – Do Gil Vicente?

Diabo – Sim.

Samuel – Mas vocês conhecem o Gil Vicente?

Diabo – Muito bem, até demais.

Samuel – Mas isso é espantoso! E por que diabo... Oh, desculpe... Quer dizer, por que razão é que embirram tanto com o Gil Vicente?

Diabo – Contos largos. O Gil Vicente não está no Inferno e isso é que irrita. Esteve no Purgatório a expiar uns pecadilhos sem importância... e depois...

Samuel – Mas que têm vocês contra ele?

Diabo – *(Horrorizado como se fosse o pior dos crimes)* Oh!... O Gil Vicente é o fundador do teatro português.

Samuel – Olha a novidade! E que tem isso?

Diabo – O fundador de um teatro nunca está nas boas graças das potências infernais.

Samuel – Porquê?

Diabo – O teatro castiga os vícios e exalta as virtudes. Não calculas nos países onde o teatro está na alma das populações, as dificuldades que nós temos. Olha, naquelas aldeias de Espanha e da Alemanha onde durante todo o ano se pensa em representar na Quaresma a Paixão de Cristo, o entusiasmo é tão grande que lá não fazemos nada. Quem representa o Cristo vive em pureza e bondade para compreender melhor o seu papel; quem representa o Herodes tenta durante todo o ano não ser como ele. E quanto ao público a coisa é a mesma: todos queriam ser o Cristo e ninguém queria ser Herodes. Quando alguém funda o teatro num país, nós no Inferno trememos de medo.

Samuel – Mas cá no mundo o teatro tem sido tomado como coisa diabólica que perverte as pessoas.

Diabo – Bem... Isso é propaganda nossa... Só acontece onde reinam as potências infernais. Ficas a saber, Samuel: quando alguém não quiser que exista teatro; quando alguém, consciente ou inconscientemente, proceder para que não haja teatro ou haja teatro mau; essa pessoa é influenciada,

é inspirada por nós, está debaixo da nossa absoluta e irremediável jurisdição.

Samuel – Ah! Nunca calculei...

Diabo – Ora o Gil Vicente não se contentou apenas em ser fundador de um teatro...

Samuel – Cometeu outros crimes...

Diabo – Inventou um Diabo especial, um Diabo português. Ridicularizou-nos! Aquele Diabo faceto e popularucho, aquela espécie de maluquinho de aldeia com a sua esperteza saloia, roubou-nos em tempos muitas possibilidades.

Samuel – Mas o teatro tem tanta influência social que possa prejudicar os negócios do Inferno?

Diabo – Oh, é tremendo! *(Pausa. Outra coisa)* Ora perante isto todo o Inferno não pode cruzar os braços e ver os outros subir e nós a perder terreno, não achas?

Samuel – Sim, vocês têm de fazer qualquer coisa.

Diabo – Exactamente. Ainda bem que nos compreendemos.

Samuel – Mas que podem vocês fazer? Confesso que assim de momento não estou a ver... Compreendes, o problema é novo para mim...

Diabo – Claro, homem, não estás dentro do assunto, é natural...

Samuel – Ora vamos a pensar... Vamos com método...

Diabo – Exactamente, método! Eu aconselho sempre o método.

Samuel – Qual é o mal? Isto é que é preciso saber.

Diabo – Pensas exactamente como eu: em primeiro lugar é preciso saber qual é o mal. Ora bem, o Satanás preocupa-se muito com o Gil Vicente que inventou aquele Diabo de corninhos e de rabo que está sempre a dizer mal dos homens e esfrega as mãos de contentamento a cada pecado que vê cometer. Essa espécie de Diabo hoje em dia já não comove

ninguém e não é por causa dele que os homens do vosso tempo irão preferir o caminho da virtude. Portanto, o Satanás está antiquado.

Samuel – Talvez seja isso...

Diabo – Ai, é com certeza! Aqueles processos não se justificam.

Samuel – Quais processos?

Diabo – Oferecer jóias, rubis, brilhantes, pérolas, para seduzir as mulheres. É uma despesa louca!... E as imitações das pedras preciosas actualmente são tão perfeitas que as autênticas perdem a maior parte da atracção que tinham.

Samuel – É lógico. Se a procura diminui, a oferta desvaloriza-se. É uma lei desta vida.

Diabo – Além disso, no tempo em que o Gil Vicente escrevia, nós contávamos com os clérigos.

Samuel – Os clérigos de Gil Vicente são célebres. O Clérigo da Beira, o Frade da Barca do Inferno...

Diabo – A Barca do Inferno! Tu já viste maior acervo de ingenuidades? Um frade que vai parar ao Inferno por causa de uma rapariga... Se as pessoas fossem parar ao Inferno por causa das raparigas, já não havia lugar para mais ninguém.

Samuel – Os clérigos de Gil Vicente trocavam tudo pela ambição do dinheiro e do mando.

Diabo – Hoje em dia toda a gente troca tudo pela ambição do dinheiro e do mando. E compreendes que não é possível meter no Inferno a humanidade em peso. Não. Tem de haver uma parte que merece o Céu e outra parte que merece o Inferno. Nós os diabos, também trabalhamos para a nossa glória pessoal e não há glória alguma em ter a porta aberta e deixar entrar. Nós temos de seduzir, de conquistar as almas, e quanto mais difícil for a conquista, maior é a nossa glória. Ora bem:

o Satanás está a estragar tudo. Aquilo por lá está insuportável, ninguém se entende...

Samuel – (Rindo) É um inferno...

Diabo – Qual inferno nem qual carapuça! Aquilo é a confusão, a anarquia! O Inferno é - ou deveria ser - uma coisa organizada, metódica, com a sua contabilidade, a sua estatística, as suas contas correntes, os seus cálculos de probabilidades, um deve e um haver.

Samuel – Assim como um banco...

Diabo – Sim... Ou uma companhia de seguros. *(Um pouco empolado)* Ora... Dado o estado de coisas que acabo de expor, um grupo de diabos chefiados por mim, resolvemos agrupar-nos para tirar de lá o Satanás e pôr no seu lugar outro mais de acordo com a era supersónica em que vocês vivem; enfim, alguém ainda válido e capaz de servir os interesses e restabelecer o prestígio do Inferno.

Samuel – Isto *é:* tu.

Diabo – (Depois de uma pausa) Sim, eu. Mas não disse a ninguém que era essa a minha intenção. Como adivinhaste?

Samuel – Lá como cá, meu caro. Bom, e que faço eu no meio desse projecto?

Diabo – Sabes... Enfim... quanto à tua pessoa... Quanto à conhecidíssima pessoa do capitalista Samuel Figueira... Não nos restam dúvidas...

Samuel – Já lá está uma fogueirazinha preparada à minha espera?!

Diabo – Uma fogueirazinha? Um alto forno!

Samuel – Livra!

Diabo – A não ser que... eu ganhe a partida, fique dono daquilo... e então tu, se quiseres...

Samuel – Suspeito que compreendi. Vamos a ver: cartas na mesa.

Que queres de mim?

Diabo – (Pedindo) Que me ensines, Samuel, que me orientes. Tu sabes mais que todos nós. Por tua mão têm entrado no Inferno milhões e milhões de almas, tu sabes criar atribulações, sabes perverter e para isso basta-te carregar na mola da tua engrenagem e já está. É uma maravilha! Cartas na mesa, disseste tu? Pois bem: quero que me ajudes a salvar o Inferno.

Samuel – Ah, agora compreendo: vens propor-me um negócio... Irra, não posso mais! Levas a mesma resposta que dei ao Paxá de Tok-bank: não estou interessado.

Diabo – Mas... Nem queres ouvir o que ganhas em troca?

Samuel – Não. Já há dois mil anos vocês levaram Cristo ao alto de uma montanha e quiseram comprá-lo dando-lhe a propriedade de tudo quanto a vista alcançava...

Diabo – Outro disparate do Satanás. Eu avisei-o de que não era assim que a coisa se fazia mas ele não me deu ouvidos. *(Angustiado)* Escuta, Samuel: sabes o que é a eternidade?

Samuel – Já soube mas esqueci-me. A eternidade não me interessa.

Diabo – Definitivamente? Não desejas fazer comigo uma combinação? Se disseres <u>não,</u> desinteresso-me de ti para sempre.

Samuel – Bem... <u>Suponhamos</u>... que eu estava disposto a colaborar contigo... Que ganhava em troca?

Diabo – Tudo o que quisesses.

Samuel – Não me interessa.

Diabo – Tu já tens tudo o que queres aqui, na terra. Mas na eternidade...

Samuel – Já te disse e repito que a eternidade não me interessa.

Diabo – Que te interessa então? *(Pausa)* Olha que não é pouca honra o próprio Diabo aceitar as tuas condições.

Samuel – Obrigado pela honra. *(Pausa)* Quero duas coisas.

Diabo – Diz.

Samuel – Preciso da tua intervenção no caso do Paxá de Tokbank. O negócio que ele pretende propor-me é bom, seria óptimo para mim; porém não depende apenas dele, depende de uma nação inteira. Até agora tenho recusado as oportunidades que ele tentou para se avistar comigo, porque não confio nos súbditos do Paxá. Eu sei que me vai dizer que responde pelos seus súbditos. Mas ele pode estar a mentir ou pode dar-se uma viragem qualquer, podem espetar-lhe uma adaga no coração... e eu fico sem garantias!

Diabo – Estou às tuas ordens. *(Submisso)* Que queres de mim?

Samuel – *(Lento)* Doze milhões de consciências. Quero que estejam pelo meu lado os doze milhões de consciências que é quanto montam os súbditos do Paxá.

Diabo – São tuas, Samuel. Garanto que são tuas.

Samuel – Juras?

Diabo – Juro.

Samuel – Não me fio em ti. Arregaça a tua manga.

Diabo – Pronto.

Samuel – Toma esta navalha, rasga uma veia.

Diabo – Para quê?

Samuel – Para correr sangue.

Diabo – Não, isso não, o sangue assusta-me, tenho medo de desmaiar.

Samuel – Vamos, senão, nada feito. *(Espetando-lhe a navalha)* Vá!

Diabo – Ai, ai, ai... *(Um grande grito)* Ai!

Samuel – Que palerma! Desmaiou! Toma! *(Bofetada)* Outra, mais outra...

Diabo – Ai, ai, ai.

Samuel – Sentes-te melhor?

Diabo – Um pouco. Ai, o sangue sempre me fez muita impressão desde criancinha.

Samuel – E é um papa-açorda destes que quer ser o senhor do Inferno! Não há dúvida nenhuma de que precisas muito de mim.

Bem, nós vamos fazer um pacto. E a segunda coisa que te exijo. Será escrito neste papel. Vamos depressa. Tens de aprender a não perder tempo. Molha esta pena no teu sangue. Estás pronto?

Diabo – Estou.

Samuel – Então escreve: *"Se* eu, Diabo, conseguir granjear para o grande capitalista...".

Diabo – (Soletrando) "... granjear...".

Samuel – Despacha-te.

Diabo – Não consigo escrever mais depressa.

Samuel – Temos de levar uma estenógrafa para o Inferno, senão não nos safamos.

Diabo – *"...* capitalista...".

Samuel – "Samuel Figueira", vírgula, "as consciências dos doze milhões...".

Diabo – "... consciências..."

Samuel – Escreve os doze milhões em algarismos para ser mais rápido.

Diabo – "... 12 milhões...".

Samuel – *"...* de súbditos do Paxá de Tokbank...".

Diabo – (Pausa) "... Tok-bank...".

Samuel – ... vírgula, "dar-lhe-ei um lugar a meu lado...".

Diabo – *"...* a meu lado...".

Samuel – *"...* no trono do Inferno...".

Diabo – "... Inferno...".

Samuel – ... ponto.

Diabo – ... ponto.

Samuel – "... E farei o que ele mandar...".

Diabo – "... mandar...".

Samuel – "... para que ele faça de mim..."

Diabo – "... de mim...".

Samuel – "... o senhor dos infernos.".

Diabo – "... o senhor dos Infernos.". Muito bem!

Samuel – Pronto. Agora assina.

Diabo – *(Depois de assinar)* Já está.

Samuel – Entrega-me o documento. Está entregue. Qual é o teu notário?

Diabo – Não tenho sinal aberto.

Samuel – Oh, com certeza, desculpa, é o hábito...

Diabo – Não faz mal...

Samuel – É claro que, se não cumprires o que combinámos, quando chegar à altura própria mostro este papelinho ao Satanás e estás perdido.

Diabo – Eu já tinha compreendido, malandro!

Samuel – Sempre sonhei ter na eternidade o poder nas minhas mãos. Apetece-me, habituei-me a mandar e estar uma eternidade inteira a obedecer seria uma maçada. *(Pausa)* Não preciso de muito tempo para que o Inferno fique completamente remodelado e eficiente. Tens confiança em mim?

Diabo – Toda.

Samuel – Preparei-me para a eternidade da melhor maneira. Posso morrer descansado.

Diabo – Até breve, Samuel.

Samuel – Até breve? A minha morte está para breve?

Diabo – Por altura do próximo eclipse do sol, estarás livre das penas terrenas.

Samuel – Então ainda tenho tempo para concluir uns negócios. Óptimo, óptimo!

Diabo – *(Ao longe)* Adeus, Samuel.

Samuel – Até breve, Diabo.

Ventania. Tempestade. Música.

Brigite – É no dia 15 de Junho.

Samuel – O quê?

Brigite – O que me mandou ver.

Samuel – Ah, com certeza. O eclipse do sol... 15 de quê?

Brigite – 15 de Junho.

Samuel – Tenho, portanto, seis meses... Não há nenhum eclipse antes desse?

Brigite – Nenhum.

Samuel – É muito importante para mim, Brigite. Com certeza não há nenhum antes?

Brigite – Não há, com certeza.

Samuel – Onde colheste essa informação?

Brigite – Neste livro. É o calendário da Imperial Academia de Ciências Astronómicas para este ano.

Samuel – Sim, não há dúvida. 15 de Junho... Brigite.

Brigite – Senhor Figueira?

Samuel – Se chegassem ao pé de ti e te dissessem: "Minha filha, tens exactamente seis meses de vida. Morres no próximo dia 15 de Junho", o que farias?

Brigite – O mesmo que faço.

Samuel – Não te horrorizavas, não temias coisa nenhuma?

Brigite – Talvez, senhor Figueira. Talvez fizesse todos os dias um exame de consciência.

Samuel – Para quê?

Brigite – Para me arrepender daquilo que tivesse de me arrepender.

Samuel – E apetecia-te arrependeres-te?

Brigite – Não compreendo.

Samuel – Tu sabes que pecaste, suponhamos. Sabes. Lembras-te de te arrepender?

Brigite – Pois. Uma pessoa quando sabe que pecou, arrepende-se.

Samuel – Nunca *te* aconteceu pensares assim: "Bom, eu cometi um pecado mas gostei de o cometer e se pudesse, cometia-o outra vez". Nunca te aconteceu isso?

Brigite – Não me lembro. Mas creio que não. Isso aliás só acontece às pessoas que não têm na consciência a noção daquilo que é pecado e daquilo que não *é.*

Samuel – Disseste uma grande verdade. É exactamente isso o que sinto. Onde termina para mim a noção tão difícil, tão delicada, que separa de um lado o que é legítimo e do outro o que não o é?

Brigite – Desculpe, senhor Figueira. O conselho de administração dos Armadores Mediterrâneos está reunido à sua espera.

Samuel – *(Num grito)* Que esperem!

Brigite – Quer que lhes diga alguma coisa?

Samuel – Não, Brigite, não é preciso. Podem perfeitamente esperar por mim vinte e quatro horas, sem que esbocem sequer um gesto de indignação. É uma gente desprezível, sabes? Não valem nada. Escória, estrume, abjecção. Desprezo-os com uma gana que não concebe palavras para se definir. Que esperem!

Brigite – Desculpe ter-lhe dito isto, senhor Figueira.

Samuel – Oh, minha filha, fizeste muito bem, era o teu dever... Seis meses! Oh, se não fosse um documento que tenho dentro do bolso e que jamais abandonarei, convencia-me de que um determinado acontecimento que se passou ontem à noite na minha casa, depois que tu saíste, tinha sido um sonho. Nunca te aconteceu teres sonhado um sonho tão completo que no dia seguinte não sabes se foi realidade, se foi sonho?

Brigite – Não. Nunca me aconteceu.

Samuel – E o contrário? Uma realidade tão completa que parece que foi um sonho?

Brigite – Um sonho é um sonho e a realidade é a realidade. Não percebo como se podem confundir as duas coisas.

Samuel – Supõe que o próprio Diabo te aparecia. O próprio Diabo, o Diabo mesmo. Claro que tu duvidavas. E dizias: foi um sonho. Mas o Diabo deixa-te assinado um documento que ele próprio escreveu, um documento que tu próprio ditaste...

Brigite – (Preocupada) Não se sente bem, senhor Figueira?

Samuel – Sinto-me optimamente. Nunca me viste assim... Julgas que estou maluco? Não te preocupes, nunca tinha pensado a sério na eternidade, é só isto. E tenho seis meses para decidir. É possível que eu seja um pecador sem remissão. Achas que me posso salvar?

Brigite – Se sentir o arrependimento; mas olhe, senhor Figueira, para Deus que tudo sabe e tudo vê, um arrependimento que não seja sincero, nada vale.

Samuel – Desprezo os outros homens, portanto o que fiz contra eles não me preocupa. Desprezo-me a mim mesmo: o que fiz contra mim mesmo, não me preocupa. Por isso não me apetece arrepender.

Brigite – E uma desgraça chegar a esse estado. Se não se ofendesse comigo eu dizia-lhe o que isso é.

Samuel – Diz. Se me tens um bocadinho de amizade, diz.

Brigite – Chama-se ser escravo do reino de Satanás no mundo.

Samuel – Repete o que disseste.

Brigite – Escravo do reino de Satanás no mundo.

Samuel – Não há dúvida. É isso que sou. Contra esta verdade nada me é possível. Acho horríveis as pessoas que viveram como quiseram e se arrependem à última hora propositadamente para morrerem descansadas. Há uma certa beleza em os

homens morrerem como viveram. A minha vida é o que é. Pois bem é assim que devo morrer, sinceramente, e sinceramente, se for possível, continuar assim depois da morte. *(Pausa)* Brigite!

Brigite – Senhor Figueira?

Samuel – *(Muito abatido)* Esquece esta conversa. Esquece esta imagem cobarde do teu patrão Samuel Figueira, sentado à secretária do seu gabinete, vencido por um problema metafísico. Imagina, eu, Samuel Figueira, preocupado com o ser ou não ser... *(Ri-se, reanima-se e volta à antiga energia)* Bem, vou imediatamente para o conselho de administração dos Armadores Mediterrâneos. É só a demora de lá chegar. Quando eu sair, telefona-lhes: diz que já vou a caminho e peço mil desculpas da minha involuntária demora.

Brigite – Muito bem.

Samuel – O meu chapéu?

Brigite – Aqui está.

Samuel – Obrigado.

Brigite – Até logo, senhor Figueira.

Passos.

Samuel – Brigite, quero que faças uma coisa difícil e tenho a certeza de que te vais sair dela o melhor possível.

Brigite – Às suas ordens.

Samuel – Deram-se esta noite determinados acontecimentos que tornam da maior conveniência para mim ter imediatamente uma conversa com o Paxá de Tokbank.

Brigite – Oh!

Samuel – Admiras-te?

Brigite – Não, senhor Figueira, desde que estou ao seu serviço já nada me admira.

Samuel – Quero que telefones ao secretário de Sua Alteza. Tens o número?

Brigite – Tenho, sim.

Samuel – Diz-lhe que eu desejava ter a suprema honra de ser recebido por Sua Alteza. Empregas mesmo estas palavras: suprema honra para o Paxá ficar bem impressionado. Compreendeste?

Brigite – Muito bem.

Samuel – E dizes que eu desejaria que Sua Alteza determinasse uma hora e um local para que eu possa expor-lhe determinados pontos de vista que são do meu absoluto interesse e para os quais desejo suplicar a bondosa atenção de Sua Alteza.

Brigite – Ah!

Samuel – Continuas admirada?

Brigite – Desculpe, senhor Figueira, mas...

Samuel – Ouve, minha tonta: o Paxá hoje está tanto nas minhas mãos como estava ontem. Ou melhor, está ainda mais, está eternamente mais. Ora como isto é verdade, há toda a conveniência em dar-lhe a impressão de que é exactamente ao contrário, compreendeste?

Brigite – Não, não compreendi.

Samuel – Queres salvar a tua alma na eternidade?

Brigite – Quero, sim, senhor Figueira.

Samuel – Então ainda bem que não compreendeste.

Música.

Abril de 1959

Isabel

PERSONAGENS:

Isabel
Isac
Abraão
D. Clara

Chuva a cair nas pedras da rua. Pára um táxi. Passos de corrida.

Clara – Oh, senhor Isac! Como o senhor vem! Parece um "pinto".

Isac – *É* verdade, senhora D. Clara. Esta pancada de água apanhou-me desprevenido.

Clara – Não levou uma gabardina.

Isac – Nem sequer o chapéu de chuva. De manhã quando saí estava um sol radioso. Vão lá entender este clima! Os jornais dizem que o clima é temperado e benfazejo e não sei que mais. Pois sim, é olhar para o que se passou hoje... Até tive de apanhar um táxi!

Clara – E nestes dias é quando eles vêm sempre cheios. É uma dificuldade arranjar um...

Isac – Donde se conclui que não eu a única pessoa na cidade de Lisboa que só usa o táxi contra os caprichos do tempo...

Clara – Estou aqui há mais de meia hora à espera que a chuva passe. Se demora muito, chego tarde ao emprego.

Isac – E tenciona continuar à espera?

Clara – Ao menos que não chova tanto; até que os pingos não atravessem a sombrinha... É muito bonita!

Clara – Não é minha. Foi o senhor Abraão que a ofereceu à Isabel.

Isac – *(Admirado)* O Abraão ofereceu essa sombrinha à Isabel?

Clara – Sim, foi muito amável.

Isac – *(Indignado)* Quando?

Clara – A semana passada.

Isac – Ah...

Clara – *Espero que o senhor não estranhe em tê-la trazido. Mas como* a Isabel agora não precisa dela e a minha está a arranjar

Isac – Não, ora essa, é natural. Ela é sua filha. E mais dia menos dia, a Isabel é que está a usar as coisas que pertencem à mãe...

Clara – *E* verdade! Como os anos passam...

Isac – Como os anos passam!... *(Pausa. Outro tom, agreste)* Posso ver a sombrinha?

Clara – Faça favor...

Isac – Dizem que dá pouca sorte abrir chapéus dentro de casa...

Clara – Ora, tolices...

Isac – *Tolices, talvez não. Mas tal regra não se entende para os "técnicos". (Abre a sombrinha. Pausa)* Que sucata que o Abraão ofereceu à sua filha!

Clara – Porquê? Não acho...

Isac – Não acha a senhora porque, desculpe que lhe diga, não percebe nada de chapéus de chuva...

Clara – Realmente... quanto ao aspecto, posso dizer alguma coisa...

Isac – Mas quanto ao resto... Vamos lá, aspecto tem ela. Tem porque ainda não apanhou em cima meia dúzia de cargas de água. Então ficará que nem se pode olhá-la. Vê ali? Vê?

Clara – O quê?

Isac – Ali, onde as varetas se ligam ao espigão... Que sucata!

Clara – Não vejo nada de especial, senhor Isac.

Isac – Desculpe, minha senhora, eu notar mais uma vez a sua ignorância nesta matéria. Mas aquilo ali é um abismo. É por

ali que a ferrugem há-de começar a destruir a utilidade deste objecto. Ora francamente, francamente...

Clara – Senhor Isac, então...

Isac – Que necessidade tinha o Abraão de oferecer à Isabelinha uma miséria destas?

Clara – Naturalmente não reparou.

Isac – Que a senhora ou outra pessoa desprevenida caísse na esparrela de comprar isto, vá. Mas o Abraão é tão técnico como eu. Tivemos em sociedade durante 40 anos a melhor casa de chapéus de chuva de Lisboa, fundada em 1889!

Clara – Ele possivelmente não se preocupou...

Isac – Ora, minha senhora, minha senhora! Vê-se logo que a senhora não conhece. Ele sabia perfeitamente o que estava a comprar. Mas também sabia que para a Isabelinha tanto fazia um chapéu de chuva de 50 ou 60 escudos, como um de boa qualidade; desde que fizesse vista. Sabe o que é tudo isto? É ganância! Avareza!

Clara – Não diga essas coisas do seu amigo...

Isac – Não digo porquê? Pois se é verdade... Para que é que ele quer o dinheiro que tem no banco, não me dirá? Ele julga que o vai gastar todo nos anos que lhe restam de vida? Custava-lhe muito gastar num presente à pequena mais 100 ou 150 mil reis? Não, o que ele quer é fazer figura por pouco dinheiro.

Clara – Isso é mal dos tempos que correm...

Isac – Mas ele não é dos tempos que correm, minha senhora. É mais velho do que eu dois anos... Nós somos judeus. E há por aí uma lenda mentirosa a nosso respeito: dizem que os judeus são unhas de fome...

Clara – (Sorrindo) Por acaso é verdade. Dizem isso...

Isac – Mas é falso. Há judeus que o são. Mas não é por serem judeus. É um traço individual que não pertence à raça. Os judeus são económicos. Económicos e mais nada. Sabem

muito bem quanto o dinheiro vale, a importância que tem na sociedade em que vivem e os tesouros de saúde que se esbanjam a ganhá-lo. Portanto, gastam com economia.

Clara – Talvez seja o caso do senhor Abraão.

Isac – Não. Esse é mesmo unhas de fome! Foi continuamente a minha luta com ele desde que nos associámos. Eu a querer fazer tudo com economia sim, mas com dignidade, com largueza. E ele a expor-se, a vexames até, por causa de cinco reis.

Clara – Bem, senhor Isac, se me dá licença...

Isac – Vá, minha senhora, vá. A chuva está a abrandar...

Clara – Até logo, senhor Isac.

Isac – Até logo, senhora D. Clara...

Passos.

Isac – *(Chamando)* Senhora D. Clara...

Clara – Faz o favor...

Isac – A Isabelinha está em casa?

Clara – Está, sim senhor. Está na lição de inglês...

Isac – Muito obrigado, minha senhora...

Passos rápidos a subir a escada.

Isac – (Subindo a escada) Ora esta... Ora esta... Quando menos uma pessoa espera... fazem-lhe uma destas... Deixa estar, meu patife, que não perdes pela demora...

Ruído da chave a abrir a porta.

Isac – (Chamando, forte) Abraão!

Abraão – Que é?

Isac – *(Tom subitamente afável)* Ah, estás em casa...

Fecha a porta...

Abraão – Querias alguma coisa?

Isac – Não, nada...

Abraão –Então porque me chamaste?

Isac – Nada... Estava preocupado, não tivesses saído com esta chuva e te constipasses...

Abraão – Não saí. Por acaso estava agora a ler o boletim meteorológico. Diz que hoje estará um. dia maravilhoso. *(Ri-se)*

Isac – Bom, isso é costume...

Ouve-se um trovão.

Abraão – Deus nos ajude...

Isac – Deus nos ajude... Há mais novidades?

Abraão – Há uma pela qual aposto que não esperavas; morreu o Aniceto.

Isac – Qual? O Aniceto Rodrigues?

Abraão – Sim. O Aniceto do Pérola & Cristal, Lda. O do estabelecimento ao lado do nosso.

Isac – (Com solenidade) Paz à sua alma!

Abraão – (Igualmente) Paz à sua alma.

Isac –(Pausa. Outro tom) em todo o caso sempre digo que lá, não lhe será tão fácil escapar como conseguiu escapar cá.

Abraão – Mariola foi ele em vida.

Isac – Nós podemos dizê-lo...

Pequeno riso.

Abraão –Mas morreu. Agora o assunto já não é connosco.

Isac – Há muitos que são mariolas e julgam que ninguém os conhece por tal.

Abraão – Se há! Desses estão as ruas cheias.

Isac –Tu, por exemplo.

Abraão –Eu?!

Isac – Sim, tu... Ou queres dizer que também não fizeste das tuas?

Abraão – Ora, ora...

Isac – Provavelmente ainda fazes...

Abraão – (Riso) Olha lá: porque é que não mudas esse casaco? Estás todo molhado...

Isac – Vejo-te muito atencioso comigo. Pesa-te alguma coisa na consciência, ein? Diz lá...

Abraão – Não...

Isac – Ah não?... Bom, então vou seguir o teu conselho. Mudo o casaco...

Abraão – Eu ajudo-te...

Isac – Não te incomodes... Tu estás duma gentileza...desde há uma semana...

Abraão – Sabes, é que há dias... Eu seguro o casaco. Há uns dias penso mais na nossa vida do que noutros.

Isac – Deve ser conforme a influência dos astros...

Abraão – E ponho-me a medir o que significa, o que vale a nossa velhice... Será uma velhice triste? Não, não é... Fomos sempre amigos como irmãos, fomos sócios, ganhámos juntos o dinheiro que temos. A tua mulher morreu e a minha também. Tu não tivestes filhos. E eu... a única experiência que ganhei desse acontecimento admirável que é ser pai foi a saudade daquele menino que há tantos anos deixou de existir. Raramente penso nisso. Mas às vezes, sobretudo quando estou só, entretenho-me a adivinhar o que seria se tivesse crescido... Gordo? Magro? Não, isso não interessa... Que pensaria ele a respeito da vida...? Para ele a vida continuaria a ser, como foi para o seu pai, uma loja de guarda-chuvas com duas portas na Rua do Ouro... ou... ou... qualquer coisa mais?

Isac – Tu hoje estás cheio de poesia levada dos demónios.

Abraão – E o que seria a nossa vida, se ele existisse... Ein? O que seria? Já pensaste nisso? A nossa velhice talvez fosse diferente: tínhamos alguma coisa... nossa... nossa... alguma coisa nossa para onde olhar... talvez vivêssemos aqui, nesta casa, exactamente como agora; mas sabíamos que ele existia e havíamos de seguir passo a passo todos os seus actos...

Pausa.

Isac – *(Noutro tom, depois de uma pequena tosse para esconder a comoção)* Hoje apanhei um táxi. Chovia a cântaros, não foi da minha vontade...

Abraão – Quanto custou?

Isac – Sete mil e quinhentos.

Abraão – Coisas que acontecem...

Isac – Bastante me contrariou, mas...

Abraão – Não tiveste outro remédio...?

Isac – Pois não... Que havia de fazer?

Abraão – Nesse caso, remediado está... Bem, eu acho o dinheiro que se gasta em táxis muito mal empregado: Se tivéssemos de aproveitar o tempo, está bem, ainda se compreendia. Mas trespassámos o estabelecimento. Não temos mais que fazer. Estamos para aqui à espera de gastar os nossos anos... não temos pressa, não precisamos de correr atrás de coisa nenhuma...

Isac – Já reparaste que estou a contabilizar a despesa do táxi? Aqui está! Táxi um dia de chuva *(ruído de pena):* sete escudos e cinquenta centavos.

Abraão – Está bem. E que tem isso de especial? É o que costumo fazer...

Isac – (Acusador) Um de nós tem o hábito de fazer despesas que não contabiliza.

Abraão – (Quase indignado) Qual de nós é que faz uma coisa dessas?

Isac – Não sou eu. Portanto és tu!

Abraão – Eu?! Ora essa! Sonhaste esta noite?

Isac – (Irritado) Não, soube-o de fonte segura. Ora, o que está combinado é que todas as despesas que cada um de nós fizer, têm de ser registadas neste livro para se tornarem do conhecimento dos dois. Este caso não é apenas um descuido. E um atentado contra as bases em que assentámos para a nossa vida correr em bom entendimento. Mas o pior não é. isso. O pior é a má-fé, as intenções, as sinistras ideias que te levaram a ocultar-me que fizeste essa despesa.

Abraão – Tu enlouqueceste! Não sei a que te referes.

Isac – Refiro-me à sombrinha que ofereceste à Isabel.

Abraão – Ah...

Isac – (Curta pausa) Admites?

Abraão – O quê?

Isac – Admites que ofereceste um sombrinha à Isabel?

Abraão – Admito. Que remédio tenho eu senão admitir?

Isac – Quanto custou?

Abraão – Estava marcado 70 escudos. Fizeram dez por cento de desconto. Ficou em 63 escudos.

Isac – 63 escudos! E espantoso!

Abraão – Porquê? Achas muito?

Isac –Acho que foi um dinheirão, um exagero!

Abraão – Sabes, é que...

Isac – Igual àquelas vi eu num saldo a 54 escudos. Uma montra cheia!

Abraão – Sim? E eram iguais?

Isac –Iguaizinhas.

Abraão — Isso *é* que não eram, que essas também lá estive a vê-las. Ou julgas que eu desbarato dinheiro? Julgas que antes de fazer uma compra não corro tudo, a comparar preços? Essas sombrinhas têm varetas podres, podres, ouviste?

Isac – Podres tens tu os miolos.

Abraão – Podres, digo-te eu. Querias que eu oferecesse à Isabel uma coisa em tal estado? Um dia estava a chover, supõe tu. Partiam-se as varetas da sombrinha. A Isabel apanhava uma carga de água. Constipava-se, tinha uma pneumonia, morria... Tu querias, por causa de nove escudos, ver a Isabel morta?

Isac – Não, mas...

Abraão –Então de que te queixas?

Isac – Não me queixo dos nove escudos. Queixo-me dos 63 escudos que gastaste ou dos 54 que podias ter gasto. Enfim, queixo-me da sombrinha, do facto de a teres comprado.

Abraão – Tu sempre foste muito unhas de fome, Isac! Sempre! Irra que é demais! Ser judeu, está bem, é uma honra. Mas tu não és um judeu, tu és O JUDEU tal e qual o pintam. Isac, tu não és um homem. És uma óleo-gravura.

Isac – Uma óleo-gravura! Nunca me tinham chamado semelhante coisa!

Abraão – Sim, a óleo-gravura reles de um judeu corcunda e de nariz comprido agarrado a um saco de moedas!

Isac – E foi para ouvir isto aos 72 anos que passei uma vida inteira a aturar-te, a tolerar os teus excessos, a ter mão em ti, a servir-te de cérebro, a orientar a tua vida, a ser teu pai, a ser tudo aquilo cuja falta, e não fosse eu, te teria levado à miséria, à indigência e a um lugarzinho num asilo!

Abraão – (Absoluto) Ofereci um chapéu de chuva à Isabel. Muito bem. Gastei. Gastei 63 escudos. Poderia ter gasto 54, admitamos. Mas gastei 63. E depois? E depois? O dinheiro não é meu?

Isac – Oh, a importância que tu dás ao dinheiro!...

Abraão – Ah, eu é que dou importância ao dinheiro!...

Isac – Não é o dinheiro que gastaste que me preocupa, Abraão. É o facto de não teres evitado gastá-lo.

Abraão – Eu quis, foi da minha vontade dar um presente à Isabel. Pronto. E depois?

Isac – (Pausa. Outro tom) Porque não mo disseste?

Abraão – Porque... Porque...

Isac – Ah, pois aí é que está... Não respondes, ficas engasgado… *(Imita-o)* Porque... Porque...

Abraão – Tu sabes o que a Isabelinha significa para mim...

Isac – E para mim, não significa nada?

Abraão – Eu não te quis ofender... mas... sabes *(envergonhado)* às vezes não resisto a esta sedução de lhe dar qualquer coisa...

Isac – Às minhas escondidas...

Abraão – Às tuas escondidas.

Isac – Traidor! Tu...

Abraão – Eu Não queria fazer isto.

Isac – Mas fazes! E sabes porquê? Porque és um traidor, tens a traição no fundo da tua alma. Portanto tens ocasião, atraiçoas. *(Pausa)* Além da sombrinha, que mais lhe ofereceste?

Abraão – (Hesitando)... Nada...

Isac – Abraão, Abraão...

Abraão – (Envergonhado) Uma bandolete... Custou doze mil e quinhentos...

Isac – E que mais?

Abraão – Mais nada. Mais nada.

Isac – Oh maldito, confessa! Despeja essa consciência. Tu não gostas de sentir a consciência livre?

Abraão – (Envergonhado, a custo) Uma esferográfica de duas cores.

Custou 22 escudos.

Isac –E mais?

Abraão – (A custo) Umas luvas de mousse de "nylon" cor de lilás...

Isac –Quanto?

Abraão – 35 escudos. *(Suspira, aliviado)* Agora é que não lhe ofereci mais nada. Não acreditas?

Isac – Acredito... Provisoriamente... Ah, senhor! Se eu soubesse porque fizeste isso, se eu soubesse... Conheço-te desde que nasci, assim se pode dizer...E afinal não te conheço. Os homens nunca se conhecem.

Abraão – É porque mudam..

Isac – A Isabel é para ti o que é para mim, Abraão. Quando há uma dúzia de anos resolvemos alugar esta casa, ela tinha dois anitos..

Lembras-te?

Abraão – (Encantado) era uma criança levada dos diabos...

Isac – Passava aqui as manhãs, connosco...

Abraão – Era um regalo vê-la brincar...

Isac –Era, sim. *(Pausa. Hesita)* também tenho uma coisa a confessar-–*te,* Abraão..

Abraão – O que é?

Isac – Lembras-te quando a Isabelinha teve aquela doença em que chorava toda a noite?

Abraão – Sim.. .

Isac – A senhora D. Clara, coitada, tinha perdido o marido e precisava de acordar cedo. Sem tu saberes, levantei-me de noite, devagarinho para não me ouvires, e pedi à mãe que me deixasse estar junto da menina.

Abraão –Ah... E então?

Isac – Peguei nela, levei-a para outro quarto, embrulhei-a num cobertor e assim fiquei toda a noite, a embalá-la...

Abraão –E ela?

Isac – Ela dormia... Quando tornava a chorar com dores, eu punha a mão sobre a barriguinha para lhe dar um pouco de calor...

Abraão –E ela sossegava?

Isac –Sossegava...

Abraão – (Pausa) Porque não me disseste? Tenho raiva a mim próprio por não ter tido essa ideia! *(Clama)* Ah, se não fosse a Isabel...

Isac – Viveríamos sós. Nem eu já sou companhia para ti, nem tu para mim. A nossa vida é uma espécie de condição da nossa existência que admitimos como a água que bebemos ou como o ar que respiramos. É o que é normal! A Isabel é a surpresa que a vida nos oferece...

Abraão – Como ela cresceu nestes 12 anos, ein? Todos os dias conquistava, devagarinho... mas tenazmente, sem desânimo, o direito à juventude, e a consciência de que a vida está à sua frente.

Isac – Já não a veremos ser mulher.

Abraão – Não esperemos por isso, Isac. Mas seria horrível morrer sem ter conhecido a Isabel.

Música. Exterior. Muito longe um barulho de vozes e passos no saibro

Abraão – *(Aproxima-se)* Coitadinha, lá continua...

Clara – E continua bem?

Abraão – Eu acho que sim. Pelo menos está à vontade e não se cala. Parece que responde a todas as perguntas. O que falta saber é se responde bem ou se responde mal.

Clara – Eu não pude resistir por mais tempo, tive de me vir embora.

Abraão – Eu também não, que horror!

Clara – Isto de exames é um martírio para as crianças...

Abraão – E para os pais... E para as pessoas amigas. Palavra de honra, não há nada neste mundo que tanto me custe, do que ver martirizar uma criança. E depois aqueles três professores, ali, sentados em fila, diante ela, em cima do estrado! Olhe, estes que estão a examinar a Isabel parece que foram escolhidos a dedo. Têm cada cara...

Clara – Eu não achei, senhor Abraão. Pelo contrário, eram amáveis, bem dispostos...

Abraão – Pareceu-lhe, minha senhora, porque a senhora não os vê, colocando-se no lugar da Isabel... coitadinha! *(Exaltado)* Porque a verdade é esta: não é assim que se trata de uma criança como a Isabel, não é assim, minha senhora... Olhe, eu tive de fugir para não me revoltar, para não gritar ali mesmo o meu protesto.

Clara – O senhor Isac ainda lá ficou?

Abraão – Ficou . E ficou impassível. É um selvagem, é uma criatura sem sensibilidade.

Clara – Oh, senhor Abraão...

Abraão — Ora veja lá se a senhora que é sua mãe, e eu, podemos lá ficar... mas o Isac, o Isac até gosta de assistir...

Clara – Ei-lo, aí vem...

Passos no saibro

Clara – Então, senhor Isac?

Abraão – Estendeu-se?

Isac – Sei lá. Acho que não. Isto é uma infâmia! Um desaforo! Obrigarem a pequena a saber Física. Física, imaginem! Mas para que é que isso serve, para quê? Para torturarem a pobre criança que não tem culpa nenhuma de ter existido o Newton, nem o Arquimedes nem outros malucos semelhantes...

Clara – Então, senhor Isac, a gente não pode desejar que as crianças estejam metidas numa redoma. Têm de se preparar para a vida.

Isac – E para isso é preciso saber Física?

Clara – Com certeza. Tudo isso faz parte da vida. E a Isabel precisa de se tornar uma mulher.

Abraão – Experimente a tirar-lhe da cabeça tudo quanto ela já sabe, para ver se se torna ou não uma mulher.

Clara – Os senhores são tão nossos amigos.. No dia em que foram morar na casa ao lado da nossa, dois anjos ficaram nossos *vizi*nhos.

Abraão – Dois anjos um pedaço maduros, minha senhora... *(Ri e D. Clara também).*

Isac – Acabas de dizer uma grande piada, sim senhor! Achas que é o momento para dizer piadas aqui fora, no pátio, enquanto lá dentro a Isabel está a sofrer? Palavra de honra, tu não tens sensibilidade nenhuma! Tu tens uma pedra no lugar do coração!

Clara – A verdade é que estamos todos muito nervosos... Mas porquê? Então não temos confiança na Isabel?

Abraão – Eu tenho.

Isac – E eu também.

Clara – A Isabel estudou regularmente todo o ano...

Isac –Ah, lá isso...

Abraão – Não há dúvida!

Clara – Então o que é que lhe falta para "passar" e "passar" com boa nota?

Isac – Isso é verdade...

Abraão – Tem razão...

Isac – Mas eu estou nervoso, pronto!

Abraão – Também eu estou, pronto!

Música.

Isabel – Quinze valores, mãe! Quinze valores! Senhor Isac! Senhor Abraão! Tive quinze valores!

Clara – Oh, minha filha! Eu sabia que não deixarias mal nenhum de nós...

Isac – *(Comovido, entre risos e lágrimas)* Tu é que duvidavas, Abraão, tu é que duvidavas...

Abraão – Duvidava tanto como tu...

Isac – Duvidavas mais. Tu chegaste a pensar que a Isabel não tinha uma inteligência brilhante.

Abraão – Não acredites, Isabel, eu sempre achei... Mas nós estamos a discutir num momento destes? Viva a Isabel! Viva!

Isac e Abraão - Viva! Viva!

Isac – O Abraão e eu queremos dar-te um presente, Isabel.

Abraão – Sim, nós os dois.

Clara – Para que se foram incomodar...? Oh, meu Deus, tantas atenções...

Isac – Aqui está.

Isabel – Oh, muito obrigada...

Abraão – Desembrulha, vá...

Isac – Uma insignificância...

Abraão – Uma ninharia...

Isabel – Um relógio de pulso. Ah, mas que lindo!

Isac – Gostas?

Isabel – Gosto tanto... Muito obrigada, senhor Isac. *(Beijo)* Obrigada, senhor Abraão... *(Beijo).*

Isac e Abraão - Não tem importância, é uma lembrança...

Abraão – Uma recordação do teu exame do 5e ano...

Isabel – Vê, mãe, que lindo...

Clara – Oh, senhores eu não tenho palavras para agradecer...

Abraão – Não agradeça, minha senhora, temos muito gosto...

Isac – E olha que o relógio não é mau. É de boa marca e caixa de ouro. Aqui o Abraão ainda pensou em comprar-te um relógio mais barato... mas eu disse...

Abraão – Desculpa, tu é que falaste nisso... Tu, tu é que querias comprar uma "cebola" de *plaqué* dourado... e Eu disse: Não! Para a Isabel, é aquele...

Isac – Ora essa, era só o que me faltava ouvir...

Abraão – Não deturpes os factos!

Isac – Não sejas mentiroso.

Abraão – Mentiroso, eu?!

Grande barulho. Falam ao mesmo Tempo. Música sobre as vozes deles. Campainha de uma porta.

Clara – Ah, é o senhor Abraão? *(Abre-se a porta)* Faça o favor.

Isac – Psch! Silêncio... O Isac pode ouvir...

Clara – *(Sorrindo)* Ah! A visita é segredo?

Abraão – Desta vez é... Por isso não me demoro.. Enfim, lá no fundo não me importo que ele saiba, mas... Ele tem lá o seu feitio... Depois não se pode dizer que tenha um inteligência muito aberta... É tacanho, não compreende estas coisas...

Clara – *(Sorrindo)* Oh senhor Abraão, quem o ouvisse falar assim do senhor Isac e não os conhecesse aos dois...

Abraão — Eu cá me entendo, eu cá me entendo... Enfim, o assunto *é* este...

Clara – Diga, senhor...

Abraão – Hoje de manhã, na rua, aconteceu que caminhei atrás da Isabel durante um certo tempo. Chamei-a e ela não me ouviu... E ainda bem... Porque observei o que se passava com ela.. A Isabel tem 15 anos...

Clara – Quase 16, senhor Abraão...

Abraão – Hoje na rua notei que, quando ela passava, os rapazes ficavam a fitá-la. Compreende?

Clara – Mas houve alguma coisa que?

Abraão – Não, não.. Ela seguia muito direitinha o seu caminho... Eu é que disse cá com os meus botões: "Isabel, és uma mulher". E fiquei a pensar nisto. Dei mais umas voltas por essas ruas e.. resolvi ir ao notário...

Clara – Para quê, senhor Abraão...?

Abraão – Sabe? Em toda uma vida de trabalho consegui amealhar alguma coisa, enfim, tenho algum dinheiro, pouco, e algumas modestas posições em certas companhias... acções... papelada... Fiz hoje o meu testamento, tudo isso por minha morte, fica para a Isabel... ein? Compreendeu? É tudo para ela...

Clara – Oh senhor Abraão... como poderei... Eu não sei agradecer...

Abraão – Não agradeça, não é preciso... Sabe? O que eu fiz é ma coisa natural. Custa muito ver uma rapariga que estimamos tornar-se mulher na balbúrdia deste mundo em que vivemos e ter de enfrentar a vida de mãos vazias...

Clara – (Comovidíssima) Oh, senhor Abraão... Eu... *(Beijo).*

Abraão – Oh minha senhora... não, não quero que me beije as mãos... Eu não mereço... Isto que eu fiz é uma coisa natural. E uma espécie de tributo que eu pago à vida pelo prazer que a me proporcionou. É claro, eu penso assim... Mas o Isac, enfim coitado, cada um é como é... E ele não tem profundidade de alma para entender certas atitudes. Por isso lhe peço o grande favor de não lhe dizer nada, ein?

Música. Campainha na porta.

Clara – (Abre a porta) Oh, senhor Isac.

Isac – Psch! Desculpe, minha senhora, feche a porta, depressa... Desculpe este mistério, mas eu não quero que o Abraão saiba que aqui vim. No fundo não é mau homem mas... quem, como eu, o conhece há muitos anos sabe que aquela sensibilidade é fechada para certas delicadezas, para certa maneira espiritual de compreende a existência... Deus não foi pródigo ao fornecer a inteligência do Abraão. E um idiota, um palerma...

Clara – *(Sorrindo)* Oh, senhor Isac, com franqueza! Se eu fosse levar a sério o que está a dizer...

Isac – Não minha senhora, as pessoas são aquilo que são! E sabe o que é pior nele, sabe? E a inconsciência, não pensa na coisas que acontecem, naquilo que o rodeia. Por exemplo, ele é mais velho do que eu. Eu, por mim, todos os dias penso que já vivi bastante e que... enfim... nós não somos eternos. A senhora julga que ele pensa nisso? Ele quer lá saber...

Clara – *(Sorrindo)* Como é que o senhor Isac pode afirmar uma coisa dessas?

Isac – Porque o conheço, senhora D. Clara... Ele não vê, pro exemplo, que a Isabel está uma mulher... Basta olhar e ver que a Isabel já não é uma criança... Ora eu, minha senhora... A senhora garante-me que não diz nada disso ao Abraão?

Clara – Dou-lhe a minha palavra de honra...

Clara – Não é por nada, é só para evitar conversas e perguntas e explicações...

Clara – Com certeza, esteja descansado...

Começa a música.

Isac – É que eu possuo uns haveres... não é muito, mas enfim... Tinha mais que ver se não tivesse amealhado qualquer coisa depois de uma vida de trabalho... São uns papéis de crédito,

um prédio de rendimento... Uns haveres modestos... mas que sempre têm certo valor... E pensei que a Isabel, que já está uma mulher... Eu não tenho herdeiros, de maneira que... esta manhã fui ao notário e...

Música

Clara – (Forte, sobre a música) Obrigada, senhor Isac! Obrigada, senhor Abraão. Obrigada, obrigada...

Agosto de 1962

Luar Encantado do Mar Vermelho

PERSONAGENS:

Menina da tabacaria

Freguês

Passos.

Freguês – Boa tarde, menina.
Menina – Boa tarde.
Freguês – Dê-me um maço de cigarros.
Menina – De quais?
Freguês – "Luar Encantado do Mar Vermelho".
Menina – Eu perguntei-lhe que tabaco queria.
Freguês – Pois!
Menina – E então?
Freguês – "Luar Encantado do Mar Vermelho".
Menina – O senhor o que é, é um grande malcriado.
Freguês – Ora essa!
Menina – (Muito fútil) O senhor vem às tabacarias dizer disparates às pobres raparigas que têm de se expor a trabalhar ao balcão para ganhar a vida?
Freguês – (Pedindo) A menina desculpe, não me comece a falar do seu problema social... Tenho pressa, preciso de apanhar o "eléctrico"; e, se me dá licença, desejo satisfazer o vício de fumar, um vício que tenho desde os dezasseis anos...
Menina – O que o senhor pretende com essas frases sei eu muito bem...

Freguês – Quais frases?

Menina – Pois fique sabendo que sou mulher para me defender com unhas e dentes. Está a ver a minha cara?

Freguês – Estou.

Menina – E que acha?

Freguês – Acho... que está muito bem.

Menina – Conhece o Max Rosado?

Freguês – Não.

Menina – O senhor não conhece o Max Rosado?

Freguês – Não.

Menina – Não conhece?!

Freguês – Não conheço.

Menina – É extraordinário io.

Freguês – *(Muito curioso)* Quem é?

Menina – Mora na minha rua, duas casas abaixo da minha.

Freguês – Ah!

Menina – Já faz alguma ideia?

Freguês – Como poderia fazer uma ideia se não sei onde a menina mora?

Menina – Na Rua da Espada.

Freguês – Max quê?

Menina – Rosado.

Freguês – Max Rosado, Rua da Espada? Não, não. E é estranho que o não conheça. Moro aqui próximo e além disso sou jornalista.

Menina – O senhor é jornalista e não sabe quem é o Max Rosado?

Freguês – Não.

Menina – É por isso que os jornais se vendem cada vez menos.

Freguês – A menina diminui a minha profissão se diz que os jornais se vendem cada vez menos...

Menina – Ah sim? Olhe: é pena não estar agora aqui a Rosalia...

Freguês – Outra misteriosa desconhecida! Quem é essa Rosália?

Menina – A minha colega. Foi almoçar. Muita gente a chama Rosália mas quando a chamam Rosália ela afina. Chama-se Rosalia. Já me mostrou o seu bilhete de identidade: o a não tem acento.

Freguês – Mas que a?

Menina – O a de Rosalia.

Freguês – E que tenho eu com isso, menina?

Menina – Tem que se a Rosalia ouvisse o senhor chamá-la Rosália talvez o senhor se arrependesse.

Freguês – Francamente, isto não é uma tabacaria; isto é um enigma.

Menina – Ora a Rosalia é que tem a seu cargo a secção de venda de jornais. Se ela estivesse aqui provava-lhe com números e com contas que os jornais se vendem cada vez menos.

Freguês – Acho isso extraordinário...

Menina – Pois a mim não me admira nada. O senhor é jornalista e nem sabe quem é o Max Rosado...

Freguês – *É* verdade, não sei...

Menina – É por essas e por outras que o senhor ainda há-de morrer de fome, desprovido de todo o auxílio, e com o cadáver comido pelos ratos.

Freguês – A perspectiva é tenebrosa...

Menina – A quê?

Freguês – A perspectiva.

Menina – O que é a perspectiva?

Freguês – *(Tentando, sem o conseguir, esconder a irritação)* Ora aí está uma pergunta que demonstra que a menina - que devia fazer em silêncio uma coisa primária, vender-me um maço de cigarros, mas que está a complicar tudo, está a encher-me de nervos porque eu tenho de fumar depois do almoço, sim, eu tenho de fumar e se não fumo fico nervosíssimo - a menina não passa afinal de uma ignorante.

Menina – Ah, eu sou ignorante por não saber o que é... isso... como é?

Freguês – (Seco) Perspectiva.

Menina – Por não saber o que é a perspectiva. E o senhor não é ignorante por não saber quem é o Max Rosado...

Freguês – (De cabeça perdida) Eu serei ignorante, mas em todo o caso sei muitas coisas. Estudo a fundo as ciências ocultas...

Menina – Então se são ocultas porque as estuda? Se são ocultas, estudá-las é um atrevimento.

Freguês – A menina inspira-me a cometer o assassinato. Fique sabendo que escrevo todos os dias nos jornais e até já estive num colóquio em Ancara, um colóquio internacional! Sabe o que isso é?

Menina – Não sei nem quero saber. O senhor esperava que eu lho perguntasse, não? Se fosse a Rosalia, por exemplo, dizia-lhe logo: *(Imita-a)* "Oh, pode explicar-me o que é um colóquio em Ancara?". O senhor o que queria era que eu lho perguntasse para pegar por aí e acabar com frases muito piores do que aquelas que me disse quando aqui entrou. Mas comigo, não. Não sou dessas.

Sabe quem é que me conhece bem?

Freguês – (Insultuoso) Ninguém, nem Deus que está no céu, que tudo vê e que tudo sabe pode conhecer uma criatura tão tortuosa, tão requintada e rebuscadamente irritante como a menina.

Menina – Pois engana-se. Quem me conhece muito bem é o Max Rosado.

Freguês – (Desconfiado) Ah, o tal...

Menina – Sabe o que ele diz de mim?

Freguês – (Categórico) Não, não sei.

Menina – (Imitando) "Georgina..." - ele tem uma maneira abrutalhada de falar - "Georgina, a gente olha para a tua cara

e vê logo que tu és das tais que, se um calcinhas qualquer se mete contigo, atromba logo duas solhas que até vê o Sputnick".

Freguês – Ele é que disse isso?

Menina – Foi.

Freguês – E então?

Menina – Então, o quê?

Freguês – Sim, e depois?

Menina – O senhor ainda queria que ele dissesse mais?

Freguês – Pois claro. O calcinhas atromba duas solhas... Está bem… Mas...

Menina – O senhor não concorda?

Freguês – Com o quê?

Menina – Com o que o Max Rosado diz da minha cara? Já olhou bem para mim?

Freguês – Há quase dez minutos que não faço outra coisa.

Menina – E não vê na minha cara aquilo que o Max Rosado vê?

Freguês – Expressamente... não...

Menina – Não vê porque é jornalista. Agora estou a compreender muitas coisas que se passam e vocês os dos jornais não vêem. Não vêem o tapume da Rua do Tabaco, um tapume cheio de ervas e de porcarias há mais de três anos! Não vêem o lampião da esquina da minha rua, apagado há seis meses!

Freguês – Realmente, não tenho reparado...

Menina – Não têm reparado... São ceguinhos. E por isso que o senhor não viu na minha cara que se se mete comigo...

Freguês – Apanho duas solhas...

Menina – Ah, agora já compreendeu.

Freguês – Mas a menina pode ao menos dizer-me quando é que eu pretendi meter-me consigo?

Menina – Quando entrou.

Freguês – Eu? Deve haver engano.

Menina – Ah sim? Ora vamos a ver. Como é que o senhor me chamou?

Freguês – Não me lembro... Talvez: "Ó menina!". Ou: "Faz-me o favor"...

Menina – Que engraçadinho! Eu perguntei-lhe como é que o senhor me chamou a mim, à minha pessoa.

Freguês – Pois é. Não a posso ter chamado de outra maneira. Não sabia o seu nome...

Menina – Ah, agora quer fazer de mim parva. Não me chamou luar encantado de não sei donde?

Freguês – (Rindo) Só isso agora me faria rir. *Lovely Moonlight of the Red Sea.*

Menina – Olha, agora fala francês...

Freguês – (Rindo ainda) Inglês. É assim que se diz em inglês "Luar Encantado do Mar Vermelho". A bem dizer é o contrário: "Luar Encantado do Mar Vermelho" é a tradução em português de *Lovely Moonlight of the Red Sea.*

Menina – E isso é coisa que se diga a uma rapariga, sem mais nem. menos?

Freguês – Confesso que esta conversa consigo me irritou e por causa dela já perdi o "eléctrico". Mas reconheço que valeu a pena. *(Ri)* Vou chegar tarde ao jornal e com certeza o chefe de redacção vai ter alguma coisa para me dizer...

Menina – A que horas entra?

Freguês – Às duas e meia.

Menina – Ainda são duas horas.

Freguês – Já não me dá tempo. Eu trabalho neste jornal há trinta anos. O único "eléctrico" que me convém gasta cinquenta minutos no percurso. Além disso a esta hora a "bicha" é imensa. *(Num suspiro)* Ah... Trinta anos disto, todos os dias, quatro vezes por dia!... Andar sempre às corridas, sempre

cansado, para chegar a tempo do "eléctrico" demorar o tempo que quiser... A menina sabe o que é isto durante trinta anos?

Menina – Como posso saber o que custa andar de "eléctrico" durante trinta anos? Eu tenho vinte e dois...

Freguês – Bonita idade! Trinta anos a andar de "eléctrico" e sem uma ilusão de poder deixar de ser assim... Toda a gente ambiciona um automóvel e muitos chegam mesmo a consegui-lo. Eu não, não ambiciono porque sei que nunca o terei.

Menina – Ora, um jornalista! O senhor não ganha para ter automóvel?

Freguês – Se a minha família não fosse tão grande talvez...

Menina – Um automóvel em segunda mão... Vendem-se a prestações e estão baratíssimos.

Freguês – Já agora continuarei assim, menina, não vale a pena mudar. A "bicha" do "eléctrico" todas as manhãs, à espera debaixo do sol e da chuva, depois o "eléctrico" vem e é preciso declarar a guerra ao parceiro do lado para se obter lugar.

Menina – Acontece a muita boa gente.

Freguês – Pois acontece. Mas muitos têm força interior para sonharem e convencerem-se de que podem sair disto. Mesmo que *seja* mentira, já é uma vantagem. E claro que a gente habitua-se, os homens habituam-se a tudo. *(Pausa)* Quando eu já estava habituado, já lá vão mais de vinte anos, reuniu-se em Ancara, na Turquia, um colóquio da Imprensa internacional. A menina já disse que não quer perguntar o que é um colóquio...

Menina – Posso perguntar. O que é um colóquio?

Freguês – *E* uma reunião de representantes de certos interesses para tratar de problemas que a todos dizem respeito. Um colóquio também tem um aspecto de representação social e quando se soube que o meu jornal ia ser representado,

ninguém, nem eu próprio, pensou que eu pudesse ser o escolhido.

Menina – Mas porquê?

Freguês – Sabe, eu não sou uma pessoa de categoria, nem um grande jornalista...

Menina – Ah!

Freguês – (Rindo) O meu único defeito não é desconhecer o Max Rosado. Não é um grande jornalista quem quer, só quem pode, quem tem "unhas". Ora a verdade é que fui eu o escolhido para representar o meu jornal no colóquio de Ancara.

Menina – Ah! Sempre foi o senhor?

Freguês – Parece impossível mas fui eu.

Menina – Mas o senhor não era a pessoa indicada...

Freguês – Nenhum dos meus colegas quis ir...

Menina – Que patetice! Se me pagassem para eu ir nem que fosse ao fim do mundo não havia nada que me prendesse...

Freguês – Pois. Mas na Turquia naquele momento havia revoluções nas ruas, bombas, lutas civis, mudanças de governo, guerras... Era considerado perigoso lá ir.

Menina – E o senhor foi...

Freguês – Fui.

Menina – Assim é que é. Sempre gostei das pessoas corajosas.

Freguês – Mas olhe que também tive o meu receio...

Menina – Mas foi...

Freguês – Fui. *(Pausa)* Fui na classe de luxo de um grande paquete italiano; desembarquei, os fotógrafos estavam à minha espera, levaram-me de automóvel para um grande hotel, fui anunciado com fotografias na primeira página dos jornais. *(Pausa)* Durante um mês não houve os "eléctricos", nem o terceiro andar de um bairro pobre, nem o ter de poupar tostão por tostão. Vivi como um grande senhor. Gastei contos e

contos de reis só nos telegramas a dar notícias. Ia às recepções, às conferências, aos teatros, aos cabarés. À noite chegava ao meu quarto e estendia-me num *maple,* enquanto bebia *whisky* e fumava. Ora eu aqui fumo "Provisórios", é o mais barato. Olhe, a propósito: dê-me um maço.

Menina – Aqui está.

Freguês – Não, não. Dos pequenos.

Menina – Ah, dos pequenos... Pronto.

Freguês – Treze tostões, não é?

Menina – Sim. *(Ouvem-se tilintar as moedas).*

Freguês – Lá fumava uns cigarros turcos que se chamavam *Omaikalan.*

Menina – Ó quê?

Freguês – O-mai-ka-lan. Era a marca dos cigarros. Umas embalagens grandes de cinquenta cigarros, numa caixa elegantíssima, forrada de seda dourada com letras cor de fogo. *Omaikalan*! A gente fuma um cigarro daqueles, sentado num bom *maple,* e esquece-se de que existe...

Menina – (Pausa) E as revoluções? As bombas?

Freguês – Nada. Não houve nada... Uma paz total, um céu azul sem uma núvem durante aquele mês maravilhoso. *(Pausa)* Passado esse mês, tive de voltar à Redacção, aos "Provisórios", ao meu terceiro andar. *(Pausa)* É claro que nunca mais deixei de pensar naquele mês em Ancara.

Menina – Se lhe parece! Um mês a fazer vida de rei...

Freguês – Durante muitos anos procurei cigarros *Omaikalan* para fumar um de vez em quando e recordar melhor.

Menina – E encontrou?

Freguês – Encontrei uma vez há oito anos um maço exactamente com a mesma embalagem, as letras cor de fogo, o mesmo tabaco, mas com a marca em inglês: *Lovely Moonlight of the Red Sea,* "Luar Encantado do Mar

Vermelho". Só encontrei um maço, ainda não encontrei outro. Compreendeu agora?

Menina – Ah, afinal era o nome de uns cigarros. Que nome tão esquisito! Não temos cá disso!

Freguês – Nunca vi nome tão bem posto. Deve ser assim, uma coisa deliciosa o "Luar Encantado do Mar Vermelho", assim como fumar um *Omaikalan* recostado num *maple* de um grande hotel de Ancara.

Menina – O senhor lá sabe.

Freguês – Boa tarde, menina, desculpe esta conversa. Cá vou eu apanhar o "eléctrico".

Menina – Boa tarde.

Passos.

Freguês – Desculpe, mais uma vez...

Menina – Diga.

Freguês – *(Curioso)* Se não se importa, podia dizer-me...

Menina – O quê?

Freguês – Quem é o tal Max Rosado?

Menina – Para que é que quer saber?

Freguês – Gostava...

Menina – Ê um rapaz que eu conheço. Já ganhou três vezes seguidas o campeonato de salto em comprimento.

Freguês – Ah, muito bem...

Menina – Tem ganho o campeonato de juniores, mas para o ano ganha a taça dos seniores.

Freguês – Oxalá.

Menina – Tenho a certeza! Ah, é um rapaz bestial! Aquele, meu caro senhor, é dos que tem o juízo todo e bem no seu lugar.

Sonhos Deitados na Areia

PERSONAGENS:

João
Aninhas
Chico
Manuel

Música inicial: mistura de uma música dramática com uma evocação do folclore trasmontano que aparece quase imperceptível.

João – O avô não sabe de nada?
Aninhas – Nada...
João – En... *(Pausa)* Talvez seja melhor não lhe dizer.
Aninhas – Talvez... (Pausa) Ou talvez não...
João – Mãe, eu não tenho coragem... O avô vive quase só para mim... não me larga... Quando eu andava na escola, não fosse ele o homem de respeito que é e não tivesse aquele feitio brincalhão e aquele jeito de, com os seus setenta anos, pôr à vontade junto dele as crianças de cinco e de seis e os rapazes de quinze ou de vinte, tenho a certeza de que na escola se haviam de rir de mim e de me chamar...
Aninhas – O quê?
João – Bem, na escola arranjam-se sempre alcunhas, não é verdade?
Aninhas – E tu não gostas do teu avô?
João – Ó mãe, nem se pergunta. Exactamente por isso, como lhe vou dizer que tenho de o deixar?

Aninhas – Bem, enquanto cá estivermos nós, farei por ele o que puder. E meu pai, eu sou sua filha... Claro que contigo é outra coisa. Tu és para ele uma... uma... reinação... uma pândega... com que se diverte... E hoje diverte-se contigo tanto como quando eras pequenino e te fazia barquinhos de cana com que iam os dois brincar para o rio.

João – Não sei como havemos de lhe dizer...

Ouve-se o barulho de uma motorizada. Batem à porta.

João – É o Chico.

Aninhas – Vai contigo, não?

João – Sim, combinámos ir juntos. *(Caminha para segundo plano)* A viagem de comboio é comprida...

Abre-se a porta. O ruído da motorizada cresce.

João – Entra, Chico. Pára esse motor.

Chico – Não, não vale a pena.

Aninhas – Porquê? É visita de médico.

João – Boa noite, tia Aninhas. Não senhora, que ninguém está aqui doente, julgo eu...?

Aninhas – Graças a Deus...

Chico – Não me posso demorar. Tenho ainda outras despedidas a fazer. O Ti Manei não está?

Aninhas – Não.

João – Querias também despedir-te do avô?

Chico – Pois claro. Eu podia lá sair daqui sem lhe apertar os ossos? E tenho a certeza de que quando eu lhe disser que vou à tropa, tem logo uma quantidade de histórias sobre soldados e quartéis e oficiais, que é um nunca mais acabar. Que homem

aquele! Parece que na vida passou por tudo! Que mais não seja através do que imagina.

João – Vou pedir-te um favor, Chico...

Chico – Parece que o caso é sério... O que é?

João – E que... Não queria que te despedisses do avô...

Chico – Endoideceste?! Mas porquê?

João – O avô não sabe que eu parto para a tropa...

Aninhas – Ainda não tivemos coragem de lhe dizer.

Chico – Mas porquê?

João – Tu compreendes... Quando eu disser ao avô que o vou deixar durante um ano, que vou para o Alentejo... Compreendes?

Chico – Então? Tu não tens culpa. Não vais fazer a tropa de livre vontade, é porque deves ir. Não é para o desgostar...

Aninhas – O meu pai tem tão poucas coisas neste mundo...

Chico – Sim... Compreendo... Tu e ele andam sempre juntos... Palavra que nunca vi coisa igual. Quando tiveste namoro com a Rosinha, ele namorava tanto como tu... E ela... Não sei de qual dos dois gostava mais...

João – Ela? Gostava mais do avô do que de mim... Quando o namoro acabou... o avô andou praí com um desgosto... Olha, cantava todo o dia... O avô quando tem um desgosto, canta... E ela queria continuar o namoro com o avô, sabes?

Chico – Oh, que exagero! Não é possível...

João – Namoro é uma maneira da gente falar... Mas fazia-se encontrar com ele... Ia ao areal às horas em que sabia que lá o encontrava... Mas o avô nunca mais lhe disse palavra. "Bom dia, passaste bem?". E moita, carrasco. Ela ficava ali e ele quieto, olhava para o longe. "Adeus, Rosinha" e ela desaparecia... Tudo isto porque ela me fez sofrer.

Chico – Um velho fixe, ein?

Aninhas – Estamos sem saber que fazer... Dizer-lhe?

João – Ou partir sem lhe dizer nada?

Chico – Não, isso não! Assim o desgosto ainda era maior...

João – *(Depois de um tempo)* Como há-de ser?

Chico – *(Pausa)* É difícil... Bem... *(Subitamente)* Olha lá, e se a gente levasse o avô connosco?

João – Tirá-lo daqui?! Tu és doido. E os barcos?

Aninhas – Ele não pode passar sem o João... Mas os barcos... Tem de os ver todos os dias...

Chico – Levar os barcos é que não é possível... Olhem, eu, com franqueza, não sei... Bem, a partida é só depois de amanhã... entretanto, vocês resolvam o assunto... Adeus, tia Aninhas... O comboio parte às sete. Encontramo-nos na estação.

Aninhas – Quero pedir-te uma coisa, Chico: que tomes conta do João.

Chico – Perdão, eu é que preciso que o João tome conta de mim...

Aninhas – Quando escreveres à tua mãe, dá-lhe notícias dele...

Chico – Está combinado, tia Aninhas...

Aninhas – Adeus, Chico. Um abraço. E triste, ein? Práqui sozinha, com o meu pai e...

Chico – Tia Aninhas, então... bom, com licença... Senão também fico impressionado...

Abre-se a porta com violência.

Manuel – Quando vi esta maquineta aqui à porta, vi logo que eras tu... *(Pausa)* Mas... Oue se passa...? A minha filha chora... Os dois mancebos ficaram com cara de parvos, como se eu fosse o Diabo em pessoa a entrar por aqui dentro...

Chico – Boa tarde, tio Pretenda.

Manuel – Com que então partem os dois para o Alentejo... ein?

Aninhas – Pai, então...

Manuel – Então já sei, pois claro que sei... Quem é que vocês julgam que eu sou para não mo terem dito? O que vocês pensam de mim é que eu sou um inválido que estou práqui e que o meu neto é a minha cadeirinha de rodas e que sem ele definho e morro?

Aninhas – Não pensamos isso, mas... É verdade que... Bem, não queremos que o pai tenha a menor arrelia...

Manuel – Ah, quer dizer, eu sou uma planta sensitiva?... Eu nesta idade, uma planta sensitiva... Eu que tenho aguentado os desgostos e as desgraças, não posso saber que o meu neto vai para a tropa... Como é seu dever! Bem, o pior é ser no Alentejo. Não compreendo porquê. Preferia que fosse aqui perto... mesmo no Porto, já não era mau. Cos demónios, há quartéis em Miranda e em Lamego... Mas mandam-te para o Alentejo? Vais para o Alentejo... Contra factos não há argumentos...

Chico – Vamos os dois...

Manuel – Já sei que vão os dois! E eu não vou com vocês cá por causa de umas casmurrices. Porque se não, quem ia por aí abaixo ensinar como é que se dispara a espingarda e como é "meia volta à esquerda" e "ordinário marche", era eu! E como é que uma pessoa se diverte... Ah, sim, também lhes havia de ensinar como é que uma pessoa se diverte...

Aninhas – Pai, é pouco tempo...

Manuel – É um ano... E que fossem mais... Prometo-te, João, que não morro antes de tu voltares. Podes ir descansado, não te preocupes a esse respeito. Quando voltares, ainda me encontras aqui à beira do rio, tal e qual como sempre.

Chico – Adeus, tio Pretenda.

Manuel – Adeus, Chico. Olha, fico satisfeito em ele ir contigo. Na tropa ou noutro sítio qualquer, não há nada melhor do que ter

mos junto de nós um amigo. Vai, rapaz, vai, vai despedir-te dessas raparigas, que estão à tua espera.

Aninhas – Desculpe, pai... mas... não lhe dissemos nada porque...

João – Não sabíamos como havíamos de lhe dizer...

Manuel – Obrigado... pelo cuidado... Vocês dão-me muito mimo... *(Ri-se)* Eh! Eh!... E bom saber que chegamos a esta idade, já nada valemos e... a minha filha e o meu neto tratam-me como se eu fosse uma planta sensitiva. *(Ri-se e afasta-se. Em segundo plano)* Aninhas... Arranjas-me uma pinga de chá, que estou cheio de sede?

Aninhas – Sim, pai...

Manuel – ... Como se eu fosse planta uma sensitiva... *(Trauteia uma canção)* Como se eu fosse uma planta sensitiva... Como se eu fosse uma planta sensitiva...

Música.

Manuel – (Trauteando)

"*Lá* vai o rio a correr
Triste e choroso pró mar"

Manuel – Ó Aninhas! Aninhas!

"Vai triste por não te ver
Chora por não te falar"

Manuel – Aninhas! Ó raio de mulher! Que dianho estarás tu fazendo que não me ouves? Aninhas!

"Vai triste por não te ver
Chora..."

Manuel – Aninhas!

Aninhas – Lá vou.

Manuel – Irra, até que enfim! Parece que é mais fácil um homem fazer-se ouvir de uma cabra tresmalhada no alto de um monte.

"Vai triste por não te ver
Chora por não te falar"

Aninhas – Isso é que é alegria, logo de manhã.

Manuel – Se te parece! Não devo nada a ninguém. Está aí um sol que é uma maravilha.

Aninhas – O pior é o resto.

Manuel – O quê?

Aninhas – O senhor sabe muito bem, meu pai.

Manuel – A falta de dinheiro? Já passámos fome, por acaso?

Aninhas – Ainda não. Mas o João mandou-nos pedir dinheiro e não houve para lho mandar. Coitado, sozinho, longe dos seus, naqueles quartéis tão grandes, lá no Alentejo, no fim do mundo.

Manuel – Pois que se arranje. Eu também fiz a tropa. Nesse tempo chamava-se a isso servir o rei. Hoje já não há rei.

Aninhas – Com rei ou sem rei, a verdade é que o rapaz está lá e naturalmente tem alguma necessidade.

Manuel – E eu também não tive necessidade de dinheiro? E julgas que o meu pai foi tirar algum da arca para mo enviar? Espera por essa! Sabes o que é que dizia o meu pai a tal respeito?

Aninhas – Não, senhor.

Manuel – Dizia assim para a minha mãe, quando a minha mãe me deitava a sua capa de protecção: "Eu, mandar dinheiro ao rapaz? Há aí telha corrida nessa cabeça, mulher. Então o rei não tem dinheiro bastante para dar tudo o que é preciso àqueles que o servem?".

Aninhas – De muito lhe serviu fazer economia! O que é que ele nos deixou?

Manuel – O meu pai deixou-nos a maior frota de barcagem deste rio, Aninhas.

Aninhas – E de que serve agora?

Manuel – Está bem, mas disso não teve ele culpa. O que é que tu julgas?

Aninhas – Julgo que não podemos continuar assim. Precisamos de fazer qualquer coisa.

Manuel – Estou velho, Aninhas. Que outra coisa posso fazer? Nasci no rio, vivi no rio, nada sei fazer que não diga respeito ao rio. Olho para ele e lembro-me dos outros tempos.

Aninhas – Pronto, lá começa o pai!

Manuel – Começo o quê, rapariga?

Aninhas – Lá começa com as suas coisas.

Manuel – Quais coisas?

Aninhas – Quando larga a falar disso, nunca mais se cala. Às vezes até dá mostras de não estar bom da cabeça.

Manuel – Parece-te? *(Rindo)* Ah! Ah! Tem graça, também ando desconfiado disso.

Aninhas – Para que é que me chamou?

Manuel – Arre, diabo, já nem me lembrava. Para te entregar esta beleza.

Aninhas – Um peixe...

Manuel – Pesquei-o lá adiante, junto do açude da Jumenta. Gastei a manhã inteira mas valeu a pena. Valeu ou não valeu?

Aninhas – Valeu.

Manuel – Agora que já não consigo tirar do rio mais nada, tiro-lhe um peixe uma vez por outra. *(Trauteando)*

"Lá vai o rio a correr
Triste e choroso pró mar..."

Aninhas – Vou andando.

Manuel – Assa-o para o comermos à ceia.

Aninhas – Sim, senhor, meu pai.

Manuel – *(Trauteando)* "Vai triste por não te ver
Chora por não te falar..."

Manuel – Aninhas.

Aninhas – Pai?

Manuel – "Vai triste por não te ver / Chora por não te falar"... Ein? Julgas que isto é contigo? Sempre foste muito vaidosa.

Aninhas – Eu não julgo coisa nenhuma.

Manuel – Julgas que é contigo, ein? Imagina, o rio a ficar triste por não te ver. E talvez, quem sabe? Dantes, quando eras rapariga e ias lavar a roupa, as águas espelhavam a mais bonita cara de mulher destas redondezas, uma moça gentil que dava honra a um homem ser pai dela. E hoje...

Aninhas – Estou velha...

Manuel – Se calhar é por isso que o malvado vai triste...

"Vai triste por não te ver
Chora por não te falar..."

Música.

Manuel – *A* tristeza do rio é por não ver o que já viu... E a mudança não é dele... Mudámos nós... E mudámos porque mudámos... Se envelhecemos, não é culpa do rio... Ele continua... Tremeluz o sol na chapa das águas. E as correntes... a fúria desaustinada do Inverno... o fio de água serpenteando desde Espanha... escassamente entre as areias e os seixos que rolam, e o marulhar... o marulhar...

Barulho de água a correr.

Manuel – E o rio lá vai, como há duzentos anos, há trezentos... há três mil... E as tempestades...

Barulho de tempestade.

Manuel – As ventanias... os trovões... abrem-se os céus... e descarregam mananciais de chuva...

A tempestade continua e pára.

Manuel – Que é aquilo que vem sobre as águas do rio? Que é aquilo que vem sobre as ondas do rio?... Vermelho e louro... Vermelho o vestido e louros os cabelos... É o cadáver da donzela... da donzela espanhola... que o rio trouxe... e embalou... e desce o rio... Donzela triste, porque morreste? Triste donzela, porque morreste? E porque tens louros os cabelos e azuis os olhos e o teu olhar recebe do sol o brilho da vida que ficou perdida tão mal vivida?

Música.

Manuel – E fomos todos em procissão, que o corpo lá nos esperava. E assim o trouxemos, que a religião a tanto nos obrigava. E ficou no adro da igreja velha; vieram donzelas para o velatório. Arderam velas e o senhor prior rezou baixinho o seu latinório. E foi para o céu, bem direitinha, que foi no mundo bem comportada. Deixou um noivo, riqueza infinda? Cá deixou tudo ou não deixou nada...

Rufo de tambor.

Manuel – Apresentou-se da sua terra o senhor alcaide de negro vestido. E apresentara-se de negro vestidos de botas de cano e esporas prateadas os seus acompanhantes mocetões de Espanha de alta fidalguia e grande vontade. "Viemos buscar a nossa donzela, que o rio arrastou pra Portugal". "Levai-a, senhores, aqui está ela. Não lhe fizemos nenhum mal. Só a

guardámos pra nosso pesar onde teve de ser guardada. Bem a quiséramos no rio deitada de cores no rosto bem perfumada". "É vossa filha, senhor alcaide?". "É minha filha, senhores barqueiros. Anjo que Deus me confiou. Anjo da côrte de Deus no céu. E que voltou ao seu lugar"... E que voltou ao seu lugar... Porque existem anjos sobre a terra? Porquê?

Sinos.

Manuel – Entre a nascente do rio e o mar... a vida corre e espalha-se na imensidão... Morte do rio... imensidão salgada... Será salgada a imensidão para onde corre a vida? Será salgada?

Páram os sinos.

Manuel – E a vida era a frota dos Pretendas... Frota maior de todas as que sulcaram o rio Douro de cima para baixo, de baixo para cima. E cheia de galhardia, proas como cabos do fim do mundo e olhos a cada lado, mirando as margens caprichosas, sempre, dia e noite rio abaixo e rio acima...

Música.

Aninhas – O peixe está lourinho que regala os olhos.
Manuel – Assado nas brasas... Dá-mo cá.
Aninhas – *É* comê-lo, meu pai, com broa que é fresquinha, cozi-a ontem.
Manuel – Há vinho?
Aninhas – Não, vinho é que não há, não pude comprar.
Manuel – Passa-se bem sem ele. Água, venha água, que ao fim e ao cabo também é do rio. Ah! Ah! Aqui em casa tudo é do rio. Eu sou do rio, tu és do rio, o peixe é do rio...

Aninhas – E o pão?

Manuel – O pão não é do rio. Mas também é a única coisa. *(Pausa)* Olha lá, Aninhas, tiveste notícias do João?

Aninhas – Não tive. Estou admirada.

Manuel – Também eu. Há quanto tempo não escreve?

Aninhas – Vai para quinze dias.

Manuel – Quem sabe se o rapaz não terá dinheiro para o selo?

Aninhas – Têm-me passado tantas coisas pela cabeça!

Manuel – És mãe. As mães magicam muito. Então o rapaz não há-de estar bem? Olha, anda na folia, é o que é. Eu também estive na tropa e foi o tempo mais bem passado da minha vida, quanto a divertimento. O remo do barco era bem mais pesado que a mochila e que a espingarda. E o meu pai amigo dos filhos era ele, mas em questões de trabalho, duro como um penedo. Pois na tropa tirei a barriga de misérias. Foi um tal divertir. O João está bem, Aninhas. É rapaz, quando se é rapaz não há atrapalhações. *(Pausa).*

Aninhas – Sabe qual era a minha vontade?

Manuel – Diz.

Aninhas – Se houvesse dinheiro?

Manuel – Diz lá.

Aninhas – Era meter-me num comboio e ir por aí abaixo até ao Alentejo para o ver.

Manuel – Tu dás ao João mimo demasiado!

Aninhas – É a última pessoa que temos na família. Por isso...

Manuel – É o teu filho único, só por isso o mimas. Para uma mãe é mais importante do que a família inteira. E a nossa, olha, foi-se escoando. Os meus irmãos, os meus cunhados, a tua mãe, o teu marido de quem eu gostava tanto, e o teu outro filho naquele desastre de camioneta. E agora só nos resta o João. E tu, que estás praí, consumida como uma sombra. E eu que já não sei o que sou. *(Pausa)* Aninhas.

Aninhas – Pai?

Manuel – Queres que eu venda o "Lagoa Verde"?

Aninhas – Para quê?

Manuel – Olha, para tu ires ver o João, para se lhe mandar dinheiro, eu sei lá.

Aninhas – Não, pai, não quero.

Manuel – Cada barco que tenho de vender é como se me cortassem um dedo. Mas assim como assim já não me servem para nada... Gosto de ir à tardinha ao areal onde estão encalhados e sentar-me dentro deles a pensar, a pensar naquilo que fui e no que sou agora. De quinze barcos, restam-me cinco. Estou a vê-los! Que linda frota! Quando eles passavam carregados de pipas de vinho, ou de madeira, ou pesados com as sacas dos cereais...

Aninhas – Coma, pai. Não pense mais nisso.

Manuel – Tens razão, minha filha. Ai, meu Deus! *(Num súbita e falsa animação)* Este peixe está a saber-me pela vida! O que é pena é não ter uma pinga de vinho a acompanhar, e eu a senti-lo escorregar devagarinho por este gorgumilho...

Música.

Manuel – Meu avô era o maior barqueiro do rio. Daqui para o Porto, até às terras do Mogadouro, até Miranda, lá na raia de Espanha, a mercadoria era transportada nos seus barcos. Remos e velas do meu avô cruzavam esse rio para baixo e para cima, com carga e passageiros. Até que um dia...

Barulho de comboio.

Manuel – Foi o comboio, sim, um comboio vagaroso. A linha foi sendo construída a pouco e pouco. E à maneira que ia crescendo, roubava o negócio ao meu avô. Os homens tinham

inventado aquela máquina maldita para substituir a barcagem do rio. Mas o meu avô era homem a valer, daqueles rijos, feitos de propósito para lutar e entrou em combinações com os lavradores. O comboio não levou a melhor. A carga ficou dividida ao meio, mais ou menos. O transporte do vinho era nosso, *a* madeira era nossa, grande parte da cortiça. Assim continuou o meu pai firme neste negócio, ali firme, o maior barqueiro que eu já conheci. Éramos ricos. Nada faltava na nossa casa.

Música.

Manuel – Então o meu pai morreu. Então pareceu-me que tudo se esboroava. Começou a fúria de abrir estradas e a pouco e pouco a carga que se fazia nos barcos passou toda para a camionagem. Os camiões mataram tudo. Mataram os barcos, mataram os carros de bois, andam por essas estradas como monstros rugindo, deitando fumo, sujando estes campos. E aqui está por que os meus barcos, que eram quinze, estão reduzidos a cinco. As proas elevadas, a linha da água, as cores garridas. "Sete Estrêlo", "Santa Luzia", "Luz do Céu", "Santo António dos Navegantes", "São Cristóvão", eu sei lá! Eram quinze! Fui vendendo-os, um por um. Dão-me por eles meia gota de mel coado. Ainda me não decidi a vendê-los todos. Gosto de olhar para eles, ali deitados na areia, parecem-me esqueletos de bichos enormes. Olhem, lá está o "Lagoa Verde". É dos mais antigos, ainda foi construído por meu avô. Está ali para lavar e durar. Se fosse preciso, de repente; se, por exemplo, desse um fanico em todos os comboios e em todos os camiões, se fosse preciso eu ir por esse rio acima de remo na mão, e vela ao vento, ainda que fosse até Miranda, havias de ver como o Manuel Pretenda,

último barqueiro legítimo do rio Douro, te ressuscitava, ó "Lagoa Verde". Havias de ver como o próprio Manuel Pretenda ficava mais novo...

Aninhas – (Ao longe) Pai!

Manuel – Lá está a Aninhas.

Aninhas – Pai!

Manuel – Estou aqui, Aninhas.

Aninhas – Pai!

Manuel – Aninhas!

Aninhas – Pai, então, já é noite.

Manuel – E noite, sim, mas a lua cheia quer enganar-me e convencer-me do contrário.

Aninhas – Há quanto tempo está aqui a olhar para os barcos... Venha para casa, são horas, deve ter fome, não comeu em todo o dia.

Manuel – Um homem da minha idade alimenta-se do que os olhos vêem e do que a cabeça recorda.

Aninhas – Vamos embora, pai.

Manuel – Vamos, minha filha. Olha para eles. Ainda me restam cinco. Tenho a impressão de que no dia em que vender o último - se antes disso não me passar por cima um camião como aconteceu ao teu filho mais velho -, no dia em que vender o último barco, o senhor prior tem de me ir rezar um responso à beira do coval.

Separador.

Manuel – Está decidido, minha filha.

Aninhas – O quê?

Manuel – Já escrevi para o Porto. Vou vender o "Lagoa Verde".

Aninhas – Quanto lhe darão por ele?

Manuel – Pelo "São Guardião" ainda me deram há dois anos três contos. Três contos por uma beleza daquelas! Fizeram-lhe obras e ainda está como um lindo no porto de Leixões a fazer serviço para a carga dos navios.

Aninhas – Como sabe?

Manuel – Viu-o o Manuel Salomão. Diz que está agora pintado de preto, todo de uma cor. Pintar de uma só cor um barco que foi toda a vida vermelho e azul, os rebordos mais escuros e à frente uma estrela dourada que parecia olhos de mulher virados para o mar. Todo pintado de preto. Raios os partam, que sabem tanto de embarcações como eu de tocar clarinete.

Aninhas – Que disse na carta que mandou para o Porto?

Manuel – Ora que disse... Disse que tinha um barco para vender, se mo queriam comprar.

Aninhas – Não venda, pai. Deixe ficar os barcos que são seus. Recebi carta do João.

Manuel – E lá por teres recebido carta do João o mundo parou e não é preciso dinheiro para a gente ir vivendo?

Aninhas – Pai, eu conheço-o tão bem... Não sei como hei-de dizer-lhe...

Manuel – O quê, mulher? Aconteceu alguma coisa ao rapaz?

Aninhas – Estava a estranhar ele não dizer nada. A Eugenia já tinha recebido notícias do Chico.

Manuel – Não me disseste isso.

Aninhas – Não lhe disse para não o afligir ainda mais do que tem estado.

Manuel – Eu? Julgas na verdade que me tenho ralado por causa do João? És maluca. Assim eu tenha a certeza de ganhar o Céu, como tenho a certeza de que o rapaz está fino.

Aninhas – Eu bem o conheço, pai. Quando o pai se põe a cantar, é lá dentro qualquer coisa que lhe rói a alma. Ora bem: o João sai da tropa dentro de um mês.

Manuel – Dentro de um mês? Isso é que vai ser uma alegria nesta casa! E tu toda babada! E as raparigas desta terra de cabeça perdida pelo mocetão que veio de servir o rei... Ein, ó Aninhas?

Aninhas – É verdade, pai...

Manuel – Sabes o que é preciso? Assim como assim, o que está feito, está feito. O que é preciso é vender o "Lagoa Verde" antes de vir o João.

Aninhas – Para quê?

Manuel – Para cozermos bôla e comprarmos vinho, que vai haver festa rija aqui em frente à porta. Pois então!

Aninhas – Ó pai, não é preciso fazer essa despesa!

Manuel – O que é que tu estás a dizer? Era o primeiro desta família dos Pretenda que não encontrava a casa embandeirada quando viesse da tropa. Não. Para te falar com franqueza, custa-me muito ficar sem os barcos, mas é quase um pecado conservá-los só para meu gosto. Estão para ali a apodrecer.

Aninhas – Leia esta parte da carta do João.

Manuel – Lê tu, Aninhas.

Aninhas – (Lendo) "Aqui tão longe, sozinho, tenho pensado muito na nossa vida. O avô, coitado, já não pode fazer nada. Eu, a bem dizer, nunca aprendi um ofício. Posso ir trabalhar no amanho das terras que tenho bom corpo para isso. Mas não é coisa que dê segurança. E a verdade é que daqui por diante, tenho a mãe e o avô a sustentar".

Manuel – Ele diz isso aí?

Aninhas – Diz.

Manuel – Que tem a sustentar a mãe e o avô?

Aninhas – Sim. E é verdade, meu pai. Nunca tinha pensado nisto?

Manuel – Nunca. E é bem triste. Vai, vai, continua a ler.

Aninhas – (Lendo) "É preciso arranjar coisa melhor. Como sei ler e escrever, fiz um requerimento para tirar a carta de motorista aqui na tropa".

Manuel – Para que diabo quer ele a carta de motorista?

Aninhas – Ouça, meu pai. "Já comecei a instrução e já sou capaz de guiar sozinho um camião. Daqui a quinze dias dão-me a carta e então já posso andar nas estradas com os carros pesados do exército".

Manuel – Capaz disso sei eu que ele era. Tem jeito para tudo o que quer fazer, o demónio do rapaz.

Aninhas – "Fiz isto porque me lembrei de que, tendo a carta de motorista, talvez me pudesse contratar com uma das empresas de transportes ou mesmo ir para motorista de camioneta de passageiros. É melhor e ganha-se mais dinheiro do que a trabalhar nos campos".

Manuel – O meu neto? Motorista de camião? Mas ele sabe o que quer dizer? Deixa ver essa carta. Onde é que está isso escrito?

Aninhas – Aqui, pai.

Manuel – (Lendo) "Talvez me pudesse contratar com uma das empresas de transportes ou mesmo ir para motorista de camioneta de passageiros. É melhor e ganha-se mais dinheiro do que a trabalhar nos campos". *(Pausa)* "Se o avô quisesse vender os barcos e o bocadinho de terra da Estrada Nova que não rende quase nada, talvez se arranjasse dinheiro para dar como entrada na compra de um camião com o qual eu podia ganhar a vida, sem depender de nenhum patrão". (Pausa. Chora)

Aninhas – Pai...

Manuel – Ein?

Aninhas – Então?

Manuel – (Trauteando)

"Lá vai o rio a correr

Triste e choroso pró mar..."

Manuel – Pois é... A vida não pára...

Aninhas – Pai, não se atazane com isto. São lá ideias dele, quando vier a gente diz-lhe que não quer que ele faça isso.

Manuel – Ele tem razão, Aninhas. Sabes o que é preciso? Escrever para o Porto a dizer que em vez de um, vendo cinco barcos, cinco almas do outro mundo. E é pôr já no terreno da Estrada Nova um letreiro a dizer que está à venda.

Aninhas – Mas o pai...

Manuel – Eu não conto, Aninhas. Os velhos têm de ceder o lugar aos novos, como a barcagem cedeu o lugar ao comboio e aos camiões. O rapaz é quem tem razão.

Aninhas – Ó pai, eu não lhe mostrei a carta para que fizéssemos o que o João pede. Foi só para falarmos no assunto.

Manuel – Não há mais conversas. Ele é que tem razão... Ele é que tem razão...

"Vai triste por não te ver..."

Manuel – Para mim já nada tem importância. Eu sei que quando vir o último barco desaparecer por esse rio abaixo, é o momento de ir daqui dar contas a Deus. Portanto...

"Vai triste por não te ver..."

Aninhas – Ó pai!... Pai!...

Manuel – (Trauteando)

"Chora por não te falar..."

Música. Separador longo. Funde com ruídos de motor de camião. Toca a buzina repetidas vezes.

João – Não ouvem... *(Toca outra vez)* É lá possível que não ouçam! Vou ver...

Ouve-se bater a porta do camião.

João – Mãe! Mãe!

Aninhas – Pschiu...

João – Que aconteceu?

Aninhas – (Constrangida) Nada, filho... Já chegaste?

João – Já, sim, mãe. Trouxe o camião... Está a ouvir o lindo barulho que ele faz?... Está a ouvir, mãe? O motor é do melhor que há. Tem força que é um louvar a Deus... Agora pelo caminho vim pensando que era preciso dar-lhe um nome. Os nossos barcos também sempre tiveram um nome, não é verdade? Eu sou de família de barqueiros. Por isso mesmo quero que ele tenha um nome. *(Pausa)* Mãe... Que tem? *(Pausa)* O avô?

Aninhas – O avô não está bem...

João – Adoeceu? Mas... que tem ele? Quando parti para o Porto estava tão bem... Foi levar-me à estação...

Aninhas – Ontem à noite ouvi gemidos que vinham do seu quarto. Estava delirante, a arder em febre, coberto de suor.

João – O médico já veio?

Aninhas – Já...

João – E que disse?

Aninhas – Nada...

João – Vou vê-lo.

Aninhas – Não faças barulho...

Passos cautelosos do João.

Manuel – (Segundo plano) Sede... Tenho sede... *(Aproximado)* Devora-me as entranhas, esta sede... como fogo ateado dentro de mim...

Porquê? Mas porquê? Ah, rio malvado! Rio malvado! Negas-me água, a mim, que tanto te amei... Negas-me uma gota de água?

João – Avô...

Manuel – *És tu, João... És tu...*

João – Avô... Quer beber?

Manuel – Não... Eu disse que tinha sede... não foi? Poisa verdade é que não tenho sede nenhuma e que me sinto muito bem... Eu disse aquilo apenas para embirrar com o rio... Gosto de dizer isto, sabes? Rio malvado! Rio maldito! Alma penada! Monstro sem horizonte! *(Ri-se)* Ein? Sabe bem dizer na hora da verdade estas coisas a quem nos possuiu durante uma vida inteira.

João – Avô, já comprei o camião.

Manuel – Bravo, bravo, meu neto. E depois deste virão outros. E tu terás uma frota de camiões que andam a atravessar de noite essas montanhas, cortando a escuridão com a luz dos faróis... E roncando como vulcões.

João – Pus um nome ao meu camião.

Manuel – Boa ideia! E qual foi?

João – "Estrela das Sete Montanhas".

Manuel – Tiveste essa ideia... Baptizaste-o tal e qual como se fosse um barco. Assim, João Pretenda, assim! E agora precisas de força nesses braços e lume nesses olhos, que o remo não é almofada de penas e os torcicolos do camião requerem agilidade. Abre a vela! E o barco ronca e voa trepando a colina.

Aninhas – Pai, meu pai... Não se canse... Calma...

João – Avô!

Manuel – E é bom que acabe... Começo a ver um rio calmo e luminoso... E tu de um lado... minha querida filha... E tu do

outro lado, meu querido neto... Duas margens deste rio que corre... tão sereno, tão... *(Cala-se).*

João – Avô...

Aninhas – (Grito abafado) Pai!

Manuel – (Depois de uma pausa).

"Lá vai o rio a correr
Triste e choroso para o mar..."

Música final.

Cassilda e o Reino dos Sonhos

NOTA EXPLICATIVA

"Cassilda e o Reino dos Sonhos" é, primeiro que tudo, um exercício radiofónico. É um exercício radiofónico e dramático antes de constituir um depoimento sobre a contradição Sonho/Realidade e o modo como estes estados anímicos se impõem à consciência.

Dizia Pascal que se um mendigo sonhasse durante doze horas por dia que é rei e se um rei sonhasse durante doze horas por dia que é mendigo, cada um deles acabaria por ignorar qual é verdadeiramente o mendigo e qual é verdadeiramente o rei. "Cassilda e o Reino dos Sonhos" enuncia o mesmo problema de uma forma diferente.

O Teatro de Ensaio, que se propõe ensaiar integralmente as obras que apresenta, tanto do ponto de vista dos autores, como dos actores (quando os houver), como dos técnicos, deseja que a experiência a que se dedica não se confine aos estúdios; deseja que os ouvintes tomem parte também nesta grande aventura que vamos empreender, através do mundo das ondas.

"Cassilda e o Reino dos Sonhos" é um pretexto adequado para dirigir este convite a todos os que nos escutam.

PERSONAGENS:

1ª Voz
2ª Voz
3ª Voz
4ª Voz
Rei
Raimunda / Princesa
Cassilda
Corifeu
Justiceiro
Monstro
Mãe
Pai
Locutor
Locutora

1ª Voz – Quem sonha vive
2ª Voz – Vive quem sonha
3ª Voz – Sonha quem vive
Corifeu – Irra!
Fora com tanta dialéctica!
Tanta vulgar filosofia!
Ó tu que és o encarregado da Justiça!
Justiceiro – (Voz cava) Senhor?
Corifeu – Que acto de justiça
Tens aí no teu alforge
Capaz de punir

Aqueles três
Que disseram;
1ª Voz – Quem sonha vive
2ª Voz – Vive quem sonha
3ª Voz – Sonha quem vive
Justiceiro – (Voz cava)
Tenho a expatriação.
Corifeu – Não serve. Eles iriam,
Os sevandijas,
Levar as erróneas conclusões
Para outros países.
Ora na verdade, o mal quando é mal
É universalmente mal.
Coro de vozes – Universalmente mal.
Corifeu – Aquilo que é mal aqui,
É mal tanto aqui
Como é mal lá.
Coro de vozes – (Com eco)
Mal aqui tanto como mal lá... como mal lá. ...
Justiceiro – Nesse caso para os castigar
Tenho no meu alforge, a morte...
Corifeu – Oh, é demais...
Coro de vozes – (Com eco)
É demais... demais... mais... mais...

Começa a ouvir-se um som irritante que aparece misturado com ruídos cadenciados de máquinas. Um som que não se sabe bem o que é, mas em que se suspeita haver vozes, prolonga-se algum tempo, sobre o que aparece a voz muito doce de Cassilda.

Cassilda – Era na Primavera

Como sempre na Primavera
A paisagem da montanha muito verde
Levanta-se entre os lagos. Os pássaros
Nas redondas copas das árvores, gorjeavam.

Pausa de Cassilda. Nesta pausa ouve-se o gorjeio dos pássaros de forma muito realista.

Cassilda – Eu estava só. O castelo
Ficara distante. Andara muito para chegar ali.
Deitei-me na relva primaveril.
Adormeci.

Pára o gorjeio.

1ª Voz – É mentira, não adormeceu.
2ª Voz – Viveu.
3ª Voz – Vive quem sonha.
Corifeu – Enfim, falando mal e depressa,
Isto é, para encurtar razões,
A pequena deitou-se na relva.
E depois?

Pausa. Durante a pausa ouve-se apenas um gotejar de água de uma torneira produzindo um som metálico.

Cassilda – (Sibilando)
Que silêncio... (Com eco) Que silêncio...
Mas porque se calaram os pássaros?...
(Com eco)
Porque se calaram os pássaros?...
Existirá entre montanhas, uma paisagem

Sem gorjeio de pássaros?
O que ouço agora é o ruído das goteiras
A entrar pela janela de uma prisão.
Estarei presa, eu?
Aqui, entre montanhas,
Será uma prisão?

Música aflitiva.

Corifeu – Deitemos, meus senhores, um pouco de ordem
Nesta narrativa. Nossos queridos espectadores
Ou melhor, nossos rádio-espectadores,
Isto é, espectadores sim, que vêem, com os ouvidos
Porque com os ouvidos se vê completamente,
Pois não é verdade?
As crianças aprendem nas escolas
Que tudo o que entra pelos sentidos
Vai direitinho bater no cérebro
Isto é, dentro da cabeça, onde tudo se reúne;
A cabeça é, como sabem,
Um côncavo limitado no alto pelo crânio
Pela parte de dentro do crânio,
A qual, vista de fora, se adivinha perfeitamente
Como será por dentro,
Sobretudo nos carecas.
Quando se contempla um careca
Aprende-se imenso.
Os nossos audio-espectadores
Que ouvindo estão a ver
E já viram as montanhas e o lago
E a menina deitada na verde Relva primaveril,
Estão a pedir ordem.

Coro de vozes – Ordem! Ordem! Ordem!
Corifeu – Estão a ouvir?
Eu não disse?
Calem-se!
Coro de vozes – (Em crescendo)
Queremos ordem! Queremos ordem! Queremos ordem!
Corifeu – E é que não se calam!

As vozes de ordem continuam.

Corifeu – Começo a ficar alarmado.
Aos gritos de ordem, muitas revoluções
Têm começado!
Em consequência desta cogitação
Temos de lhes fazer um discurso
E se não resultar,
Usaremos outro qualquer meio
Para os dominar.
Começamos pela eloquência.
Eh, tu! Faz aí um discurso!

O discurso seguinte, que efeito por um dos actores, não quer dizer nada, nem é preciso, visto que é passado na máquina ao contrário. As palavras que aqui se escrevem servem, apenas para o actor, ao fazer a gravação, falar com o tom e as inflexões que a circunstância impõe.

4ª Voz – Neste dia atribulado que passa, eu não poderia deixar de, apoiado pela verdade, surgir, lutar e, arrepelando o côncavo interior, cantar louvores à alma benemérita, ao génio encantador, ao empreendimento sem parelha, debaixo deste sol que nos banha!

Vozes várias protestam.

Corifeu – Não chega. Fala mais um pedaço!

4ª Voz – Mais alto, porém, mais rude e, incontroversamente conspícuo, eu não posso deixar de articular a desmesurada ambição, a infalível compreensão com que, devotado aos públicos interesses, ouso descomplicar o que é complicado, absurdamente complicado.

Vozes várias dão gritos de aplauso.

Corifeu – Pronto, já estão dominados. Mais duas lérias e acaba.

4ª Voz – Côncavo para mim, côncavo para vós, e não só côncavo como oco e perverso. Tenho dito.

Vozes apoteóticas. Palmas. Música.

Corifeu – Pronto, estão calmos
Até já se esqueceram da ordem
Que vociferando
Vós, rádio-viso-imagino-audio-espectadores
Me exigis.
Pois bem, estava a menina deitada
Debaixo da árvore deitada.
Sonhando? Não sonhando?
Que importa?
Ela estranhou um silêncio, um súbito silêncio
Que se fez
E então uma figura...

Ruído adequado.

Corifeu – Uma figura
Voando dela se aproximou
E falou-lhe ao ouvido.
Monstro – A guardadora de patas
Foste tu quem a matou.
Cassilda – Eu?
Monstro – Sim, tu.
Ainda não me esqueci.
Cassilda – Não me deixas?
Rondas à minha volta
Apareces-me em sonhos
Monstro – A realidade é feita
Da mesma substância dos sonhos.

A voz do monstro durante a fala seguinte deixa de ser muito grave e toma, por instantes, um tom narrativo.

Monstro – Quando o teu pai voltou da Coriácea
Estavas no terraço do vosso castelo
Junto da tua mãe
Debulhada em lágrimas de alegria
Pelo regresso do teu pai.
Nisto,
Chegou o cavalo e a cavalaria.

Tropel de cavalos, charamelas, clarins.

Corifeu – Teu pai regressou coberto de glória.
Tinindo-lhe as armas e as esporas deitando chispas
Subiu as escadas.
Pai – Querida mulher,

Há tanto tempo!
Cassilda, minha filha! Naquelas trincheiras
Surgistes-me as duas entre a metralha
Como um sonho... um sonho...

Mãe – Temos vivido sonhando contigo,
Tornando-te presente.
A tua lembrança tem sido
O nosso amparo.
Vens bom, vens forte.
Entremos, meu amor.

Passos. Interior.

Pai – Para a minha filha trouxe uma boneca
Ou melhor, um boneco,
Em lembrança desta campanha
Um boneco fardado com a farda do inimigo
E no peito uma lança atravessada.
A lança da minha própria vitória.
Ei-lo.

Cassilda – Obrigada, meu pai.
É de tamanho natural.

Pai – (Rindo)
Oh, não! O inimigo
Era maior do que isso.
Por esta razão foi difícil vencê-lo.
Mas depois dos ataques da vanguarda,
Das ofensivas da retaguarda,
Das manobras em campo aberto,
Das emboscadas na noite cerrada,
O inimigo acabou
Exactamente como esse boneco

Com uma lança no peito atravessada.
Cassilda – Tu enfiaste lanças como esta
No peito do inimigo?
Pai – (Rindo)
Não, minha filha, que horror!
Hoje já não se usam dessas armas,
Mas sim obuses, metralhadoras,
Canhões e bombas de mão.
Mãe – Esse boneco é simbólico.
Pai – É uma imagem que dá
A imagem da vitória,
Cruel, mas graciosa.
Cassilda – Hei-de brincar com ele
É do meu tamanho.
Vou já mostrá-lo à Raimunda.

Passos de Cassilda a correr.

Pai – Esplendorosa, esta criança.
Quem é a Raimunda?
Mãe – A filha do hortelão, a guardadora de patas.
Pai – Mulher,
É um sonho estares nos meus braços.
Quatro anos de afastamento
E de trabalhos guerreiros
Deixam no peito um depósito de amor
Que os teus olhos
Aquecem... aquecem...
Mãe – O sonho é realidade, meu amor!
Eu estou aqui! Tu estás aqui!
A realidade é o prémio
Das agruras do afastamento.

E o depósito de amor
Que cresceu dentro de nós
E aquece,
Aquece e aquecerá,
Meu amor.

Música de perseguição.

Cassilda – Raimunda! Raimunda!

Música.

Corifeu – E Cassilda caminhou, caminhou
Em busca de Raimunda
Por caminhos desconhecidos.
1ª Voz – O desconhecido não é silencioso.
Coro de vozes – Que forma tem o desconhecido?

Música.

Cassilda – Raimunda! Raimunda!

Música.

Coro de vozes – (Com eco)
Que forma tem o desconhecido?
Monstro – (Com voz muito grave)
A forma do medo!
Coro de vozes – (Com eco)
A forma do medo... do medo... medo... do...

Música do medo.

Corifeu – O coração de Cassilda batia de medo. *(Ouve-se o coração)*.
Já se encontrava longe do castelo
E continuava a procurar a guardadora de patas.
Numa clareira, onde um tardio raio de sol
Ainda penetrava
Cassilda avistou
Raimunda
Sentada, junto das patas,
À beira do riacho.
Os pássaros gorjeavam.

Barulho realista. Gorjeio de pássaros e marulho de água. Grasnar de patos

Cassilda – (Cansada, murmurando)
Oh, até que enfim a encontrei.
Porque terá ela vindo para tão longe
Do castelo?
Então ela não teve medo?
E eu aqui estou de medo varada,
E sem saber porque cheguei tão longe...
Coro de vozes – Cassilda, ainda tão criança,
Sentiu o apetite
Que têm os grandes...
Corifeu – De dar uma lição de moral
Coro de vozes – ... Uma lição de moral
1ª Voz – Tinha na mão o boneco
De peito atravessado pela lança
Que lhe dera seu pai.
Coro de vozes – E... pé... ante... pé...
Pé... ante... pé...

Coro de vozes – (Murmurando)
Pé... ante... pé...

Em seu pai o coro cala-se

Corifeu – Colocou junto de Raimunda
O boneco atravessado pela lança
Que lhe dera seu pai.
E imitando a voz dos homens,
Chamou:
Cassilda – (Voz muito grave e deformada)
Rai-mun-da
Raimunda – Quem é?
Corifeu – E Raimunda viu o boneco
Estendido no chão a seu lado
E gritou.

Grito terrível de Raimunda. Grasnar agitado dos patos. Música.

Coro de vozes – (Sobre a música)
E Raimunda viu o corpo do boneco
Coberto de sangue.
Estava coberto de sangue
Para Raimunda não era um boneco
Era um homem de sangue e de carne
1ª Voz – E Raimunda, guardadora de patas,
2ª Voz – Alheia aos segredos da arte militar
Coro de vozes – Não viu que era farda do inimigo
E fugiu...
E fugiu...
E fugiu...

Ruídos.

1ª Voz – Procuraram-na por toda a planície
2ª Voz – Por todos os vales,
3ª Voz – Vales e montanhas...
Corifeu – E o pai de Cassilda
Porque Cassilda caiu em tristeza
Proclamou:
Pai – Minha filha está definhada
Desde que desapareceu Raimunda, guardadora de patas.
Por isso saibam quantos:

Rufar de tambor.

Pai – Quem Raimunda encontrar
Receberá
Cinquenta ducados.

Rufar de tambor.

Coro de vozes – Mas Raimunda não apareceu
Pai – Receberá
Quinhentos ducados

Rufar de tambor.

Coro de vozes – Mas Raimunda não apareceu
Pai – Receberá
Cinquenta mil ducados

Rufar de tambor.

Coro de vozes – Para sair em busca de Raimunda
Toda a nação foi mobilizada

Ruídos militares. Polícia. Sirenes. Bombeiros. Sobre estes ruídos ouvem-se vozes a gritar "Raimunda! Raimunda!".

Pai – Quem Raimunda encontrar receberá
Quinhentos milhões de mil biliões de ducados.

Silêncio. Pausa.

Coro de vozes – Raimunda nunca mais apareceu... nunca mais... nunca mais... Ai!...

Música.

Corifeu – Assim foi. E Cassilda
Andava enojada
Sem alegria
E sem fantasia.
Parecia um fantasma!
Ora o rei daquele reino...
Coro de vozes – (Parentético)
Porque tudo isto se passa numa monarquia.
Corifeu – ... Ardia em desejos
De casar o príncipe real
Com alguém
Do seu próprio Estado
Coro de vozes – (Parentético. Quase em segredo)
Este desejo foi considerado
Manobra sentimental
Corifeu – No palácio do pai de Cassilda,

El-Rei um dia entrou.
As bandeiras foram alçadas
E a orquestra tocou.

Música, possivelmente a marcha real da "História do Soldado", de Stravinsky.

Corifeu – E ao pai de Cassilda
A mão de sua filha
Para o príncipe real El-Rei solicitou.
Coro de vozes – O pai respondeu:
Pai – Senhor, a minha filha
Não está criatura que se mostre:
Tem tamanha melancolia
Que a simples vista nos agonia.
Se quereis conhecer como se encontra,
A orquestra do nosso castelo
De músicos melhores entre os bons
Tocar-vos-á, senhor,
O lamentável estado
A que Cassilda chegou.
Ficá-lo-eis conhecendo
Pela expressão dos sons.
Ouvi.
Orquestra, tocai.

Música.

Rei – (Voz grave, muito impressionado. Solta, durante a música, várias exclamações, como se a música fosse um interlocutor que estivesse a falar).
Oh! Lamentável!

Desagregação irreparável
Nefanda melancolia
Pai – E sabeis a razão?
Rei – Os males de Cassilda
Claramente são
Remorsos do coração.
Não me serve a tua filha!
Pai – Pena, grande pena tenho, senhor
Rei – Calculo.
Vou partir, calcorrear meu Estado A ver se logro encontrar
Alguém com quem casar O príncipe real.
Já corri trezentas povoações
Outras tantas irei devassar
Que a escolta me venha acompanhar.

Charamelas. Marcha real. Tropel de cavalos.

Coro de vozes – Cai o destino sobre nós
Cegamente
Destino irrisório
Um casamento real
Recusado
1ª Voz – O pai de Cassilda arrancou as barbas de desespero
2ª Voz – A mãe de Cassilda ficou
Com a cara raiada de rugas
3ª Voz – A tia-avó de Cassilda
Teve um achaque fatal
Coro de vozes – Aquela família
Perdeu a oportunidade
De entrar no seio invejável
Da família real
Corifeu – E o pai proclamou:

Pai – (Muito grave)
Amados familiares
Que o nosso luto seja colectivo
E há-de durar enquanto eu for vivo
Orquestra, tocai soturnamente

Toca a orquestra soturnamente.

Corifeu – (Sobre a música) Enquanto soturnamente
A orquestra toca,
Vejamos:
E Cassilda?
Coro de vozes – Sim, e Cassilda?
Corifeu – Cassilda sonhava.
Coro de vozes – Oh!...
Corifeu – Servem os sonhos para viver outra realidade
Quando a realidade
Real
Não nos basta
Coro de vozes – Ah, por isso, Cassilda sonhava...
1ª Voz – Ah, por isso, Cassilda
Se foi deitar
Na verde relva da Primavera,
2ª Voz – Foi assim que a história começou
Coro de Vozes – (Baixo)
Por isso Cassilda
Por isso Cassilda...
3ª Voz – Assim começou a história
E assim irá continuar
Corifeu – Mas agora impõe-se uma pergunta brutal

Gongo.

Coro de vozes – ... Pergunta brutal
Corifeu – Uma pergunta que chega a parecer infernal
Coro de vozes – ... Que chega a parecer infernal...

Gongo.

Corifeu – A pergunta é esta:
Qual é a forma dos sonhos?
1ª Voz – É verdade: qual é a forma dos sonhos?

Grande algaraviada de todas as vozes perguntando umas às outras: "Qual forma dos sonhos?".

Corifeu – Silêncio!

Gongo.

1ª Voz – Eu sonho assim...

Som agradável

2ª Voz – Eu sonho assim...

Sucessão de sons cavos.

3ª Voz – (Cava)
Eu sonho assim...

Som de pesadelo.

Corifeu – Esta última foi a forma do sonho de Cassilda
Quando a figura que desceu voando

Falando-lhe ao ouvido, disse:
Monstro – A guardadora de patas
Foste tu quem a matou
Corifeu – Cassilda soube então
Que essa voz não era de gente
Nem era de ave
Era dum monstro alado
Que a levou pelos ares.
Cassilda voou!
1ª Voz – Ora! As pessoas não voam!
2ª Voz – Foi em sonhos.
Corifeu – (Categórico)
Cassilda voou!
Quem não tiver força de alma para acreditar nisto
Não ouça a história.
Coro de vozes – Quem não tiver força de alma para acreditar nisto
Não ouça a história.

Ruído alusivo, sibilante.

Corifeu – Cassilda voou por cima das montanhas
E dos vales
E Cassilda não queria voar
Coro de vozes – (Baixo e rápido)
E Cassilda não queria voar
Corifeu – E a criatura que a arrebatara
Fincava-lhe as unhas nos quadris
Coro de vozes – (Baixo e rápido)
As unhas nos quadris, nos quadris, nos quadris
Corifeu – E Cassilda gemia:
Cassilda – Deixai-me, senhor monstro, deixai-me.
Não quero mais, senhor monstro.

Eu seja ceguinha, senhor, se alguma vez
Repito o que fiz à pobre Raimunda,
À pobre guardadora de patas
Que fugiu
Morreu por minha causa.
Toda a minha vida quero expiar
Tamanho pecado.
Mas agora largai-me, senhor monstro, largai-me!

Monstro – Se te largo, cairás.
Voamos a quinhentas mil polegadas
Acima da face da terra
Chegarás lá abaixo incendiada
Ou serás esmagada
Quando embateres na face da terra.

Cassilda – Ai, senhor monstro... senhor monstro...

Monstro – Está bem.
Queres que te largue?
Contarei até zero
Partindo de cem

Cassilda – Senhor, magoais os meus quadris
Com as vossas garras!

Monstro – Está bem.
Vou contar e quando chegar a zero
Largo-te

Cassilda – Não, senhor, não!
Afinal de contas as vossas garras
Nos meus quadris, não se pode dizer
Que sejam agradáveis
Mas sempre são melhores talvez
Que cair desta altura contra a face da terra

Monstro – Quando chegar a zero deixo-te cair.

Cassilda – Vendo bem, meu senhor,

As vossas garras são agradáveis
São muito agradáveis
Nos meus quadris.
Não me deixeis cair por enquanto, não?
Fazei-me um favorzinho.
Eu afinal, sou boa rapariga.
Tenho na consciência aquele pecado
De ter morto a guardadora de patas
Que ainda por cima era minha amiga.
Mas sei fiar e sei coser
E sei contar histórias de reis
E de princesas
E de presidentes da república.
Gostais de ouvir histórias?

Monstro – Quando chegar ao zero
Deixo-te cair

Cassilda – Senhor, eu sei a história do império da China
Quereis que vo-la conte?
Desde a dinastia Ping
Até à dinastia Ping-Pong.
Ou preferis a história da revolução cubista?
E as canções da fase existencialista?

Monstro – Vou começar a contar

Cassilda – Não! *(Grito)* Não!

Monstro – *(Forte)*
Cem! (Em surdina) 99, 98, ... (Etc).

Cassilda – Senhor monstro! Por caridade
A filha dum pai respeitável
Há-de morrer deste modo implacável?
Senhor monstro!

Monstro – 78, 77, 76, ...

Cassilda – Acima daquela alta montanha

Levai-me.

Monstro – Para quê? 65, 64, ...

Cassilda – É que.... É que é bonita esta paisagem
E se me levais ali, já agora fico conhecendo tudo isto.
Morro menos ignorante um bocadinho

Monstro – A mim não me intrujas... 35, 34, ...
Julgas que eu te deixava lá pousar...
28, 27, ... hás-de cair... 24, 23, ...
E voar pelos teus próprios meios... 19, ...

Cassilda – Já vai em 17... Ai, senhor monstro, senhor, não me largueis
É tão bom estar abraçadinha a si, senhor monstro, por piedade!
Serei vossa escrava

Monstro – Zero!

Cassilda – Ai!...

Corifeu – E Cassilda foi largada no espaço.

Assobio de queda.

Cassilda – Ah... Mas afinal eu também sei voar
É só ficar quieta e respirar
Ir respirando e desejar,
Com toda a vontade que se tem,
Voar.
Que é aquilo, escuro, que se aproxima?
Ah, um bosque, um bosque profundo
Onde fica?
Talvez no cabo do mundo...
E vem um odor de seiva transbordante.
Já o sol se esconde na montanha
É fim da tarde

E o castelo de meu pai é para além
Para onde? Não sei bem.
Mas agora, que sei voar,
Quando quiser
Basta-me subir
E olhar
Para ver onde fica
O castelo do meu pai.
Agora quero pousar
A meio daquele bosque,
Bosque tão cerrado
De arvoredo tão fechado
Que certamente
Nunca ninguém ali penetrou.
Olhem, uma clareira!
E ali que vou descer.
E é já!
Uma volta... Uma voltinha...
Outra volta.... Outra voltinha...
Já estou!
Ah!
Também é bom ter os pés na terra!

Coro de vozes – Cassilda pousou na terra
E que viu?

Cassilda – Raimunda!
Esta clareira é a mesma!
É Raimunda quem está ali sentada,
Na mesma pedra,
Guardando as mesmas patas
Raimunda!
Não me ouve...
Raimunda!

Coro de vozes – Cassilda começa a tremer.
Aproxima-te, Cassilda
Cassilda – Porque não me ouves, Raimunda?
Coro de vozes – E pé... ante... pé...
Pé ante pé...
Corifeu – Cassilda aproximou-se.
Cassilda – Ah, Raimunda não cresceu.
Está tal e qual como em criança.
E as patas não se movem...

Pequena pausa.

Corifeu – Cassilda vai-lhe tocar
Coro de vozes – Coragem, Cassilda!
Corifeu – Cassilda vai-lhe tocar
Coro de vozes – *(Suspense)*
Já tem a mão no ar A... a... a... gora!
Cassilda – Ai!
Coro de vozes – Que foi, Cassilda?
Cassilda – Raimunda não é viva nem é morta!
É de fogo ou é de pedra
Coro de vozes – *(Baixo e ritmado)*
É de fogo ou é de pedra...
Monstro – É uma pedra que te queima
Uma pedra que te abrasa
Coro de vozes – Raimunda, guardadora de patas
Em estátua se converteu
Monstro – Uma estátua que ficará
Para castigo teu.
Coro de vozes – Para castigo teu,
Lembrança do teu pecado
Cassilda – Ai de mim... Ai de mim...

Chora convulsivamente. Música.

Cassilda – E agora e agora...
A noite já caiu.
Só, no meio deste bosque
Tão longe o castelo de meu pai
E as árvores fazem medo...
Parece que têm mãos
E garras estendidas para me agarrar.
Como sair daqui?
Monstro – *(Irónico)*
Tu sabes voar...
Cassilda – É verdade
Já me esquecia
Que disparate o meu!
Pois claro, eu sei voar:
Vou pelo ar,
É mais simples.
Escuso de atravessar
Esses carreiros tontos.
O ar é a mais curta distância
Entre dois pontos.
Voemos portanto.
Um... dois... três...
Monstro – Voa, Cassilda.
Cassilda – Já vai!
Um, dois, três,
Coro de vozes – Voa, Cassilda, voa, Cassilda...

Gargalhadas sobre gargalhadas. Mesmo o monstro se ri. Música.

Corifeu – Até as próprias árvores se riem dela!
Cassilda – Mas eu sei voar, palavra que sei.
Neste momento não me lembro
Do que é preciso fazer.
Mas eu sei voar,
Sei que não custa nada.
Monstro – Então voa...
Cassilda – Está bem, não posso, agora sei que não posso,
Vou ficar aqui.
Monstro – Serás transformada em estátua
Junto de Raimunda guardadora de patas.
Cassilda – Para toda a vida?
Monstro – Eternamente...
Coro de vozes – (Grave e deformado)
E-ter-na-men-te.
Cassilda – (Grito)
Ai!

Música de pesadelo.

Sinais de telegrafia. Vozes de locutores misturadas com outras vozes, indicativos de programas.

Locutor – Noticiário Universal!

Rotativas.

Coro de vozes – Segundo informa
A imprensa
A rádio
A televisão

Vai contrair matrimónio
O príncipe real

Foguetes. Vivas. Vozearia.

Corifeu – El-Rei, cansado de procurar nas povoações
Alguém capaz para desposar o príncipe
Desceu aos vales, percorreu charnecas
E encontrou
No mais alto da mais inacessível montanha...
Coro de vozes – (Parentético)
Onde as núvens não chegam
E a neve é eterna...
Corifeu – ... A noiva ideal, imaculada
E logo se apressou
A celebrar esponsais
Coro de vozes – Toda a nação está em festa.

Música. Foguetes.

Locutor – (Sobre os ruídos, muito rápido) Dizem os círculos informados que esta nova decisão de El-Rei, casando o príncipe real com uma desconhecida, que provavelmente não é nobre nem está, portanto, aparentada com nenhuma casa reinante, significa uma viragem, de certo modo inesperada e com certeza brusca, das perspectivas que se abrem neste reino à monarquia.

Interrupção.

Locutora – (Dengosa) Atenção, senhores telespectadores. Interrompemos a nossa emissão para dar uma informação

importante: há exactamente um minuto o príncipe real contraiu matrimónio.

Sinos a repicar.

Locutor – El-Rei, como amplamente tem provado, é um corajoso chefe de Estado e a sua acção caracteriza-se pela realidade com que encara as situações e resolve os problemas que pesam sobre o reino.

Sobre esta fala, vozes indistintas em segundo plano. Música. Barulho de motocicletas.

1ª Voz – Menina, acorde, menina.
Cassilda – Que há?
1ª Voz – Não sabíamos onde se encontrava
O seu paizinho mandou procurá-la por toda a parte
Cassilda – Mas o que há?
Ainda é dia?
Estou aqui à beira do lago?
Então era sonho?
1ª Voz – O quê, menina?
Cassilda – O que me aconteceu.
1ª Voz – Menina,
E vosso pai manda dizer
Que El-Rei telefonou.
Cassilda – Os reis não costumam telefonar.
1ª Voz – Mas este telefonou
Para dizer que ainda esta tarde
Virá com o príncipe real
Que acaba de casar
Descansar algum tempo

No castelo do vosso pai.
Cassilda – Que me importa!
1ª Voz – O vosso pai ordena
Que estejais presente
À cerimónia da recepção.
Tendes ali o vosso carro.
Cassilda – Pois se meu pai ordena,
Seja. Já que outro remédio não tenho...
1ª Voz – Mas depressa, menina.
Cassilda – E além do mais tem de ser depressa.
1ª Voz – El-Rei está quase a chegar.
Cassilda – Ai de mim, lá vou,
Já que não posso ficar.

Sirenes. Motocicletas. Alarido de multidão. Marcha real.

Corifeu – A comitiva real
Vai atravessando
A ponte levadiça.
Pai – Onde está Cassilda?
Corifeu – Pergunta o pai.
Mãe – A aia a foi preparar
Corifeu – Responde a mãe.
Pai – Oh! Que luzido cortejo!
Aproximemo-nos.

Música mais forte.

Rei – É-nos muito grata
A vossa hospitalidade.
Pai – Vossa Majestade
No nosso castelo

É honra soberana.
Rei – (Divertido)
Mais soberana te fora
Como sogro da tua filha.
Como vai ela
Da melancolia?
Pai – Continua, senhor,
Dia após dia.
Rei – Ah, já me esquecia,
Beijai a mão da princesa.
Pai – Senhor, com alegria!

Bela princesa, a vossa mão.

Princesa – Não ma beijareis! Não!
Coro de vozes – Ah!
Corifeu – Que foi?
Que aconteceu?
Terá sido uma *gaffe* real?
Coro de vozes – Uma *gaffe* real...
Princesa – A guardadora de patas
Não tem mão
Que dê a beijar
Ao nobre castelão.
Beijai-me a fronte, senhor,
Como a beijastes às vezes
Quando era menina.
Pai – Raimunda!
Princesa – Sim, Raimunda! *(Beijo)*.
Pai – Raimunda apareceu, Raimunda apareceu!
Perdoe-me Vossa Majestade Se perco a cabeça.
Mas Raimunda apareceu!

Raimunda apareceu!
Rei – Terá enlouquecido?
Coro de vozes – Raimunda apareceu! Raimunda apareceu!

O brado anterior prolonga-se em segundo plano até ao aparecimento de Cassilda.

Pai – Cassilda, onde estás Cassilda?
Senhor,
Toda a melancolia da minha filha
Causou-a o desaparecimento de Raimunda.
Procurei-a por todo o reino.
Rei – E fui eu que a encontrei.
No alto da alta serra
De cumes nevados.
Era a princesa da neve
Princesa da altura.
Quem no meu reino
Merecia melhor
Desposar o príncipe?
Coro de vozes – Cassilda,
Depressa Cassilda.
Corifeu – Cassilda percorre
Os longos corredores
E vem apressada.
Coro de vozes – Chegou à barbacã
Desce a escada.
Corifeu – Ver para crer.

Páram os brados em segundo plano.

Cassilda – Que vejo eu?

Raimunda!
Raimunda – (Longe) Cassilda!
Cassilda – (Calma)
Estou a sonhar outra vez
Agora um sonho agradável
Já não é como no bosque
O pesadelo da pedra ardente.
Corifeu – Cassilda corre para junto de Raimunda.
Raimunda – Cassilda!
Cassilda – Raimunda!
Ainda bem que crescemos por igual
Ainda há momentos eras pequenina
Do mesmo tamanho
De antigamente e eras de pedra
E estavas sentada à beira do regato.
Agora já és da minha altura.
Raimunda – Que alegria, Cassilda
Há tantos anos!
Cassilda – Bendito seja quem aqui te trouxe.
Rei – Fui eu.
Cassilda – Bendito seja Vossa Majestade!
Estaria liberta. Seria feliz
Se tudo o que agora passo
Fosse realidade
Coro de vozes – Se fosse realidade?!
Cassilda – Mas eu sei que é um sonho
Pois que seja sonho,
Ao menos enquanto sonho este sonho
Gozo a paz e a liberdade

Música muito longe, agradável.

Coro de vozes – Mas não é sonho
É realidade.
Corifeu – Era preciso convencê-la disso
Quem será capaz?
A pobre infeliz
– É todos nós
Para nosso bem
Ou nosso mal
Não sabemos o que é sonho imaginado
E o que é realidade real.

Música forte, festiva.

Corifeu – Vai seguir-se a festa no castelo
Toda música e cortesia
Coro de vozes – E Cassilda?
Que será de Cassilda?
1ª Voz – Guardará a melancolia?
2ª Voz – Ou será alegre e viçosa
Como Raimunda?
Coro de vozes – A guardadora de patas,
A princesa da neve?
Monstro – Nunca saberemos.
Corifeu – Nunca saberemos.

Com eco.

Coro de vozes – Nunca saberemos... nunca saberemos... nunca...
nunca...

Gongo fraco.

1ª Voz – Quem sonha vive
2ª Voz – Vive quem sonha
Corifeu – Sonha quem vive.

Gongo. Música.

Abril de 1964

Terra Minha, Meu Destino

PERSONAGENS:

Joaquim Tremoço
José Pedro / Autor

Autor – Senhores ouvintes. Fala-vos Carlos Wallenstein. Sou actor de teatro, escritor quando me é possível e hoje autor e intérprete da peça que ides ouvir. Ouso dirigir-me directamente a vós porque a linguagem deste texto precisa de ir sendo explicada e também porque sou açoreano. Se o não fosse, não poderia com a sinceridade com que o faço, escrever este diálogo pungente nem talvez interpretá-lo, no que sou comparsa dum colega actor, açoreano como eu, Luís Horta, que aqui está a meu lado. É regra clássica na interpretação de textos dramáticos que os intérpretes façam ignorar as suas personalidades, para que vingue a pura personagem com quem se dá o caso. Vamos hoje abrir uma excepção e levantar o véu do artifício habitual. Eu serei o José Pedro desta história. Para isso, terei de falar como falam os habitantes da ilha de S. Miguel, dos Açores. O Luís Horta falará da mesma maneira e será o Joaquim Tremoço

Autor – Luís.

Luís – É'me o que é que tu queres?

Autor – O Luís já entrou no tom.

Luís – É'me, diz lá que eu estou danado para saltar para dentro da embarcação

Autor – Não compreenderam completamente? O Luís disse: É'me, quer dizer: Ó homem, diz lá, que eu estou danado para saltar para dentro da embarcação. Como vêem, é fácil de compreender. O que precisa de ser explicado é a que embarcação a que o Luís se refere. Mas isso *é* um pormenor

desta história e também da História do último conflito internacional. Os açoreanos, como em geral os ilhéus, têm no sangue o desejo de emigrar, de ir buscar a longes terras a fortuna que o solo da ilha, naturalmente limitado, não lhes pode dar. Joaquim Tremoço e José Pedro eram naturais da mesma aldeia e tinham conseguido, depois de muitas dificuldades, o necessário para emigrar. Isto passou-se na altura em que a América declarou a guerra à Alemanha e foi-lhes oficialmente comunicado que por isso não poderiam seguir. Os homens já tinham tudo preparado; tinham sobretudo transformado intimamente a esperança de partir em realidade e começaram a dar voltas aos miolos para arranjarem uma solução para a sua desdita. O diálogo seguinte passa-se num dia de sol, no adro da igreja. Estão os dois sentados nos degraus. Corisco, uma palavra que repetirão, é um adjectivo que quer dizer malvado e usa-se como imprecação com o sentido de caramba! ou c' os diabos!

Joaquim – Corisca de vida! Um homem já tinha tudo dentro dos baús e vai a raieira da guerra botar tudo pela água abaixo.

José – Coisas dos alimões. Aquilo é gente ruim. Meu pai esteve na outra guerra e fartou-se de matar neles!

Joaquim – Quais alimões! Na tenda do Jirome ontem à noute o sô padre esteve e ler nos papéis. Os alimões estavam lá na sua vida, a guerrear com os franceses, vai se não quando os americanos declaram-lhes a guerra.

José – Ora, homem..

Joaquim – Claro que tu e eu não somos culpados. Mas também ficamos com o prejuízo.

José – Pois é levar. Olha, foi Deus que não quis.

Joaquim – Deus? Pois Deus não havia de querer uma coisa que era boa para a gente?

José – Ó Joaquim, tenho estado a pensar… E se foi mesmo Deus que não quis por causa da guerra?

Joaquim – O que é que a gente tem com a guerra, home?

José – É'me, a gente estava lá e de repente vinha uma bomba dessas botadas dos aviões e pumba!, adeus que te foste, tu e mais eu...

Joaquim – Se calhar... *(Pausa).* Mas não, Zé Pedro.

José – Qual não?

Joaquim – Tu vês, lá isso, vês. Mas não lobrigas!

José – Oh Jaquim, então tu dizes que eu não lobrigo, home?

Joaquim – É'me, se a gente estivesse lá, a guerra até era boa para a gente.

José – Era boa?

Joaquim – Então não era, homem! Lá servir o rei a gente não servia que somos portugueses e os americanos é que têm obrigação. Quantos mais americanos fossem, melhor para a gente.

José – Mas porquê, Jaquim?

Joaquim – Home, então não percebeste?

José – Não.

Joaquim – Quantos mais homens forem para a tropa, menos ficam para trabalhar. Para trabalhar estava lá a gente e então é que era um tal ganhar a maçaroca.

José – Eh corisco! Tu tens mesmo uma cabeça fina!

Joaquim – É uma raiva um homem ficar aqui e aquilo lá tão bom para a gente. É'me, tu não estás sentindo um frenesim por ti arriba?

José – Estou, então não estou!?

Joaquim – E agora, que é que um homem fica aqui fazendo? Trabalhar de sacho no amanho das terras? Sim, está bem. Mas eu pedi dinheiro ao sr. Morgado das Feteiras para os papéis. Como é que eu lhe pago a maçaroca? Dois contos de reis para

pagar em dólares é facilíssimo; mas pagá-los em dias de trabalho, quando é que um homem acaba?

José – E eu que vendi o serrado da Horta...

Joaquim – É'me é um desamanho! E os outros até já fazem escárnio da gente. É'me, eu não fico, tenho de ir! Nem que seja preciso fazer pata com o dianho!

José – *(Rindo)* Olha, olha, olha para ele! E como é que tu vais se eles não te deixam?

Autor – O Joaquim Tremoço vai já responder à pergunta do José Pedro. Os dois emigrantes frustrados lamentaram a declaração de guerra dos americanos aos alemães que os impediu de partir. Joaquim Tremoço tem, mais do que o seu amigo, o sentido das oportunidades e percebe que, se os homens americanos têm de se alistar no exército, o trabalho dos que ficam será valorizado. Se de qualquer maneira lhe custa resignar-se a ficar, com esta perspectiva de abundância a sua raiva é maior e declara que não fica, nem que para isso tenha de fazer um pacto com o diabo. José Pedro riu-se e perguntou-lhe como é que ele partirá, se o não deixam embarcar. Joaquim Tremoço vai responder:

Joaquim – Ó Zé Pedro, a gente somos um com o outro como unha com carne e eu não quero fazer nada sem te dar conta.

José – Agradecido, ó Jaquim.

Joaquim – Oh home, amigos, como amigos! Pois, homem! Tenho estado com uma corisca duma ideia a varar-me o juízo...

José – Home, vá lá...

Joaquim – E se a gente, assim como quem não quer a coisa, saltasse para dentro dum desses barcos que vão para a América? Ein?

José – Oh alma do corisco! Pois então...

Joaquim – O que é? Não te serve?

José – Sei lá... Eu estou zaranza! Saltar para um navio? Mas a donde?

Joaquim – Na doca da cidade. O navio está amarrado à doca. Na noite antes dele partir, a gente corta as voltas ao marinheiro da guarda, trepa até lá em riba, onde estão as baleeiras e esconde-se dentro duma.

José – É'me e se nós somos apanhados, o que é que eles fazem da gente?

Joaquim – Ora, homem... E se a gente não somos apanhados, ein? Ó Zé, quem é que nos apanha a fugir por aquela América dentro? Ein? Ó Zé!...

José – (Pausa longa) O que é que a gente diz às mulheres?

Joaquim – A gente às mulheres não diz isso, que se não elas badalam e daqui a duas semanas toda a gente sabe na roda da ilha. A gente diz-lhes assim: "Pois, é mulher, tenho que ir trabalhar numa estrada que o sr. Governo está fazendo lá para os lados do Nordeste. Prepara-me aí uma cesta com a roupa e pão, pão bastante, mulher". Ein? Que tal achas, ó Zé?

José – É'me, tu és mesmo uma cabeça fina!

Autor – Emigrantes clandestinos! O plano de Joaquim Tremoço, saltar para um navio que estivesse atracado à doca de Ponta Delgada e que saísse rumo à América, e esconderem-se dentro duma baleeira, foi aceite pelo companheiro. Não contaram a verdade às mulheres porque elas, Joaquim bem as conhece, dariam inevitavelmente com a língua nos dentes e dentro de pouco toda a ilha saberia. Era preciso esperar o barco necessário. Passaram-se uns dias.

Separador.

Os dois clandestinos foram bem sucedidos. Saltaram para dentro da baleeira. Era noite e ninguém os viu. Conseguiram saber que as

baleeiras estão regularmente prevenidas com caixas duma bolacha especial muito alimentícia e aproveitando o ruído dos guinchos quando o barco acabava de carregar, com todas as precauções arrombaram as caixas da bolacha, pois os farnéis que levavam dentro duma cesta não chegariam para os oitos dias de viagem. Muniram-se também de dois garrafões de água. Era pouca, mas os tempos em tudo aconselhava economia. Quando o barco levantou ferro, Joaquim não resistiu a deitar os olhos de fora e viu Ponta Delgada perder-se ao longe, um burgo branco, um lençol estendido sobre a terra escura da ilha. À beira-mar a torre da igreja matriz, com o seu relógio de quatro faces, como olhos abertos aos quatro pontos cardeais, a espreitar a terra pequenina e o mar sem fim. Os dois clandestinos, cheios de medo de serem apanhados, continuaram no entanto a ter sorte. Até ao segundo dia de viagem, nada aconteceu de anormal. Ouviam-se os ruídos de bordo, passos no convés, as badaladas do sino da ponte de comando, os apitos da telegrafia. Habituaram-se e a pouco e pouco começaram a convencer-se de que chegariam ao seu destino, protegidos por qualquer força favorável. Porém, na noite do segundo dia…

Ouvem-se as badaladas da sineta na ponte de comando.

Joaquim – Lá está aquele maldito sino! Olha, o Chico Sacristão é que havia de gostar dum emprego a bordo dum vapor.

José – Para quê?

Joaquim – Não há igreja nenhuma que toque o sino tantas vezes por dia como estes aqui.

José – *São* sinais.

Joaquim – Sinais de sino?!

José – *É* para não descerem e subirem todo o santíssimo dia aquelas grandes escadarias. Toca o sino dlim, dlim, quer dizer isto; toca o sino dlim, dlim, dlim, quer dizer aquilo; toca o sino dlim, dlim, dlão, quer dizer outra coisa. Já percebeste?

Joaquim – *(Desconfiado)* Hum... eles lá sabem. O raio do vapor lá vai por esse mar adiante como um lindo, sempre ram-ram-ram... *(Pausa).* Queres uma pinga de água?

José – Não.

Joaquim – Pois eu com este rocio que vem do mar, tenho a boca salgada. Não vai uma pinga?

José – Não, é preciso poupá-la.

Joaquim – Inda está quente do sol, esta maldita. *(Bebe. Pausa).* Ó Zé!

José – Que é ?

Joaquim – Isto é que é um sofrimento! Aqui escondidos como ladrões, com medo de eles não toparem a gente. E de dia o sol racha as pedras e de noite é frio. Ein?

José – Pois vamos com Deus. Eu, de estar deitado, já me sinto partido pelos rins. Preferia mil vezes estar nesta hora a dormir ao lado da minha Cesaltina.

Joaquim – Eh, corisco, não querias mais nada?

José – Era tão bom.... Aquilo é que é uma mulher!

Joaquim – E a minha? E os pequenos? É'me, queres que eu te diga uma coisa?

José – Vai lá, diz.

Joaquim – Sinto cá dentro uma coisa a arranhar-me dentro do peito que só visto. Isto de ir para a América é bom, um homem passou toda a vida sem pensar noutra coisa, mas quando a gente se acha num vapor tão pequeno no meio desta mar tão grande, ein? *(Pausa).* Ó Zé!

José – Ein?

Joaquim – Home, o que é que tens? Estás embaraçado com um nó na garganta? Que foi?

José – Não é nada. São alembranças...

Joaquim – De quê?

José – É'me, cala-te prái...

Joaquim – Corisca coisa esta! Que mil demónios me levem para as profundas dos infernos se os primeiros dólares que eu ganhar não forem para mandar vir a Tereza.

José – E eu a Cesaltina. Eu, sem ela, não sou ninguém.

Joaquim – Pois eu quero lá uma *farm* que fique ao pé da estrada, num lugar onde passe uma ribeira de água limpa, para eu ter as minhas vacas e as minhas ovelhas e tirar-lhes o leite e tirar-lhes a lã. E quero os pequenos na escola que é para saberem ler e escrever e não serem burros como eu.

José – *(Pausa)* Ó Jaquim!

Joaquim – Que é ?

José – Tenho medo...

Joaquim – Um corisco te abrase! Tens medo de ir aqui?

José – Não. Tenho medo de chegar lá. Aquilo é muito estranho. É muito grande, com grandes casas, como picos, e depois aquela raieira daquela gente fala dum modo que só o dianho a entende.

Joaquim – A sua fala não me apoquenta. Se eles não entendem as palavras, fala-se de mãos. Isto quer dizer beber, isto quer dizer comer, isto quer dizer dinheiro...

José – A gente chega. E o que é que faz?

Joaquim – Desembarca.

José – E ao depois?

Joaquim – Depois deita a fugir por aquelas ruas adiante que é uma beleza para só parar onde não houver perigo.

José – E onde é que não há perigo?

Joaquim – Sei lá... Homem, a gente chega e depois é que há-de ver. *(Pausa)* Mas agora o melhor é não matutar mais nisso.

José – Começo a pensar que foi asneira.

Joaquim – O quê?

José – *A* gente vir nestas condições.

Joaquim – Está feito, está feito. Ih Jesus! Então que corisco és tu? És homem ou és mulher? É'me, tu não julgues que eu vou andar contigo ao colo por aquela América adiante. Tu desenrasca-te. Não quiseste vir de livre vontade? Pois então desenrasca-te.

O sino da ponte toca freneticamente sinais aflitivos de telegrafia. Os motores do barco trabalham com mais força. Ouvem-se vozes distantes de altofalantes. Silvos prolongados.

José – Oh Senhor Santo Cristo que estás no céu... Que foi isto?

Joaquim – Homem, não há-de ser a morte, com mil demónios! Espera…

Os ruídos continuam.

Joaquim – Uma lancha. Estás ouvindo? Uma lancha em alto mar. Que raio de coisa foi?

José – Eu não aguento, eu vou ver.

Joaquim – Eh corisco, não botes a cabeça de fora! Para baixo, Zé, para baixo!

José – Não posso, não posso mais! Se me apanharem, pronto. Mas tenho medo... A gente vai mas é morrer todos...

Joaquim – Ó Zé! Se tu levantas o rabo dessas tábuas, eu pego naquele remo e prego-te com ele na cabeça com tanta força que tu vais mas é para os anjinhos.

José – Se calhar é algum navio dos alemães, como este vapor vai para a América... Eu vou mas é ver.

Ouve-se o ruído dum corpo a cair.

Joaquim – Querias deitar tudo a perder? *(Pausa).* Zé! Eh dianho! Eh Zé! Oi! Zé! Ó home, então! Não dás acordo a ti? Ó vida do dianho! Eu terei morto esta alma penada? Zé! *(Pausa).* Não se arrebita, o corisco! Não me faltava mais nada! Não me faltava senão ter morto o Zé Pedro, um amigo de cá de dentro com a pancada dum remo, aqui, sozinho, no meio deste mar, dentro desta embarcação de seiscentos mil coriscos!

Música. Separador

Autor – Pouco tempo depois os estranhos ruídos cessaram. Joaquim Tremoço, no entanto, continuava com. receio de ter morto o companheiro e já não se lembrava de interpretar os acontecimentos que tanto o surpreenderam. José Pedro, porém, acordou do desmaio algum tempo depois, contuso na cabeça. A pancada fora violenta. Joaquim lavou-lhe a ferida, no que gastou mais água do que seria desejável e amarrou-lhe a cabeça com um lenço. Entretanto, o navio continuava a navegar sobre um mar calmo. Dois dias depois…

Apito de barco.

José – Olha, apitou, o vapor.

Outro apito.

Joaquim – *(Pausa).* Estamos no meio da viagem. Já se passaram quatro dias. Mais quatro e lá estaremos.

José – É'me e se a água falta à gente?

Joaquim – Quatro dias um homem aguenta, mesmo que ela se acabasse.

José – Gastou-se muita para me lavar a cabeça.

Joaquim – Aquilo é que foi um corisco. Foi com a quina deste remo. Apanhaste para tabaco.

José – É'me, fizeste bem. Não julgues que estou ofendido contigo. Eu é que estava a sentir uma coisa cá dentro que não podia estar quieto, tinha que trepar para ir de vez.

Joaquim – Querias mas era entregar-te a eles. Não, eu quero chegar à América a pensar na mulher e nos pequenos. Mas agora... cada hora que passa e este corisco deste navio está mais chegado às terras da América, sinto subir por mim arriba um desejo de balhar. Ein, ó Zé!

José – Daqui a quatro dias...

Joaquim – É'me e tu não te animas?

José – Então não me animo?... O que eu estou é a modos que azamboado com o buraco que tenho na cabeça.

Joaquim – Qual buraco, homem! Com este ar da maresia, chegas lá com isso mais fechado que o buraco duma agulha. Tu sabes o que é que falta aqui, ó Zé Pedro?

José – Não.

Joaquim – *É* uma pinga de vinho de cheiro que é para a gente bebermos à saúde da América. Mas a gente bebemos à mesma. Faz-se conta que aqui está o copo, ó Zé! Está bem? Homem, que raio é que tu tens?

José – Tenho a modos que um pressentimento.

Joaquim – Ó alma agoureira! Que pressentimento?

José – E'me, não sei. Naquela noite em que me ferraste a bordoada...

Joaquim – Deixa lá isso. Então sou eu que te tenho de dar injecções de alento? Então tu vieste para aqui para me consumir, para estares sempre a ver o demónio plantado à nossa frente para arrebentar com a gente?

José – Home, eu sei...

Apito de barco.

Joaquim – Olha, outro apito.

José – *Que* será?

Outro apito.

Joaquim – *(Pausa).* Os vapores quando passam uns pelos outros apitam no alto mar.

José – Mas para que raio é que apitam?

Joaquim – Sei lá... apitam...

José – Quem disse?

Joaquim – O Chico da Aurora.

José – Como é que ele sabe?

Joaquim – Homem, então onde é que ele serviu o rei?

José – Não sei.

Joaquim – Então não foi na Marinha, a bordo duma corveta?

José – Ah foi? Não sabia.

Joaquim – Pois foi. Teve sorte, correu o mundo de ponta a ponta e sem mochila sobre os ombros. Foi ele que me disse que nestas embarcações de salvamento existe a caixa de bolacha.

José – Anh...

Joaquim – Se não fosse esta bolacha o que é que a gente havia de comer até à América? Mais quatro dias ! Os farnéis que trouxemos não davam para nada...

José – É verdade.

Joaquim – Estas coriscas destas bolachas sabem a couve podre. Mas enfim, sempre temos qualquer coisa para rilhar...

Pausa.

José – Ó Jaquim Tremoço...
Joaquim – Que é ?
José – Home, este navio...
Joaquim – Que raio será com mil demónios?
José – Está parado...
Joaquim – Já não se ouvem as máquinas trabalhar.

Barulho prolongado de engrenagem. Apito.

Joaquim – Olha, olha, tornou a apitar...
José – É verdade...
Joaquim – Olha, olha... Ouviste, Zé?
José – Ouvi.
Joaquim – Foi a âncora...
José – Não sei...
Joaquim – Foi mesmo. O corisco do navio pegou-lhe um fogo, andou como um raieiro por esse mar adiante. Ó Zé! *(Com muita alegria).* Ó Zé! Home!
José – Que é?
Joaquim – Já chegámos à América, homem! Olha, não estás ouvindo gente a falar?
José – *(Pausa).* Ó Jaquim...
Joaquim – Ein?
José – Agora é que é preciso ir ver.
Joaquim – O quê?
José – Onde é que a gente estamos.
Joaquim – Não será melhor a gente esperar pela noite?

José – De noite não se vê coisíssima nenhuma.
Joaquim – Vou assubir. Com cautela...
José – Assobe. Jaquim, assobe...

Pausa.

Joaquim – Oh! Ora, homem!
José – O que é?
Joaquim – Sabes o que é que os meus olhos estão vendo?
José – Não
Joaquim – É'me, os meus olhos estão confundidos.
José – O que é?
Joaquim – Não é possível!
José – O que é, corisco?
Joaquim – É'me, assobe também, vem cá, anda depressa.
José – (Depois de gemer com esforço). Oh!... *(Pausa).* Ora... homem...
Joaquim – Tu vês o mesmo que eu vejo?
José – E a cidade.
Joaquim – Pois é... olha, olha, o relógio da matriz...
José – Mas então... Não serviu de nada a gente vir...
Joaquim – Só faltavam quatro dias para chegar à América. Ó raieira de sorte!
José – Eu não disse que foi Deus que não quis que nós fossemos?
Joaquim – Um corisco nos abrase! *(Ri-se muito).*
José – E'me, está calado que eles podem ouvir-te!
Joaquim – Então isto não é dum homem se rir, ein? América? Querias ir para a América? É o vais! Vais mas é para a tua terra que é o teu destino.
José – Eu tinha-te dito, Jaquim... *(Pausa).* E agora?
Joaquim – Agora?

José – O que é que a gente faz agora?

Joaquim – Agora... *(Com raiva).* Agora... A gente espera pela calada da noite.

José – E depois?

Joaquim – Depois a gente sai exactamente como entrou. Corta as voltas outra vez ao marinheiro da guarda e é um tal andar...

José – Para onde?

Joaquim – Para a nossa freguesia.

José – Oi! Então para que é que fomos...

Joaquim – Sabes o que é que nos vale para a gente não esconjurar a porca da vida para todo o sempre?

José – O que é?

Joaquim – *É* que tu tens a tua Cesaltina e eu tenho a minha Tereza. E esta noite... Ein, ó Zé?

José – O que é?

Joaquim – Esta noite a gente não vamos dormir salgados pelo rocio do mar nem debaixo da luz das estrelas…

Pequeno separador.

Autor – Assim fizeram. Tereza e Cesaltina viram os maridos macambúzios e estranharam. Depois desta aventura inútil e desta frustração pungente, a vida continuou como dantes. Eles nunca souberam por que razão aquele barco que devia premiar, chegando à América, a coragem dos emigrantes clandestinos, voltou ao fim de quatro dias ao porto donde tinha partido. Eu vou dizer-vos, senhores rádio-ouvintes. Por honestidade, devo avisar que esta história é verídica; e que um barco que seguia para a América foi abordado por um submarino alemão que pôs ao comandante do barco um dilema: ou voltava ao porto de Ponta Delgada ou seria imediatamente torpedeado. História cruel da guerra mais

cruel da História! O comandante mandou regressar e nunca soube que assim desfez os sonhos arrojados de dois emigrantes clandestinos.

Música

O Barco Louco

Peça radiofónica em 1 Acto

PERSONAGENS:

Ulisses
Companheiro
Barco
Anjo
Mãe
Ondina
Comandante
Oficial

Música envolvente, um pouco alucinante.

Barco – (Muito lento)
Entre montanhas de maresia
E o espanto da escuridão
E as estrelas que são sóis
E astros mortos, impávidos

Entre todas as alucinações transcontinentais
E gelos
E derrocadas polares
Sobre florestas sub-oceânicas
Corais e jaspes marinhos
E flores sideradas...

Pára a música.

Barco – Fui eu o Barco louco!

A mesma música. A fala a seguir deve ser proferida um pouco depois da música ter recomeçado.

Barco – (Com eco) Eu, barco louco!

A música continua ainda um tempo. Acaba (Não há que temer a lentidão aparente: se o seu "tempo" for encontrado e os valores radiofónicos precisos e eficientes, a sua lentidão será uma característica e não um defeito).

Música muito calma.

Barco – (Murmurando, como quem pensa)
Errante, há milénios errante,
universal conhecedor
da contradição:
vastidão terrestre - imensidão aquática,
possesso do poema das águas,
não sei que anjo
ou que demónio
ou que criatura
me devora as côncavas entranhas de ansiedade,
me não diz em que próximas ou distantes
águas devo permanecer.
Se aqui jazo em paz
logo me apetece a distante carícia
dum rio, dum lago, dum oceano
no outro cabo do mundo
E não posso ficar - devoram-me a ânsia
e parto.
E tendo recebido a carícia apetecida
outra, talvez das gélidas

inquietantes regiões glaciares
me apresso a buscar
e erro
Que anjo
ou que demónio
fabricou meu destino errante?

Música muito suave. Um som longo repercutido, para a aparição do Anjo. O Anjo não é meigo nem doce. É categórico. A sua voz é metálica (cortar os graves) e as suas inflexões impiedosamente definidas.

Anjo – Manda a espada de que sou detentor
E a voz que me foi dada
E o espírito, imanente no que foi criado,
E o meu poder na luz e na escuridão
Que o barco, a nave,
o que voga sobre as líquidas superfícies
exista e não pare
e seja sobre as águas eterno,
enquanto for eterna a humana ansiedade
e a humana força de tudo desvendar.

Pausa. Nesta pausa um distante som metálico (electrónico).

Anjo – E que um barco
o Barco por excelência
exista
e erre
e viva possesso
e se transforme
e seja vítima de todas as cintilações aquáticas

e sobreviva às gerações
e seja escravo do Anjo
e dos homens
e de si próprio

E será côncavo
como todos os barcos que dele derivam
E que a matéria que envolve esse côncavo
seja qualquer
e que flutue

Cresce a música. Tema do Anjo, que fala em primeiro plano. Ambiente irreal. A música liga com os ruídos dum barco a vogar serenamente. A música cresce.

Companheiro – Capitão, a presa foi boa! Aí está, ao fundo da nau, em fardos bem atados. Grande será o seu valor, quando voltarmos a casa e a expusermos, na praça, para que todos a vejam.

Ulisses – Se chegarmos.

Companheiro – Se chegarmos? Qual é a dúvida? Aquela maldita guerra parecia nunca mais acabar. Dez anos de lutas, emboscadas e esperas. Quando vi Tróia a arder e o cavalo que inventaste já feito em chamas e as naus prontas para partirmos, deitei a correr descendo pela colina e daí para cá só vi na minha frente a nossa cidade e apenas dentro do peito o desejo de chegar à minha casa.

Ulisses – Está longe a nossa cidade, Companheiro.

Companheiro – Longe? Ora, o vento sopra de feição. Uma semana mais e lá estaremos.

Ulisses – A quilha desta côncava nau não busca a nossa casa.

Companheiro – Para onde a diriges, então?

Ulisses – Não sei. Mas Tróia foi vencida. Agaménon certamente, coberto de glória, estará já nos braços da esposa, ouvindo os gritos da multidão ébria pela vitória. Pois que seja coroado de loiros e sobre eles repouse entre o luxo dos seus coxins. Para mim, a quem os deuses deram o nome de Ulisses, vencida Tróia, o mundo não foi vencido. Tróia, ainda fumegante, é um incêndio que a Grécia vê ateado, do lado donde o sol nasce, iluminando, de noite, o céu da sua ambição. Mas na treva que encobre o céu no lado onde o sol se esconde, que incêndio grego foi ateado? Nenhum. E para o Ocidente é o mar. E além do mar, que existe para Ocidente.

Companheiro – Ulisses, deram-te os deuses a voz divina. Não o desejava, mas depois de te ouvir já os meus olhos não vêem a minha casa e a nossa cidade, mas a vastidão dessas águas. Para onde iremos?

Ulisses – Para onde o vento nos arrastar, enfunando as velas. Deram-nos os deuses as côncavas naus, para quê? E em todo o caso, não sei ao certo o que desejo. Talvez... ouvir o canto das sereias.

Tema do Anjo.

Companheiro – Capitão! Que nos acontece, Capitão? Cega-me esta luz! *(Num grito)* Ulisses! A tua ambição vai matar-nos a todos.

Ulisses – Sossega, homem. Nada pior do que a morte nos acontecerá.

Anjo – (Muito doce) Ulisses! Ulisses!

Ulisses – Quem és tu? O esplendor que irradias faz acreditar que não tens matéria corpórea, e que de luz és feito.

Anjo – Chamo-me Circe, a que te protege.

Ulisses – Porque me visita a tua divindade?

Anjo – És homem e também és deus. Venho anunciar-te o canto das sereias.

Ulisses – Elas existem?

Anjo – Encontrarás as sereias, que encantam todos os homens que se aproximam delas. Aquele que sem saber se avizinhar e lhes ouvir a voz, esse não voltará a casa, nem a mulher e os inocentes filhos o rodearão, alegres. Será encantado pelo sonoro canto das sereias, que estão assentadas num prado, tendo em volta um monte de ossos em putrefacção, cujas peles vão desaparecendo. Passa-lhes de largo, Ulisses!

Ulisses – Como é doce a tua voz! Como na tua divina presença o tempo parece que não passa e não nos esperam trabalhos e nada nos fica para fazer! Apesar disso, deusa, hei-de ouvir o canto das sereias.

Anjo – Ulisses, o desobediente, desobedece também, aos deuses?

Ulisses – (Calmo) Sim.

Anjo – Os deuses podem destruir-te, facilmente, levantando uma tempestade.

Ulisses – Existe na terra um homem de quem os deuses precisam.

Anjo – Para quê?

Ulisses – Para continuarem a existir. Se esse homem não for eu, outro será. Mas se esse homem for eu, divina Circe, sei que chegarei ao fim nesta ligeira nave. Virão as tempestades rugidoras, as acalmias desesperantes, os deuses no Olimpo discutirão, depondo a sua força num ou noutro prato da balança que decide da minha vida ou da minha morte. Não me compete a mim decidir se vivo ou se morro. É negócio dos deuses. Sei apenas que desejo ouvir o canto das sereias.

Anjo – Se assim te obstinas, farás o que te vou dizer: quando ouvires um cântico desconhecido, ordena aos teus companheiros que te prendam contra os mastros da ligeira nave, atando-te de pés e mãos, para que te possas deleitar

ouvindo o canto das sereias. Ordena-lhes que tapem os ouvidos com cera amolecida. E se pedires aos companheiros que te soltem, então que eles te atem ainda com mais cordas.

Começa a ouvir-se o tema do Anjo.

Ulisses – E viverei?
Anjo – Viverás.
Ulisses – Ah! Os deuses precisam de mim.

Sobe o tema do Anjo. Acaba o tema do Anjo. Funde com tempestade, ventania, gritos indistintos dos marinheiros.

Barco – (Sobre os ruídos)
Ligeira nau sobre o capricho das ondas,
Ulisses, fecundo em recursos,
tinha sobre o meu dorso os pés plantados.
E o balancear impiedoso, multi-direccional
Mal o movia na sua estatura desmedida,
Sólido, frente à maresia e à cólera do céu.
Caíam os raios com estampidos de prata
E o negrume da noite rasgado pela sinistra claridade
E a noite passou.

Cessam lentamente os ruídos de tempestade.

Barco – E quando a aurora de róseos dedos
levantou no horizonte as unhas resplandecentes,
apenas uma onda e outra onda, suave ressaca,
me agitava molemente,
como à brisa um ramo de árvore.
Não se ergueram as velas. Para quê?

Inúteis as minhas asas naquela grande desolação marítima
Que nem a brisa quebrava.
Os companheiros, mortos da fadiga
dormiam, contra a amurada,
sem terem sequer força para contar
quantos foram tragados pela fúria dos deuses.
E Ulisses velava, de pé, na dorna do cordame.
E meditava. E olhava o horizonte.
E eu, barco essencial,
Sobre a cintilação matutina do grande mar,
Sob o peso dos seus pensamentos
Estremecia
Como se acabasse de nascer e tivesse nascido
do misterioso
claro
sentido
pensamento de Ulisses.
E nesse dia, à tardinha,
vogando sobre um mar pastoso
- os companheiros haviam acordado
e haviam comido
e as velas, asas minhas,
foram abertas à brisa levantina -,
ao longe... muito ao longe...

Começa a ouvir-se o canto das sereias.

Ulisses – Depressa! Que me atem ao grande mastro!
Companheiro – Capitão, não será temeridade?
Ulisses – Que me atem ao grande mastro! E tapem os ouvidos de melíflua cera!
Barco – Era o canto das sereias!

Cresce o canto das sereias.

Ulisses – Desatem-me! Desatem-me! As sereias chamam por mim!

Barco – Vergava o mastro grande aos ímpetos do corpo de Ulisses que se atirava à frente
Mas os companheiros, tapados os ouvidos,
não ouviram a voz do capitão.

Prolonga-se o canto das sereias. Cessa.

Barco – Sobre a minha côncava carcaça,
débil carcaça perante o perigo imenso,
assim Ulisses ouviu o canto das sereias.
E viveu.
E ainda existe.
Há sobre a terra um homem de quem os deuses precisam.

Música. Pausa. Música polifónica. Funde com ruídos de multidão ao longe.

Mãe – Despacha-te, rapariga.

Filha – Para quê, mãe? Vai partir a nau para o Brasil! Olha a grande coisa! Ainda se ela levasse alguém da minha afeição... Estava bem, sempre tinha uma razão para ir ver a largada. Mas assim...

Mãe – Pois eu cá por mim, não perco nem uma. Há tão poucas coisas nesta Lisboa com que uma pessoa se distraia. Vamos.

Filha – Não vou.

Mãe – Bonito! Como vai este mundo! Com que então a sua mãe diz: A menina vem! E a menina responde: Não vou. Ein?

Filha – Que havia eu de responder? Pois se eu não quero ir...
Mãe – Abre a janela. *(Pausa)* Abres ou não abres a janela?
Filha – Já vai...
Mãe – Depressa! Quando eu mando fazeres uma coisa, é depressa, ouviste? É rapidamente, não tem espera, compreendes?
Filha – Compreendo.
Mãe – Compreendes... E não vais abrir a janela?
Filha – Pronto, já vou… *(Não se ouvem ruídos nem passos. Um tempo. Sobe o ruído da multidão)* Pronto, já está aberta.
Mãe – Custou-te muito?
Filha – O quê?
Mãe – Abrir a janela.
Filha – Não. É uma janela muito levezinha.
Mãe – Uma janela levezinha... Que peste que tu me saíste!
Filha – Há muito quem goste.
Mãe – Não te faças tola! Já olhaste ali para baixo?
Filha – Já.
Mãe – E não queres olhar outra vez?
Filha – Não.
Mãe – Oh, que raiva! Credo, rapariga! Nunca vi coisa mais melada.
Todas as mulheres são curiosas. Tu nem curiosa és!
Filha – Paciência!
Mãe – Viste aquela gente que ali está reunida?
Filha – Vi.
Mãe – Ouves os gritos que estão a dar?
Filha – Ouço.
Mãe – Ai, valha-me Santa Genoveva! O trabalho que dá falar contigo. Parece que se está a puxar uma carroça! Sabes o que está aquela gente toda a fazer ali?
Filha – Estão a dar gritos.
Mãe – Porquê?

Filha – É a partida da nau para o Brasil.
Mãe – Exactamente. E tu, ficas em casa?
Filha – Fico.
Mãe – Ai credo, como é triste ter uma filha assim, sem ânimo para nada.
Filha – Eu quero lá saber de barcos! São todos iguais... E depois esses rapazes daí são tão atrevidos... Apanham uma rapariga como eu e deitam olhares e...
Mãe – Está calada! Já chega de parvoíces! Onde está o meu xaile?
Filha – Ali.
Mãe – Dá-mo.
Filha – Desde que morreu o António levado por uma onda, no alto mar, nau para mim é coisa que nem vale dois ceitis.
Mãe – Dás-me o xaile ou não me dás o xaile?
Filha – Dou. Aqui está.
Mãe – Ficas, não ficas?
Filha – Fico.
Mãe – Pois então, fica. Ou que te leve o diabo!

Uma pausa.

Filha – Ora esta! Como estas mães de agora falam às suas filhas! Que te leve o diabo. Que não me leve o meu Francisco - é o que ela havia de me ter desejado.

Três pancadas secas.

Filha – Ai, é ele! Deixa-me fechar a janela. *(Um tempo)* Uma penteadela. Pronto. Entre. *(Um tempo)* Ah!...
Barco – Rapariga, nada temas.
Filha – Mas... o senhor é...
Barco – Não. Não sou o diabo.

Filha – Mas então...

Barco – Ninguém a bordo. Esse é agora o meu destino. Nesta padiola apanhada ao largo da Tamerânea, tecida de bambus, acolchoada de esponjas, aí repousarás. O meu convés deserto há-de animar-te e terás por minhas mãos a eternidade. Acompanhas-me de livre vontade?

Filha – Não.

Barco – Escuta. Que outro destino queres melhor? Nesta sórdida casa suja, entre as divergências dos que te rodeiam, viverás canseiras. Ofereço-te a eternidade e serás livre e as distâncias serão para nós a permanente paixão. Abandona tudo.

Filha – O senhor é o demónio que veio para me tentar! Minha mãe foi a culpada.

Barco – Não, não sou.

Filha – Então diga claramente ao que vem.

Barco – Já te disse. Levo-te comigo.

Filha – Ai meu Deus, Santíssima Virgem, acudi-me! Mas como é que acontecem coisas destas? O senhor não encontrou lá em baixo ninguém da guarda?

Barco – (Sorridente) Não, Ondina, não. Não encontrei ninguém de guarda.

Filha – Então não vale a pena eu chamar...

Barco – Não...

Filha – Ó meu Deus! Como é que vai ser isto? Pois faça o favor de se sentar.

Barco – Obrigado. Não me sento.

Filha – Francisco, o Francisco é que podia vir acudir-me.

Barco – Não é preciso, Ondina.

Filha – Nunca chega a tempo. Ai, senhor eu nunca vi rapaz mais pateta do que aquilo. Sabe o senhor? Eu combinei que ficava aqui e quando ele visse a minha mãe sair - ela tem a mania de ir ver a largada das naus, é uma doença, credo! - então ele

subia. O senhor já o viu entrar? Nem eu. E a minha mãe já saiu há uma porção de tempo.

Barco – Ondina, nada fazes na terra, Ondina. Vejo o teu destino se aqui ficasses. Não tem nada de bom para ti.

Filha – O senhor deitou-me as cartas?

Barco – Não.

Filha – Então como adivinhou o meu futuro?

Barco – Tenho esse dom. Ficava-te bem uma veste de algas. Um toucado de pérolas. Um manto tecido pelo vento...

Filha – Não quero, muito obrigada. O senhor tem um grande palavreado. Mas sabe...

Barco – Gostavas do António?

Filha – Oh... Sim... Todas as noites sonho com ele, como se estivesse vivo... Mas... o senhor conheceu-o?

Barco – Conheço-o.

Filha – O quê? Está vivo? Não me diga que toda a gente está convencida de que ele morreu levado por uma vaga no alto mar, e que afinal está vivo.

Barco – O António morreu para o mundo. Para mim está vivo.

Filha – Mas então...

Barco – Eu não pertenço ao mundo.

Filha – Credo! Então é espírito.

Barco – Todos somos espíritos e todos somos alguma coisa mais do que isso.

Filha – Lá isso é verdade. Mas espírito... quero eu dizer... aquilo depois da pessoa ter morrido... e que aparece, segundo dizem...

Barco – Não...

Filha – Não? Oh, já fico mais descansada.

Barco – *(Ri-se)* Porque ficas mais descansada?

Filha – Ora, porquê... Porque não é espírito.

Barco – Posso não ser espírito, mas ser pior do que se o fosse.

Filha – Ora, não é espírito, não é o demónio, pronto. Olhe, sabe que mais? Se a minha mãe volta da largada e o vê aqui na palestra comigo, pode levar a mal.

Barco – A nau não sairá enquanto eu aqui estiver.

Filha – Ah, o senhor é o capitão?

Barco – Sou, eu próprio, uma nau.

Filha – *(Dá uma gargalhada)* O senhor é maluco.

Barco – Sim, estou louco. É verdade, Ondina. E permaneci aqui tempo demais. Vamos, Ondina. O António espera-te.

Filha – Onde?

Barco – Onde só eu sei. Vamos.

Toda a força marítima
exalações inquietantes
azulações irresistíveis
hão-de adormecer-te
e o delírio das distâncias
e as perturbações das longas solidões
e os céus que estalam em clarões
e as ressacas e as correntes
e as vidradas macerações da madrugada
te tornarão possessa,
e errarás comigo,
e serás coberta de espumas
e de algas
e serás estátua sobre o convés
solitário convés latescente
do Barco Louco...
No teu leito de esponjas
Rainha sem súbditos dos sete mares.

Cresce o ruído da multidão.

Anjo – Voga mar adiante, nau desses brasis
Que o teu destino é certo
O capitão bem o conhece
E tem raras virtudes o capitão.
Nau prateada saindo a barra!
E a serra afasta-se, devagar.
Longe, entre mar e céu
a noite tomba.
É lenda... amarga...

Gajeiro do mastro real,
que vês lá tão alto?
Companheiro – Velas à vista!
Anjo – Ainda não, gajeiro.
Sinistro encontro
terás de madrugada.
Mas a noite é longa.
Espera.
O mar é sereno.

Música muito serena.

Anjo – (Primeiro plano)
Manda a espada de que sou detentor
E a voz que me foi dada
E o espírito, imanente no que fui criado,
E o meu poder na luz e na escuridão

O Anjo continua, como no princípio, e a sua voz foi passando a segundo plano tornando-se numa zoada.

Barco – (Com eco)

Abandonaram-me todas as equipagens
Abandonaram-me todas as equipagens

Música.

Barco – A nau do Brasil na minha rota! Todas as rotas são minhas, pertencem-me! Nau do Brasil onde quer que fosses ficarias na minha rota. Posso destruir-te.

Música.

Companheiro – (Num grito) Velas à vista!

Apito.

Barco – Ninguém te ouve, companheiro. Vai, vai dizer ao capitão.
Companheiro – Velas à vista! Ninguém me ouve?
Ondina – Senhor? Onde está António?
Barco – Mais longe. Mais adiante. Distante talvez um século, quando o pudermos encontrar.
Ondina – Daqui a um século, que sou eu? Morta, talvez...
Barco – O tempo não passa para nós, Ondina. Para eles, sim...
Ondina – Senhor, amanhã já não estarei a bordo. Vou deitar-me da amurada.
Barco – Morrerás. Por isso não te lançarás ao mar. Tens medo da morte.
Ondina – Prometeste-me que me tornaria imortal.
Barco – (Louco) Sim, tens razão. Preciso de fazer qualquer coisa por ti. Sim, trazer uma rapariga para este barco livre, sem comando, e nada lhe oferecer em troca, é indigna coisa para quem se preza. Vou fazer alguma coisa por ti. Vou oferecer-

te qualquer coisa... Mas o quê? Praias e mares e pérolas, tudo já é teu. Só me resta oferecer-te o poder de destruir. Esse, só nós o teremos. Ah, será bom, quando no horizonte despontar a madrugada... o paquete que faz a carreira para o Brasil nos detectar no horizonte...

Telegrafia. Barulho de máquinas. Apito de barco, prolongado. Partida. Marcha militar. Algazarra. Dois apitos de barco.

Comandante – (O mesmo que Ulisses) Senhores passageiros, vamos partir. O comandante deseja-vos uma boa viagem. Teremos bom tempo. O mar está calmo e não se avizinha qualquer tempestade. Desejo-vos que os dias que ides passar a bordo sejam alegres e felizes. Boa viagem.

Algazarra. Ruídos de maquinaria. Hélices. Tema do Anjo.

Anjo – E que seja descoberta uma nova força
E que o barco por excelência a possua antes de qualquer outro.
E seja o senhor dos mares. Barco louco, será um perigo
Tamanha força entre as tuas mãos?

Barco – Ondina, responde.

Ondina – Eu respondo: não. Sempre foi perigo o que nos acompanhou. Para quê só agora temer?

Anjo – Jamais qualquer força no mundo foi tão forte.

Ondina – Que importa? Assim, mais rápida sobre os mares buscarei António. Foi por ele que me condenei. Erro para encontrá-lo. E não o encontro.

Barco – Mais longe, talvez mais longe, Ondina, temos agora uma nova máquina. É nossa. Já havíamos descido às profundidades do mar, onde as montanhas não têm fim.

Talvez agora, com esta nova descoberta, possamos sulcar os mares doutros planetas.

Tema do Anjo.

Anjo – Um barco,
O barco por excelência
exista
e erre
e se transforme
e seja vítima de todas as cintilações aquáticas
e sobreviva às gerações
e seja escravo do Anjo
e dos homens
e de si próprio

E será côncavo
como todos os barcos que dele derivam
E que a matéria que envolve esse côncavo
seja qualquer
e que flutue

Música. Funde com música electrónica. Campainha de telefone.

Comandante – Está?
Oficial (companheiro) – O radar acaba de detectar a jusante um objecto estranho.
Comandante – Um objecto estranho? Ao nível do mar?
Oficial – Sim, Comandante. Devia ser um barco. Mas não parece. A sua forma é diferente. E resplandece durante a noite, com

uma luz esverdeada, ou melhor, prateada. Isto é, não mantém a mesma reverberação...

Comandante – (Sarcástico) Ah, é um navio furta-cores...

Oficial – Passa-se qualquer coisa nunca vista, Comandante!

Comandante – É um disco voador! *(Gargalhada)* Com franqueza, tenham juízo, deixem-me dormir!

Oficial – Comandante! Comandante! Desligou. Oh...

Começa a ouvir-se um som muito agudo que desaparece, embora se mantenha uma presença desagradável. Talvez se consiga este efeito gravando um som de frequência muito elevada que vai aumentando até deixar de poder ser ouvido, mas mantendo-se, em todo o caso, a frequência.

Oficial – Meu Deus! Aproxima-se! *(Ao telefone)* Comandante! Comandante!

Comandante – Diga!

Oficial – Peço-lhe que suba imediatamente à ponte de comando. Se não, declino a minha responsabilidade pelo que possa acontecer e abandono o meu posto.

Comandante – Vou imediatamente. *(Desliga)* Ora o que há-de ser? Beberam demais, é o que é.

Música electrónica.

Anjo – Ondina.

Ondina – É outra vez o Anjo que me chama?

Anjo – Sim. Quero que abandones o Barco.

Ondina – Morrerei.

Anjo – Sim, mas não agora. Chegarás a tua casa. Tua mãe espera-te.

Ondina – Ainda? Embora o tempo para nós não tenha passado, passou para eles. Por isso te perguntei: minha mãe ainda me espera?

Anjo – Ainda. E se abandonares o barco, antes do desastre, serás salva. Não ficarás livre da morte. Mas ficarás livre da tua actual eternidade. Que preferes?

Ondina – Abandonarei o barco. Que é preciso fazer?

Anjo – Fechar os olhos. E por meu intermédio, o que houver de acontecer, acontecerá.

Ondina – E ele? O barco?

Anjo – Esse está condenado. Prosseguirá na sua loucura. Não parará jamais. E tudo o que conquistar, será pouco para a sua ambição. E quererá sempre mais. E os mares não lhe bastarão. E desejará as estrelas. E mesmo essas lhe serão insuficientes. Já não pode parar. Mas tu, Ondina, surgirás na terra, para assombro dos mortais.

O mesmo ruído desagradável.

Comandante – Então, que há?

Oficial – O radar avariou-se, comandante. Mas o clarão do estranho objecto que se dirige para nós já aparece no horizonte.

Comandante – Ah, sim, não há-de ser nada de importância. Estes fenómenos são possíveis. Sei lá, tantas coisas podem acontecer sobre a face da terra... Em todo o caso, ligue para o telegrafista.

Oficial – Imediatamente. Um momento. *(Um tempo)* Alô! Telegrafista? Atenção ao Comandante.

Comandante – Está? Envie imediatamente um telegrama para terra: "objecto desconhecido dirige-se nossa direcção". Acrescente a posição exacta em que nos encontramos. Tudo

em emergência. Avise os barcos que se encontrarem mais próximos.

Oficial – Aproxima-se, Comandante.

Comandante – É verdade.

Oficial – Comandante, deixe-me ligar para a casa das máquinas. Ordene que o barco siga a toda a velocidade. Talvez escapemos.

Comandante – Ligue para a casa das máquinas.

Oficial – Alô? Casa das máquinas? Atenção ao comandante.

Comandante – Párem todos os motores.

Oficial – Comandante! Ele vai esmagar-nos, como se fossemos um rato!

Comandante – Desliguem todos os motores, todos os geradores eléctricos.

Oficial – Mas, Comandante.

Comandante – Se o senhor não tivesse medo, compreendia que, das duas uma: ou aquele objecto...

Oficial – Está cada vez mais perto.

Comandante – Não se comporte como uma mulher assustada. É uma ordem. Ouça. Das duas uma: ou aquele objecto nos vai destruir ou não pode fazer-nos mal. Se ele não pode fazer-nos mal, o facto de termos todos os motores e todas as fontes de energia, o radar, tudo o que neste barco for susceptível de ser detectado através de ondas espaciais, não nos prejudica grandemente. Nesse caso, esteve o barco paralisado por algum tempo. E pronto. Basta-me ordenar que tudo recomece. Se aquele barco pode fazer-nos mal e se encaminha para nós com esse fim, não temos nada a fazer. Qualquer acção seria inútil. E na verdade, se o nosso barco tiver de ser destruído...

Oficial – Já está mais perto. Revolto-me contra a sua calma. Vou avisar os passageiros.

Comandante – Não se mexa.

Oficial – A luz cega-me.

Comandante – Também a mim. Mas não me impede de falar, nem a si de ouvir. Portanto, ouça respeitosamente e até ao fim o que tenho para dizer. No caso do nosso barco dever ser destruído por aquele objecto, dizia eu, tanto nos faz que os motores e tudo o mais, estejam a trabalhar ou parados. Ou o senhor prefere morrer com os motores a trabalhar?

Oficial – É-me indiferente. Mas... vou-me embora.

Comandante – Não vai. Fica.

Oficial – Ele vem com uma velocidade vertiginosa. Está com certeza a menos duma milha.

Comandante – Tem razão. A sua velocidade é vertiginosa. É exactamente por isso que mandei desligar os motores.

Oficial – Ora essa!

Comandante – Joguei num bom número de probabilidades de ele não nos tocar. Um objecto que caminha àquela velocidade, não pode ser comandado pelos olhos humanos. Tem, certamente...

Oficial – Comandante, nós vamos morrer!

Comandante – Talvez. É o que veremos dentro de meio minuto. Ora dizia eu... Que dizia eu?

Oficial – Sei lá, Comandante.

Comandante – Não lhe levo a mal. É humano. Ah, sim. Dizia eu que um objecto que caminha àquela velocidade não é comandado pelos olhos humanos. Tem com certeza um comando electrónico que foi apontado na nossa direcção, ou melhor, na direcção dum barco com as nossas características.

Oficial – Comandante!

Comandante – *(Furioso)* Com as nossas características, ouviu?

Oficial – Ouvi, sim, meu comandante.

Comandante – Ora, um aparelho tão perfeito como aquele não deve guiar-se pela atracção dos corpos ou pela atracção

magnética. Isso são coisas velhas e que seriam a vergonha dum cientista dos nossos dias. Quer dizer, o comando electrónico daquele objecto dirigia-se para um barco em andamento e a funcionar. Pode perfeitamente acontecer que, com todos os nossos motores parados, o comando electrónico nos desconheça e continue a rota que tinha marcado entrando em linha de conta com a velocidade a que nos deslocávamos. Se tivermos de ganhar o jogo em que joguei, calculo que o objecto passa uma meia milha para além da nossa proa.

Oficial – Meu comandante... eu... eu...

Ouve-se um ruído.

Comandante – Desmaiou. Pobre rapaz.

Cresce o ruído do barco.

Comandante – Anime-se, homem. Bom, tenho de lhe dar um par de bofetadas, a ver se o reanimo.

Ouve-se ainda uma bofetada. O ruído cresce mais e vai sucessivamente desaparecendo.

Comandante – (Grito de vitória) Passou ao largo. Pode voltar a si, homem, o barco passou ao largo... Tem de levar outra bofetada.

Ouve-se outra bofetada.

Oficial – Oh, o que é que foi?

Comandante – Alô! Casa das máquinas? Levante-se, homem, não esteja praí estirado no chão que suja a farda! O barco passou

ao largo. Casa das máquinas? Ligue todos os motores. Seguimos à nossa velocidade. Alô! Manutenção? Fala o Comandante. Mandem reparar uma avaria no radar. Sim, imediatamente. Alô, alô? Telegrafista. Comunique que o perigo passou. *(Pausa)* Sim, primeiro faça esta comunicação. Depois irei aí pessoalmente fazer outras. Sim, pode acrescentar que um objecto estranho navega noroeste-sueste a uma velocidade incalculável.

Oficial – Passou ao largo.

Comandante – Passou ao largo, pois. Porquê, não acredita?

Oficial – O Comandante é um génio!

Comandante – Eu? Um génio, sim, é possível. Hoje chamam-me génio. Na antiguidade ter-me-iam chamado semi-deus.

Oficial – Semi-deus?

Comandante – Sim, questão de vocabulário, compreende? Meu caro, há cerca de 30 séculos existiu um colega meu. Sabe como se chamava?

Oficial – Não.

Comandante – Ulisses.

Oficial – Ah, já ouvi falar...

Comandante – Ulisses, fecundo em recursos. Fecundo em recursos quer dizer que tinha muito expediente. Por exemplo, mandou construir um cavalo de madeira para invadir uma cidade. É isto o que quer dizer ser fecundo em recursos. Pois bem, por essa e por outras foi considerado semi-deus. E afinal, tal qual como eu, ele não fez mais do que, em circunstâncias embaraçosas, manter a calma, raciocinar e usar a imaginação. Isso deu-lhe direito ao epíteto de fecundo em recursos e ao título de semi-deus. Hoje, a mim, chamam-me génio. Está bem, tanto me faz; mera questão de vocabulário.

Oficial – Comandante, a sua calma, a sua coragem perante o perigo fizeram com que para mim o senhor não seja um semi-deus, mas um deus completo!

Comandante – Obrigado, é gentil da sua parte. Ah, até que enfim voltou a electricidade.

Oficial – Meu comandante... comandante...

Comandante – O que é? Fale, parece que viu bicho. O que há?

Oficial – É que... é que...

Comandante – Fale. Mas então que há. Você parece que viu bicho...

Oficial – O meu comandante tinha o cabelo todo preto.

Comandante – Castanho escuro. É a cor do cabelo da minha mãe.

Oficial – O seu cabelo está todo branco.

Comandante – Você endoideceu. Como é possível?!

Oficial – É verdade. Veja naquele espelho.

Comandante – Ora... Ah... Sim, tem razão. Todo branco... *(Outro tom)* Mas não é para menos, hein? Sim, uma bisarma daquelas a vir para cima de nós...

Oficial – Então a sua calma, a sua coragem.

Comandante – Mas então? Que tem isso de alarmante? O cabeleireiro das senhoras abre às dez horas, não é verdade? Às dez horas e um quarto, mercê das maravilhosas tintas do nosso Fígaro, ficarei com o cabelo da cor que dantes tinha.

Oficial – Isso é o que se chama ser fecundo em recursos.

Som electrónico anteriormente usado.

Barco – (Altifalante) Comandante... Comandante...

Comandante – Donde vem esta voz?

Oficial – Do céu.

Comandante – Tenha juízo: a voz não vem do céu, vem da garganta. Do céu vem a chuva e a luz do sol...

Barco – Comandante, não sou um objecto, sou um barco. Caminho à velocidade de mil e quinhentas milhas por segundo.
Comandante – Meu Deus!
Oficial – É ele, outra vez.
Barco – Dentro de segundos, Comandante ficarás sabendo que não és o homem de quem os deuses precisam.

Cresce o som. Abalroamento. Música do início.

Barco – (Em segundo plano, indistinto)
Entre montanhas de maresia
E o espanto da escuridão
E as estrelas que são sóis
E astros mortos, impávidos

Entre alucinações transcontinentais
e gelos
e derrocadas polares
Nas florestas transoceânicas
corais e jaspes marinhos
e flores sideradas...

Cessa a música. Tema do Anjo.

Anjo – Um barco
exista e erre...
E será côncavo
E a matéria que envolve esse côncavo
seja qualquer
e que flutue...

Enviado para "Teatro de Ensaio" E. N.
e emitido em 21 de Maio de 1964

O Teatro da Crueldade

Original radiofónico

PERSONAGENS:

Narrador
Coro dos apaniguados
1ª Voz
2ª Voz
Segismundo
Cidália
Criada
D. Marta
Albano

Narrador – Jean-Claude d'Armagnac Francy, de nacionalidade francesa, não se sabe onde nasceu. Tão pouco se conhece quem terão sido os seus pais, embora por analogia com os outros seres humanos, se admitam sérias probabilidades de os ter tido. Foi encontrado, com alguns dias de vida, por brioso polícia de Paris, que, ao transitar por uma álea do *Bois de Boulogne*, ficou seriamente intrigado ao ouvir um choro de criança.

Choro de criança.

Narrador – O brioso cívico tomou a criança nos braços, o que produziu no recém-nascido uma sensação desagradável.

Choro de criança mais forte e desesperado.

Narrador – Enquanto o levava para a sua esquadra, e apesar de todo o desvelado carinho que o polícia consagrou ao acto,

Jean-Claude d'Armagnac Francy nunca se calou. E assim continuou pela vida fora. Nunca se calou. Conforme as idades por que passava, Jean-Claude d'Armagnac Francy fazia sempre todo o barulho que podia. *(Pára o choro)* Mesmo à hora da morte, impossibilitado de produzir qualquer som por afonia e debilidade, morreu tocando uma buzina de pêra, daquelas que antigamente se usavam nos automóveis - e que ainda hoje se vêem em algumas bicicletas -, a qual, há muitos anos, tinha prudentemente guardada na gaveta da sua mesa de cabeceira, para qualquer eventualidade. *(Tom grave)* Vamos assistir à morte de Jean-Claude d'Armagnac Francy.

Ouve-se tocar, com força, uma buzina de pêra. O som vai-se extinguindo e cessa.

Narrador – (Em tom fúnebre) Assim foi a morte deste homem ilustre. Sabendo que era ilustre e tendo assistido ao seu nascimento civil e à sua morte física, resta-nos esclarecer os motivos pelos quais mereceu os encómios da imprensa, a glória mundana, a consagração pública e a inveja dos invejosos. Toda a glória da existência de Jean-Claude d'Armagnac Francy baseia-se no facto de ele ter descoberto uma nova filosofia do comportamento humano. Em vez de fazermos dos termos dessa filosofia uma exposição maçadora, preferimos contar a história na qual, embora o filósofo não se encontre fisicamente presente, estão presentes alguns dos seus apaniguados que são, ao mesmo tempo, suas vítimas. Ouçamos o Coro dos Apaniguados.

Coro – Crueldade
Violenta crueldade
Deusa celebrada
Liberdade encontrada

1ª Voz – Em místicos momentos
De lamúrias gerais
Invoco sem piedade
A deusa Crueldade
Coro – Quem há-de
Doutro modo conceber
Uma vida feliz?
1ª Voz – Se estás doente
2ª Voz – De gripe ou de congestão
1ª Voz – Se vives sob a pressão
De inquietações morais
Coro – Ou ideais
1ª Voz – Ou usuais
Coro – Isto é, se não tens tostão...
1ª Voz – E não te sai o totobola
Coro – Mata, massacra, esfola.
Mata, massacra, esfola,
Assim, com crueldade,
Te sentirás livre,
Terás conquistado
O sono sossegado
Terás a liberdade.

Música.

Narrador – A crueldade necessita de ter a sua aprendizagem. Sim, naturalmente. Se uma pessoa viveu toda uma vida eivada de preconceitos sentimentais de repente se dispõe a praticá-la, o malogro será completo. Vejamos um exemplo.

Música muito romântica. Ouve-se uma chave a entrar numa fechadura. Abre-se a porta.

Segismundo – Oh, oh, oh... Onde está o meu amor?

Cidália – O teu amor saiu para ir às compras. Oh, oh, oh...

Segismundo – Cidália, minha paixão, meu encanto... Estavas detrás da porta à espera do teu querido?

Cidália – Estava, sim, bacorinho do meu coração. Estava à espera do meu queridinho.

Segismundo – E como é que a minha pintassilga adivinhou que o seu querido ia chegar?

Cidália – Meu queridinho, Segismundo da minha alma, a minha ansiedade todo o dia, enquanto estás ausente, é tão grande, que te ouço os passos na rua, à grande distância!

Segismundo – Oh, como eu sou feliz! Como o teu queridinho ao pé do seu amor é feliz, Cidália!

Cidália – Segismundo!

Segismundo – Bendita a hora em que, há vinte anos eu resolvi casar contigo!

Cidália – Em que a sua gatinha resolveu casar com o meu pardalito...

Segismundo – Um amor um tanto delambido...

Cidália – Mas tão grande... Tão grande...

Segismundo – O que é pena é que fora de casa as coisas não me tenham corrido tão bem.

Cidália – Não faz mal, meu amor. A tua gatinha está aqui sempre para te compensar de todas as arrelias.

Segismundo – Isso já é uma grande ternurinha... Mas para a nossa vida ficar completa, era preciso que lá no estabelecimento as coisas prosperassem... e não prosperam. Aquele foi o negócio que o meu pai me deixou, bem sei: arreios e outros artigos para cavalos, caleches e todas as modalidades de carruagens. Mas com o progresso e a vitória dos automóveis, os artigos já não têm venda. Há dias descobri num armazém um lote de

peças diversas que deram entrada na véspera do nosso casamento, imagina. O lote está inteirinho, não se vendeu nem uma.

Cidália – O que é preciso é que nos amemos sempre como dois pombinhos. O resto não tem importância.

Segismundo – Tem importância, tem... Apesar do delírio em que vivo pela minha codornizinha, sem dinheiro não há conforto, nem alimentação, nem coisa nenhuma. Bem, o que estava indicado era eu mudar o ramo de negócio. Os arreios e outros artigos para cavalos e carruagens, passar para acessórios de automóveis.

Cidália – Que grande ideia, meu amor!

Segismundo – Ao fim e ao cabo é quase a mesma coisa. Sim, artigos para cavalos e carruagens eram antigamente aquilo que são hoje acessórios para automóveis.

Cidália – Então porque é que o meu amor não muda de ramo?

Segismundo – Por causa da mamã, coitadinha. O estabelecimento foi montado pelo papá. A mamã vive apenas para a saudade do seu defunto marido. Lembra-se do amor que o papá tinha ao estabelecimento. E eu sei que se se modificasse qualquer coisa, a mamã morria de desgosto. Às vezes vai lá, à loja, a pretexto de me ver. Dá-me um beijo e senta-se a um canto a olhar para tudo aquilo. Então as lágrimas correm-lhe pela cara abaixo... Coitadinha... *(Comove-se)*.

Cidália – Meu amor...

Segismundo – Não mudo de ramo porque não sou matricida, não quero assassinar a mamã que tanto amo...

Cidália – Compreendo, minha paixão, compreendo... Mas não te ponhas assim, não quero ver o meu amor arreliado.

Segismundo – *(Soluçando) Eu sei... Eu sei que devia* mudar de ramo... mas não quero matar a minha mãezinha...

Cidália – Pronto, meu amor, não chora, não? Não mata a sua mãezinha, não mata. Está bem?

Segismundo – *(Comovido)* Estás sempre de acordo comigo, minha pomba. Só Deus te pagará o bem que me fazes!

Cidália – Oh, meu amor... Então... Não te ponhas assim... Com franqueza! *(Com violência)* Às vezes és insuportável! Irra! Estou farta de te aturar! Sempre com a lágrima ao canto do olho! O que tu precisavas era de ir outra vez para a tropa.

Segismundo – Pronto, Cidália, pronto, eu contenho-me.

Cidália – O que vale é que eu sei que três ou quatro frases violentas são o bastante para fazer sossegar o meu bacorinho... Estás agora mais conformado, meu amor?

Segismundo – Estou...

Cidália – Então vamos ao jantarinho, Segismundo. Uma sopinha de legumes, um peixinho grelhado, coisas que não fazem mal ao meu amor, e que a sua querida foi pessoalmente comprar à praça.

Segismundo – Não me apetece. Se a minha querida me não levasse a mal, eu ia já para a caminha e o meu amor dava-me apenas uma chavenazinha de chá.

Cidália – Oh, não queres o jantar que a tua querida arranjou com tanto carinho?

Segismundo – Se mo levas a mal, quero. Se não mo levas a mal, não o quero.

Cidália – Não to levo a mal.

Segismundo – Ah! Então vou para a cama. Não só porque estou cansado, mas porque quero começar a ler este livro.

Cidália – Compraste-o?

Segismundo – Não. Emprestaram-mo. Dizem que fazendo o que neste livro se recomenda, uma pessoa pode enriquecer facilmente, sobretudo se for comerciante.

Cidália – Ah! Mas que livro é esse?

Segismundo – O autor é... Ora deixa ver... Jean-Claude d'Armagnac Francy e o livro chama-se "Teatro da Crueldade".

Música.

Narrador – A cena seguinte passa-se uma semana depois.
Cidália – Quem é que faz anos amanhã? Quem é?
Segismundo – Sou eu, meu amor.
Cidália – Para o jantar, vou comprar um robalinho para fazer gratinado.
Segismundo – Eu prefiro galinha.
Cidália – Está bem, meu amor. Vou comprar daquelas que já vêm mortas dentro de sacos de plástico.
Segismundo – Quero que compres uma galinha viva.
Cidália – Mas se tu sabes que a galinha foi morta cá em casa ficas impressionado.
Segismundo – Desta vez, mato-a eu!
Cidália – Tu?! Tu que tens sentimentos tão delicados? E sabes matar uma galinha, meu amor? E és capaz?
Segismundo – Dantes não era. Mas desde que li o "Teatro da Crueldade", as coisas dentro de mim estão a mudar.

Separador muito breve. Cacarejar de galinha.

Criada – O senhor despacha-se ou não se despacha?
Cidália – Calma, rapariga.
Criada – Tantas exéquias para matar uma galinha!... Depois queixem-se se o jantar não estiver pronto a tempo e horas...
Cidália – Querido, meu amor, é preciso matar depressa a galinha, para meter no forninho.
Segismundo – Estou a preparar o meu espírito. Mais um momento, sim? Ora vejamos o que diz aqui o Jean-Claude. Ah, cá está.

(Lendo) "O homem veio ao mundo naturalmente caçador. Por isso, a morte dos animais que se destinam à sua alimentação deve dar-lhe prazer".

Cidália – Meu amor, já estamos à tua espera há hora e meia. Se não matas depressa a galinha, não há tempo para a assar.

Criada – Uma galinha ainda leva uma quantidade de tempo no forno. O que é que o senhor pensa? Mas porque é que o senhor não quer que eu a mate?

Cidália – Rapariga, quem lhe deu licença para fazer perguntas ao seu patrão?

Segismundo – Pensam que se mata pela primeira vez uma galinha do pé para a mão? Preciso de me imbuir das ideias do d'Armagnac, para depois executar o animal. Só deste modo encontrarei ânimo para tanto. Continuemos a leitura: "É bom, para o homem não corrompido pelo sentimentalismo, sentir entre as mãos esvair-se a temperatura do animal que matou e ver correr o seu sangue".

Cidália – Amorzinho, querido...

Segismundo – "Este é o inegável prazer que a caça proporciona. Prazer recomendável, prazer altamente edificante, se o caçador retirar do acto que praticou todas as implicações e todas as sugestões para o ser humano consciente se iniciar. Mas, cuidado, não pode ficar por aí. É preciso ir mais além e considerar que todos os actos da vida exigem e proporcionam uma porção de crueldade que nenhum ser humano pode recusar, sob pena de ficar esmagado debaixo do fácil sentimentalismo". Meu amorzinho, quando releio estas páginas, mais me convenço de que o d'Armagnac Francy é genial.

Cidália – Segismundo, meu amorzinho... Matas ou não matas?

Segismundo – Mato...

Cidália – Degolas ou puxas-lhe o pescoço?

Segismundo – *(Gemendo)* Ah... Sim... *(Decidido)* Como é que o meu amorzinho prefere?

Cidália – Ouça lá, rapariga: como é que a galinha é melhor?

Criada – Para assar é melhor puxar-lhe o pescoço.

Cidália – Se não te importas, meu querido, puxa-lhe o pescoço.

Segismundo – Está bem. Mas primeiro tenho de me preparar convenientemente.

Criada – Credo! Tudo isto para matar uma galinha... Se tivesse então de matar um cabrito!

Cidália – Rapariga, cale-se!

Criada – A senhora e o senhor que me desculpem. Mas uma pessoa não pode aguentar tanta complicação. Pois fique o senhor sabendo que o último sítio onde servi foi num colégio. Um colégio de meninas. Matavam-se porcos todos os meses. E três vezes por semana, cabritos. E a minha irmã fez serviço num restaurante que ficava numa praia. De Verão a freguesia era tanta aos fins de semana que à sexta-feira à noite era preciso preparar a comida para o sábado e domingo. Até gatos se mataram muitas vezes.

Cidália – Credo, rapariga!

Criada – A senhora diz credo? Pois não era muito pior se toda aquela gente ficasse sem comer?

Segismundo – Era a sua irmã que matava os gatos?

Criada – Às vezes...

Segismundo – E ela sabia?

Criada – Pois claro que sabia. Não custa nada. Mata-se um gato como se mata um coelho. Não tem dificuldade nenhuma.

Segismundo – Você já matou algum gato?

Criada – Muitos.

Segismundo – Oh...

Cidália – Que horror! Para quê?

Criada – Para se comerem, ora para que havia de ser...

Cidália – No colégio de meninas?

Criada – No restaurante onde servia a minha irmã. No Verão os patrões diziam à minha irmã que me levasse lá. Durante toda a semana regalava-me na praia. Mas às sextas, sábados e domingos, tinha que ajudar ao serviço.

Segismundo – E pagavam-lhe alguma coisa?

Criada – Não, senhor, dizia que o meu ganho era toda a semana a regalar-me na praia... Foi lá que aprendi a matar gatos, cozinhá-los e até apanhá-los.

Cidália – Apanhá-los?

Criada – Sim, senhor. Sobre os telhados, nos campos, em toda a parte. Às vezes, até os íamos apanhar, de noite, para terras distantes. O patrão metia-nos na furgoneta. Chegávamos a uma terra e era um tal apanhá-los!

Cidália – E comiam-se a seguir?

Criada – Não, minha senhora. O gato em liberdade é bicho de pouca carne. Metiam-se uma semana ou duas numas gaiolas que o patrão da minha irmã tinha escondidas numa quinta dos arredores. Nessa semana engordavam e depois é que se matavam. Foi desta maneira que o patrão da minha irmã ficou riquíssimo.

Cidália – E como é que se matavam os gatos?

Criada – É fácil. Tlic... Depois outra vez tlic... O gato estrebucha e pronto. Alguns ainda dão duas ou três miadelas. São os mais resistentes.

A galinha cacareja.

Criada – Está a ouvir? A própria galinha está mesmo a pedir que deitem fim aos seus dias.

Segismundo – Meu amor, a nossa serviçal é uma criatura forte. Se o d'Armagnac a tivesse conhecido...

Cidália – Rapariga, dê a galinha ao senhor.
Criada – É para já.

A galinha torna a cacarejar.

Segismundo – Vês, vês o que são os preconceitos de que nos encontramos imbuídos? Enquanto eu estou aqui a tremer para fazer esta coisa corriqueira que é matar uma galinha num dia de anos, ela mata galinhas, mata gatos, mata cabritos e depois cozinha todos esses animais com o ar mais natural deste mundo e, o que é mais, sem aspecto de ter praticado uma acção digna de atenção especial.
Criada – Cá está a galinha.
Segismundo – Deixe ver.

A galinha cacareja.

Segismundo – Muito obrigado.
Cidália – Vamos a isso, depressa.
Segismundo – E agora você, rapariga, vá-se embora daqui da cozinha. Não posso matar este animal na sua presença.
Criada – Porquê? Eu não lho levo a mal.
Cidália – Tinha mais que ver...
Segismundo – Realmente eu... Bom, rapariga, vá lá para dentro.
Criada – Para onde?
Segismundo – Não quero que me veja matar esta galinha.
Cidália – Ouviu, rapariga?
Criada – Ouvi, sim, minha senhora. Mas se eu ficasse aqui, sempre podia ajudar, no caso do senhor sofrer algum... algum... algum esvaimento.
Segismundo – Quem vai sofrer o esvaimento é a galinha, compreendeu? Ou você, se não se põe a mexer rapidamente.

Criada – Pronto, cá vou.

Passos. Bate uma porta.

Cidália – Vamos, meu amor.

Segismundo – Quem é que me mandou meter nisto e logo no dia do meu aniversário?

Cidália – Meu amor, vamos lá. Convidaste o Albano e a mulher para cá virem jantar e, se não te despachas, eles chegam e a galinha não está morta nem o jantar está pronto.

Segismundo – Vamos a isto. Como é que se faz?

Cidália – Tu é que sabes...

Segismundo – Eu?!

Cidália – Sim, tu... Bom, tens de lhe puxar o pescoço.

Segismundo – Mas como?

Cidália – Pegas-lhe nas pernas com a mão esquerda, no gargalo com a direita.

Segismundo – O Albano diz que de outra maneira é melhor. Pega-se na galinha pela cabeça e dão-se-lhe voltas no ar, de roda, até... até... até... ao falecimento, como se fosse uma matraca.

Cidália – Nunca tal vi.

Segismundo – Ah, mas é a melhor maneira, segundo diz o Albano. Com a força centrífuga provocada pelas rotações no ar, o sangue distribui-se de uma maneira que a galinha transforma-se num manjar que nem queiras saber...

Cidália – Meu amor, vá lá. Então?

Segismundo – Imediatamente. Pega-se na galinha pela cabeça... Assim... Ai, ai...

Cidália – O que foi, querido?

Segismundo – Levei uma bicada.

Cidália – Fez-te sangue, meu amor?

Segismundo – Não, parece que não. E agora, um, dois, três...

A galinha cacareja de um modo alarmante.

Segismundo – Não posso! Coitadinha... Tu achas bem que um sujeito faça isto ao pobre bicho? Que mal me fez ela, não me dirás?

Cidália – Ó filho, não é a primeira galinha que morre...

Segismundo – Para mim, é. Quando lhe dei a primeira volta, o animal ficou todo a tremer e a soltar pios aflitivos, como se me estivesse a dizer: "Salva-me, Segismundo, salva-me. Não me condenes! A vida é bela, deixa-me viva". Oh, eu não tenho coragem para cortar o fio da vida a nenhum ser.

Cidália – Ai que xoninhas... Deixa ver a galinha!

Segismundo – Toma!

Cidália – Com licença... Isto é tudo um disparate... Vossa Excelência, senhora D. Galinha, permite que lhe puxe o pescoço? Perdoe-me Vossa Excelência se a privo da vida e do convívio dos pintaínhos que virá a ter quando estiver choca, mas o meu marido faz anos e sem a carne de Vossa Excelência, não há dia de festa. Aguente-se, senhora D. Galinha, que eu vou tratar-lhe da saúde.

Segismundo – Tu vais mesmo matá-la?

Cidália – Vou.

Segismundo – Mas ainda há pouco disseste que não sabias nem eras capaz. Toda a vida te fizeste passar por uma criatura delicada, romântica, incapaz de qualquer violência. Tu mentiste-me, Cidália.

Cidália – Não, mas estou farta das tuas hesitações. Queres matar uma galinha; não matas a galinha, por medo, por... por causa da moleza em que vives.. E o pior não é apenas quando se trata de matar uma galinha. É em tudo. É devido à tua moleza que o estabelecimento não anda para diante e tu não ganhas o

bastante e já vendeste o prédio da Rua da Espada e a Quinta de Crioulas e o meu alfinete de brilhantes está empenhado. É o marasmo, o marasmo, só o marasmo... Chamas-lhe delicadeza, bondade, honestidade, honradez... Dizes que estás em desacordo com a vida moderna, com a corrida aos investimentos, com a luta pela ambição, dizes que um comerciante que obtém grandes lucros é um ladrão. Lá no fundo não pensas nada disso. Tu próprio gostarias de ter grandes lucros. Simplesmente arranjaste uma quantidade de justificações para não te incomodares, para não lutares, para viveres na tua modorra. Queres ver como se mata uma galinha?

Segismundo – Mato-a eu. Se julgas que isso que estás a dizer é verdade, eu mato a galinha para te provar o contrário. Dá-me a galinha.

Cidália – Não.

Segismundo – Dás-me ou não me dás a galinha?

Cidália – Não.

Segismundo – Olha que eu tiro-ta.

Cidália – E eu não a largo.

Segismundo – Cidália!

Cidália – Segismundo...

Segismundo – Eu vou tirar-ta à força...

Cidália – Experimenta.

Segismundo – Ah! Agarrei-a pelos pés!

Cidália – E eu não lhe largo o pescoço.

A galinha lança os ruídos da agonia.

Segismundo – Tenho mais força do que tu. Largas e largas mesmo.

Cidália – É o que vamos ver.

Segismundo – Julgas que és uma atleta?

Ruídos de luta com exclamações dos dois. A galinha estrebucha e cala-se.

Segismundo – O que foi? Que aconteceu?
Cidália – A galinha está morta.
Segismundo – Morta? Morta...
Cidália – Matámos a galinha em cooperação.
Segismundo – (Ruídos de quem vai desmaiar) Ah... Eh... Ah...
Cidália – Tu vais desmaiar... Segismundo, não desmaies... Segismundo... Segismundo... *(Queda de um corpo)* Pronto, já está.

Música.

Coro – Co-o-pe-ra-ção
Com-par-ti-ci-pa-ção
Co-la-bo-ra-ção
Pode ser o início
Da crueldade.
1ª Voz – Um galináceo
Assassinado a meias
Para fins alimentares,
Coro – Pode abrir o caminho
A actos extraordinários
A acções ímpares.
1ª Voz – A relutância
Não se vence
De susto
Coro – O mal é começar.
1ª Voz – Porém,
Havendo começado,

Nunca houve quem
Não tenha continuado.

Coro – A crueldade dá alegria
Desperta a coragem
A crueldade não é fantasia
É uma realíssima vantagem

1ª Voz – A crueldade é natural
Em cada acto
A única filosofia
É o pensamento exacto.

* * * * *

1ª Voz – Digamos entre parêntesis que não estamos de acordo com o que esta gentalha acaba de afirmar. Mas, como é visível, elas constituem o chamado Coro dos Apaniguados. O que afirmaram é a opinião deles, por isso é que são apaniguados. São muito teimosos, e nunca abdicam dos seus intuitos apologéticos. Vão continuar. Façam o favor... Não hesitem...

Coro – Por enquanto não falamos mais.

1ª Voz – Ah! Amuaram com o que eu disse? Pois ainda bem. Foi o que todos nós ganhámos.

Música.

1ª Voz – A festa de anos a que vamos assistir passa-se um ano depois daquela que teve lugar quando Segismundo e Cidália mataram os dois a mesma galinha.

D. Marta – (Muito velhinha) Que este dia, meu filho, se repita por muitos anos, para que não morras tão cedo e não faças passar a Cidália pelo desgosto que eu tive quando o teu pai morreu. Não há nada pior do que o desaparecimento de um marido que

foi todo o nosso amor, a nossa consolação e a nossa razão de existir. Quando o vemos desaparecer e os gatos-pingados levarem-no pela escada abaixo, parece que se abre dentro de nós um grande poço atravessado para um lado e para o outro de correntes de ar gelado. Se tiveres de morrer, Cidália, morre antes do Segismundo. Ouviste?

Cidália – Sim, mamã.

D. Marta – É por isso, meu filho, que neste dia do teu aniversário ergo a minha taça para que esta festa se repita por um número incontável de vezes. Tchin, tchin.

Todos juntos – Tchin, tchin...

Segismundo – Obrigado, mamã.

Albano – Muito bem, senhora D. Marta! Vossência tem o dom da palavra. Não lhe conhecia esse dote.

D. Marta – O meu marido chamava-me o seu "orador oficial". Quando ele foi presidente do grupo onomástico "Os Segismundos" eu acompanhava-o sempre e quando chegava a altura de deitar discurso, era eu quem discursava.

Albano – Pois eu também tinha um discurso preparado mas depois do brilho do discurso de vossência limito-me a erguer também a minha taça e, fazendo votos para que Segismundo, o actual Segismundo, siga os meus conselhos com toda a brevidade, limito-me a dizer: Hip! Hip! Hip!...

Todos juntos – Hurrah!

D. Marta – E que conselhos é que o senhor Albano dá ao meu filho?

Albano – É sobre uns acessórios de automóveis.

Segismundo – É segredo, é um segredo, mamã.

Albano – Coisas de comerciantes, minha senhora. Comerciantes e vizinhos.

D. Marta – Vizinhos?! Mas o estabelecimento do seu pai era para o lado das Queimadas.

Albano – Era e é. Mas eu desenvolvi o negócio, coisa que o meu pai nunca fez.

D. Marta – O seu pai não desenvolveu o estabelecimento, mas o senhor não o devia dizer.

Albano – Meu pai era muito boa pessoa. Era ou não era, senhora D. Marta?

D. Marta – Se era! O meu Segismundo tinha-o na conta de um amigo fiel e leal.

Albano – Por causa da sua bondade é que ele não desenvolveu os negócios. Meu pai tinha uma mina de ouro, que não aproveitou. Aquele quarteirão onde o Segismundo tem o estabelecimento em toda a volta era dele. Ao abrigo de um decreto sobre a habitação nas zonas comerciais da cidade, o meu pai podia ter corrido com os inquilinos. Mas nunca o quis fazer. "Coitados", dizia, "é gente pobre, não pode pagar rendas maiores". Um dia verei esse assunto". Claro, o tempo foi passando e esse dia nunca mais chegou. Eles vinham apresentar-se-lhe, com as mulheres, com as crianças ao colo: "Ai senhor fulano, não temos dinheiro para pagar a renda. Perdoe-nos por esta vez". Ou então: "O meu filho está doentinho, deixe-me pagar a renda para o mês que vem". Claro que a renda nunca mais vinha e ficava tudo por isso mesmo. Como vê, quando eu digo que o meu pai não andou com os negócios para diante, não digo que foi por desleixo ou por incapacidade. Foi por ter bom coração.

D. Marta – Ah, assim está bem. Quer dizer que reconhece os bons sentimentos do seu próprio pai...

Albano – Reconheço, sim, minha senhora. Mas por excessiva bondade ou por desleixo, o resultado foi o mesmo. Herdei do meu pai uma situação periclitante à qual me apressei a pôr cobro. Só lhe digo isto: daqui a pouco tempo, todo o quarteirão estará modernizado, com as paredes pintadas, por

dentro e por fora, e ocupados todos os andares por escritórios. Os estabelecimentos que ficam nas lojas estão quase todos modernizados. Abri, eu próprio, um snack-bar, na pocilga de um vendedor de cordas e cestos de vime que pus a andar dali para fora. Aquele que ficava ao lado do vosso estabelecimento... montei, para me entreter nas horas vagas, uma camisaria e uma loja de artigos para senhora.

D. Marta – E os antigos inquilinos que o seu pai quis conservar?

Albano – Isso não é comigo, minha senhora. Eu mal os conheço. Mas tenho a certeza de que durante todo o tempo que ali estiveram a pagar uma renda mínima, tiveram muito tempo para pôr de parte o dinheiro suficiente para pagarem daqui por diante uma renda normal.

Cidália – Como eu admiro os homens que fazem progredir o mundo!

Albano – Obrigado, Cidália.

D. Marta – Cidália, ainda não te disse... O jantar estava maravilhoso.

Cidália – Obrigada, mamã. Suponho que a razão disso é que a galinha foi morta pelo Segismundo, que as mata melhor que ninguém, de uma maneira que ficam saborosíssimas.

D. Marta – Embebeda-as? *(Caminham as duas para segundo plano)*.

Cidália – Não. Mas a história é complicada, e começou precisamente há um ano. Eu vou-lha contar. O Segismundo arranjou um livro, não sei de quem é o autor.

D. Marta – Romance?

Cidália – Não... Um livro de alta filosofia e então, por causa disso...

As duas continuam a falar em segundo plano.

Albano – (Em primeiro plano) Segismundo, preciso de falar contigo.

Segismundo – Vamos para o meu escritório. O Albano e eu vamos lá para dentro tomar um whisky e fumar um charuto.

D. Marta – (Em segundo plano) Está bem, filho.

Música breve.

Albano – O assunto diz-se em quatro palavras: não posso esperar mais.

Segismundo – Nem precisas. Já tenho os contratos assinados com as fábricas de automóveis e com os fabricantes de acessórios. Dentro de três ou quatro meses...

Albano – Três ou quatro meses é muito. Não quero a minha zona comercial emporcalhada com um estabelecimento de artigos para cavalos e carruagens e com o aspecto vitoriano de ter sido construído em 1890.

Segismundo – Mas tens de esperar, até que eu queira modificá-lo. Pois fica sabendo: não serão quatro meses, serão seis ou um ano. E não te digo mais porque estás na minha própria casa.

Albano – Bravo! Que maneira de falar... Por pouco não me ameaças de me pores fora dos meus estabelecimentos e do prédio de que sou proprietário.

Segismundo – Não posso chegar a tanto. Mas se quiser posso fazer-te muito mal. E fá-lo-ei, se me convier. Estou na posse do segredo de várias ilegalidades que tu cometeste, em toda essa aventura em que andas envolvido.

Albano – Estás na posse desses segredos porque eu tos contei.

Segismundo – Teria conhecimento deles, de qualquer modo.

Albano – Como, se mais ninguém os conhece?

Segismundo – Bem, não interessa. Estou na posse deles e isso é o que importa. Portanto, o problema põe-se do seguinte modo.

Primeiro: tenho lá um velho empregado, que já era empregado do meu pai que não sabe senão de arreios de cavalos. Podia dar-lhe dois meses de ordenado e despedi-lo. Mas isso talvez me trouxesse remorsos e outras coisas desse género, que me incomodam e que eu não quero suportar. Tu tens com certeza algum trabalho para dar ao homem e se não o quiseres fazer é porque estás de má fé contra mim.

Albano – Há-de arranjar-se qualquer coisa.

Segismundo – Muito obrigado.

Albano – Não tens que agradecer. Se admito esse empregado que te pesa, é porque pretendo a todo o custo aliviar as minhas relações contigo.

Segismundo – A segunda coisa que pretendo é que feches o teu snack-bar.

Albano – O meu snack-bar?

Segismundo – Sim. Preciso de espaço para o meu negócio e o snack-bar fica ao meu lado. A solução mais viável é mudares o snack-bar para outro sítio e eu fico com aquela loja. Alugo-te ao preço actual, que eu cá sou muito honesto e muito justo.

Albano – Não quero dar-te o snack-bar.

Segismundo – Então tratarei do assunto por meios mais persuasivos.

Albano – Isto é: ficas com a loja onde está o snack-bar se pagares tu as despesas da transferência para outro sítio.

Segismundo – Pago essas despesas, mas a transferência será feita por pessoal meu.

Albano – Tinhas medo de que, se eu fizesse obras, ficasse com uma comissão? Está bem, faz tu a transferência.

Segismundo – Pronto, estamos entendidos. Para a próxima semana estará colocado um tapume que abrange o meu estabelecimento actual de artigos para cavalos e carruagens e o teu snack-bar. Quatro meses depois, inauguração.

Albano – Segismundo, tu ainda acabas mal.
Segismundo – Não, não acabo.
Albano – Então é porque tens atrás de ti grandes capitais ou interesses constituídos. Como os arranjaste?
Segismundo – Nunca o saberás. O segredo, meu caro, é a alma do negócio.

Música.

Coro – O mundo é
O teatro da crueldade.
Todo o teatro
Existe no mundo.
Por isso a crueldade
Não pode ter outro teatro.
1ª Voz – Porém
Coro – Porém
1ª Voz – Porém...
Coro – A crueldade não é
1ª Voz – Mestre de obras
Coro – Nem ambição desregrada
1ª Voz – Nem prática ilegal
Coro – É crueldade, crueldade mais nada
E deve ser exercida
Dum modo natural.

Gongo.

Narrador – Estamos no dia da inauguração do novo estabelecimento de Segismundo. O proprietário ofereceu um cocktail à imprensa que falará do acontecimento, conforme a abundância do cocktail. Ouçamos Albano a pensar.

Albano – Este Segismundo sempre me saiu um grande pirata. Enquanto tinha o estabelecimento de artigos para cavalos parecia-me um rapaz bom, inofensivo. Na verdade o que eu queria era apanhar-lhe o estabelecimento para o tomar por minha conta. E o patife não me deixou. De um momento para o outro lançou-se numa empresa deste tamanho quando, eu sei muito bem, uns meses antes tinha ido pôr no prego o broche de brilhantes da Cidália. Por detrás de tudo isto há um mistério qualquer. E eu não me ralo nada com esse mistério porque se este estabelecimento tiver movimento, eu só ganho com isso. A renda que ele me paga pelo velho estabelecimento é uma miséria. É assunto para se ver mais tarde. Mas a renda que eu lhe dei - pela parte onde eu tinha o snack-bar - é o bastante para me compensar. Enfim, isto na vida é preciso é saber esperar e andar para diante.

Narrador – Ouçamos o que pensa Cidália.

Cidália – Como o Segismundo está mudado! Cada vez que me lembro das cenas que fez para matar uma galinha... Ah, mas assim é que está bem. Não sei porquê, agora ainda gosto mais dele. Ah, mas aí vem a mamã...

Albano – (Em segundo plano a aproximar-se) Senhora D. Marta, como está vossência?

D. Marta – (Em primeiro plano) Boa tarde.

Cidália – Mamã, está boazinha? O Segismundo já tinha perguntado por si...

D. Marta – Segismundo... Onde está ele?

Cidália – Segismundo!

Várias vozes – Senhor Segismundo! Senhor Segismundo!

Segismundo – (Em terceiro plano) Quem me chama?

Cidália – A mamã está aqui.

Segismundo – Não a tinha visto entrar.

D. Marta – Não te aproximes mais, Segismundo, responde à tua mãe. Que macacada é esta que fizeste num estabelecimento tão bonito, que o teu pai fundou e onde trabalhou toda a vida?

Segismundo – Fiz um estabelecimento de venda de acessórios de automóveis.

D. Marta – Aproxima-te agora, meu filho.

Segismundo – Quer dar-me um beijo, mamã?

D. Marta – Quero dar-te duas bofetadas.

Ouvem-se duas bofetadas.

Segismundo – Mamã!

D. Marta – Isto é o que eu penso desta pouca vergonha. E agora que o meu filho perdeu a consideração por mim e agora que já não existe o motivo de orgulho que animou a vida do meu marido, vou morrer. Tragam-me um canapé ou pelo menos um *maple*. Quero morrer o mais confortavelmente possível.

Cidália – Mamã.

Segismundo – Mamã, então! Com franqueza, se a mamã morre eu passarei o resto dos meus dias atormentado pelos remorsos.

D. Marta – Morro e é já! O coração já me falta... Sinto-me muito mal... Sinto-me muito mal... Ah... Ah... Ah... Adeus, Cidália... Pobre rapariga... Pobre vítima... Adeus... Ah... *(Morre)*.

Albano – Faleceu.

Segismundo – Parece impossível. Mas... é verdade?

Albano – O coração está parado.

Segismundo – Ó querida mãe.

Albano – Logo hoje, no dia da inauguração e dentro do estabelecimento...

Segismundo – Ah... Eh... Ah...

Cidália – Tu vais desmaiar... Segismundo, não desmaies... Segismundo... Segismundo... *(Queda de um corpo)* Pronto, já está.

Música.

Janeiro de 1965

Requiem

a esperança e a recordação

DRAMA EM 4 ANDAMENTOS:

1 - Ouverture
2 - Allegro ma non troppo
3 - Andantino con variazione
4 - Da cappo, finale

PERSONAGENS:

Gabriela
Juliana
Voz

1

Voz – **Ouverture**
Juliana – Já não podemos mais.
Gabriela – Ainda podemos mais.
Juliana – Tenho os braços doridos
Gabriela – Também tenho os braços doridos.
Juliana – Calos nos antebraços. Dir-se-ia que toda eu me vou transformar em crosta.
Gabriela – A crosta que em ti desponta já me cobre quase toda. Ainda podemos mais.
Juliana – Para quê continuar? Para quê?
Gabriela – Prometemos.
Juliana – A quem?
Gabriela – Prometemos. Eis a verdade.
Juliana – A quem? Promessa que fizemos, não a fizemos a ninguém.
Gabriela – Prometemos. Eis o que importa.
Juliana – A quem? A quem? Quem nos denunciará, no caso de não cumprirmos a promessa, se a ninguém prometemos?
Gabriela – Mas prometemos.

Juliana – Não prometemos a Deus; não prometemos a ninguém. Nem a nós mesmas prometemos.

Gabriela – Prometemos.

Juliana – E será bastante? A palavra "promessa" poderá aplicar-se, uma vez que a nada e a ninguém prometemos?

Gabriela – Essa foi a palavra que usámos. Não, não a usámos, foi essa a palavra que ocorreu, naturalmente, a que brotou das nossas bocas, como sai dum motor o barulho de motor, quando trabalha. Não pensámos. Se a palavra "promessa" acudiu então aos nossos lábios, o que fizemos foi prometer.

Juliana – Isso não tem sentido.

Gabriela – Mas é verdade. Agora temos de cumprir a promessa.

Juliana – (Suspirando) - Continuemos...

Gabriela – (Apesar de tudo, mais animada e inventiva do que a companheira) - Sim! Continuemos!

Esforço. Sente-se que continuam.

Voz – Prometeram. O quê? Para quê? Ei-las. Têm as frontes enrugadas, o corpo carcomido, os pulmões ganham proporções desusadas, hiper-desenvolvidos pelo imprevisto. Eis o que as salva, as salva da falta de razão prática que totalmente as cerca, da rarefacção da atmosfera, da crise generalizada de autêntica aspiração à liberdade. Os pulmões, órgãos mais que todos implicados, caminhavam na via da transformação intrínseca, admitem de atmosfera volume desusado. Em tal insólita e descomunal quantidade, os pulmões bebem o oxigénio mínimo indispensável. E sendo a rarefacção e a crise progressivas, aumentam os pulmões a ocupação volumétrica, até que todas elas sejam só pulmões, só pulmões...

Estas palavras finais foram pronunciadas ao ritmo de um arfar...

Maresia. Vento. Respiração de ambas, a qual vai ganhando confiança. O discurso já, de algum modo, é possível.

Gabriela – Em três de Setembro o meu marido faleceu.
Juliana – Oh...
Gabriela – De então para cá tenho vivido muito só.
Juliana – E natural. Um marido sempre é um marido.
Gabriela – O meu era mais do que isso.
Juliana – O que era então?
Gabriela – Um marido... Considerando a palavra marido sujeita a extremas significações.
Juliana – Que vais fazer?
Gabriela – Prometi que recordaria sempre. Sempre. Sempre.
Juliana – Ah...
Gabriela – Convivo com a sua recordação. Todas as manhãs faço a cama, como se tivesse dormido. Ponho a mesa, como se viesse comer. E conversamos, conversamos... Dantes, o meu marido interessava-se por desportos náuticos.
Juliana – E hoje?
Gabriela – Os desportos náuticos passaram a segundo plano. Enfim, já não se interessa por desportos náuticos. Estes motores de agora com a sua força diabólica tiram o interesse à navegação desportiva, fazem da água uma espécie de autódromo. Nada há mais parecido com um barco de desporto do que um automóvel de desporto. Portanto, o meu marido voltou a interessar-se pelo automobilismo.
Juliana – Tens a certeza?
Gabriela – No entanto, gosta de ler, agora mais do que nunca. Passamos tardes inteiras nos maples da sala, a ler. Isto é,

mesmo o automobilismo já não o interessa. Realmente... A princípio gostava de romances policiais... Agora detesta automóveis, os traidores automóveis. Mas deseja a ficção científica. Bem vês... Os homens evoluem. Ou não evoluem, hem?

Juliana – Evoluem, pois...

Gabriela – Então por que motivo as recordações não hão-de evoluir também.? Oh, Juliana... Como é bom, como é agradável, saber que sou fiel à minha promessa! E como eu tenho a certeza, Juliana, de que as recordações do meu marido vão sucessivamente reproduzindo as transformações que teria se estivesse vivo. Ai esta fidelidade, esta comunhão comigo!... Até a visão da sua imagem se vai modificando. Lembras-te dele?

Juliana – Sim... Sim... Bem... era forte, cabelo negro. Não me recordo de que cor tinha os olhos...

Gabriela – Roxos...

Juliana – Roxos? Nunca vi ninguém de olhos roxos.

Gabriela – Tens razão, foram azuis. Agora são roxos.

Juliana – Ah!

Gabriela – Sim, a cor desmetalizou-se. Actualmente são roxos.

Juliana – Enfim... nunca nos demos bem, eu e ele... Ofendeu-me gravemente. Nunca mais o vi...

Gabriela – É verdade. E durante algum tempo guardou-te certo rancor.

Juliana – Eu sei.

Gabriela – Enfim, não sou tão fanática por ele que não reconheça que, enquanto jovem, era terrivelmente voluntarioso. Ah, não, não sou injusta e não me fica mal reconhecer os seus defeitos... Sabes? Era a força daquela juventude, forte, forte, forte duma determinação invencível, representação humana da força da natureza. O mundo era seu... Tudo conquistava,

como me conquistou a mim. Aquela vontade sem hesitações... Aquela inteligência do que é querer... Aquela lealdade àquilo que quis... Uma pessoa com esta força, é evidente, deixa por onde passa um rasto de devastação... eu sei: tu e ele não se deram bem... Afastaram-se... Repeliram-se... Tu não eras o que a sua vontade desejava. Suponho que te preferia fútil, sem ideias, sem ideais concretos. Tal como és, não o repousavas...

Juliana – Porque me queria diferente do que sou? Tu eras casada com ele, eu não. Que direito tinha de me desejar do jeito que gostava? Porquê?

Gabriela – Era o seu feitio, a sua força.

Juliana – Não reconheces que então foi grosseiro? Agressivo, inconveniente?

Gabriela – Oh! Tu não o soubeste compreender...

Juliana – Ah, sim? Como se pode levar tão longe a idioteira? Queres fazer de mim parva?

Gabriela – Juliana...

Juliana – Nunca mais me esqueço: levantou-se do sofá, onde estava sentado. Talvez tivesse bebido um pouco... Enfim, não sei. A bebida não é justificação. Levantou-se provocou na sala um silêncio de cortar à faca. Um silêncio sem contemplações. Dirigiu-se ao telefone e marcou um número. Pediu um táxi. Que viesse sem demora. Desligou. Dirigiu-se de novo ao sofá. Tomou na mão o copo, bebeu um gole, sentou-se. Apoiou os cotovelos nas coxas, segurando o copo com ambas as mãos, rodando-o entre os dedos. O gelo, batendo nas paredes do copo, produzia um ruído irritante. O único ruído que quebrava o silêncio que voluntariosamente proclamara. Nem eu nem tu ousávamos proferir uma palavra. Ele poderia ter falado. Mas não quis. Não quis, o cavalheiro! Quis que o silêncio continuasse, que a tensão crescesse, que os nossos nervos se enovelassem para enfrentar o <u>seu</u> silêncio, o silêncio que era

obra da sua criação. O cavalheiro sentia-se dominar o mundo como se fosse um deus. (Pausa) O táxi chegou. Ouvia-se na rua o motor a trabalhar. O motor que destruía o seu silêncio. Levantou-se, tomou-me por um braço, arrastou-me...

Gabriela – Oh, não...

Juliana – Arrastou-me pela sala, pelo corredor, atravessou deste modo o jardim, a rua, abriu a porta do táxi, atirou-me para o banco de trás e, estendendo uma nota ao chaffeur, mandou seguir, recomendando que desaparecesse depressa...

Gabriela – Oh... (soluça)

Juliana – (Cortante) É verdade! Aqui tens, nesta história, uma recordação do teu marido, para juntares às que dele despertas.

Gabriela – Oh...

Juliana – É ridículo chorares. É ridículo, na nossa situação. Tinhas-te esquecido desta cena... Mas eu não! Esquece-te, se o desejas, das brutalidades que te fez, da violência com que te tratou. Esquece-te ou chama-lhe força da natureza ou mimo ou carícia... Vá, ilude-te. Mas tem cuidado, Gabriela, tem cuidado, não faças o mesmo ao que se passou na presença doutras pessoas, de pessoas que não têm a memória e a imaginação doentias que tu tens.

Gabriela soluça.

Gabriela – Grande mistério envolve o nosso caso.

Música

Juliana – Não chores, Gabriela, não chores, não chores... •

Juliana chora. Misturados à música, que cresce, ouvem-se os soluços das duas mulheres.

2

Voz – (Com exagero) **Allegro ma non troppo.**

Gabriela – Foi numa das suas noites malditas que aconteceu o que contaste.

Juliana – (Friamente) Tinha noites malditas?

Gabriela – Frequentes noites malditas... frequentes... Noites... noites... Sim, noites... malditas? Nada mais. Sem explicação. Malditas... e pronto. Sabes, quando um raio racha uma árvore, uma árvore de súbito rachada, os ramos dispersos, o tronco geme, as ramagens voam à ventania, parece que a árvore se vai desfazer, que já a sua unidade a não suporta...? Sabes? Uma ameaça, como no mundo a falta de razão para equilíbrio... Sem a certeza de que uma coisa existe na relação com a que lhe fica contígua... Assim era ele, nas noites malditas. Então os seus olhos ficavam roxos... Um assomo, outro... e outro. Ah, incontível! Nem. carícias, nem insultos, nem ameaças, nada o continha. Experimentei, Juliana. Em noites tais, nada consegui. Se lhe estendesse um abismo, enchia-o com outro abismo, que inventava, que tinha miraculosamente ali à mão! E desencadeava uma torrente de sentimentos e de palavras mais velozes que a possibilidade de seguir a ondulação das suas expressões. Parecia então aliado aos lobos famintos, nas florestas nevadas...

Juliana – Oh, Gabriela, como tu o amavas! Como tu o amavas! Se não o amasses, em vez de o recordares como fazes, sentirias horror à simples lembrança de tal monstro.

Gabriela – Íamos de automóvel, às vezes, sem destino certo. Passear. Aconteceu muitas vezes. "Faz uma mala", dizia.

"Para quantos dias?", perguntava eu. "Para os dias que nos apetecer". Isto nada significava, mas, sem mais perguntas que o podiam irritar, eu metia na mala... enfim... meia dúzia de camisas, três pares de peúgas, dois fatos, dois vestidos para mim, pijamas... E partíamos. Ele, que sempre conduzia o automóvel com a maior velocidade possível... "O automóvel é para andar depressa. Para andar devagar, já havia cavalos e burros. Se toda a gente se compenetrasse desta verdade, inclusivamente os engenheiros que constróem as estradas, os condutores que guiam os automóveis, os mandões que dirigem o trânsito, não haveria tanto desastre. O que os jornais fazem é lamentar os acidentes, recomendar prudência, atribuir as culpas à velocidade excessiva. Só quem se pode queixar da velocidade excessiva é o automóvel, é o motor do automóvel. Desde que ele não se queixe e desde que quem o conduz não seja um assassino nato - aberração que se encontra a cada esquina - nenhuma velocidade é excessiva. Conduza devagar, vá com prudência" - estas recomendações, aliás fáceis de fazer, só servem para aumentar a irresponsabilidade. Pois se a regra é andar devagar e se conduzir depressa é delito ou crime, então o engenheiro pode fazer as estradas mal feitas, as organizações de trânsito podem não construir as estradas que deviam, a regulação do trânsito pode ser estúpida, porque há uma vítima à disposição, o que conduz com velocidade. Eis o culpado crónico. Por este motivo, os desastres serão cada vez mais. Andar devagar é um passa-culpas, estimula a irresponsabilidade".

Juliana – Oh, como tu o amavas!

Gabriela – Ele, que pensava assim, quando me mandava fazer uma mala e partíamos, conduzia devagar, lentamente, saboreando... saboreando... Saboreando a brisa que nos

despenteava... Ah, ele tinha um descapotável, um Mercedes 300 SL, que dava 220 km à hora... Mas então conduzia numa lentidão boa para saborear... a paisagem... o sussurro das árvores... E às vezes, tombando a cabeça para ouvir melhor, até ao mais insignificante sibilar, captava o ruído do motor, sorrindo, fazendo súbitas acelerações que repetia uma vez e outra vez, como se o motor do seu carro fosse a última manifestação da perfeição de Deus e existisse em comunhão metafísica com a água do regato e com os pinheiros do pinhal; e como se, naquele suave e silencioso deslizar do automóvel, contivesse a tranquilidade da natureza...

Juliana – Oh, como tu o amavas!

Gabriela – Então estava alegre. Puxava-me os cabelos - eu tinha uma enorme cabeleira loira que soltava para que ondeasse à brisa. Puxava-me os cabelos, meigamente, com a noção perfeita de quando ia magoar...

Juliana – Oh...

Gabriela – Certa vez, chegámos a uma aldeia. Havia festa. Era dia de feira. Ao fim da tarde. Feira com muitas coisas, lenços, colchas, objectos, trajeitos, utensílios, louças, tecidos, roupa feita... Os negócios de gado tinham acabado. As rezes, as últimas, as que ficaram sem comprador, retiravam, tilintando os chocalhos. Os feirantes que tinham feito bom negócio, nas barracas de comes-e-bebes, encostados à tábua do balcão, bebiam copos de vinho, falando com seriedade, enquanto um fungagá subia para o palanque e alguns pares se preparavam para a dança. Não era só ruído o que andava no ar. Eram ondas de cor que se moviam e misturavam e que iriam sucessivamente esmaecer, à medida... à medida que a tarde se consumisse. Mais do que isso, era... era... uma espécie de trepidação que pairava por ali... como um chilreio de pássaros - não, os pássaros não chilreavam, provavelmente não havia

pássaros... Não sei, não me lembro... Mas era... sabes o que era? Era festa, sim, era festa, porque à volta do palanque acenderam-se lâmpadas verdes, amarelas, azuis; e ranchos de raparigas, vestidas propositadamente, acorriam, rápidas, para a bailação. Ele parou o carro e ficou, contemplando. De repente, saiu do carro sem nada me dizer. Abandonou-me.. Acercou-se dos homens que bebiam. Debruçou-se no balcão e pediu um copo. Dentro de dois minutos, dava pancadas nas costas dos homens - que não conhecia, é claro - mas que num instante perderam a sua compenetração.

Juliana – Nunca pensei que o amasses tanto.

Gabriela – Depois tomou um deles, um velho de cabelo branco, tomou-o pelo braço e levou-o para junto das raparigas, ao pé do palanque da música. Julguei que ia dançar com uma delas. Mas não. conversou primeiro com uma e depois com outra e depois com muitas que se acercaram e... e riam a bom rir, com gargalhadas de camponeses. Resolvi sair do carro. Quando cheguei junto do palanque, já ele tinha organizado uma roda, todas numa roda davam as mãos. "Eh, Gabriela", disse-me, "entra também". Dei as mãos a duas raparigas e entrei na roda. A roda rodava, ora para este lado, ora para aquele. No centro, ele comandava os movimentos e dançava, vinha buscar uma rapariga que pouco depois trocava por outra, enquanto a música tocava e os circunstantes riam, riam surpreendidos. Assim aconteceu durante uma meia hora, em que ele não deu qualquer sinal de cansaço. De repente, pegou em mim ao colo e gritou: "Esta é a minha mulher!". Houve um silêncio... Repetiu: "Esta é a minha mulher!". E encaminhou-se para o automóvel sempre comigo nos braços, enquanto homens e raparigas riam e nos seguiam e de entusiasmo davam palmas. O Mercedes arrancou, rápido, numa aceleração profunda, enquanto aquela boa gente, espantada, havendo perdido a

noção da sua rotina e da sua compostura, nos olhava, atónita, perdidos na núvem de poeira que o carro levantava...

Juliana – Tu viste essa cena num filme... Tal cena não se deu.

Gabriela – Como podes ser tão fria, tão indiferente, tão má? A cena deu-se, sim. Tal e qual como ta contei. Foi no dia da sua morte. Logo adiante, numa curva... Ele ria, deliciado... Deliciado de ainda serem possíveis as alegrias simples... Ia devagar... a uns 40 à hora, sim, 40 o máximo. Adiante, numa curva, para evitar atropelar uma junta de bois que, correndo, entrava na estrada, guinou para a esquerda. O carro caiu num valado. O volante esmigalhou-lhe o peito. Eu... eu... pobre de mim... ai... pobre de mim... eu não sofri nada.

Juliana – Oh, é monstruoso... Oh...

Gabriela – Teve morte instantânea. Num instante, aquela vitalidade transformou-se em cadáver. Num instante, gelado, gelado, senti que era um cadáver o que tinha à minha esquerda.

Juliana – Oh!

Gabriela – Não podia ter deixado de prometer... Havia de recordar... sempre... para sempre...

Soluça

Juliana – Oh! Como tu o amavas...

Gabriela – Oh! Como eu o amo...

Soluçam. Música.

3

Voz – (Com exagero) **Andantino con variazione.**

Juliana – Naquela tarde ele não quis sair de casa.

Gabriela – Porquê?

Juliana – Ora porquê, por casmurrice...

Gabriela – E tu, que fizeste?

Juliana – Saí eu sozinha.

Gabriela – Credo! Que falta de obediência ao teu marido!

Juliana – Ele não mo proibiu. E ainda que proibisse... Com aquele sol, o tempo de Primavera, não seria disparate ficar em casa? Ah, não, comigo nunca levou a melhor. Saí!

Gabriela – Fizeste mal...

Juliana – Eu?!

Gabriela – Desperdiçaste a sua companhia.

Juliana – Não me demorei mais do que quatro ou cinco horas...

Gabriela – Demoraste-te tanto?...

Juliana – Pois! Quando cheguei à rua, calhou mesmo bem: um casal amigo passava de carro. Parou. Perguntaram-me se queria ir com eles. Para onde? Iam para o iate. Era o que me apetecia, com aquele sol. Eu disse que sim, mas pedi que me deixassem telefonar ao Jorge, não fosse o Jorge querer vir também. Telefonei. Ah... Sempre casmurro! Não, não queria. "E proíbo-te que vás! Volta para casa. Quero falar contigo a sério". "Vou, vou, vou!", gritei. Desliguei o telefone. Era burro e espantalho! Burro e espantalho!

Gabriela – Foste?

Juliana – Claro que fui. O lago da barragem naquela tarde de Domingo, estava cheio de iates, barcos à vela, barcos a motor. E aquele palerma do Jorge não vinha. E eu sabia porquê...

Gabriela – Porquê?

Juliana – Para ficar em casa, agarrada à televisão, a ver o filme de Domingo.

Gabriela – Só para isso?

Juliana – Agarrado também à garrafa de whisky.

Gabriela – Impossível...

Juliana – Foi possível! Foi! Cada tarde de Domingo, cada garrafa de whisky!

Gabriela – Oh, como tu deitas fora o bem que tiveste.

Juliana – Quando eu e os meus amigos chegámos ao cais para tomar o barco a remos que nos conduzia ao iate, toda a gente me perguntou por ele. O barqueiro, vários amigos, colegas, todos perguntaram por ele: "Então o senhor Engenheiro? O Jorge não veio?". "Não, não veio" - respondi fazendo um ar triste. "Mas porquê?". "Ficou a ler" - expliquei. Mas quando o Engenheiro- Director da barragem me veio perguntar por que razão não via ali o meu marido, respondi - ah sim, sempre fui uma boa esposa - respondi: "Sabe, senhor Director? O Jorge ficou em casa, a fazer uns cálculos. Não tem dormido, de preocupado que anda. Ficou fazendo uns cálculos" - disse eu. "Ah, ah, ah" - riu o Engenheiro- Director. "Ele tem a mania de que o terreno das Ensombradas - Ensombradas é aquela aldeia na vertente da montanha, além, a que a água já começa a cobrir - ele está com receio de que o terreno das Ensombradas não aguente o peso da água"... "Leva o caso muito a sério, senhor Director, muito a sério...". "Eu sei, eu sei…" - respondeu o Director. "Quando for daqui, passo lá por casa a meter-lhe juízo na cabeça. Vou perguntar-

lhe se a empresa que dirijo explora os seus Engenheiros fazendo-os trabalhar aos domingos... vou lá perguntar-lhe se não tem tempo para fazer nos dias de semana o seu trabalho... Ah! Ah! Ah!". Tornou a rir. Eu implorei: "Por amor de Deus, senhor Director, não vá... ficará ainda mais preocupado... Enfim, temos muito gosto em que vá à nossa casa, mas não para ralhar com o Jorge, por favor, senhor Director!". Ele riu. Era um velho forte, pescador nas horas vagas, aparecem velhos assim nos filmes americanos. Chegou-se a mim, bateu-me com o cotovelo com ar cúmplice e murmurou: "Sabe? Talvez ele lhe tenha dito que ficava a fazer uns cálculos para ir à conquista do seu último amorzinho... Ah, ah, ah...". E, rindo, rindo com grandes gargalhadas que lhe faziam tremer o peito coberto de pelos esbranquiçados e a barriga apertada dentro do calção de banho, entrou no barco. E continuou a rir, enquanto preparava uma cana de pesca, acenou com a mão, sempre rindo... O barco afastou-se. O seu último amorzinho... Quem era o seu amorzinho sabia eu muito bem... Mas não era o último, era o de sempre. Um amorzinho com rótulo! Um rótulo representando um antigo Rei da Escócia, que também era bêbado...

Gabriela – Juliana, Juliana, como podes...

Juliana – Julgas que sou como tu? Que evito nas recordações recordar o que era menos... Menos bom... menos... apresentável?

Gabriela – Não me insultes, não me insultes!

Juliana – Tu pintas as recordações de tinta cor-de-rosa. É desonesto! É uma desonestidade grave! É mentir! Mentir à tua própria recordação...

Gabriela – Juliana!

Juliana – Uma cobardia!

Gabriela – Oh...

Juliana – Assim mesmo! Uma cobardia! Pois se recordasses tudo exactamente como foi...

Gabriela – *(Muito violenta)* Sabes o que estás a dizer? Sabes? Exactamente como foi... Exactamente como foi... Tiveste consciência do que disseste?

Juliana – Cala-te! Não nos atraiçoes a nós mesmas! Ouviste? Se te atreves, acredita, deito-te as unhas ao pescoço!

Gabriela chora. Uma pausa.

Juliana – Vamos ao que interessa...

Gabriela – Hem?

Juliana – Naquele Domingo, embarcámos no iate. E vogámos toda a tarde... Atravessámos o lago, pelo centro. Depois, fomos devagarinho, junto da montanha, sempre ao longo da encosta da montanha, da montanha enorme que se erguia a pique. Os meus amigos, em fato de banho, mergulhavam às vezes, nadavam, voltavam ao convés e deitavam-se ao sol, resfolgando, cansados como animais. Ela tinha o cabelo preto, uma grenha... Eu sabia quanto ela sofria por causa daquele cabelo encarapinhado. Cabeleireira três vezes por semana, para desfrisar e fazer *mise*... Não sei como mulher, como esposa, mas sobretudo como mão-de-obra: cozinheira, criada de fora... Ah! Se ela não tivesse na gaveta as camisas arranjadas e os fatos bem passados e a mesa posta com iguarias que apetecessem ao seu querido, apanhava! Apanhava tau-tau, para aprender... Enfim, o sol começava a baixar. Voltámos. Eram umas sete horas. O Engenheiro-Director, com a rede cheia de carpas, regressava da pescaria. Ao ver-me, riu, riu, antes do mais: "Ah, ah, ah". Por que motivo

despertava eu o riso àquele homem?! "Não se esqueça: diga ao seu marido que amanhã, logo que chegue, quero falar com ele, para ajustarmos contas. Ah, ah, ah...". Riu. E eu ri também: "Ah, ah, ah"... "Boa tarde, senhor Engenheiro-Director. Ah, ah, ah". Acenei-lhe com a mão. Tudo corria bem. Eu, esposa exemplar, valorizava o meu marido. Valendo-me duma mentira, bem sei; mas valorizara-o, valorizara-o perante o Director, que desistia de ir à nossa casa. Pois se lá fosse, certamente encontrava o André...

Gabriela – O Jorge! Como pudeste chamar-lhe André?

Juliana - André era o Director, desculpa.

Gabriela - Ah...

Juliana – Se lá fosse, encontraria o Jorge, não sei se de borco, se de costas, se num *maple*, mas encontrá-lo-ia deitado, com certeza.

Gabriela – Oh, como podes...?

Juliana – Deitado, sim, deitado! Talvez roncando como um porco...

Gabriela – Cala-te.

Juliana – Talvez até já tivesse partido mesas e cadeiras...

Gabriela – Juliana!

Juliana – É a imagem de Nossa Senhora de Lurdes sobre o *psiché*...

Gabriela – És infame! Infame!

Juliana – Talvez tivesse deitado fogo à casa!

Gabriela – Cala-te!

Juliana – Deitado fogo à casa, sim, e era isto o que eu queria, o que eu mais desejaria encontrar, a casa a arder, já destruída e ele a assar sob os escombros!

Gabriela – Não digas infâmias!

Juliana – É a verdade! Eis o que eu mais desejaria encontrar, quando voltasse. Sabes porquê? Porque não podia mais, não podia mais, não podia mais...

Gabriela – Oh, pobre de ti, pobre de ti...

Juliana – Tu ao menos, sabes ter recordações que te aliviam...

Gabriela – Que me exaltam. A princípio era como tu. Só me ocorria o que tinha sido negro, desagradável. Só a catástrofe. Mas hoje não.

Juliana – Eu sei. O trabalho que deves ter tido para chegares a isso, à mentira tornada em alegria!...

Gabriela – A princípio custou. Mas agora corre, não há dificuldade. Depende do que meteres dentro dessa vasilha onde se guarda o poder de recordar.

Juliana – Que disparate!

Gabriela – Se dentro dum barril puseres perfume de sândalo, quando abrires a torneira sai perfume de sândalo.

Juliana – Não... Eu tinha posto lá dentro perfume de sândalo. E, quando abrisse a torneira, saía - sabes o quê?... Pelo menos, pelo menos, mijo...

Gabriela – Oh, não!

Juliana – Sim! Porque naquela tarde, cheguei a casa pelas sete e meia. Morávamos num terceiro andar.

Gabriela – Num terceiro andar? Então não era numa barragem? As casas dos engenheiros das barragens são sempre moradias...

Juliana – Ah... *(hesita)*. Sim, era uma moradia, evidentemente, uma moradia... Mas... Ficava numa vertente, lá no alto. Subia-se por uma escada. Três lances, da altura dum terceiro andar. E sem elevador! Foi ele quem a escolheu. Era a pior, a mais incómoda de todas as casas de engenheiros da barragem. Sabes por que a escolheu? Por

causa da vista! Para ficar lá no alto a dominar o lago e a montanha...

Gabriela – Oh, devia ser lindo!

Juliana – Que me importava a mim? Isolada na barragem, eu odiava a montanha, odiava o lago. Ao menos, que a casa fosse confortável. Mas não, Sua Excelência escolheu-a só a pensar nele, no gozo que lhe dava o panorama, abrir a janela e ver o sol a esconder-se, reflectido na água do lago. Egoísta! Eu, eu não tinha opinião... eu, a escrava!

Gabriela – Oh, tudo te faz infeliz!

Juliana – Enfim... Quando cheguei à escada, senti que qualquer coisa estava diferente.

Gabriela – O quê?

Juliana – Não sei... Tudo...

Gabriela – A luz? O aroma?

Juliana – Não sei...

Gabriela – Vê se te lembras.

Juliana – Não sei... Sim... O aroma... Certamente o aroma.

Gabriela – Havia tílias?

Juliana – Não, sardinheiras na escada, um vaso em cada degrau.

Gabriela - Juliana, as sardinheiras não têm aroma...

Juliana – Não?

Gabriela – Para recordar, é preciso observar muito bem a natureza.

Juliana – Não seria o aroma, então. Era a luz.... Sim, era a luz! A luz àquela hora deveria avermelhar a parede branca onde se encontrava a porta, voltada a poente. Pelo contrário, a casa parecia envolvida numa onda de luz cinzenta. Entrei. "Jorge!". Não deu resposta. "Jorge!". Nada. É claro, pensei o pior. A televisão estava ligada, um homem falava. Mas ele tinha cortado o som, só se via

a imagem. Aquele homem, ali no écran, abrindo inconsequentemente a boca, parecia um fantasma... Um fantasma... *(Pausa)*.

Gabriela – Que fizeste?

Juliana – Eu? Fui ao nosso quarto ver se estaria lá, a dormir, como de costume.

Gabriela – Devias ter começado por aí, se é verdade que todos os domingos bebia e adormecia.

Juliana – Não estava no nosso quarto. Mas em cima da cama, havia um papel. Tinha escrito: "Parti. Não me deixaste explicar porquê. A tua vida ao pé de mim era lodo. Sê feliz, Juliana".

Gabriela – O papel... O vulgar e fatal papel... *(Sorri)*. E tu?

Juliana – Fui à janela. O automóvel não se encontrava no lugar do costume. Voltei à sala. A garrafa de whisky, a garrafa destinada àquela tarde de domingo, estava intacta, não tinha sido aberta.

Gabriela – Ah!... E depois?

Juliana – Nada... Fiquei só...

Gabriela – Oh, pobre de ti...

Juliana – Soube depois para onde tinha partido. *(Soluço)*. E o pior de tudo é que não chorei, não me revoltei. Nada. Fiquei assim. Fiquei assim... Nada... *(Uma pausa)*.

Gabriela – E depois?

Juliana – Pronto.

Gabriela – Mais nada?

Juliana – Mais nada.

Gabriela – É pouco, é... Curto... É como se não tivesse fim... Cada recordação tem de acabar, se não, fica um vazio aflitivo. E preciso... É... E como ir por um corredor adiante... Um corredor muito comprido... Quando acaba, é preciso fechar a porta, fechá-la com estrondo... Pam!

Juliana – Falta-me a força... para bater com a porta... Gabriela. Oh, não... Já não sei.

Gabriela – Juliana, querida Juliana, amiga nesta desgraça. Eu sei. Ficaste vencida pelo espanto. Como uma árvore fendida por um raio. Sem inquietação. Queimada. Ele levou consigo o que restava de ti. Nem sequer pudeste ouvir a derrocada. Porque foi nesse fim de tarde que a derrocada se deu. O solo das Ensombradas - da tal aldeia na montanha de que o Director te falou e que as águas já cobriam - foi nessa tarde que o solo cedeu. Cedeu, como o Jorge receava, como tinha previsto... Ah, sim, ele teve razão, quando quis impedir-te de ir para o lago. O perigo que correste! O solo cedeu, Juliana, não deste por isso devido ao estado em que ficaste. Mas o solo cedeu e a montanha desabou, caindo para dentro do lago. As águas do lago agitaram-se numa onda imensa, subiram inundando tudo. Oitocentas pessoas mortas nessa noite! Quarenta moradias arrasadas, as moradias que ficavam mais baixas do que a tua! Oh, o Jorge soube escolher a vossa casa, da altura dum terceiro andar. Se assim não fosse, também tu tinhas morrido, Juliana, tinhas morrido como toda a outra gente, tragada pelas águas...

Juliana – (Comovida) O Director nunca mais foi à pesca... Não riu nessa noite, nunca mais riu... O Engenheiro-Director... Oh, pobre de mim!

Gabriela – Pobre de nós...

Juliana – Oh, como pude prometer que recordaria sempre... Sempre...

Soluça.

Soluçam ambas.

Música.

4

Voz – **Da cappo. Finale.**

Juliana – Já não podemos mais.

Gabriela – Ainda podemos mais.

Juliana – Como? Como? Para quê?

Gabriela – Prometemos.

Juliana – Prometemos... Oh!... Vamos desistir!

Gabriela – Se desistirmos, morremos.

Juliana – Vamos confessar a nós mesmas. Acredita: não têm sentido estes nossos encontros furtivos, às escondidas, só para isto...

Gabriela – Encontros de companheiras da mesma desgraça. Não são furtivos. São... São... De quem se ampara. Tu amparas-me... Eu amparo-te. Ajudas-me... Ajudo-te...

Juliana – Ai... Isso não tem sentido... não tem finalidade...

Gabriela – Somente a finalidade de nos manter a esperança. Nós podíamos confessar que nada fomos, que não tivemos maridos, nem casas, nem moradias, nem automóveis, que não vivemos em barragens, nem andámos em iates... Que nunca tivemos... Que não temos nada... Se o fizéssemos, que seria de nós?

Juliana - Oh, as nossas recordações são falsificadas... *(Chora).* Falsificadas... Como é possível que a mentira nos mantenha vivas?...

Gabriela – Promete que não desistes, promete! Promete que não desistes, enquanto não formos só crosta.

Juliana - Não posso mais...

Gabriela – Podes! Repara, sente bem os pulmões. Respira. (Respiram). Outra vez... Eles crescem, os nossos pulmões... Crescem... Alimentam-.se de substâncias que aprenderam a sorver da atmosfera... Transformam-se... crescem...

Juliana - (Respirando) Ah...

Gabriela – (Soluçando) Não são falsas, as nossas recordações. São… São a condição da esperança. Ah, Juliana... Continuemos...

Juliana - (Suspirando) Continuemos...

Continuam.

Música.

Outubro de 1972

São Vapor

Peça radiofónica em 1 acto

PERSONAGENS:

Locutor
Mãe
Jorge
Padre António
Coro de Mulheres

Locutor – Exactamente como num drama, a cena desenrola-se num local de implantação exacta. O solo luxuriante duma ilha dos Açores. Casa ampla, de arquitectura generosa, sobre o alcantil das rochas. Domina o mar dum lado; e do outro é a montanha, que do mar se afasta para olhar as núvens e o raro azul. Dentro, uma sala espaçosa, com janelas que abrem para o porto e para o seu lento movimento de botes e de barcos. Mobílias de mogno, a que a muita limpeza e o cuidado perspicaz acerca dos danos da poeira tirou o brilho do verniz. Ano da Graça de Nosso Senhor de 1935. Chove.

Chuva.

Pe António – Rezemos, irmãs. Rezemos por aqueles que a ambição levou das suas terras naturais. Que o Senhor deles se compadeça. Aqui tinham com que se alimentar. A terra é boa. Pão abundante. Mas nada quiseram ouvir e partiram. Partiram para longes terras: Bermudas, Canadá, Venezuela, Austrália, Estados Unidos da América do Norte. E nessas terras há ainda pagãos e aborígenes. Aí se mata e se rouba. Aí, ainda há pouco Al Capone era rei. Aí o crime não acabou com o fim de Al Capone. A devastação das almas continua. E os nossos irmãos, aqui nascidos,

muitos dos quais baptizei por estas mãos, buscam os caminhos do oiro e da mais desvairada ambição.

Mãe – O mar tem a culpa
ou quem nos rodeou de mar
pois ali rendilhado
nos segredos de espuma
o mar é taça que se oferece
à sede-secura de quem
a tem.

Coro – Nosso Senhor se amerceie...

Mãe – Assim seja, filhas.

Pe António – Paz, muita paz
neste mundo
e no outro
tenham aqueles
que abalaram

Coro – Paz
muita paz
àqueles
neste mundo e no outro
que abalaram

Mãe – A paz dos redis

Coro – A paz dos redis

Mãe – A paz
da maré baixa
nas calmarias
do estio

Coro – A paz
da maré baixa
nas calmarias
do estio

Mãe – A paz

das lapas
nos calhaus
de basalto

Coro – A paz
das lapas
nos calhaus
de basalto

Mãe – A paz
dos peixes
nas profundezas
estreladas

Coro – A paz
dos peixes
nas profundezas
estreladas

Pe António – Oremos por aqueles que em países arrogantes como a
Itália e a Alemanha se propõem, com o seu poder terreno, desafiar a Deus.

Coro – Oremos...

Pe António – Oremos por aqueles que os anti-Cristos Hitler e Mussolini e outros quejandos que tal e qualmente vagueiam pelo mundo para perdição dos corpos e das almas, espoliam, aterrorizam, devastam, corrompem, aliciam, massacram e cilindram...

Mãe – Oremos por aqueles que abandonam a ilha.

Coro – De que a ilha abandonam...

Mãe – E a terra

Coro – E a terra abandonam

Mãe – Oremos

Coro – Oremos

Mãe – Oremos por todos

os que necessitam de oração
neste mundo de Deus...

Coro – Por todos
os que necessitam
neste mundo
de Deus...

Música.

Locutor – Numa ilha há sempre o vapor da carreira. *(Apito de barco)* Eis a ligação da ilha com o que não tem o nome de ilha. Nos Açores, o vapor da carreira liga as ilhas ao Continente. Quando chega o vapor da carreira, nos Açores, chega aquilo por que se esperou ansiosamente.

Apito de barco. Ruídos de engrenagens.

Locutor – Nos Açores, o dia de chegada do barco da carreira chama-se Dia de São Vapor.

Outro apito de barco. Música.
Violentas pancadas a uma porta.

Jorge – Abram! Abram! Depressa!
Mãe – Quem é?
Jorge – Abram!
Mãe – Credo, santo nome de Maria! A estas horas! Quem será?
Jorge – (Batendo) Abram! Depressa!
Mãe – Oh, meu Deus!

Abre-se a porta.
Jorge – Mãe!
Mãe – És tu... Oh... meu filho!

Jorge – Mãe!

Mãe – Eu... nem posso falar! O Jorge! Meu filho! Mas que maroto! Que maroto! Porque não disseste? Porque não avisaste que vinhas?

Jorge – Quis entrar por aquela porta sem que a mãe soubesse. Apanhá-la de surpresa. Receei que a mãe tivesse ido ao cais, à chegada do barco. Não a vi lá, à chegada, e fiquei contente. Queria encontrá-la aqui... em sua casa...

Mãe – Oh querido filho! la já deitar-me...

Jorge – É bom chegar de repente... de surpresa... Tenho a certeza de que se a mãe soubesse que eu chegava, em vez de nos abraçar mos a chorar e a rir, a mãe recebia-me muito fria, muito sisuda. E neste momento estaria a ralhar-me.

Mãe – Ainda bem que o mundo não te fez perder a consciência. O que tu mereces é que eu comece por te puxar uma orelha, assim.

Jorge – Ai! Magoou-me.

Mãe – Magoei-te? Ah! O que tu queres dizer é que os meus pulsos ainda têm força...

Jorge – Ai! Ai! Ai! É verdade! E que força...

Mãe – O que verdadeiramente merecias, sabes o que era?

Jorge – Sei. Merecia que a mãe empunhasse a palmatória da professora e me pusesse em bolos as palmas das mãos!

Mãe – Não, meu filho, não! Não ficaria satisfeita. Essa pele da cara onde te nasce a barba merecia que te desse aí duas bofetadas, duas, com estas mãos da tua mãe, com a pele destas mãos da tua mãe na pele da tua cara, onde te nasce a barba. Ouviste? Ouvis te? Ou julgas que por ter barba essa pele me mete medo?

Jorge – Vá, mãe, vá, coragem. Esbofeteia-me! Duas bofetadas, quatro, Vá! Ah, como eu tenho saudades das suas

bofetadas!... Vá... *(Pausa)* Então? Onde foi parar a sua coragem? Vê? Está aqui na sua frente um filho a pedir que o esbofeteie, está a ver? Então?... Era o meu maior prazer, mãe! Como noutros tempos. Imagine que ainda ando de bibe e fiz uma partida... Olhe, que levantei as saias às criadas... Sim... foi isso o que eu fiz... Dê-me as suas bofetadas, mãe, vá!... *(Pausa)* Não? Ouça, mãe, o que eu fiz é muito pior do que isso! O que eu fiz realmente não tem cotação entre os pecados que se cometem na aldeia! *(Sorrindo)* Talvez o Padre António não tivesse competência no seu confessionário para me absolver de pecados tamanhos... Vamos, força, mãe! Esbofeteie-me! *(Pausa)* Não? Então? Que é feito da Joana doutros tempos? Era uma mulher a valer, essa Joana doutros tempos! Onde está ela agora?

Mãe – Está aqui!

Soam duas violentas bofetadas.

Jorge – *(Enlevado)* Oh... dói... mas é bom... *(Soluça)* Mãe... vou fechar os olhos e... quero que me batas... que me batas interminavelmente... Eu mereço... Bofetadas, não... *(Murmurando)* Chicote... O chicote com que o pai castigava os cavalos...

Mãe – Cala-te!... Oh como me fazes sofrer... Achas justo fazer sofrer uma pobre velha que está sozinha numa ilha dos Açores, enquanto que tu...

Jorge – Oh querida mãe!

Mãe – "Querida mãe, querida mãe!". Sempre o mesmo exactamente como quando eras menino: "Jorge, não soltes os cães! Jorge não corras atrás das galinhas, se não faltam-nos os ovos amanhã!". Quando vias o caso mal parado,

deitavas-me os bracinhos à volta do pescoço e dizias: "Querida mãe!". Hoje continuas na mesma: "Querida mãe!".

Jorge – Nasci assim... assim continuo, "querida mãe".

Mãe – *(Dura)* Ora vamos lá a saber: por que razão há três anos não me escreves?

Jorge – Não sei...

Mãe – Não sabes?

Jorge – E estranho, não é? Pois bem: já mil vezes perguntei a mim mesmo: por que motivo não escrevi à minha mãe nestes últimos três anos...

Mãe – E então?

Jorge – Não sei.

Mãe – Não sabes... não sabes... Três anos sem escrever à tua mãe e não sabes porquê...

Jorge – A falar verdade, não sei...

Mãe – Olha lá: fizeste alguma coisa que tenhas vergonha de me dizer?

Jorge – Vergonha?!

Mãe – Vergonha, sim, vergonha!

Jorge – Oh mãe, se ainda gosta de mim, faça de conta que lhe escrevi sempre! E não falemos mais nisto... Não falemos mais nisto!

Mãe – Oh!... Ele é duma força! Com que então eu não tenho o direito de saber? Um mulher tem um filho, um filho criado com todo o cuidado, mata-se de trabalho e apoquentações para fazer dele alguém. S. Exa. não escreve, não aparece, não diz nada, torna-se a imagem da ingratidão e quando a mãe lhe pede contas: "Oh, não se fala disso!". Qual não se fala disso! Há-des-me contar tudo. E há-des pedir-me perdão, ouviste? Ou tu julgas que me esqueço do que me fizeste? Julgas que se não me quiseres pedir perdão consinto que durmas uma única noite debaixo deste

tecto? Sou a tua mãe, sim! Mas não me esqueço facilmente. Uma mulher que não sabe fazer-se respeitar, não é mulher nem é nada. Vamos lá a saber: porque não escreveste?

Jorge – Oh mãe, não me torture mais! Se soubesse quanto já sofri de remorsos por não lhe ter escrito!

Mãe – Vá lá de cantigas, Jorge, preciso de saber tudo. Se temos de ir por partes, vamos por partes. Primeiro ponto: como estás a respeito de religião?

Jorge – Eu? *(Pausa)* Mal, mãe.

Mãe – Mal... Mal ou péssimo?

Jorge – *(Hesitando, envergonhado)* Péssimo. Desculpe dizer-lho, eu tinha jurado que sobre religião lhe havia de mentir, para não a apoquentar. Mas eu não lhe sei mentir...

Mãe – Ainda bem, filho, ainda bem... Quer dizer que não perdeste todos os sentimentos. Em religião... péssimo!?... Não tens ido à missa?

Jorge – Não. Não tenho.

Mãe – Nem à confissão?

Jorge – Nem à confissão.

Mãe – Nem mesmo na Páscoa vais à desobriga? Nem sequer isso?

Jorge – É verdade, nem isso...

Mãe – Compreendo. O que tu queres é sepultar de vez a tua alma nas profundas dos infernos. É para isto que uma mãe cria um filho! E não é verdade que te ensinei todos os teus deveres? A catequese, ein? Quando tu o que querias era a brincadeira, não é verdade que te puxava por uma orelha e te obrigava a responder quando te perguntava: "Quem nos criou?".

Jorge – *(Lento)* "Criou-nos Deus".

Mãe – "Quem é Deus?".

Jorge – "O criador e senhor de todas as coisas".

Mãe – Recordas-te das sovas que apanhaste para saberes isso?

Jorge – *(Saudoso, enlevado)* Ainda sinto as suas mãos a bater-me, a dar-me beliscões.

Mãe – *(Exageradamente severa)* Ainda bem, filho. E nunca te esqueças.

Porque no Dia do Juízo preciso que sejas testemunha a meu favor quando Deus do alto do seu trono omnipotente me perguntar: "Joana, porque ensinaste tão mal o teu filho?".

Jorge – *(Exageradamente amável)* Esteja descansada, que se depender do meu testemunho, tem o céu garantido. Contarei os sermões que me fez, as cotoveladas que me deu na igreja e à mesa da comunhão, os beliscões, os safanões, as meiguices, os conselhos "a seco" e os conselhos acompanhados de pisadelas, piscar de olhos, caretas cheias de severidade... Testemunharei tudo o que é a seu favor... Se algum defeito descobrirem em nós, ficarão persuadidos de que sou o culpado, de que a mãe me ensinou bem e de que fui eu quem aprendeu mal...

Mãe – *(Pausa)* Ao menos ainda sabes rezar? Sabes as orações que te ensinei? Não as esqueceste?

Jorge – Não, não esqueci. A bordo do vapor, quando decidi que sobre esse assunto lhe havia de mentir, estive a recordar-me delas e ainda as sabia todas. Só não consegui lembrar-me inteiramente do Pater Noster em latim que eu rezava nas missas do

Padre António. Ah, é verdade... o Padre António está bem?

Mãe – Bem sim, bem, muito obrigada, mas não mudes de conversa. O Padre António ainda está ali homem para te dar dois açoites se os mereceres... Com que então ainda sabes as orações...

Jorge – Ainda sei.

Mãe – O Credo?

Jorge – O Credo? Também: "Creio em Deus Padre, Todo Poderoso...".

Mãe – O Credo é o principal... Mas... sinto... que agora o não dizes com o coração, Jorge...

Jorge – Talvez... Não tenho a culpa...

Mãe – Mas sabes as palavras...

Jorge – Sei...

Mãe – Nem tudo se perdeu... Ah, se toda a gente soubesse, quando se chega a velho, a companhia que fazem as orações, ninguém se esquecia das que aprendeu em criança... Ai, .a minha vida tem sido esperar e rezar... Se não soubesse orações para rezar, a espera seria mais longa... muito mais longa... *(Pausa. De súbito, energicamente)* A Avé Maria?

O Coro reza cadencialmente a Avé Maria.

Jorge – Tenho-a na ponta da língua.

Ruídos de tempestade.

Mãe – E a oração à Senhora dos Mareantes?

Jorge – Qual? Qual?

Crescem os ruídos de tempestade.

Mãe – A que o Padre António vinha rezar connosco quando o mar estava ruim...

Música sobre os ruídos e a Avé Maria do Coro.

Pe António – Senhora Mãe de Deus...

Coro – Senhora Mãe de Deus...

Pe António – ... cobri com a vossa capa de protecção... Coro e

Mãe – ... cobri com a vossa capa de protecção...
Pe António – ... aqueles que nesta noite...
Coro e Mãe – ... aqueles que nesta noite...
Pe António – ... navegam sobre as águas do mar...
Jorge – Salvai-os, Senhora!
Coro – Salvai-os, Senhora!
Pe António – Dai-lhes vida..
Coro – Dai-lhes vida...
Jorge e Pe António – ... ou dai-lhes o eterno descanso...
Coro e Mãe – ... ou dai-lhes o eterno descanso...
Pe António – Amen.
Todos – Amen.

Pausa.

Mãe – Afinal ainda te lembras...
Jorge – Lembro-me sobretudo de que, quando rezávamos esta oração, eu tinha sempre presente uma imagem.
Mãe – Que imagem?
Jorge – A do pai... Ainda que ele estivesse aqui, ao pé de nós... Via-o lá, no seu barco que balançava na crista da maresia, botas de borracha e capote de oleado, enfrentando sem medo a tempestade... Para mim, a oração era sempre para o salvar, ainda mesmo que o não fosse... Nenhuma oração o salvou da morte quando o mar quis que fosse chegada a sua hora...
Mãe – O teu pai... o mar o trouxe... há mais de quarenta anos, vestido de marinheiro, de farda azul e galões dourados... E aqueles olhos brilhantes como a estrela da manhã... brilhantes dum brilho que toda trespassou a rapariga que eu era... Já não embarcou no mesmo vapor... Ficou, por minha causa... Mas pouco tempo depois, partiu, de novo...

Entristecia aqui... Dizia que a ilha só tinha um. defeito: não baloiçava, como, no alto mar, um barco... Partiu... Voltava de vez em quando rapidamente... como um cometa... um meteoro... E partia de novo... O mar o trouxe... O mar o levou...

Jorge – O mar... Tenho saudades de ver o mar, dali daquela janela...

Abre a janela. Ouve-se o barulho do mar, agora, real.

Jorge – É lindo, visto daqui, nesta noite de luar. Até parece que está inocente...

Mãe – Ruge, o maldito, desde a nascença o tenho ouvido rugir. Passei a vida a contemplá-lo, esperando que decidisse àcerca do meu destino. E tratou-me mal... tratou-me muito mal... Toda a gente deseja partir... sair desta terra para fora... Vaidade! Ambição! Como se a terra da ilha não bastasse!... Mundos diferentes, diferentes aventuras, gente diferente!... Jorge, tu... tu voltaste... Ai filho, nem. posso acreditar que te tenho junto de mim. Ai, filho querido... Fecha a janela que está frio... Está frio, ein?

A janela fecha-se, deixa de se ouvir o mar.

Mãe – Sabes?... Aqui estás junto de mim... e isto é tão impossível... que nem tenho a certeza de seres o meu filho...

Jorge – Oh mãe... se soubesse com que ardor, com que vontade... por todos estes anos desejei estar junto de si...

Mãe – Mas vens tão diferente... tão diferente...

Jorge – Passaram dez anos...

Mãe – Três dos quais vivi sem saber de ti, sem uma carta. Desde há dez anos, para me consolar das saudades, venho sonhando que és duma certa maneira. Um sonho

tecido hora a hora, criado imagem por imagem, entre lágrimas, sorrisos e soluções. Ah, tu devias ser igual a um sonho! Não! De repente entra-me pela porta dentro um homem tão diferente do que eu sonhei a dizer que é o meu filho. *(Pausa)* Tu estás muito cansado, Jorge...

Jorge – Estou, mãe.

Mãe – Ao menos foste feliz? *(Pausa)* Vá, responde.

Começa a ouvir-se uma toada pastoril.

Pe António – Aprende, meu filho, aprende...

Mãe – Responde, Jorge, ouviste o que perguntei? Foste feliz?

Pe António – Ouves o que eu digo ou estou a pregar no deserto?… Ein?... Ah, ouves o que eu digo... Então fica sabendo...

Mãe – Jorge, que tens?

Jorge – Só um momento...

Mãe – Responde: tens sido feliz?

Pe António – *(Continuando)* ... o que te vou dizer, agora que tens quinze anos, estás a ouvir, Jorge?... isto vai ser-te muito útil. Fica sabendo que o segredo da felicidade está em saber desejar. Uma pessoa que sonhe que há-de ter a lua, está destinada a ser infeliz, pois a lua nunca ninguém a teve nem terá. Desejar com prudência... desejar com fundamento... desejar com bom senso... desejar o que se pode alcançar... este é o segredo da felicidade...

A música pára, subitamente.

Mãe – Responde! Foste feliz?

Jorge – *(Mentindo)* Fui... Fui feliz.

Mãe – Não mintas... Não sabes mentir, ah, isso não aprendeste tu. Foste feliz?

Jorge – (Pausa) Fui muito desgraçado.

Mãe – Por que trabalhos passaste? *(Pausa)* Ein? Vá, fala comigo, filho... Por amor de Deus! Em tantos anos nunca pensaste quanto sofre uma mãe que nada sabe do seu único filho? Se ainda te resta um pouco de coração, fala comigo, conta-me...

Jorge – Oh é tão difícil! Tu és a minha mãe! Mas és sobretudo uma mulher forte, de pés assentes na terra, sabes onde vives. Oh mãe, que bom ter esta paz, este mar que ruge aos pés da tua casa, as novenas do Padre António, o bando de afilhados que te pisam os canteiros do quintal, os compadres que nas festas te enchem a casa de ovos e de garrafas de mel! Quantas saudades tive disso tudo! Oh mãe, adoro-te, até porque tu continuas a ignorar o que é o mundo, para além desse mar. A vida é muito dura, mãe.

Mãe – Quanto melhor teria sido se nunca tivesses saído daqui. Mas vieste com as baboseiras, que isto é uma ilha, que não dá futuro, que o que é preciso é sair daqui para fora. Para quê, não me dirás? Olha, as nossas terras estão que é um regalo. As hipotecas que o teu pai deixou sobre elas já estão levantadas. Toda esta propriedade até lá acima aos montes, é nossa. Se tivesses ficado junto de mim...

Jorge – O que fiz está feito, o que fiz está feito...

Mãe – Pois seja assim. Não se fala mais nisso. *(Pausa)* Jorge...

Jorge – Mãe?

Mãe – (Hesitando) Casaste? *(Pausa)* Não respondes? *(Pausa. Com medo das palavras)* Viveste com alguma mulher fora da lei de Deus? *(Pausa)* Calas-te? *(Pausa)* Ah sim, foi isso. Porque me deste, Senhor, um filho que perdeu a religião a este ponto? Que tivesses deixado de ir à missa, que não rezasses, era mau. Mas isso...

Jorge – Já acabou tudo entre mim e ela.

Mãe – E gostavas dela? *(Pausa)* Ela deixou-te?

Jorge – Cheguei a casa uma noite e a cama estava vazia. Ninguém...

Decidiu desaparecer da minha vida.

Mãe – Tinham filhos?

Jorge – Uma rapariga

Mãe – De que idade?

Jorge – Tem agora cinco anos.

Mãe – Levou-a?

Jorge – Sim, levou-a

Mãe – E antes dessa criança nascer não foste ajoelhar-te aos pés dum sacerdote para não seres pai duma criatura nascida no pecado? Ao que tu desceste! E essa mulher... também não tinha sentimentos?

Jorge – Oh mãe, não é uma questão de sentimentos. Claro que tinha sentimentos, quem os não tem? Mas nem toda a gente é obrigada a pensar como a mãe. E então não se pensa que aquilo que a mãe acha que se deve fazer seja indispensável fazer-se. Enfim, as relações entre as pessoas... a concepção da família... nestes tempos e por esse mundo fora, não há razão para que obedeçam às regras que se praticam na ilha e aos sentimentos queridos da Senhora D. Joana...

Mãe – Oh!

Jorge – Ah... a mãe não é capaz de compreender isto!

Mãe – Claro que não! Ora essa! Então tu pensas que durante os anos que estiveste fora perdi a vergonha? Comigo é assim e não entendo doutra maneira: um homem gosta duma mulher; vai ter com. os pais dela para a pedir, diz ao padre que os case, nascem os filhos e quando morrem ainda estão casados. Doutra maneira, não contem comigo!

Sabes no que dão essas tuas teorias? Estás aí feito um velho roído de desgostos, sem mulher, sem filha, sem coisíssima nenhuma. *(Pausa)* Sabes ao menos onde está a criança?

Jorge – Está com a mãe.

Mãe – E não tens medo que essa criatura abandone a filha?

Jorge – Não é capaz disso.

Mãe – Mas foi capaz de te deixar a ti. Oh filho, quem, faz um cesto faz um cento! Já tentaste trazer essa criança para ti? Se fosse possível, ela viria cá para casa para viver comigo, eu havia de tratar dela e torná-la uma mulher perfeita, uma mulher cá das nossas. Já tentaste?

Jorge – Não pode ser, mãe.

Mãe – Porquê?

Jorge – A lei é contra mim.

Mãe – Ora a lei é contra ti... E não se arranja um advogado que a ponha a teu favor?

Jorge – Creio que não.

Mãe – Arre, diabo! Mas porquê?

Jorge – Ela não está registada como minha filha.

Mãe – E que tem isso? Registada ou não registada, não és tu o seu verdadeiro pai?

Jorge – A Natália...

Mãe – Quem é essa Natália?

Jorge – A mãe da minha filha.

Mãe – Ah, sim...

Jorge – A Natália era... Oh eu não lhe sei dizer isto, não posso...

Mãe – Oh rapaz, desabafa, fala praí que é o que tu precisas. Assim como assim eu já não me espanto com coisa nenhuma. Nem que me dissesses que ela era casada eu me admirava.

Jorge – É isso, mãe. A Natália era casada.

Mãe – Que grande desavergonhada! Deixou o marido para ir para ti, foi isto?

Jorge – Sim, mãe.

Mãe – E tu? Não te passou pela cabeça (já não digo a consciência de que não se deve fazer uma coisa dessas), mas ao menos que se ela fugiu ao outro também te podia fugir a ti?

Jorge – Quando se ama não se pensa nisso. O dia em que veio para mim foi o dia mais feliz da minha vida. *(Chora)*.

Mãe – O dia mais feliz da tua vida! Como se pudesses ser feliz pelo pecado! O dia mais feliz da tua vida!... Que o diabo te leve, rapaz! Oh meu Deus, não foi um filho que eu tive, Senhor, foi o anti-Cristo! Olhem: agora chora. Pois claro, com pecados daquele tamanho na alma, o que há-de ele fazer? Chora praí, diabo, chora, a ver se ao menos as lágrimas te limpam por dentro! *(Pausa. Muito terna, acusando uma certa comoção)* Jorge... sofreste muito quando ela te deixou?

Jorge – Muito, mãe, muito. Como se me tivessem arranhado com as unhas o coração por dentro do peito.

Mãe – Pobre de ti, meu filho. Tiveste o teu castigo. O pior ainda é a criança. *(Pausa)* Como se chama ela?

Jorge – *(Pausa)*... Joana.

Mãe – Como eu?

Jorge – Sim, mãe. Eu quis que ela tivesse o seu nome.

Mãe – Ah... *(Pausa)* Parece-se contigo.

Jorge – Muito... E como eu sou parecido com. a mãe... enfim, é consigo que ela se parece...

Mãe – Ah...

Jorge – Tem esses olhos azuis... a boquinha é igual... quando passa rem os anos, também ficará com essas comissuras violentas... e o nariz... tal e qual... assim... afilado... muito recortado... é igual, mãe... Igual a si...

Mãe – *(Ocultando os seus sentimentos)* Tens uma fotografia?

Jorge – Não, não tenho.

Mãe – Pior para ti: tens de guardar a sua imagem dentro da cabeça. Pior para mim, que fico a imaginar como será essa criança... Parecida comigo... Hem.? Ai, pobre de mim, avó duma neta e nem sequer a conheço, não tenho o direito de a ter. E esta casa está a precisar dum reboliço assim, uma criança que partisse essas jarras tão antigas, que me fizesse viver. Privaste-me dessa consolação, Jorge. Seja feita a Santíssima Vontade de Deus! E hei-de continuar assim até ser chamada à sua Divina Presença. Daqui por diante, para mim, vai ser mais fácil, já estou habituada, não falta muito para acabar. Mas tu, Jorge, tu ainda és tão novo... Espero ao menos que tenhas dinheiro, que possas fazer uma boa vida.

Jorge – Ganhei rios de dinheiro, mãe. Rios de dinheiro...

Mãe – Honestamente?

Jorge – Bem... não, suponho que não...

Mãe – Que estás a dizer, filho? Tu... arroubaste? Assaltaste?

Jorge – Não, não, nada que fosse contra a lei... Mas, para mim. não foi honestamente...

Mãe – Não compreendo...

Jorge – Ainda bem... Não, não fui preso, nem julgado... Oh, é difícil de explicar... Criei todas as condições para ser importante, independente... Mas... perdi tudo. Perdi absolutamente tudo...

Mãe – Como?

Jorge – Felizmente, perdi tudo...

Mãe – Felizmente?

Jorge – Acontece... uma manhã uma pessoa acorda e está outra vez pobre...

Mãe – Precisas de alguma coisa? A tua mãe tem ali algumas economias no canto da gaveta...

Jorge – Obrigado, mãe, querida mãe...

Mãe – Bom... e o que fazes tu agora?

Jorge – Tenho um emprego.

Mãe – É bom?

Jorge – O que ganho chega para mim. É modesto, mas vive-se. Passei dificuldades. Mas consegui emprego. Agora estou bem.

Mãe – Sentes alguma paz dentro de ti próprio?

Jorge – Não... muito pouca... nenhuma, mesmo. Mas hei-de alcançá-la. Acabarei por obter a paz dentro de mim mesmo.

Mãe – *(Pausa)* Jorge... *(Pausa)* Ficas aqui comigo?

Jorge – Não, mãe. Tenho de partir. O vapor parte à meia-noite. Já são dez e meia.

Mãe – O barco parte, mas tu ficas.

Jorge – Não posso. *(Com dificuldade)* Sabe? Eu ando embarcado.

Mãe – Andas embarcado? Como teu pai?

Jorge – O pai era diferente: nasceu para viver no mar. Eu não: andei à procura dum emprego e não arranjei outro.

Mãe – Mas que fazes tu a bordo? Não és da carreira da marinha... Ah, já sei: és comissário! O meu filho, Comissário de bordo... Dizem que é um bom lugar... Parece que o ordenado não é grande coisa, mas ganha-se muito por fora...

Jorge – Não sou o Comissário...

Mãe – Então? *(Pausa)* És... és...

Jorge – Sou... sou criado.

Mãe – Criado?

Jorge – Sim, mãe. Quis que o soubesse por mim. Era impossível esconder-lhe esta miséria porque... navegando entre os Açores e o Continente, no vapor de carreira, alguma alma caridosa se encarregaria de lho vir contar. É preciso viver, mãe! Não arranjei outro emprego. E quando se chega a

certa altura, o orgulho não serve para nada, só incomoda, porque o que é preciso é andar para diante.

Mãe – Tu?... Mas tu é que serves à mesa, tu é que fazes as camas?

Jorge – Sim, faço isso tudo... as camas... os despejos... tudo...

Mãe – Oh meu Deus! Que mal te fiz, Senhor, para merecer tanta provação? Oh Jorge, querido filho, mesmo quando não me escrevias, sempre sonhei contigo rico, orgulhoso. Sabia que tinhas pecados que te impediam de me escrever... e rezava por ti... Mas... Criado de bordo? Oh meu querido filho!...

Jorge – (Comovido também) Coragem, mãe, coragem! Então onde está a Joana doutros tempos, a valente Joana? Ein? Vamos, coragem! Nestes momentos é preciso dignidade, para que a vergonha nos não mate.

Mãe – Fica comigo Jorge, fica comigo. O teu quarto ainda está como no dia em que te foste embora. Fica comigo, Jorge. Eu estou bem, filho, tenho dinheiro no banco, as terras dão o bastante para vivermos e não precisas de trabalhar. Fica comigo, Jorge.

Jorge – Não posso.

Mãe – Oh meu filho!... Claro, tu há-des ter assinado papéis, há-des ter feito um contrato. Mas eu vou falar com eles, eu pago tudo o que for preciso. O que eu quero é que não saias daqui. Faça-se o que for preciso. Mas não embarques mais.

Jorge – Tenho de ir e não é por causa do contrato. Tenho de ir, mãe: eu ainda não cheguei ao fim. No dia em que abandonei a ilha, decidi correr uma aventura. Decidi porque achei então que valia a pena. Se tudo me tivesse sido favorável eu não teria voltado. Agora, porque tudo me é desfavorável, não posso desistir. Além disto, mãe, ainda não estou desiludido. Apesar de tudo, viver é bom. Mesmo

na miséria, mesmo escorraçado, humilhado, tenho de continuar leal ao destino que escolhi.

Mãe – Queres morrer de pé, se tiveres de morrer... Gosto disso. É a única consolação que me deste, saber que és honesto, por muito que sofras.

Jorge – Antes de me ir embora, deixe-me outra vez ver o mar daquela janela. *(Abre-se a janela, ouve-se o ruído do mar)* Lá está ele, enorme, banhado pela lua. Como é bonito! E para além daquele horizonte, outro horizonte...

Mãe – Ali em baixo, ancorado em frente ao cais, todo iluminado, o barco parece um arraial marítimo. Dia de São Vapor! É como chamam ao dia em que o barco chega. Dia de São Vapor! Que heresia!...

Apito longínquo de barco.

Mãe – Vai, filho. Vai. O barco está a apitar.

Jorge – Adeus, mãe.

Mãe – Adeus *(Beijos)* Eu serei sempre a mesma, aqui na ilha, na minha casa junto do mar. Se não tiveres coragem para me escrever, não te apoquentes com isso... não me escrevas... não tem importância... Eu já aprendi a sofrer. E aqui ficarei a rezar e a esperar.

De *novo, apito de barco.*

Jorge – Adeus, mãe...

Mãe – Adeus, meu filho

Música.

Janeiro de 1973

Marco Pórcio Catão

PERSONAGENS:

1º Narrador
2º Narrador
Marco Pórcio Catão, chefe do PTR - Partido Tradicional de Roma, senador, proprietário, etc.
Lúculo, escravo negro de Catão
Valério Ciba, do Comité Central do PTR e funcionário público
Fábio Emiliano, do PTR, idem
Masinissa, rei da Numídia
Cipião, O Africano, herói militar e chefe da Oposição
Estafeta
Coro

É indispensável dispor da gravação da opereta "La Périchole", de Offenbach.

1º Narrador – Nada se parece tanto com um gato preto como outro gato preto.

2º Narrador – Dá-me licença que eu explique? Dá? Ah, bem... Roma, acabadas as Guerras Púnicas e destruída a sua rival, Cartago, deixava de ser uma república rural e agrícola para se transformar em potência militar e depois em império. Estava-se então no limiar daquilo a que hoje poderíamos chamar um estádio industrial, em que a força motriz era centrada na energia corporal dos escravos, tirados aos povos conquistados. A conquista era o grande negócio, não só porque fornecia os necessários contingentes de escravos, mas também porque as riquezas dos povos dominados não

escapavam ao saque dos romanos, que, além disso, obrigavam os vencidos a pagarem a Roma pesados tributos.

1º Narrador – Assim como nada se parece tanto com um gato preto como outro preto, nada se parece tanto com um império como outro império.

2º Narrador – Ah, sim... Por isso, Roma absorvia o espírito da Grécia, que foi imperialista, pois durante largo tempo deteve um império, na presente ocasião já em decadência. A sociedade romana abandonava os seus rígidos princípios tradicionais e entregava-se aos costumes helénicos. Epicuro, filósofo grego, teoriza a moral da época.

1º Narrador – Uma pouca vergonha!...

2º Narrador – Abstém-se ou não de palavras ordinárias?

1º Narrador – Pronunciei palavras ordinárias? Eu?!

2º Narrador – Pronunciou!

1º Narrador – Mas...

2º Narrador – Nada de discussões! Mau, deixe-me explicar: para Epicuro, os deuses tinham abandonado o Olimpo; ou talvez nunca tivessem existido; portanto, a única coisa certa, verdadeira, são os prazeres que a vida proporciona. Esta maléfica filosofia ganhou audiência junto dos novos romanos, que abandonavam a severidade da vida de outrora e precipitavam a derrocada da velha sociedade romana.

1º Narrador – A Roma antiga, lá ia se ela à viola. Agora era a corrupção e o vício. Por todo o lado, havia pouca vergonha.

2º Narrador – E enquanto o aviltamento e a degenerescência campeavam, os novos romanos iam cantando:

Coro – (Cantando "La Périchole", de Offenbach) Oh femmes, oh femmes
Il n'y a que ça...
Tant que la terre tournera
Tant que le monde durera...

2º Narrador – Marco Pórcio Catão, o incorruptível Catão, bramava contra este deplorável estado de coisas. Ouçamo-lo.

Catão – (Arrebatado) "Oh femmes, oh femmes, il n'y a que ça...". Não posso ouvir tamanha monstruosidade! Não só pelo que nos versos se afirma, mas até por ser dito em língua estrangeira. Como se atrevem a cantar, sem ser na nossa língua? Como? E porque é que cantam: "Oh femmes, oh femmes...". Ah, mas se fosse só isto!

Lúculo – Senhor!

Catão – Que desejas?

Lúculo – Desejo que não vos entregueis a esses arrebatamentos.

Catão – Sou ou não sou o chefe do PTR, Partido Tradicional de Roma?

Lúculo – Sois, sim!

Catão – Então, se sou chefe de um partido, tenho de me entregar a arrebatamentos. Sim, eu não sou nenhum cínico, nenhum fingi do. E por que havia de o evitar?

Lúculo – O vosso coração já se encontra...

Catão – Como?

Lúculo – A ameaçar uma trombose das coronárias.

Catão – (Fingindo surpresa e drama) O médico disse isso!?

Lúculo – Sim.

Catão – Uma trombose das coronárias! Era só o que me faltava!

Lúculo – Por isso há que ter moderação, repouso intelectual e nada de esforço físico.

Catão – Sim? Pois eu já te digo o que penso desse médico... Sabes o que vou fazer agora? Vou lavrar a terra, tomarei a rabiça do arado e lavrarei a terra, como dantes, durante toda a manhã.

Lúculo – Tendes escravos que farão esse serviço.

Catão – Não como eu! E não é pela utilidade que o vou fazer. É apenas porque quando nesta cidade de Roma, e nas

províncias, se souber que Marco Pórcio Catão lavra os seus campos, e não se entrega aos desbragamento do luxo e nunca comprou um escravo por mais de mil e quinhentas dracmas e não tem tapetes no chão mas simples e honestas peles de bode, e que o seu séquito não é maior do que três escravos e que à sua mesa a comida é frugal, e que as barbas que lhe nascem na cara só as aparo uma vez por ano, esse rebanho de carneiros que são os romanos, há-de saber que na cidade de Roma ainda existe alguém que repele as modernices, essas modernices que nos enfraquecem, respeita as tradições dos antepassados e por elas se governa! Lúculo, se perguntarem por mim, não te envergonhes de responder: *(Batendo as sílabas)* "O meu senhor, Marco Pórcio Catão, está a lavrar a terra".

Lúculo – E se vier o médico?

Catão – Se vier o médico não lhe digas a verdade para não me vir pregar sermões. Diz-lhe que adormeci à sombra de um castanheiro.

Lúculo – Muito bem, meu senhor.

Música

Valério – O desembarque inesperado de vossa Majestade, não consentiu que preparássemos a conveniente recepção.

Masinissa – Não tem importância. É a maneira de me despachar mais depressa.

Fábio – Em todo o caso, o facto de Vossa Majestade ter descido da sua nau e caminhado, a pé, até este palácio, é uma nódoa indelével na História diplomática de Roma.

Masinissa – Deixe lá isso. A minha visita escusa de ficar na História. Digam aos historiadores - suponho que em Roma já

estão historiadores a escrevinhar para os vindouros - que façam de conta que eu não estive cá. Mas eu não quero é partir antes de falar com Marco Pórcio Catão.

Valério – Já o mandámos chamar.

Masinissa – E demora?

Fábio – Os dois estafetas que enviámos, a cavalo, ainda não voltaram. Ah, cá está o primeiro. Então?

Estafeta – Não encontrámos Catão. Saiu de casa dizendo ao escravo que ia lavrar a terra. Mas não está a lavrar a terra.

Masinissa – Catão a lavrar a terra?! Com a posição que tem, Catão lavra a terra?

Valério – *(Envergonhado)* É verdade...

Fábio – Dedicando-se a labores comuns, em dias certos, Catão pretende revigorar o espírito e o corpo.

Masinissa – Pelos vistos hoje não os revigorou.

Fábio – É bem verdade... E como Vossa Majestade sabe, Catão é o esteio da vida pública de Roma...

Masinissa – Porquê?

Fábio – Ah, porque domina o Senado!

Masinissa – E o senhor, meu caro general, o senhor que combateu a meu lado, e com que valentia! O senhor, Fábio Emiliano, consente?

Fábio – Consinto... em quê?

Masinissa – Em que seja ele a dominar o Senado?

Fábio – O povo de Roma vive na idolatria dos seus chefes. Catão é um ídolo... Nada se poderia fazer para destruir o seu prestígio...

Valério – Nem nós o desejaríamos!

Fábio – Muito bem, muito bem, Valério. É pena que um homem daqueles se encontre ameaçado por uma trombose das coronárias.

Masinissa – Já? Mas ele é um rapaz novo... Que idade tem Catão?

Valério – Oitenta e dois.

Masinissa – Imaginem! Menos sete anos do que eu!

Fábio – Mas Vossa Majestade está rijo!

Masinissa – Persisto em ter esta saúde de ferro, só para arreliar os romanos.

Fábio – A saúde de Vossa Majestade é, para nós, uma alegria!!!

Masinissa – Pois, pois! Eu sei, os romanos não toleram que eu divida com Roma a glória de termos juntos vencido Cartago, eu e os romanos. Queriam ser os únicos vencedores.

Fábio – Não, de maneira nenhuma! Vossa Majestade é popularíssimo em Roma!

Masinissa – Não é o povo que não deseja repartir comigo a vitória. São os chefes.

Fábio – Ora! Para quê?

Masinissa – Pergunta para quê? Diga-me uma coisa: os funcionários públicos por cá são todos assim parvos como o senhor?

Fábio – Parvos?

Masinissa – Sim. Não vê? Se os chefes forem, os únicos vencedores, poderão levar mais longe ainda a demagogia, impor-se aos cidadãos e, mais facilmente, encher as bolsas de dinheiro?

Fábio – Perdão! Os nossos chefes, são íntegros, são honestos! E Catão mais que todos!

Masinissa – É mesmo parvo! Depressa, quero falar com Catão! Está cada vez mais casmurro, mas cá não há melhor. Quanto à corrupção dele, não tem importância, a minha ainda é maior. Quero Catão aqui!

Fábio – Ah, ei-lo que chega.

Catão – Vossa Majestade... Por cá? Por Roma?

Masinissa – É verdade, Marco Pórcio Catão! Vim à sorrelfa. *(Ri-se)* Não quero que se saiba que eu aqui estive, sobretudo que o não saibam os historiadores.

Catão – Boa ideia! Eh, mandem prender os historiadores. Todos para as masmorras mais escuras, que é para não verem nada! E tirem-lhes a tinta e as canetas! *(Ruídos. Fala agora para Masinissa)* Vossa Majestade está óptimo. Já não nos víamos há...

Masinissa – E a si, Marco Pórcio, não há mal que lhe chegue...

Catão – Tenho qualquer coisa no coração que me impede de lavrar a terra.

Masinissa – Uma trombose das coronárias...

Catão – Vossa Majestade já sabia? Ai, pobre de mim... Bem, eu não acredito... Mas nunca fiando, não é verdade?

Masinissa – Pois.

Catão – Esta manhã saí de casa com a ideia de ir lavrar a terra. Mas reconsiderei, apalpei o peito e fui deitar-me debaixo do castanheiro. Só quando cheguei a casa me disseram de Vossa Majestade desejar falar-me. Aqui estou às suas ordens.

Masinissa – Já expliquei a Fábio Emiliano e a Valério Ciba a causa da minha inesperada visita.

Catão – E eles compreenderam? Essas bestas?

Fábio – Compreendemos, sim! Sua Majestade deseja ceder a Roma a sua quota parte na vitória sobre Cartago, de modo que toda a glória desse feito fique pertencendo exclusivamente a Roma, pelos séculos dos séculos.

Catão – O funcionalismo por cá tem vindo a ser metodicamente, deliberadamente imbecilizado. Vossa Majestade vê como eles não perceberam nada?

Masinissa – Acreditaram, no que eu lhes disse.

Catão – Que Vossa Majestade o tenha dito, é normal. Que eles tivessem acreditado ao ponto de mo repetirem é que é a

prova de que nada compreenderam. Com que então Vossa Majestade pretende que Roma lhe ceda as posições no norte de África, a ocidente de Cartago?...

Masinissa – Claro. Ah! O tempo que se poupa a falar com pessoas inteligentes!

Catão – A troco de quê?

Masinissa – Não adivinhou?

Catão – Adivinhei. Mas se digo a Vossa Majestade o que adivinhei, Vossa Majestade responderá que adivinhei mal. Por isso prefiro calar-me.

Masinissa – Marco Pórcio Catão! Vim aqui para entrar em entendimento com o governo de Roma! Não vim para ser insultado!

Catão – Nesse caso, Roma pergunta: e Vossa Majestade, em troca, dará a Roma a Sicília pacificada?

Masinissa – Não compreendo. A Sicília é uma ilha romana. Não posso dar a Roma o que a Roma já pertence.

Catão – A terra da Sicília pertence a Roma, sim. Foi conquistada há pouco tempo. Aparentemente...

Masinissa – Aparentemente?

Catão – Ah, Vossa Majestade disse: "aparentemente"?

Masinissa – Eu?

Catão – Vossa Majestade!

Masinissa – Não disse. Repeti. Quem disse "aparentemente" foi o senhor.

Catão – E porque é que Vossa Majestade repetiu?

Masinissa – Marco Pórcio Catão, eu não vim aqui para o senhor me fazer perguntas.

Catão – E porque não hei-de eu fazê-las?

Masinissa – Sou o Rei Masinissa, Rei da Numídia. E sem mim, Roma não teria vencido Cartago.

Catão – Isso é o que se havia de ver!

Masinissa – Sou, de qualquer modo, o mais fiel aliado de Roma e não deixarei de o ser. Mas daí a consentir que me faça perguntas...

Catão – Essa é boa! Porque é que não hei-de fazer perguntas a Vossa Majestade?

Masinissa – Eu sou rei e o senhor não?

Catão – Como é que eu havia de ser rei, se sou republicano? Aliás, a república romana tem força para dar dois safanões a Sua Majestade El-Rei Masinissa!

Valério – Marco Pórcio!

Fábio – É demais!

Masinissa – Exijo que me peça desculpa por essas palavras.

Catão – (Depois de uma pausa) Com todo o gosto!

Valério e Fábio – (Aliviados) Ah!

Catão – Peço desculpa. Peço desculpa na medida em que Vossa Majestade é mais velho do que eu sete anos. Porém, como nas nossas idades tal diferença não tem importância e como o que está em jogo não sou eu e Vossa Majestade mas o seu poderio e o da nação romana, já não peço desculpa outra vez!

Masinissa – Ah... *(Pausa)* Marco Pórcio Catão é um grande diplomata. Bem, o incidente considero-o encerrado e... embora as suas palavras tenham sido proferidas para me ofender, determino que elas não foram proferidas e vamos adiante. Não posso, no entanto, deixar de notar que um diálogo consigo, Marco Pórcio, se reveste de algum perigo e, para evitar possíveis consequências, olharei à minha volta, até encontrar alguém com quem possa dialogar de modo mais curial...

Catão – Vossa Majestade refere-se a Cipião, chamado O Africano. Vossa Majestade sabe como eu e Cipião nos detestamos e pretende aproveitar a nossa rivalidade...

Cipião é no Senado o meu primeiro antagonista. Mas é romano. De modo que, embora ele seja meu figadal adversário, tenho a certeza de que, tal como eu, também perguntará a Vossa Majestade se, em troca de certas posições romanas a ocidente de Cartago, Vossa Majestade estará disposto a dar-nos a Sicília pacificada.

Masinissa – Como pode o senhor, Marco Pórcio, admirar e confiar no seu adversário?

Catão – Eu não sou rei, nem a monarquia autocrática e despótica alguma vez me seduziu. A unidade de Roma constrói-se à volta dos interesses de Roma e dos romanos. Ora, tanto para Cipião como para mim, como para qualquer cidadão romano, o interesse agora é pacificar a Sicília que, aqui a dois passos, se pode transformar em celeiro de Roma. Cipião sente esta necessidade tanto como eu, tanto como qualquer cidadão romano.

Masinissa – Falarei com Cipião.

Catão – Também eu.

Masinissa – Antes de mim?

Catão – Antes ou depois ou ao mesmo tempo. Tanto me faz.

Masinissa – Então falará depois de mim. Está de acordo?

Catão – Com certeza.

Masinissa – Dá-me a sua palavra? Não o procurará antes de eu lhe falar?

Catão – Marco Pórcio Catão dá a sua palavra.

Masinissa – Irei procurá-lo a casa.

Catão – Vá, Majestade, vá. E esteja descansado: eu permaneço aqui.

Masinissa – Adeus, Marco Pórcio.

Catão – Os meus cumprimentos a Vossa Majestade.

Ruído de passos.

Fábio – Marco Pórcio... Que terrível jogada! Como interpretará o Senado a maneira desagradável como trataste o mais fiel aliado de Roma? Que dirá o povo? Masinissa disporá Cipião, o chefe da oposição, contra ti e talvez nas próximas votações o nosso partido seja derrotado.

Catão – Fábio... Espreita àquela janela. *(Passos)* Quem vem lá?

Fábio – *(Segundo plano)* Cipião... Mas... Que dirá Masinissa quando se souber enganado?

Catão – Não por mim. Eu prometi-lhe que não procurava Cipião antes dele.

Fábio – E por mero acaso que Cipião se dirige para aqui?

Catão – Não. Quando soube que Masinissa se encontrava em Roma, mandei um escravo dar esta notícia a Cipião. Antes de sair de casa, ordenei que dissessem, no caso de Cipião me procurar, que me tinha dirigido para aqui. Deste modo, dispus tudo para que se encontre primeiro comigo. *(Ri-se)* Aí vem ele.

Passos.

Cipião – *(Segundo plano)* Salvé, Catão!

Catão – Salvé, Cipião! Masinissa saiu agora mesmo. Dirigiu-se à tua casa.

Cipião – A minha casa?

Catão – Sim. não deves fazê-lo esperar, Cipião.

Cipião – Seria bom que nós tivéssemos uma conversa preliminar acerca dos objectivos de Masinissa.

Catão – Prometi a Masinissa que não a teríamos. Sabes como eu sou fiel à minha palavra e aos velhos princípios de austeridade que fizeram de Roma uma grande nação, os quais princípios tu já esqueceste. A propósito: como vão os teus apaniguados? Como vão as tuas canções estrangeiras?

Cipião – Tudo bem, Catão. Tudo bem e na senda do progresso, o que não sucede contigo, que és um passadista militante. Já que não queres ter comigo uma conversa prévia, corro a encontrar-me com Masinissa.

Catão – Vai, vai, Cipião. *(Passos)* Cipião!

Cipião – *(Segundo plano)* Chamaste-me?

Catão – Os teus apaniguados ainda se riem de mim por eu ter defendido no Senado o banho individual e privado?

Cipião – *(Aproxima-se)* Sim, riem-se um pouco. Acham bizarra a tua ideia! O banho privado! *(Ri-se)*.

Catão – *(Furioso)* Os séculos vindouros me hão-de dar razão! Tempos virão em que o único modo decente de uma pessoa se banhar é em privado, ouviste?

Cipião – Ouvi! Deixa-me rir! E deixa-me ir à minha vida!

Catão – Vai, vai...

Passos.

Fábio – Marco Pórcio... não compreendo... Podias ter tido com Cipião a conversa prévia. Foi o próprio Cipião quem a propôs. Seria conveniente para tua defesa. Cipião não é de confiança. Além de que, como chefe da oposição...

Catão – Eu sei. É o mais rematado sevandija que pisa terra firme e danado está ele por me arrancar os bofes e dá-los a comer à gataria.

Fábio – Catão, posso gabar-me de ser um político com. boa formação.

Catão – Também eu.

Fábio – Venci batalhas.

Catão – Também eu.

Fábio – Fui administrador provincial.

Catão – Também eu. Bom, por pouco tempo.

Fábio – Aprendi todos os segredos da demagogia.

Catão – Sabes falar ao povo e convencê-lo do que muito bem te apetece...? Também eu.

Fábio – Sou bastante competente para te afirmar que neste assunto com Masinissa, tu estás a proceder contrariamente a todas as regras.

Catão – Muito bem. Exactamente por isso, farás o favor de comunicar a Cipião que, no caso de ele oferecer a Masinissa uma festa esta noite, ainda que sirva vinho grego e mande tocar cânticos estrangeiros e que todos os apaniguados de Cipião estejam presentes exibindo a sua fraqueza e a sua luxúria, eu terei muito gosto em comparecer também.

Fábio – Tu?! Ficará destruída a tua reputação de romano incorruptível. O povo ficará desnorteado. E o PTR, o nosso partido, perderá as eleições. E neste caso, que será de nós, dos teus amigos?

Catão – Perderemos as eleições, se assim tiver de ser. Eu é que não me afastarei, nem uma polegada, do meu dever para agradar ao eleitorado.

Fábio – Oh, como a tua honestidade às vezes é surpreendente!

Catão – Adeus, Fábio Emiliano.

Passos.

Fábio – Oitenta e dois anos e uma trombose das coronárias... Tenhamos esperança! Irradiar Catão é impossível. Se o seu afastamento se der por meios naturais, adeus para sempre, PTR, Partido Tradicional de Roma. Confiemos na sua morte e na nossa boa estrela, pois Catão já não merece a nossa confiança. Trombose das coronárias, velai por nós...

Música de Offenbach.

1º Narrador – Pois assim como nada se parece tanto com um gato preto como outro gato preto, assim também nada se parece tanto com um império como outro império, portanto, a música de Offenbach vem a propósito.

2º Narrador – Suponhamos que a maltosa reunida em casa de Cipião, metida nos copos, se pôs a cantar a tal cantiga de Offenbach-.

Coro – Oh femmes, oh femmes
Il n'y a que ça...
Tant que la terre tournera
Tant que le monde durera.

Masinissa – "Oh femmes, oh femmes...". Ah! Ah! Ah! Boa, boa! Disto é que eu gosto! "Oh femmes, oh femmes...".

Valério – Mais uma taça de vinho, Majestade?

Masinissa – Mais uma taça de vinho!

Cipião – É vinho grego.

Masinissa – Grego?! Doce e amargo ao mesmo tempo. Dá a sensação de estarmos a beber a própria vida... Mais! Rapariga, deita mais! Eh, Catão!

Catão – Senhor?

Masinissa – Não bebes?

Catão – Não, senhor, por causa da minha trombose. *(Ri-se)*.

Em conjunto

Masinissa – *(Segundo plano)* Deixa lá a trombose! Mais tromba, menos tromba, homem! Olha para isto, na minha idade! *(Bebe)* Tu ao pé de mim és uma criança. Estou aqui que não há mal que me chegue porque nunca dei confiança nem a doenças nem a médicos.

Masinissa continua em segundo plano.

Cipião – (Primeiro plano, em segredo) Tenho umas contas a ajustar contigo por causa da tua trombose. Ah, grande patife!

Catão – O que tens a dizer à minha trombose?

Cipião – Afastemo-nos para conversar. O espantalho do Masinissa já tanto celebrou a Baco, que não dará pela nossa ausência.

Catão – Afastemo-nos.

Catão – Ah, vamos para longe deste burburinho... Aqui ao fundo do jardim, estamos sós *(barulho de fundo fica ao longe)* e em sossego. Oh que barulheira aquela! Não sei como podes suportar todas as noites semelhante aranzel!

Cipião – E eu não sei como pudeste alarmar a cidade de Roma com a falsa notícia de que estás ameaçado de uma trombose das coronárias.

Catão – Falsa?! Ora essa, era o que me faltava ouvir!

Cipião – Sim. O teu coração está são como um pêro, tu próprio estás aí para lavar e durar.

Catão – (Levantando-se) Cipião, eu é que me sinto. Ai!... E o médico diagnosticou essa terrível doença.

Cipião – Subornaste o médico, para obteres semelhante diagnóstico!

Catão – Enlouqueceste! Oh, e não é só o mal físico, Cipião, é já não ser capaz de evitar a morte que se aproxima. Cipião, esta é a minha tragédia, que eu não desejo ao mais miserável dos escravos. Que digo eu? Nem a ti próprio eu a desejo!

Cipião – Só tu serias capaz de transformar uma trombose das coronárias numa manobra da propaganda eleitoral.

Catão – Que dizes?

Cipião – Sabendo que estás gravemente doente, nenhum romano deixará de votar em ti, pois é provável que morras

em breve e durante o mandato. E se morresses, o panorama eleitoral transformava-se completamente. Catão e o PTR já não entrariam na liça das eleições seguintes.

Catão – Perdão, o PTR continuará para além da minha morte.

Cipião – O PTR és tu. O resto lá dentro está podre. Quando morreres, o PTR desaparece.

Catão – É falso!

Cipião – Falsa é a tua trombose das coronárias. Quero avisar-te lealmente, como bom adversário, que a minha propaganda eleitoral consistirá em desmascarar a mentira da tua trombose das coronárias. Sabendo-se que tu ameaças viver ainda alguns anos, ninguém votará em ti. E eu ganharei as eleições.

Catão – Isso é um disparate, uma fantasia. Tenho a declaração escrita pelo médico.

Cipião – Mandei torturar o médico que confessou que lhe pagaste regiamente para ele diagnosticar uma doença que não tens.

Catão – Cipião, que estuporada consciência a tua! Que malvadez! Tu foste capaz de mandar torturar um honrado cirurgião?!

Cipião – E tu, Catão, foste capaz de subornar um honrado cirurgião?

Catão – Bem, eu não estou aqui para discutir política interna. Vim por causa de Masinissa.

Cipião – Ah, sim, Masinissa... Coitado!

Catão – Coitado!

Cipião – Oitenta e nove anos!...

Catão – Ah! Mas bem conservados!

Cipião – Achas?

Catão – Acho.

Cipião – Nesse caso, precisamos de fazer alguma coisa. Embora Masinissa seja o mais antigo aliado de Roma, e o mais leal, também é, neste momento, o seu maior inimigo.

Catão – Estamos de acordo.

Cipião – Então poderei pensar que se Masinissa morrer, não perderemos nada?

Catão – Masinissa é-nos necessário.

Cipião – Ora! Para quê?

Catão – Cipião, quantos escravos possuis?

Cipião – Cerca de três mil, não contando com os que estão dedicados a tarefas caseiras.

Catão – Pois eu tenho um rebanho mais opulento: sete mil e quinhentos!

Cipião – Bravo! Não te sabia tão rico e julguei que um honrado representante da velha Roma se contentasse com empreendimentos mais modestos...

Catão – A velha Roma não fez voto de pobreza. Pelo contrário, agiu sempre para seu próprio engrandecimento. Se a grandeza de Roma depende do número de escravos que Roma tiver, é tanto mais romano aquele que mais escravos possuir. E não só os possuir, como os empregar em tarefas lucrativas que contribuam para o bem comum. Ora a grande diferença entre a tua pessoa e a minha, neste capítulo, é que uma boa parte dos teus escravos te serve para tocar cítara, para ler versos, dançar, preparar os perfumes, dar-te massagens, para... Enfim, não desejo referir-me a outras tarefas que estão em desacordo com a minha integridade... Ao passo que os meus escravos cultivam as terras, fabricam o azeite, conduzem as galeras, estão aplicados em tarefas lucrativas e não em simples devaneios que consubstanciam a decadência dos costumes que dos antepassados herdámos.

Cipião – Podes dizer-me o que tem tudo isso que ver com Masinissa e com o que o trouxe até nós?

Catão – Posso. Conheces a Sicília?

Cipião – Sim.

Catão – Aquela ilha fecunda, aqui a dois passos, com as suas searas e toda a sua riqueza não te apetece? Hem?

Cipião – Roma destruiu Cartago e mais facilmente conquistará o Oriente e o mundo que conseguirá pacificar os sicilianos, que se dividem em lutas intestinas, e tornam aquela ilha realmente inacessível aos romanos.

Catão – Masinissa é o culpado de todas as rebeliões que nos fecham a Sicília. E mantêm-nas, como um gládio levantado sobre a economia de Roma. Ora, se conseguirmos dominar a Sicília, os teus três mil escravos e os meus sete mil e quinhentos transformar-se-ão em legiões de escravos que do solo daquela ilha tirarão riquezas sobre riquezas...

Cipião – Para Roma?

Catão – Para nós. E como nós somos Roma, Roma será beneficiária da nossa ambição pessoal.

Cipião – Compreendo: Marco Pórcio Catão, chefe do PTR, pretende aliar-se a Cipião, O Africano, seu figadal inimigo e chefe da oposição...

Catão – Enganas-te, o chefe do PTR continua a detestar Cipião; e contra ti lutarei com todas as armas. Mas na medida em que temos interesses comuns, poderemos entrar em acordo.

Cipião – Para maior grandeza de Roma?

Catão – Para maior grandeza de Roma, sim!

Cipião – De acordo, Catão. Serei teu aliado nessa causa.

Catão – Porém, é necessário que a nossa aliança não seja publicamente conhecida.

Cipião – Tens a minha palavra.

Catão – Não estranhas que para realizar este projecto me dirija a ti, quando podia realizá-lo sozinho?

Cipião – Tu precisas de mim porque eu tenho na mão o exército! Ah, sim, eu sei, tu vais dizer-me que o exército está corrupto. Corrupto ou virtuoso, tenho-o na mão, as legiões são minhas! Por meu lado, eu preciso de ti porque tu tens na mão o Senado e o povo. A nossa secreta aliança é perfeita. E aproveito a ocasião para te dizer, Marco Pórcio Catão, que tu és um génio político! És a personificação do génio político que fez de Roma uma grande nação.

Catão – E eu aproveito o momento para te declarar, Cipião, que o teu génio militar saberá sustentar a grandeza de Roma em qual quer recanto do mundo onde o poderio romano chegar.

Cipião – É meia noite. Esta hora e este dia ficarão memoráveis e abrirão novo capítulo nas páginas fulgentes da história romana.

Catão – Assim seja, Cipião, assim seja. E agora, vamos. Masinissa certamente já se entregou ao sono. Estas festas e orgias, que eu detesto, talvez deixem alguma boa recordação no espírito do rei. Separemo-nos, Cipião. Volta para a festa. Eu recolho à severidade do meu lar.

Cipião – Salvé, Catão!

Catão – Salvé!

Aproxima-se o coro a cantar.

Coro – Oh femmes, oh femmes
Il n'y a que ça...
Tant que la terre tournera
Tant que le monde durera.

O galo canta.

Fábio – Senhor, senhor!

Masinissa – Eh! Quem está lá? A minha espada! Ah, vilão, queres matar-me aproveitando o sono?

Fábio – Senhor...

Masinissa – Eu senti que tinha droga, aquele maldito vinho. Nem sei porque o bebi. Pois bem, confesso tudo. Não me mates. Sei que vens fazer de mim prisioneiro de Roma. Estou de acordo, mas não me maltrates. Não tenho idade para ser maltratado.

Fábio – Senhor, venho apenas despertar-vos.

Masinissa – Há quantos dias estou a dormir? Onde está o meu navio? E a minha tripulação?

Fábio – Senhor, delirais! São sete horas da manhã.

Masinissa – Ah, Roma! Ah, romanos malditos! E foi uma sorte não me terem misturado no vinho a peçonha mortífera. Pronto! Quanto queres para não me prenderes! Queres uma galera? Queres a minha colecção de tapetes orientais? Ah, já sei, queres escravos...

Fábio – Deixai-me falar, senhor!

Masinissa – Se te deixo falar, pedes-me a liberdade e a vida. Prefiro ser eu a oferecer. Dou-te mil e quinhentos escravos dos melhores do meu reino, se me deixares em liberdade.

Fábio – Senhor, envergonhais-me, oferecendo-me tantas riquezas.

Masinissa – Ah, não te chega? Pois bem, eu confesso tudo: eu é que mantenho na Sicília o estado revolucionário contra Roma. Sou eu... Digo-te os nomes dos sicários, dos chefes da revolta. Que

'Ires? Digo tudo, se me puseres em liberdade...

Fábio – Senhor, não quero! *(Forte)* Catão enviou-me para saber como passastes a noite. E o que desejais para a primeira refeição.

Masinissa – Nada mais?

Cipião – (Aproximando-se) Muito mais!

Fábio – Cipião'.

Cipião – *(À parte)* Cala-te... *(Forte)* Sim, muito mais. Exijo *(chicotada)* muito mais. Os nomes! Quero os nomes! Pr'aqui os nomes! *(Chicotada)* Sob pena de comeres só pão e água na mais reles masmorra de Roma. Os nomes, senão... *(Chicotada)*.

Masinissa – Toma este pergaminho. Aí está tudo. E agora deixem-me dormir. Oh, que pesadelo, terrível pesadelo! Quero acordar… Acordar' para ter a certeza de que nada disto *é* realidade. Ah...

(Ressona).

Fábio – Adormeceu de novo.

Cipião – Convenceu-se de que o acontecido pertence ao seu sono de bêbado. Pois bem, copiamos as indicações que constam do pergaminho. Depois, tornaremos a colocá-lo no bolso de onde Masinissa o tirou. Assim, ao despertar, não se lembrará de que denunciou os seus próprios colaboradores.

Fábio – Cipião, isso não é honesto! Catão, o mais honrado dos romanos, certamente vai desaprovar esse abuso de confiança, e condenar-te por o teres praticado.

Cipião – Política é política, guerra é guerra, amigos são amigos e a Sicília pertence a Roma e não a Masinissa. Compreendeste? Fábio, procura rapidamente Catão e comunica-lhe que saquei a Masinissa os segredos da Sicília. Depressa, vai, enquanto eu copio o pergaminho.

Fábio – Vou a cavalo?

Cipião – Sim, vai a cavalo, vai, se conseguires evitar que seja o cavalo a ir em ti. *(Passos)* Por Júpiter, que grande besta! Nomes... Moradas... Cargos que desempenham...

Quantitativos que recebem... Bravo, que magnífica colheita, logo de manhã...

Música.

2º Narrador – Restituído o pergaminho ao bolso de onde Masinissa o tirara, ao acordar o aliado de Roma ignorava que o segredo caíra nas mãos dos romanos, isto é, nas de Cipião e nas de Catão. Masinissa quis negociar a cedência das posições romanas a ocidente de Cartago que tanto o interessavam. Insistiu. A insistência valeu-lhe um discurso de Catão, que vamos ouvir.

Catão – Fique Vossa Majestade sabendo que Roma não cede posições! Roma conquista posições! Nem eu, nem qualquer romano temos outra resposta a dar. Vossa Majestade veio aqui buscar lã, mas irá tosquiado!

Masinissa – Não estranho essa rude imagem de natureza pastoril, Marco Pórcio, que denuncia o camponês retardado que o senhor nunca deixará de ser.

Catão – No que tenho muita honra!

Masinissa – Porém, se bem me lembro, ontem, quando falei nas posições romanas a ocidente de Cartago, o senhor falou-me da Sicília.

Catão – Eu? Ora essa! Era só o que me faltava ouvir! Eu nunca falei a Vossa Majestade da Sicília, nem de outra ilha qualquer.

Masinissa – Que maldita terra esta onde uma pessoa já não sabe o que é a realidade e o que é o sonho! Fiquei transtornado por aquele maldito vinho, importado da Grécia! Ah, mas não! Eu juro, juro que ouvi, com estes que a terra há-de comer, o senhor referir-se claramente à Sicília.

Catão – Ilusão auditiva! Ilusão auditiva e nada mais.

Masinissa – É essa a última palavra de Roma ao seu aliado, El-Rei Masinissa?

Catão – Não, senhor. A última palavra é: faça Vossa Majestade muito boa viagem e encontre os seus de óptima saúde!

Masinissa – Parece impossível, parece impossível... Adeus...

Catão – Salvé, senhor...

Masinissa – (Resmungando e afastando-se) Adeus! Parece impossível… Parece impossível... Parece impossível...

Música muito breve.

1º Narrador – A aliança secreta entre Catão e Cipião não teve mais aquelas. Foi num zaz-traz-paz! No Senado, cada um deles mandou as suas bocas. Para um, tanto como para o outro, a coisa, é claro, era para bem do povo. "Povo isto, povo aquilo...", enfim, povo que agora é que ia saber o que é fartura. Dos arranjinhos lá entre eles, nada, está claro. A primeira coisa que fizeram, foi enviar os chuis, sim, a Pide lá do tempo, com as listas de pessoas roubadas a Masinissa. Foram para a Sicília cocar, saber onde viviam os chefes e todos os outros. A seguir, foi a polícia de choque que os prendeu e abateu e fez um montão de mortos que, regado com alcatrão, ardeu durante três dias e três noites, uma fogueira de todo o tamanho e um cheirete para servir de exemplo. Depois,...

Sussurro da multidão.

1º Narrador – ... Catão, à frente das tropas, desfilou pelas ruas de Roma e embarcou nos navios que dentro em pouco regressavam a Roma cheios do cereal que o exército roubou aos camponeses da Sicília. E logo a seguir,...

Sussurro da multidão misturado com charamelas militares.

1º Narrador – ... Cipião partiu para o Oriente, para conquistar o Oriente para Roma.

2º Narrador – O povo de Roma exaltante de alegria, convenceu-se de que a finalidade destas acções era a sua felicidade. E os demagogos não deixaram de gritar que a democracia romana seguia para novas terras para libertar os povos bárbaros das trevas da ignorância, libertá-los com o esplendor da democracia.

1º Narrador – E os que ficavam em Roma, dedicavam-se a grandessíssimos regabofes e, devastados pela ideia do novo imperialismo, não deixavam de cantar:

Coro – Oh femmes, oh femmes
Il n'y a que ça...
Tant que la terre tournera
Tant que le monde durera...

Agosto de 1975

Miau, Miau,
Béu, Béu,
Pum, Pum

PERSONAGENS:

LADO DA CANZOADA:
Cão Chefe
Cão Ajudante
Condestável da Canzoada

LADO DA GATARIA:
Gato Rei
Gata Raínha
Condestável da Gataria
Espião

Apesar de se travar apenas um recontro, anterior ã enorme batalha em perspectiva, grande aranzel de cães e de gatos que se confrontam. Pelos sons, sente-se que o ódio é mútuo e terrível.

Cão Chefe – Dá-me o binóculo.
Cão Ajudante – Ei-lo.
Cão Chefe – Lá estão eles à bulha...
Cão Ajudante – É verdade, Chefe, lá estão eles à bulha.
Cão Chefe – Tinha mais que ver se não estivessem!
Cão Ajudante – Oh, sim, tinha mais que ver...
Cão Chefe – Cães e gatos... duas espécies que sempre mutuamente uma com a outra embirraram...
Cão Ajudante – Oh, sim, Chefe, sempre, propriamente, uma com a outra sempre embirraram...
Cão Chefe – Tinha mais que ver que agora deixassem de embirrar...
Cão Ajudante – Tinha mais que ver, oh, sim, Chefe.

Cão Chefe – Porém...

Cão Ajudante – Oh, sim, porém...

Cão Chefe – Você, ó seu ajudante meu, você atreve-se a dizer porém?

Cão Ajudante – Eu!? Não, eu não disse porém.

Cão Chefe – Disse, sim, disse! Admita!

Cão Ajudante – Admito.

Cão Chefe – Ah, admite... Porém, é uma adversativa...

Cão Ajudante – Oh, sim: mas, porém, todavia...

Cão Chefe – .. contudo, você disse-a.

Cão Ajudante – Fui atrás do Cão Chefe.

Cão Chefe – Você não tem de ir atrás de mim com adversativas.

Ouviu? Hem? *(Bate-lhe. O Cão Ajudante guincha)* Se eu sou o Chefe, você não tem que avançar adversativas contra mim! Ouviu? *(Bate-lhe)*

Cão Ajudante – (Guinchando e cheio de medo) Eu sou o Cão Ajudante do Chefe Cão. Portanto, eu não <u>amando</u> adversativas contra o Chefe. Tudo o que eu <u>amando</u> é a favor do Chefe, mesmo que sejam adversativas.

Cão Chefe – Acho isso suspeito...

Cão Ajudante – Mas é verdade.

Cão Chefe – Ah, cão!

Cão Ajudante – Terei eu a culpa da verdade ser suspeita?

Cão Chefe – Então quem tem a culpa? Sou eu?

Cão Ajudante – Claro! O Chefe é que disse que a verdade é suspeita.

Cão Chefe – Toma! *(Bate-lhe)* Toma que é para aprenderes a não dizer verdades!

Cão Ajudante – (Cheio de genica) Pois a verdade, eu vou dizê-la. Ainda que me faça ou em caca ou em papas de linhaça;

ainda que me meta no passe-vite ou me esfregue na pedra de lavar a roupa, ainda que me esmoa nas mós do moinho!

Cão Chefe – Tu atreves-te?

Cão Ajudante – Atreve-me, sim, e não preciso de monóculo, nem de binóculo, nem de trióculo, nem de tetróculo.

Cão Chefe – Ah! Gaita!

Cão Ajudante – O Chefe não me chama gata, ouviu? Gata era a sua tia!

Cão Chefe – O quê? Tu desacatas a família do teu próprio Chefe!?

Cão Ajudante – Não! Eu quero só dizer a verdade.

Cão Chefe – Diz a verdade.

Cão Ajudante – Ah, então consente...?

Cão Chefe – Sim...

Cão Ajudante – E não me tortura depois?

Cão Chefe – Não.

Cão Ajudante – E depois não se apropria da minha paparoca?

Cão Chefe – Por vingança? Não.

Cão Ajudante – Então a verdade é que esses gatos e esses cães miam e ladram, não fazem nada mais.

Cão Chefe – Preparam-se para a batalha.

Cão Ajudante – Não. Se tivessem de guerrear, já estavam a guerrear.

Mas não, só miam e ladram, não fazem nada mais.

Cão Chefe – Cobarde! Que cobardia pretendes significar com isso?

Cão Ajudante – Que eles não querem guerrear.

Cão Chefe – Cobarde! Se eles não querem guerrear, que faço eu aqui, comandante em chefe? Se não querem eles guerrear que é que comando eu? Se eles não querem guerrear, então que querem eles?

Cão Ajudante – O que eles querem é viver.

Cão Chefe – Viver! *(Grande gargalhada)* Que é isso de viver? E o que é viver sem guerrear? *(Gargalhadas)*.

Estamos agora próximo dos gatos, isto é, a presença dos latidos cede lugar gradativamente a um miar luxuoso e a. um amoroso ronronar. Mais precisamente: estamos na tenda de campanha do Gato Rei, que se dedica aos prazeres conjugais que lhe proporciona a Gata Rainha.

Gato Rei – Oh, como eu estou feliz! Quatro meninos! Quatro gatinhos!...

Gata Rainha – Quatro?

Gato Rei – Sim. Quatro gatinhos, quatro meninos! Quatro bolinhas de algodão. Quatro... *(Intencionalmente para a arreliar)* Que se parecem com o pai...

Gata Rainha – Oh... oh... quem me dera poder ver...

Gato Rei – Não te canses agora, meu amor. Depois verás. Não te preocupes, querida, eu estou a lambê-los suavemente, o melhor que um gato pode lamber os seus próprios filhos, depois de acaba rem de nascer.

Gata Rainha – Meu amor...

Gato Rei – Hem?

Gata Rainha – Nenhum deles se parece comigo, com a mãe? São todos parecidos com o pai, são todos parecidos contigo?

Gato Rei – Bem... sabes...?

Gata Rainha – Oh, pobre de mim... Tive este trabalho todo e afinal nenhum dos meus quatro meninos se parece comigo...

Gato Rei – Oh querida, meu amor... Mas quem te disse semelhante coisa? Depois verás...

Gata Rainha – Nenhum se parece comigo. Oh, eu sou tão infeliz...

(Choraminga).

Gato Rei – E eu estou tão feliz.

Gata Rainha – Claro! Egoísta! Egoísta! Estás feliz porque todos os quatro se parecem contigo!

Gato Rei – Estou feliz porque... porque dois deles são tal e qual o pai; e os outros dois são a mãe tal e qual...

Gata Rainha – Oh! É verdade? É verdade?

Gato Rei – É claro que é verdade.

Gata Rainha – Oh, eu vou abrir os olhos, eu quero ver.

Gato Rei – Não. O médico proibiu: "Ela que não abra os olhos senão três horas depois de todos os filhos terem nascido". Eis o que disse o médico.

Gata Rainha – Para quê? Nunca se viu coisa assim!

Gato Rei – Sabes para que é? É para teres tempo de sonhares como desejas que os teus filhos devem ser. Se souberes sonhar, quando abrires os olhos, encontras os filhos com que sonhaste.

Gata Rainha – Sim?... Oh, que maravilha! Nesse caso, só abro os olhos daqui a três horas. Oh, que maravilha!

Gato Rei – Entretanto, acredita em mim: dois deles são tal e qual o pai; e os outros dois são a mãe tal e qual. Sou eu quem to diz. Acreditas?

Gata Rainha – Oh, sim, meu amor. Acredito, acredito! Oh, que maravilha! Até parece que já os conheço. Que maravilha!

Trombeta. Passos, tinir de esporas. O Condestável da Gataria vai a despacho, para o que penetra na real tenda de campanha.

Condestável da Gataria – Apresenta-se a Vossa Majestade Gatíssima o Condestável da Gataria! Solicito despacho urgente.

Gato Rei – E porque vem o Condestável da Gataria devassar a intimidade do seu Rei?

Condestável da Gataria – Senhor! O exército está sobre o terreno disposto para a batalha. Os peões de unhas retrácteis a sudoeste; os cavaleiros de unhas mais retrácteis a este-sueste; os infanções de unhas particularmente retrácteis a nor-noroeste; os sapadores de unhas retractibilíssimas a sul-nor-oeste-leste-celeste.

Gato Rei – Ah, bem! E os aliados?

Condestável da Gataria – Os texugos no subsolo; onças e tigres sobre as árvores.

Gato Rei – E pelo ar?

Gata Rainha – Eh! Não te distraias. Se os não lambes tu, tenho de os lamber eu. Coitadinhos!

Gato Rei – Cala-te, amor, que o caso é sério. E pelo ar?

Condestável da Gataria – As gaivotas, apesar das promessas e dos tratados, traíram.

Gato Rei – Cobardes! Queres dizer que a aviação está desfalcada...?

Condestável da Gataria – De maneira nenhuma.

Gato Rei – Como? Ora, restam-nos as borboletas. Ou será que traíram também?

Condestável da Gataria – Não, as borboletas continuam fieis.

Gato Rei – Honra lhes seja feita. Mas não servem para nada de prático, só para salvar a honra. Oh, para que serve na batalha uma borboleta? É o mesmo que nada.

Condestável da Gataria – As borboletas asseguram as comunicações.

Gato Rei – Não é possível. Não são capazes!

Condestável da Gataria – Juraram: "Nós asseguramos as comunicações, palavra de honra", disseram as borboletas. E desenrolaram sobre a mesa um plano espantoso, qualquer

coisa como nunca se viu. Oh, as borboletas nos últimos anos tiveram um grande desenvolvimento!

Gato Rei – Qual desenvolvimento?

Condestável da Gataria – Técnico.

Gato Rei – Ah, bom...

Condestável da Gataria – Quanto à aviação... pois...

Gato Rei – Pois...?

Condestável da Gataria – Temos os golfinhos.

Gato Rei – Perdão, isso é marinha.

Condestável da Gataria – É aviação.

Gato Rei – Como? Não percebo. Os golfinhos vivem no mar.

Condestável da Gataria – Os golfinhos não intervirão pessoalmente. Não. Sabe, Vossa Majestade? Eles são muito civilizados, não se dedicam a guerras. Quando se fala de guerras, desatam à gargalhada, Vossa Majestade havia de os ouvir: "Só faz guerra quem não sabe fazer mais nada". Ai o que eles se riem...

Gato Rei – Condestável da Gataria! Vocemecê pretende dar comigo em doido?

Condestável da Gataria – Oh, Vossa Majestade Gatíssima!

Gata Rainha – Eh! Não te distraias. Se os não lambes tu, tenho de os lamber eu. Coitadinhos.

Gato Rei – Então lambe-os, que agora é que o caso é mesmo sério.

A Gata Rainha ronrona, de prazer, lambendo-os.

Gato Rei – Ora explique-se. Os golfinhos vivem no mar, portanto, quando muito, seriam da marinha. Porém, os golfinhos recusam-se a fazer a guerra e, pelo contrário, uma vez que são civilizadíssimos, quando ouvem falar de guerra desatam a rir. No entanto, o Senhor Condestável da Gataria afirma que

a aviação é com eles. Ora bem, isto não tem lógica, isto não se compreende.

Condestável da Gataria – Foi uma vitória diplomática. Conseguimos fazer ver aos golfinhos a justiça da nossa causa.

Gato Rei – Bravo! E eles, civilizados como são, construíram aviões, para no ar se baterem a nosso lado?...

Condestável da Gataria – Oh, não. Eles mobilizaram a nosso favor os peixes-voadores.

Gato Rei – Muito bem. Muito bem. Encontra-se tudo disposto para a batalha?

Condestável da Gataria – Tudo. A canzoada não levará a melhor.

Gato Rei – Estou a ver... Olha querida, olha ali aquele branquinho, parecido contigo, não o abandones, meu amor. Tens de o lamber carinhosamente, assim...

Condestável da Gataria – Com franqueza! Majestade! A hora é de verdade.

Gato Rei – Óptimo.

Condestável da Gataria – Vossa Majestade disse óptimo? Pois então ouça a verdade: é um insulto aos seus súbditos aguerridos e fiéis que eles estejam prontos e dispostos no campo de batalha, a resfolgar como locomotivas, nervosos e inquietos, treinando, estendendo e retraindo as unhas retrácteis, enquanto Vossa Majestade está aqui no morninho a lamber os seus quatro pimpolhos.

Gato Rei – Tem razão, Senhor Condestável da Gataria! Nada de fraquezas. Depressa, vamos à batalha! Sem demoraaaaaaa!

Gata Rainha – Vais guerrear?

Gato Rei – Vou. Nem tu me farias voltar atrás.

Gata Rainha – Oh, e eu fico sozinha?

Gato Rei – Em tempo de guerra não se limpam unhas, meu amor. Adeus, querida.

Gata Rainha – Eu vou abrir os olhos!

Saiem o Gato Rei e o Condestável da Gataria, com charamelas, trombetas, esporas e outros ruídos peculiares.

Gata Rainha – Estou a abrir os olhos. Estou a abrir os olhos... Oh! Que maravilha, que maravilha! Era verdade, era verdade! Oh! Dois deles são tal e qual o pai; e os outros dois são a mãe tal e qual!

Ruídos das tropas em confrontação.

Condestável da Canzoada – Excelentíssimo e Ilustríssimo Senhor Cão Chefe!

Cão Chefe – Eh, Senhor Condestável da Canzoada, porque me vem perturbar na intimidade do meu posto de chefia?

Condestável da Canzoada – Está tudo no campo disposto para a batalha.

Cão Chefe – Tudo? Sim. Então é só o tempo de me espreguiçar e desço a ordenar o ataque imediatamente.

Condestável da Canzoada – De maneira nenhuma!

Cão Chefe – Ora essa! E porquê?

Condestável da Canzoada – As tropas não se baterão!

Cão Chefe – O quê?

Cão Ajudante – Eu não dizia?!

Cão Chefe – Trata-se de insurreição, de insubordinação, ou quê?

Condestável da Canzoada – Trata-se de que as tropas não se baterão.

Cão Chefe – O quê?

Cão Ajudante – Eu não dizia?!

Cão Chefe – Trata-se de algum movimento pacifista, cobarde e desarmacionista?

Condestável da Canzoada – Trata-se dum movimento encabeçado por mim próprio.

Cão Chefe – Vocemecê? Mas porquê, por que razão e motivo?! Você é Condestável. E um condestável é para se bater. Não é para se abster.

Condestável da Canzoada – Exacto. Quando tem tropas. Mas as nossas tropas não se batem. Ora diga-me lá o que pode fazer sem. tropas qualquer Condestável, nem que seja o Condestável da Canzoada?! Ainda mesmo que um Condestável seja para se bater e não para se abster!?

Cão Chefe – E essa a sua posição?

Condestável da Canzoada – E. E digo mais: a hora é de verdade e a verdade é que eu também não me quero bater, eu o que quero, tal como as tropas, o que eu quero é viver.

Cão Ajudante – Eu não dizia?!

Cão Chefe – Pois eu estou aqui para guerrear. Portanto, com tropas ou sem tropas, eu vou guerrear...

Condestável da Canzoada – O quê? Sozinho? Vai sair a Campo sozinho?

Cão Chefe – Se os outros se negam cobardemente a guerrear, eu quero bater-me por eles e por mim!

Condestável da Canzoada – Sozinho?... Há-de ser bonito!... *(Riem Condestável e Ajudante)*.

Cão Chefe – A minha velha espada, a minha toledana! Ei-la... Ao assaltoooo...

Condestável da Canzoada – (Gritando) Eh, rapazes, salvem-lhe a vida! Sem medo, passem-lhe uma rasteira, senão a gataria fará dele um paliteiro.

Risos.

Passamos ao campo da gataria. Ruídos adequados.

Gato Rei – Quem é aquele louco que contra nós avança sozinho?

Condestável da Gataria – É o Cão Chefe.

Gato Rei – Assim? Sozinho? Não creio. É um lobo.

Condestável da Gataria – Um lobo? Como?

Gato Rei – Algum lobo aliado lá deles. Nós só temos por aliados os peixes-voadores? Qual é o espanto de eles terem por aliado um lobo?

Condestável da Gataria – De facto...

Gato Rei – Ah, bem... Eh, rapaz, vai lá dentro ver se os quatro pimpolhos continuam bem, assim como a mãe dos quatro pimpolhos.

Gato Ajudante - Imediatamente, Senhor.

Saída com ruídos peculiares.

Condestável da Gataria – *(Rindo)* Olhem, olhem, os companheiros dele passaram-lhe uma rasteira.

Gato Rei – É estranho.

Condestável da Gataria – Aquilo significa, Real Senhor, que o adversário está desorganizado. Ou louco. Ou é suicida. Ou não quer guerrear.

Gato Rei – Não quer guerrear? Como pode você afirmar uma coisa dessas?

Condestável da Gataria – A minha experiência... Sabe? Antes das batalhas sente-se no ar um cheiro... anda no ar um nervoso... E dali não sinto vir nada. Eles não se querem bater, Real Senhor.

Gato Rei – Se assim é, devo dizer que têm toda a razão.

Condestável da Gataria – Que heresia!

Gato Rei – Você, Senhor Condestável da Gataria, vê algum motivo profundo para esta guerra? Vá, diga lá se vê!

Condestável da Gataria – Não vejo nem é preciso. Sempre houve guerras entre cães e gatos; sempre entre gatos e cães guerras haverá.

Gato Rei – Não chega. Têm alguma finalidade, essas guerras? Ein? Ah, não têm. Por atavismo... não? Acabemos com o atavismo! E façamos guerras, sim, e ferozes e violentas e tremendas, se delas vier algum benefício ou para a canzoada ou para a gataria.

Condestável da Gataria – Qual benefício?

Gato Rei – O único que interessa.

Condestável da Gataria – E qual é?

Gato Rei – É todos terem uma vida melhor e mais justa. Fazer da vida alguma coisa que a todos apeteça viver.

Condestável da Gataria – E o que é preciso para isso?

Gato Rei – Muitas coisas. Fazer a guerra, inclusivamente.

Condestável da Gataria – Sim? Bom, então eu estou safo

Gato Rei – Não está safo, Senhor Condestável da Gataria. Porque o Senhor só sabe fazer esta guerra atávica, entre cães e gatos. Ora eu pergunto: para atingir aquele fim, será esta a guerra que é preciso fazer? Será contra os cães que é preciso lutar? Não haverá outros inimigos que sejam mais nossos amigos do que os cães? Talvez seja preciso mudar de inimigo; ou mudar de guerra.

Condestável da Gataria – Então estou tramado. Porque eu só sei fazer esta guerra e o meu nariz não sente outro inimigo senão os cães. Isto é, Vossa Majestade o que quer é tirar-me o emprego de Condestável da Gataria.

Gato Rei – Claro que por causa disso, Você vai fazer tudo para que eu não tenha razão, para continuarmos com esta estupidez desta guerra atávica... Esteja descansado, Senhor Condestável. Já tem direito à reforma. Eu dou-lhe a reforma quando for a ocasião.

Condestável da Gataria – Oh, muito agradecido... Eu lambo as unhas retrácteis a Vossa Majestade Gatíssima.

Gato Rei – Não lamba, que me faz cócegas... Além disto, eu não tenho paciência para fazer esta guerra; esta guerra não me apetece. Então eu vou para a guerra, quando me nasceram há pouco quatro pimpolhos, dois deles são tal e qual o pai e os outros dois são a mãe tal e qual? Então eu vou passar o resto dos meus dias a contar aos meus quatro pimpolhos histórias como esta: "Olhem, meus filhos, no dia em. que vocês nasceram, o vosso pai comandou os aliados contra a canzoada. Foi a vitória, foi a glória! A gataria teve apenas trinta e três mortos e setenta e sete feridos. Oh, mas a canzoada...? Eu estripei-os, torturei-os, morreram para cima de quarenta milhões, não se salvou ninguém, nenhum ficou vivo para contar!". Então eu vou viver até ao fim da vida a contar cobardias destas aos meus quatro pimpolhos? Então este mundo tão lindo onde os meus quatro pimpolhos desembarcaram há bocadinho não terá fartura bastante para viverem a canzoada e a gataria? Portanto, se é verdade que eles não se querem bater, eu digo: têm eles toda a razão.

Condestável da Gataria – Então calha mesmo bem, porque aí vem. um dos deles trazendo uma bandeira branca.

Gato Rei – Quem é?

Condestável da Gataria – Não distingo. Mas pergunta-se à espionagem. Eh, espionagem! Quem vem lá de bandeira branca?

Espiões – É o Condestável da Canzoada. Avança sobre o nosso campo, desarmado. Traz num pau hasteada uma bandeira branca.

Condestável da Gataria – Ouviu? Que fazemos? Que fazemos, Vossa Majestade Gatíssima?

Gato Rei – Você, Senhor Condestável da Gataria vai imediatamente sair-lhe ao caminho, armado e sem levar qualquer pau, nem hasteada qualquer bandeira branca. E esses bigodes bem façanhudos!

Condestável da Gataria – Assim...? Então é para já, Vossa Majestade Gatíssima!

Sai.

A cena seguinte passa-se entre-campos.

O diálogo poderá a princípio ser travado em voz quase gritada, dando a impressão de que os parlamentares se encontram, em todo o caso, assaz distantes um do outro.

Condestável da Gataria – Senhor Condestável da Canzoada! Que é isto? Que vem cá fazer? Porque avança sobre o nosso campo, sozinho, desarmado e trazendo num pau hasteada uma bandeira branca?

Condestável da Canzoada – Senhor Condestável da Gataria, Vossa Excelência...

Condestável da Gataria – Chama-me Vossa Excelência, a mim?! Ah, então é o que eu desconfiava: a canzoada vem render-se.

Condestável da Canzoada – Isso é que era bom!... A canzoada não se rende nem ficará vencida. Simplesmente, não guerreia. A decisão foi tomada por maioria, com um único voto contra, o voto de um suicida patológico.

Condestável da Gataria – 'Pa... quê?

Condestável da Canzoada – ...to-ló-gi-co. Patológico!

Condestável da Gataria – Muito bem. E agora?

Condestável da Canzoada – E agora?

Condestável da Gataria – O Senhor também pergunta: e agora?! Sim? Ah, então é porque chegámos a um impasse.

Condestável da Canzoada – Permite que me aproxime?

Condestável da Gataria – Sim, aproximemo-nos, um passo um, um passo outro. Eu conto. Um, dois, três, quatro...

Condestável da Canzoada – (Segredando) O Senhor disse: impasse?

Condestável da Gataria – Chegámos a um impasse, disse eu. *(Irrita-se)* Ou não chegámos? Hem? Será que a canzoada tem alguma solução a propor?

Condestável da Canzoada – Calma, Senhor, não é nada disso. *(Em segredo)* Pschiu... Eh!... Pschiu...

Condestável da Gataria – Então o que é?

Condestável da Canzoada – (Em segredo) É que eu não sei o que quer dizer: impasse.

Condestável da Gataria – Quer dizer que a coisa não anda nem para a frente nem. para trás. Compreendeu agora?... Ah. Enfim... O nosso exército está pronto para a batalha.

Condestável da Canzoada – O nosso também.

Condestável da Gataria – Mas não se bate. Portanto eu digo: chegámos a um impasse. Isto generosamente, porque eu podia muito bem mandar avançar a gataria para que trucidasse a canzoada. Eu podia fazer exigências. Massacrar a canzoada, ocupar os territórios, incendiar as povoações, saquear os haveres, roubar as raparigas.

Condestável da Canzoada – Trabalho escravo, hem?

Condestável da Gataria – Sim, senhor. Escravo. Então como é que havia de ser? Tivemos um trabalhão, gastámos um dinheirão para preparar o exército e vem o inimigo e diz: não nos batemos. Se não se bate, que faz então a canzoada? Que indemnizações, que compensações nos vai dar?

Condestável da Canzoada – Nenhumas. A ideia da canzoada, aprovada em assembleia geral democrática, com um único voto contra, o voto dum suicida patológico, foi que, em vez

de fazer a guerra, a canzoada e a gataria façam uma festa de confraternização. Deste modo, acabam-se os preconceitos, as ferocidades monopolistas, os machismos latifundiários que fizeram com que, secularmente, a canzoada e a gataria, duas espécies, qual delas a mais nobre, tenham andado às guerras em combates singulares e colectivos, uma chatice, uma constante preocupação.

Condestável da Gataria – Considerando que este mundo em que vivemos chega para todos; considerando que as nossas respectivas espécies só têm a ganhar com a paz e com a concórdia; considerando que tal paz e tal concórdia lhes abrem, a ambas as referi das espécies, o caminho da prosperidade e da justiça social; proponho a vocemecê, Senhor Condestável da Canzoada, que nós os dois, para que todos vejam, e como sinal às nossas tropas neste momento dispostas no campo de batalha, resfolgando como locomotivas, eu proponho que o Senhor e Eu - o Condestável da Canzoada e o Condestável da Gataria – nos abracemos, que caiamos nos braços um do outro.

Condestável da Canzoada – Eu abro os braços e digo: venham daí esses ossos!

Condestável da Gataria – Os meus ossos aí vão. Mas - eh lá! - olhe que não são para roer.

Condestável da Canzoada – Ora essa, que ideia! De mau gosto, numa ocasião destas.

De um campo e do outro, começam a ouvir-se ruídos de alegria.

Condestável da Gataria – Eles já compreenderam o que significa o nosso abraço

Condestável da Canzoada – Sim, e já se aproximam.

Condestável da Gataria – E também já se abraçam.
Condestável da Canzoada – Isto ainda acaba numa grande farra!
Condestável da Gataria – Desculpe aquele reparo que lhe fiz por causa dos ossos... Dos meus ossos...
Condestável da Canzoada – Não se fala mais nisso...
Condestável da Gataria – Eu não estava com medo de si, não. Mas a canzoada tem a mania dos ossos! Preferem os ossos à carne. Nunca compreendi porquê... Pois vê-se logo que carne é melhor do que osso. Mas vocês agarram-se ao osso e não o largam e ficam com ele, práli, tempos sem fim... sempre a roer, com cara de parvos e olhos de carneiro mal morto...

Gargalhada do Condestável da Canzoada. O ruído de alegria sobe ao auge. Na real tenda de campanha do Gato Rei, silêncio quebrado apenas por um ronronar discreto.

Gata Rainha – *(Muito baixo)* Que maravilha! Dois deles são tal e qual o pai e os outros dois são a mãe tal e qual. Que maravilha!
Gato Rei – Pschiu...

Entra de rompante o Condestável da Gataria, com os seus ruídos peculiares.

Condestável da Gataria – *(Radiante, voz potente)* Majestade Gatíssima! Tudo correu pelo melhor!
Gato Rei – Pschiii... Não faça barulho! Não vê que estão a dormir, os meus quatro pimpolhos?
Condestável da Gataria – *(Segredando)* Não haverá guerra. As tropas confraternizam... Está a ouvir?
Gato Rei – Ah, sim... Quer dizer: alegria no campo de batalha...
Gata Rainha – Não haverá guerra?
Gato Rei – Não.

Gata Rainha – Só haverá paz? Oh, que maravilha... que maravilha...

Agosto de 1975

A Luta pela Vida
ou
A Promessa de Ling-Fu-Tonk

Lenda Chinesa

PERSONAGENS:

Li-Lang
Ling-Fu-Tonk

Música chinesa o mais possível exótica.

Ling-Fu-Tonk – Porque assim aprouve aos deuses, cheguei a casa do meu filho - suprema humilhação para um pai ir como suplicante a casa do próprio filho, pelo menos segundo os ditames que regem desde há milénios a nossa família -, cheguei a casa de meu filho por uma linda manhã de Primavera, quando as inefáveis rosas recendem e o nosso Pai-Sol saindo da sua infinita pousada, aquece os mortais enregelados do Inverno e da noite. Fiz a jornada sobre um cavalo.

Cavalo andando a passo.

Ling-Fu-Tonk – Estou velho, e já os joelhos se me negam às violências do trote. Por isso, atravessei as longas areias da planície a passo, com a inquietação abafada pela prudência. E que inquietação! Pois não ia eu, Ling-Fu-Tonk, numa diligência humilhante para a minha dignidade de grande senhor chinês, jogar a própria vida, a vida a que tinha de renunciar por respeito para com as sombras tutelares da nossa família que nos deixaram em testamento - à parte os dotes materiais -, a obrigação moral de sacrificar a vida numa altura previamente marcada... e sem consentimento do próprio interessado? Enfim, vou deixar por um momento esta subtil tendência da minha raça de subtilmente esconder as subtilezas

que habitam a alma de um grande senhor chinês, para vos revelar que chefe da nossa família - como eu sou - que logre atingir a provecta idade de sessenta e três anos, dispõe de um objecto de cabo de marfim recamado de brilhantes - um punhal - com que tem de se libertar das horríveis penas deste mundo.

Música comicamente trágica.

Ling-Fu-Tonk – Ai China, minha China! Paraíso da sabedoria, tugúrio dos deuses! Se é verdade que descendes do celeste Sol, também é verdade - perdoa-me a franqueza - que dás albergue a esquisitices sem conto, a tradições absurdas e sobretudo a crueldades de espantar. Mas eu sigo o meu destino de grande senhor chinês e se esta humilhante diligência junto de meu filho não lograr os resultados que desejo, já no meu alforge trago o punhal recamado de brilhantes que me apressarei a enterrar nas minhas longas e proeminentes rotundidades abdominais.

Música.

Ling-Fu-Tonk – Um mínimo de decência é recomendável, mesmo para um chinês. Portanto, quando cheguei a casa do meu filho, com a intenção de lhe fazer uma súplica, mandei-lhe dizer, por um dos meus acompanhantes, que eu, Ling-Fu-Tonk, seu magnífico e exclusivo pai, o esperava para um colóquio ameno numa das "toikas" do nosso rio. "Toika", apraz-me esclarecer, é uma embarcação de um só remador que se usa muito na região onde vi a divina e sublime luz do dia. Dirigi-me para o rio, ocupei o lugar de honra e mandei preparar, em sinal de boas vindas, um fogo preso para ordenar que o disparassem quando o meu filho colocasse o pé na "toika". A

"toika" está engalanada com as garridas cores da nossa família e com as veneráveis insígnias dos nossos deuses tutelares.

Música.

Ling-Fu-Tonk – Eis que chega o meu filho, o nobre e muito considerado Li-Lang. Ei! Atenção! Disparem! Disparem o fogo!

Grande alarido de fogo preso. Passos de Li-Lang.

Li-Lang – Senhor meu pai, que me deste a divina luz, alfabeto da sabedoria, soube por um emissário que haveis chegado. A nova encheu-me de reboliço interior e aqui estou, curvado perante vós para depor o delicado ósculo das boas vindas nas vossas magníficas e bem barbeadas faces. Beijo-vos a face esquerda (beijo) para que OS deuses tutelares vos tenham seguido na vossa viagem; e beijo-vos a face direita (beijo) para que o que aqui vos traz seja apenas o depor a vossa augusta benção sobre a minha indigna cabeça.

Ling-Fu-Tonk – A tua cabeça, meu único e do mais fundo coração muito amado filho, não é indigna e por isso com permissão do Sol, pai universal, te abençoo. E se isso te interessa, a viagem foi boa. Longa, demorada, mas em todo o caso, boa.

Li-Lang – Regozijo-me com grande emoção. E a sua saúde?

Ling-Fu-Tonk – A melhor que pode ter um velho da minha idade.

Li-Lang – Se não abuso da vossa complacência, elucidai-me a respeito de uma dúvida, já que a vós próprio dais o injusto epíteto de "velho"; uma dúvida que muito tem preocupado o meu espírito.

Ling-Fu-Tonk – Pergunta lealmente, pergunta, Li-Lang, que, se lealmente perguntas, lealmente terás resposta.

Li-Lang – Lealmente pergunto, senhor meu pai, alfabeto da sabedoria: há já sessenta e três anos que vos banhou pela primeira vez a celeste luz do Sol, ou há ainda, apenas, sessenta e dois?

Ling-Fu-Tonk – Essa era a tua dúvida?

Li-Lang – Sim, era essa.

Ling-Fu-Tonk – E lealmente mo perguntaste?

Li-Lang – Lealmente

Ling-Fu-Tonk – Sem intenção reservada?

Li-Lang – Qual intenção?

Ling-Fu-Tonk – Sei lá... Bem... Tiveste ou não qualquer intenção reservada ao pretenderes elucidar-te acerca desse pormenor que à primeira vista se afigura de somenos importância?

Li-Lang – Não achais natural que um filho deseje esgotar os tesouros de sabedoria que encerra a pessoa do seu próprio progenitor?

Ling-Fu-Tonk – Com doces palavras disfarças o que realmente pretendes averiguar. E ainda bem.

Li-Lang – Ainda bem, o quê? Que o desejo averiguar?

Ling-Fu-Tonk – Não, meu filho, meu único descendente: ainda bem que o disfarças. Se o disfarças, é porque albergas na tua alma tesouros de sensibilidade que só me honram, como teu pai que sou. A absoluta franqueza, com experiência o digo, quando não é apenas grosseira e elementar má criação, é certamente uma falta de caridade. E se tu tens a caridade suficiente para não me fazeres a pergunta que a tua ânsia deseja, é porque o mundo não dissipou ainda os tesouros de bondade de que os deuses te cumularam para vires ao mundo. Enfim, entendi-te exactamente pelo que me pretendeste ocultar. O que tu desejas saber é se já chegou a minha hora.

Li-Lang – Qual hora, meu pai? Não entendo!

Ling-Fu-Tonk – Não entendes?

Li-Lang – Não.

Ling-Fu-Tonk – Continua, meu filho.

Li-Lang – Continuo o quê?

Ling-Fu-Tonk – Continua que estou a gostar.

Li-Lang – Estou neste mundo para vos dar gosto, mas infelizmente não sei neste momento que coisa hei-de continuar a fazer para vos dar esse gosto que segundo dizeis, vos estou a dar.

Ling-Fu-Tonk – Mente, meu filho, mente.

Li-Lang – Se isso não fosse como um vento que varre a seara, e a vós, seara já madura, não consinto que a ventania vos bula, eu diria que, pelos nossos deuses tutelares, se me aconselhais a mentir e para isso empreendestes tão longa viagem, foi sem razão que vos decidistes a enfrentar os incómodos da jornada.

Ling-Fu-Tonk – Com altivez me respondes e eu, com humildade que a ti e não a mim era devida, te aconselho a que continues a mentir. Mas descansa, meu filho, sossega. Aqui está, repara.

Li-Lang – O que é isso?

Ling-Fu-Tonk – Não sabes?

Li-Lang – É uma linda arma.

Ling-Fu-Tonk – Um delicado trabalho de artífice de uma dinastia que se perde nas névoas da História. Lâmina de aço batido toscamente, cabo de marfim de um animal primitivo, brilhantes incrustados a esmo. Perguntaste se ainda tenho sessenta e dois anos ou já me pesam os sessenta e três?

Li-Lang – Fiz essa pergunta mas é pormenor a que não dou grande importância.

Ling-Fu-Tonk – Faço sessenta e três anos amanhã. E amanhã, devo atravessar com este punhal as minhas rotundidades, dando-me a morte.

Li-Lang – Que disparatado procedimento!

Ling-Fu-Tonk – Disparatado? Ousas chamar disparatada a uma tradição que se alonga há milénios?

Li-Lang – Essa tradição separa-me do único motivo da minha existência, separa-me de quem me gerou; é portanto disparatada.

Ling-Fu-Tonk – Continuas a mentir? Como me sinto feliz, por assim denunciares tão delicada e caridosa sensibilidade... E em todo o caso, todos os pais da nossa família, desde há muito, chegando aos sessenta e três anos, procedem de igual modo. Ainda me lembro do meu avô que era homem de grande espavento. Praticou o seu último acto junto do templo público, com os sacerdotes, sem cabelo, vestido de branco, as carpideiras, de longas vestes, já preparadas para agirem a tempo, as mulheres de cabaias vermelhas e o povo, aglomerado num cortejo olímpico, seguindo, curioso, o sinistro acontecimento. Meu pai, pelo contrário, era homem de grande recolhimento. Quando chegou a sua hora reuniu-nos no vestíbulo, mandou que ali permanecêssemos até à noite e declarou, por metáforas, que tinha de se afastar para determinado sítio da montanha, onde desejava proceder à colheita de umas flores de cor raríssima e de subtil perfume. Não acreditámos na justificação. E efectivamente nessa noite, o meu saudoso pai foi ali encontrado de papo para as radiosas estrelas, com este punhal devidamente cravado onde lhe competia.

Li-Lang – Que práticas bárbaras! E porquê?

Ling-Fu-Tonk – Para alívio dos que vivem. Os velhos que já viveram devem dar lugar aos que ainda cá ficam. Acontecia na nossa família que os nossos homens viviam muitos anos, sempre mais do que cem. A tradição explica o facto por um favor dos nossos deuses que, há muitos anos, teriam mergulhado um nosso antepassado numa lagoa mitológica,

para que ele e toda a geração ficassem rijos, mais do que os outros homens. Vendo o pai, que detém os bens da fortuna até à morte, viver tanto tempo e receando não viverem o tempo necessário para gozar esses bens, a certa altura, já lá vão mais de 1200 anos, os filhos de um determinado pai exigiram que voluntariamente ele se fizesse desaparecer.

Li-Lang – E ele consentiu? Praticou tão abominável acto? Deu-se a morte por suas mãos?

Ling-Fu-Tonk – Compreendes, meu filho, nessas remotas eras não havia ainda investigação criminal. A morte decorreu em circunstâncias um pouco misteriosas e as más línguas - que as houve em todas as épocas - insinuaram então... isso mesmo que estás a pensar.

Li-Lang – Que filhos hediondos!

Ling-Fu-Tonk – Para redimir tamanha hediondez, o chefe de família, chegando aos sessenta e três anos, voluntariamente cedeu o lugar aos filhos. E todos os pais, desde então para cá, o fizeram.

Li-Lang – Esquisito...

Ling-Fu-Tonk – Esquisito, doloroso e cruel! Mas é assim. Amanhã faço sessenta e três anos, compreendes agora a minha amargurada situação?

Li-Lang – Compreendo, pai, compreendo. E seja o que for que vos aconteça amanhã, peço-vos, se não for abusivo da minha parte tal convite, que mandeis regressar a "toika", para que eu tenha a subida honra de vos oferecer na humílima choupana que os deuses me propiciaram, um punhado de arroz e uma xícara de chá.

Ling-Fu-Tonk – Soberanamente me comove tão doce convite. E ainda mais porque é absolutamente contra as tradições da nossa família um filho dirigir ao pai um convite seja para o que for e muito menos para comer arroz e beber chá.

Exactamente por isso, caminhemos com alegria para essa humílima choupana.

Música muito chinesa.

Ling-Fu-Tonk – Aceitei o convite porque me parece que Li-Lang, convidando-me insolitamente, estaria disposto a não respeitar totalmente as tradições. Fiquei nessa noite, ó suprema humilhação, debaixo do tecto do meu próprio filho. Segundo as rígidas normas que nos regem, um filho não tem independência económica. Como podia pois, o meu Li-Lang, manter o luxo daquela habitação a que, no dia anterior, metaforicamente chamara humílima choupana? A minha honra de pai exigia que o averiguasse e se fosse desonesta a proveniência da pecúnia, repreendê-lo-ia por isso. Mas os tempos eram contra mim e se o meu inimigo era mais forte do que eu, eu precisava de lhe estar nas boas graças. Sim, porque o meu filho era meu inimigo. Que cruel situação! Um pai que tem por inimigo o seu próprio filho! Sim, porque se ele exigir que eu pratique hoje o meu último acto, eu tenho de o praticar! E a vida é tão bela! Como é bom viver! Será possível que aquele filho rebelde, que deixou a casa de seu pai aos dezasseis anos, para se acolher àquela montanha distante; aquele filho que eu vi partir para a aventura numa radiosa madrugada, e fiquei imperturbável, sem fazer o menor gesto para que permanecesse junto de mim, será possível que esse filho compreenda que aos sessenta e três anos é uma grande injustiça um homem morrer? Que aos sessenta e três anos a vida é bela? Que aos sessenta e três anos não é só uma grande injustiça morrer mas é uma grande estupidez uma pessoa acabar por suas mãos?

Passos de Li-Lang.

Li-Lang – Que os bálsamos da madrugada caiam sobre a vossa veneranda cabeça embalada pelos mais belos sonhos da inconsciente noite.

Ling-Fu-Tonk – Igualmente to desejo.

Li-Lang – (Pausa) Estou à espera, pai, e espero com inquietação...

Ling-Fu-Tonk – O quê?

Li-Lang – A vossa celeste benção.

Ling-Fu-Tonk – Tão preocupado estou que me tinha esquecido da ta dar. Toma-a.

Li-Lang – Preocupado? Posso ousar perguntar porquê?

Ling-Fu-Tonk – Pelo dia de hoje.

Li-Lang – E que tem o dia de hoje que por acaso se apresenta radioso? O Sol desceu do céu tropeçando na montanha, mas as elevadas claridades já possuem a terra em redor. Voam as andorinhas e os pressurosos bois esforçam-se a lavrar a terra. Porquê, meu pai, o dia de hoje tanto vos preocupa?

Ling-Fu-Tonk – Não me preocupa a Natureza, irremediável nos seus caprichos.

Li-Lang – Então?

Ling-Fu-Tonk – Como praticarei o último acto? Como? Como o meu avô reunindo à sua volta as mulheres, os sacerdotes e o povo? Como o meu pai no isolamento da montanha, a sós com os deuses e com os tormentos das últimas meditações? Ou segundo um processo mais pessoal, que melhor defina nessa ocasião suprema, o meu carácter? E se tiver de ser assim, que circunstâncias poderei inventar que revelem honestamente a totalidade do meu carácter? Vês porque digo que este dia de hoje, logo de manhã, me pesa?

Li-Lang – *E* em todo o caso é para vós um grande dia.

Ling-Fu-Tonk – Parece-te, porque não estás na minha situação.

Li-Lang – Não estou e depois do que ontem me revelastes, decidi que a única maneira de evitar o que estais neste momento a sofrer é não ter filhos. Decidi dirigir as minhas preces à deusa da Fecundidade para que não estenda a mim os seus favores. Mas se dela não obtiver tamanho obséquio, e se tiver um filho, em chegando ao dia dos meus sessenta e três anos, tenho de praticar o último acto.

Ling-Fu-Tonk – Ah, são essas, então, as tuas disposições de espírito?

Li-Lang – E que outras poderiam ser? Não me ensinastes, sentado nos vossos joelhos, que é preciso respeitar as tradições que herdámos dos nossos antepassados? Que não as respeitar é uma vilania e que respeitá-las é um subtil prazer?

Ling-Fu-Tonk – É verdade. Ensinei-te, sim senhor.

Li-Lang – Então, pai, o dia de hoje é para vós um grande dia, porque fareis o que a tradição que herdastes vos manda fazer.

Ling-Fu-Tonk – Sabes o que me apetece dizer, meu filho?

Li-Lang – Não, pai.

Ling-Fu-Tonk – Que tu és mais esperto do que eu.

Li-Lang – Oh não, não sou, pai, alfabeto da sabedoria.

Ling-Fu-Tonk – És, sim, senhor. És porque descobriste que um homem que não se queira ver nestes supremos "assados" em que hoje estou, o que tem de fazer é não ter filhos. Como tu estás aí à minha frente e ainda por cima és um rapagão, a conclusão já não me traz proveito.

Li-Lang – Deverei por acaso entender que me estais a renegar ou desejarias fazê-lo?

Ling-Fu-Tonk – Não, que surpreendente tolice brota dos teus lábios! Uma vida sem filhos que nos animem, que nos justifiquem, que vejamos crescer ao nosso lado, é um deserto de afectos. Mas olha que chegar aos sessenta e três anos e com este estúpido punhal renunciar aos afectos que construímos

através dos filhos e, para maior ironia, por causa dos filhos a isso renunciar...

Li-Lang – Então, pai, se eu tiver um filho devo ensinar-lhe a desrespeitar a divina herança espiritual que recebemos dos nossos antepassados?

Ling-Fu-Tonk – Não me chegavam já as aflições naturais deste momento: ainda por cima me carregas com perguntas embaraçosas... não te respondo a essa pergunta, pronto. Mas não me custa aconselhar-te que, antes de a esse respeito te pronunciares junto dos teus filhos, ponderes na origem das tradições que nos regem. Elas datam de tempos bárbaros. Mas isso não me diz respeito, é uma questão para tu tratares com o filho que vieres a ter. O que eu tenho de fazer é...

Li-Lang – É... o quê?

Ling-Fu-Tonk – O punhal... ei-lo. Como é triste nunca mais te ver a ti, os arrozais que ondulam à brisa da tarde... As andorinhas a fazerem os seus ninhos... Adeus, meu filho, adeus.

Li-Lang – Adeus, pai.

Ling-Fu-Tonk – Adeus...

Passos de Ling-Fu-Tonk.

Ling-Fu-Tonk – Sabes como vou praticar o último acto?

Li-Lang – Não...

Ling-Fu-Tonk – Dentro de uma "toika". Subo para uma "toika", a meio do rio. Mando acender um fogo preso, como se fosse ocasião fúnebre ou festa de pescadores. O fogo será tão extraordinário que todas as embarcações que flutuarem por ali se hão-de aproximar. Mando servir arroz e bebidas para toda a gente, e num momento supremo, perante o pasmo geral, pratico corajosa mente o último acto. Esta é a maneira

como melhor defino o meu carácter: dentro de uma "toika", a meio do rio, e mostrando que viver é bom.

Li-Lang – Mas, pai, estais mesmo decidido?

Ling-Fu-Tonk – Estou. É o meu dever, não lhe posso fugir.

Li-Lang – Pai, meu pai, alfabeto da sabedoria: o vosso indigno filho não ousa pedir-vos que falteis às vossas obrigações. Mas podeis ter a certeza de que hei-de chorar sinceramente sobre o vosso túmulo e que não vos faltará nenhuma das devidas honras fúnebres. Se eu ousasse desviar-vos do vosso caminho e se os meus inexperientes conselhos tanto poder tivessem, eu pedia-vos... Não, mas não ouso, seria indigno de mim...

Ling-Fu-Tonk – O quê?

Li-Lang – Ousar pedir-vos que não cumprísseis os vossos deveres.

Ling-Fu-Tonk – Ousa, Li, ousa, que eu não te levo a mal.

Li-Lang – Então peço-vos que não cometais o último acto.

Ling-Fu-Tonk – Mas é a minha obrigação.

Li-Lang – Eu não preciso da vossa fortuna. Quando saí da vossa casa, meu venerando pai, dirigi-me para esta montanha que era inculta e ocupando um baldio, aqui semeei searas, aqui cultivei estes campos outrora inúteis.

Ling-Fu-Tonk – Tu fizeste isso?

Li-Lang – Fiz, pai, perdoe-me, é contra as tradições da nossa família, que deve viver exclusivamente dos tributos dos seus vassalos, mas fiz. Perdoe-me, pai. Perdoa-me?

Ling-Fu-Tonk – Tu, um filho meu, reduzido à condição de agricultor!

Li-Lang – Perdoa-me?

Ling-Fu-Tonk – Veremos...

Li-Lang – Pai, sou suficientemente abastado para não precisar da vossa fortuna. Não estais a ver a vantagem de me ter feito agricultor? Tenho o vosso perdão?

Ling-Fu-Tonk – Veremos, veremos... Por enquanto, entre nós fica apenas uma promessa.

Li-Lang – Que promessa, divino pai?

Ling-Fu-Tonk – É crime grave contra as tradições dos nossos maiores um membro da nossa família, abandonando as suas prerrogativas, dobrar-se para a terra como um escravo. Mas também é crime grave, um chefe da nossa família não introduzir nas suas abdominais rotundidades este antipático punhal com cabo de marfim e incrustações de brilhantes no dia em que faz sessenta e três anos. Ora a promessa é a seguinte.

Li-Lang – Dizei, celeste pai.

Ling-Fu-Tonk – Se tu, meu único filho, me prometeres que me perdoas o meu pecado e que por causa dele não amaldiçoarás a nossa futura geração, eu prometo-te que te perdoo o inconcebível e sobretudo incómodo pecado de te curvares para a terra como se fosses um escravo e não um grande senhor chinês.

Música, ainda mais chinesa, se possível.

Os Fantasmas como Prumo das Decisões Domésticas e sua Influência nas Emergências Vivenciais

PERSONAGENS:

Conferencista
Guarda
César
Manuela
Jaime
Terrincha
Zequinha
Pai
Mãe
1ª Voz
2ª Voz
3ª Voz
4ª Voz (feminina)

Conferencista – Minhas senhoras e meus senhores: bizarro o título que adoptei para esta conferência, com a qual aqui viestes, certamente não isentos da ideia de que, assistindo a uma conferência de título tão longo - "Os Fantasmas Como Prumo das Decisões Domésticas e Sua Influência nas Emergências Vivenciais" - vos prestaríeis a ser torturados por conferência relativamente não menos longa do que o título respectivo! Ora, por mais estranho que pareça, a sociedade actual, farta e exausta de ser objectiva, racionalista, metódica e realista, ressurgiu para a fantasmagoria, para a imaginação inerente, e, por todos os lados, num clamor universal, se ouve perguntar: *"Serão os fantasmas criaturas de Deus ou do Diabo?"*
Corrijo... E corrijo por esta razão: poderá falar-se em criaturas do Diabo? Isto é: o Diabo terá a faculdade de criar? Depois

desta meditação, observo que comecei a conferência com uma pergunta improcedente. Na verdade, não se pode perguntar se os fantasmas são criaturas de Deus ou do Diabo, antes de se averiguar se serão criaturas. Daqui parte-se, logicamente, para uma questão ainda mais angustiante: o que é a criatura? E perguntando o que é a criatura, ocorre que a pergunta "O que é a criatura?", contém dentro de si um possível equívoco: aplicando o verbo ser à palavra criatura, parece que se admite a necessidade de a criatura ser. De onde se conclui, finalmente, que não é possível falar de fantasmas porque a simples formulação do início de uma dissertação sobre eles levanta tantos, tão reais e tão profundos problemas que seria sinal de afoiteza imbecil, inconveniente, de ousadia desonesta, audácia, quiçá fraudulenta, avançar para além da questão inicial. Por esta razão, eu, que me propus dissertar durante quarenta e oito minutos sobre *"Os Fantasmas Como Prumo das Decisões Domésticas e Sua Influência nas Emergências Vivenciais"*, vejo-me na obrigação, por fidelidade às regras do pensamento e por respeito para com os ilustres ouvintes, de me calar antes que seja tarde demais. Acabo já a minha dissertação, afirmando que, quer os fantasmas existam, quer não existam, falar sobre eles é impossível, pelo menos usando regras da metodologia especulativa aristotélica. Tenho dito.

Murmúrios na assistência.

1ª Voz – É um logro! A dissertação foi anunciada nos jornais!
2ª Voz – Fora! Fora!
3ª Voz – Então que viemos nós aqui fazer?

Barulho de pessoas.

4ª Voz – Ai, eu por mim não refilo. Gostei de vir. Fiz um vestido especial para esta noite. Estou muito satisfeita.

Barulho crescente de pessoas que funde com música.

Guarda – São dezasseis divisões assoalhadas, excelentíssimos senhores.
Manuela – Dezasseis? Para nós, chegam.
Jaime – E a renda?
Guarda – Seiscentos e trinta escudos por mês.
Manuela – Não é caro, Jaime.
Jaime – Ó meu amor, não digas isso! É caro, pelo menos para nós. Aliás, a casa...
Guarda – Vossência desculpe, mas a casa não está sujeita a reclamações. Dezasseis divisões, cozinha, três casas de banho, garagem...
Jaime – E para o que nos há-de servir uma garagem? Não temos carro.
Guarda – Para as crianças brincarem. Tudo isto por seiscentos e trinta escudos! O que é que vossências querem mais?
Manuela – Também acho, querido. O que é que nós queremos mais?

Ao longe, barulho terrível e como que irreal.

Jaime – O que é aquilo?
Guarda – É o imperador.
Jaime – O imperador?!
Guarda – *(Pequena pausa)* Quem é que falou em imperador?
Jaime – O senhor.
Guarda – Eu? Eu falei em imperador? Por amor de Deus, eu não falei em imperador nenhum.

Jaime – Isso é que falou.

Guarda – Então desculpe. O que eu queria dizer é que aquele barulho foi provocado pela porta da cozinha que bateu. Devemos ter deixado alguma coisa aberta. As correntes de ar...

Jaime – Manuela, parece que a casa não nos serve.

Manuela – Ó querido, onde é que vais arranjar uma casa deste tamanho por este preço?

Guarda – E apenas à distância de cem metros do autocarro.

Manuela – A cem metros do autocarro, Jaime!

Jaime – Querida, meu amor, perdoa, mas eu não gosto desta casa, não temos mobília que chegue. Sem mobília fica desconfortável.

Guarda – Ora! Os senhores são novos. Hão-de mobilá-la devagarinho. Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Jaime – Não nos serve.

Manuela – Já te lembraste desta largueza para as crianças? Ai credo, que teimosia a tua! Estou farta de viver num andar, é como viver numa gaveta.

Guarda – Perdoe-me vossência, senhor... senhor...?

Jaime – Jaime Bonito.

Guarda – Bonito?

Jaime – Bonito, pois.

Guarda – Bonito...

Jaime – Porquê? Não gosta do nome?

Guarda – Ah, é muito bonito!

Jaime – Sinceramente?

Guarda – Sinceramente!

Jaime – Ah sim? Acha? Pois então vamo-nos embora. Ouviste, Manuela? Vamo-nos embora!

Guarda – Ora essa!

Manuela – Jaime, que disparate!

Jaime – Não ouviste o que ele disse?

Manuela – Nada para te irritares. Pelo contrário, foi até muito gentil contigo.

Jaime – Pois aí é que está. Este senhor está a ser muito gentil comigo. Não se contentando em tratar-me por vossência e por Vossa Excelência, ainda afirmou que o meu nome é bonito...

Manuela – Pois se é verdade... Tu és Bonito.

Jaime – Mas tu não vês que estas gentilezas, desusadas, excessivas, querem dizer que ele quer impingir-nos a casa a todo o custo?

Guarda – Ora essa! Já uma pessoa não pode ser delicada. Pois fique vossência sabendo que o meu patrão, o senhor Marquês de Fonteboa, se eu não trato os visitantes de vossência para cima, põe-me na rua.

Jaime – Ah! Esta casa é propriedade do senhor Marquês de Fonte-boa...

Guarda – Inteirinha.

Manuela – Vês? Vês? E o senhor Marquês porque não mora aqui?

Guarda – Morou até há uns anos. Depois foi viver para outro sítio.

Jaime – E porquê?

Guarda – Aborreceu-se disto. Aqui para nós: coisas de quem tem dinheiro demais...

Jaime – Manuela, vamo-nos embora.

Manuela – Porquê, filho? Já pensaste que por seiscentos e trinta escudos por mês nós habitaremos na casa de um marquês?

Jaime – Mais uma razão: vamos embora.

Guarda – Vossência está no seu pleno direito de não querer a casa. Mas, por amor de Deus, diga qual a razão que o leva a recusar tantas vantagens...

Manuela – Tem toda a razão, senhor Guarda...

Jaime – Ah sim? Querem saber? Pois a razão é esta: "Quando a esmola é grande, o pobre desconfia". Compreenderam?

Manuela – Eu não compreendi.

Guarda – Nem eu.

Jaime – Uma casa nos arredores da capital a cem metros do autocarro, com dezasseis assoalhadas, garagem, três casas de banho, aposentos para os criados, tapetes em algumas das salas maiores e ainda por cima moradia recente de um marquês, devia custar, pelo menos, seis contos e trezentos. Custa seiscentos e trinta escudos. Seiscentos e trinta escudos e o Guarda, ainda por cima, se desfaz em requintes de delicadeza para me cativar, para que eu a alugue. Podia ser a sorte a favorecer-me. Mas demais sei eu, por experiência própria, que nunca tenho sorte. Tudo isto me leva a crer que aqui há gato.

Repete-se o mesmo ruído.

Guarda – Lá está aquela maldita porta... Eu já respondo a vossência. Eu comuniquei a vossência as vantagens da casa. Não lhe disse os seus defeitos.

Jaime – E porque é que não os disse?

Guarda – Porque vossência não mos perguntou.

Jaime – Ah sim? Então pergunto agora: quais são os defeitos desta casa?

Guarda – São três: primeiro, é húmida. Fica junto daquela mata e o arvoredo torna-a húmida.

Manuela – Não tem importância. Eu sei como nos podemos defender da humidade.

Guarda – Segundo: é ventosa. Em noite de tempestade o vento, assobiando nas frinchas das janelas, mais parece um concerto de órgão na Igreja de São Vicente de Fora.

Manuela – Calafetam-se as janelas. Isso não me assusta.

Jaime – E o terceiro?

Guarda – O terceiro... O terceiro...? Qual é? Ah, mas que cabeça a minha... E o senhor Marquês que tanto me avisou que eu dissesse aos pretendentes os três defeitos principais, sim, porque o senhor Marquês não deseja intrujar ninguém.

Jaime – Veja lá se se lembra...

Guarda – (Como se se lembrasse) Ah!...

Manuela – Então?

Guarda – Não, não é... Ah, cabeça de estúpido! *(Dá pancadas na própria cabeça)*.

Jaime – Estamos suspensos, à sua espera, senhor Guarda... O seu nome é...

Guarda – Isidoro... Ah, cá está! O terceiro defeito é este: as canalizações estão muito velhas. A água faz barulho dentro delas.

Manuela – Mas corre...

Guarda – Se corre!

Manuela – E não se derrama?

Guarda – Nem um pingo. Canalizações antigas, a maior parte delas de cobre.

Jaime – Bom, não há-de ser muito agradável ouvir água assim a correr, toda a noite. Mas...

Manuela – Ficamos com a casa, Jaime?

Jaime – Ficamos... se o senhor Marquês a quiser alugar por quinhentos escudos mensais.

Guarda – (Formalizado) Vossência desculpe, mas o preço é fixo. O preço da casa de um marquês não se discute como a pescada no mercado.

Manuela – Vês? Ias ofendendo este senhor... Jaime, vê lá o que decides... Ah, já me estou a ver nesta casa instalada e mais os meus filhos...

Jaime – E os teus pais...

Manuela – Jaime, diz que sim...

Guarda – Vossência ainda hesita... Bem, pois hesite à sua vontade, que lhe hei-de eu fazer...?

Jaime – Sabe, é que... Ainda assim... acho demais... Acho que, se a casa fosse boa, podia pedir-se por ela mais dinheiro... Compreende a minha ideia?

Guarda – Ah! Já me esquecia. Esquecer, não é o termo, porque para os senhores não tem importância... Trata-se de um quarto defeito... que é, afinal, o que mais desvaloriza esta habitação... mas que só é defeito para espíritos fracos.

Manuela – E qual é?

Guarda – Para vossências não é defeito, porque, vê-se à primeira vista, vossências têm a cabeça no seu lugar e não acreditam em superstições.

Manuela – O que é?

Guarda – *(Pausa)* Esta casa... *(Pausa)* Dizem... que esta casa tem fantasmas.

Manuela – *(Grito)* Ah!

Jaime – E é por isso que a casa é tão barata?

Guarda – Exactamente.

Manuela – Que horror! Fantasmas!

Jaime – Fico com a casa.

Manuela – Tu?!

Guarda – Vossência?!

Jaime – Sim, eu

Manuela – Não pode ser, Jaime. Se a casa tem fantasmas, não pode mos ficar com ela. A mamã não resistiria.

Jaime – Fico com a casa.

Manuela – O papá também não resistiria.

Jaime – Fico com a casa.

Manuela – Oh! A raiva que sempre tiveste à minha família! E os nossos filhos? Também os queres ver definhados, de nervos arrasados?

Jaime – Os nossos filhos são meus filhos, também. Herdaram de mim um espírito superior, para quem os fantasmas não valem absolutamente nada. Compreendeste? Encontro nesta casa uma possibilidade de educar os meus filhos nas mais salutares nor mas da moral, da força psíquica.

Manuela – Tu queres dar cabo das crianças!

Jaime – Não digas heresias.

Guarda – *(Com certo ênfase)* Vossência desculpe. Mas realmente, havendo crianças... talvez seja perigoso.

Jaime – *(Com arrogância)* Pago imediatamente dois meses adiantados. Um conto, duzentos e sessenta. Aqui está.

Guarda – Não tenho recibos.

Jaime – Não faz mal. Dá-me o recibo depois. Em nome de Jaime Gomercindo Bonito.

Guarda – Sim, senhor. Mas... vossência desculpe uma pergunta: vossência está convencido de que os fantasmas não existem?

Jaime – Estou convencido de que os fantasmas existem. Existem com certeza. Simplesmente, são criaturas tratáveis... Ou melhor, tornam-se tratáveis, se nós soubermos conviver com eles, lhes dermos o que eles precisam e não os considerarmos indesejáveis.

Guarda – Vossência, pelos vistos, tem muita prática...

Jaime – Eu? Muita. Muitíssima prática.

Repete-se o mesmo ruído.

Manuela – *(Grito)* Ai!

Jaime – Manuela, que é isso? Aquilo não é um fantasma. O barulho que eles fazem, conheço-o eu muito bem. É simplesmente a porta da cozinha a bater.

Guarda – Vossências ficam? Se não se importam, eu vou andando.

Jaime – Está assustado, também, senhor Guarda?

Guarda – Eu? Não...

Jaime – Então porque se quer ir embora?

Guarda – E que... aquele barulho já se ouviu três vezes. Daqui a bocadinho aparece o imperador.

Jaime – Qual imperador?

Guarda – Octaviano César Augusto. É o fantasma titular desta residência.

Jaime – Imaginem... Se um imperador de Roma não há-de ser pessoa tratável e que não faz mal a ninguém. Ele fez todo o mal que lhe apeteceu enquanto foi homem de carne e osso. Já deve ter descoberto qualquer coisa mais interessante do que fazer mal. Vamo-nos embora. Mudamo-nos para aqui amanhã, que é sábado.

Guarda – Muito bem.

Manuela – Jaime, Jaiminho, já pensaste que nos sacrificas a todos às tuas fantasias?

Jaime – E tu já pensaste que seiscentos e trinta escudos por uma casa de dezasseis assoalhadas e quatro casas de banho é coisa que não há fantasma nenhum, deste mundo ou do outro, que me leva a abandonar?

Música. O relógio bate quatro horas. É um velho relógio de que rangem os pesos.

Pai – Este relógio, mais valia deitá-lo ao lixo. É de estilo inglês e faz parte da casa... Mas bate quatro horas quando são quatro e dez. E ao dar as horas faz um barulho...

Mãe – Ein? Que disseste?

Pai – Sim, sim... Querias que eu repetisse, não? Dessa estás tu livre...

Mãe – Ein?

Pai – Não ouviste? Olha, lá por tu não ouvires não julgues que me ralo. Nesta idade, nada do que possamos dizer ou fazer tem importância. Porque é que estás a olhar para mim?

Mãe – Ein?

Pai – (Gritando) Não olhes para mim, continua a fazer o *crochet*.

Mãe – O *crochet*! É um pulóver para oferecer ao Jaiminho pelos seus anos.

Pai – Continua, filha, continua. O que te vale é que és a pessoa ideal para eu conversar. Não ouves nada, nada percebes, não fazes perguntas. A gente diz o que nos apetece. Pode desabafar comodamente. E eu bem preciso. Porque depois que mudámos de casa anda tudo num estado de nervos que não compreendo. O que vale é que eu não tenho já idade para me ralar com isso. Sou reformado da Câmara Municipal. Quero que todos passem por lá muito bem.

Porta que se abre violentamente.

Manuela – O pai sente-se bem?

Pai – Sinto-me bem, pois. Mas porquê?

Manuela – E a mãe? *(Pausa)* A mãe sente-se bem?

Mãe – O pulóver é para o Jaiminho. Mas não lhe digas nada. É para lhe fazer uma surpresa pelo aniversário.

Manuela – (Misteriosa) Está bem. Pai, não... não apareceu aqui... ninguém?

Pai – Não! Ora que disparate! Não apareceu ninguém.
Manuela – Ninguém... Pessoa ou... ou... Não apareceu?
Pai – Não. Temos estado aqui sozinhos.
Manuela – Nem barulho... Não ouviu barulho nenhum?
Pai – Só o da tua mãe a fazer *crochet*.

Uma criança desata a chorar ao longe.

Pai – Lá está o Manecas a chorar.
Manuela – Ando tão preocupada...
Pai – Com ele? Continua doentinho, não? Olha, na minha opinião, desde que viemos morar para aqui, ele está muito melhor. Talvez seja porque na outra casa quando ele chorava, era como se chorasse mesmo contra o meu ouvido. Aqui, se chora, é longe, lá para dentro.
Manuela – Não é com o meu filho que estou preocupada. E contigo, meu pai.
Pai – Comigo?
Manuela – Sim, com o pai...
Pai – Que disparate! Eu sinto-me bem, muitíssimo bem! E... não tenho a menor intenção de me sentir mal.
Manuela – Ai... Óptimo!... Mas seja o que for que aconteça...
Pai – Hem?
Manuela – Seja o que for que aconteça, o pai prometa-me que não se assusta...
Pai – Que não me assusto?
Manuela – Sim...
Pai – Não posso prometer-te uma coisa dessas.
Manuela – Oh! Pai, porque é que me tortura? Oh, eu estou tão aflita! Se ao menos o pai prometesse...
Pai – Minha filha, vamos com lógica. Eu não prometo porque não posso. Imagina que estou aqui sossegado a ler o "Diário das

Sessões" que é, como tu sabes, o meu jornal favorito. E de repente, sem esperar, sem ser avisado, se dispara um canhão ali no corredor. Nesse caso eu não posso prometer-te que não me assusto. Compreendes?

Manuela – Ninguém disparará canhão nenhum...

Pai – Então o que é que receias?

Manuela – Sabe o que receio? Vou dizer-lhe. Mas o pai não diga nada à mãe.

Pai – Está bem.

Grande barulho de várias coisas a caírem.

Manuela – (Grito) Ai! Ai!

Pai – Calma, filha, não é caso para isso.

Gemidos de Zequinha ao longe. Aproxima-se devagar.

Manuela – (Exorcizando) Valha-nos São Cipriano e São Nicolau e as santas virgens martirizadas. Pra trás, pra trás, espírito danado, imundo e condenado, fora deste lar. E que as três bênçãos te escorracem.

Pai – Nelinha, que é isso? Foste à bruxa aprender-lhe as benzeduras?

Manuela – Eles vêm aí...

Pai – De facto... Ouço gemer... Quem será?

Manuela – (Segredando) Fantasmas...

Pai – Ein?

Manuela – Fantasmas...

Pai – Minha pobre filhinha, coitadinha... Estás avariada dos miolos... Senta-te aqui, querida, senta-te, Nelinha... Coitadinha, vou buscar um saco de gelo para te pôr sobre o crânio... Mas... Quem é que geme no corredor?

Manuela – (Soluçando) São eles...

Pai – Que disparate! Eu vou ver...

Manuela – Pai, pai, os fan... Eles... Eles podem desviá-lo, chupar-lhe o sangue...

Pai – A mim?! Ora, eu sou diabético!

Zequinha – Ai... Ai...

Manuela – Meu filho... Eles apanharam-te? Que te aconteceu?

Zequinha – Aconteceu que tenho um. grande galo na cabeça...

Manuela – Estás cheio de sangue... Foi... Foi... algum... Alguém... que te fez isso?

Zequinha – Não, mamã. Foi que eu vinha aqui perguntar como é que se faz um problema, caí e zás, bati com a cabeça numa parede.

Manuela – Se calhar foram eles que te passaram uma rasteira...

Zequinha – Ninguém me passou rasteira nenhuma. Eu é que vinha de bicicleta.

Pai – De bicicleta? Pelo corredor?

Zequinha – Pois, pelo corredor. Este corredor é tão grande que nunca mais acaba, não é como o da nossa casa antiga. Para chegar aqui, tão longe, de bicicleta era mais rápido. Montei na bicicleta. Ali ao dobrar a esquina, a roda engatou na floreira, desequilibrei-me, agarrei-me ao espelho. Caí e por cima de mim caíram o espelho e a floreira.

Manuela – Tu andaste de bicicleta no corredor?!

Zequinha – Então... A bicicleta há-de servir para alguma coisa...

Manuela – Vou ver os estragos... *(Sai)*.

Zequinha – Tenho aqui um problema que é para resolver para amanhã. Se o avô quisesse...

Pai – *(Agressivo)* Deixa ver... *(Resmunga)* Um problema... *(Lê)* "Sabendo-se que a capacidade de um depósito de gasolina, de forma cilíndrica, é de três milhões, duzentos e oitenta mil,

sete centos e noventa e seis litros, quanto custa, em escudos... *(Continua a leitura, murmurando em segundo plano)*.

Manuela – (Voltando) Zequinha, tu partiste o espelho que pertence ao senhor Marquês. Como vai ser agora?

Zequinha – Ó mãe, não foi de propósito! O senhor Marquês há-de compreender isso!

Manuela – Para que é que foste andar de bicicleta no corredor? Pra quê? Para eu ficar ainda mais nervosa e irritada do que já estava?

Zequinha – Não foi de propósito, mãe. São coisas que acontecem...

Choro de criança.

Manuela – Olha, o teu irmão está a chorar!

Zequinha – Quer que eu vá ver se ele tem alguma coisa?

Manuela – Não, eu vou.

Passos.

Zequinha – Então, avô?

Pai – "... Quanto custa em escudos o trabalho de noventa e três pintores, para pintar o interior do depósito do precioso combustível, se cada demão de tinta leva cinco horas e meia a secar e cada operário ganha por hora quarenta e dois escudos?". Quarenta e dois escudos por hora... Hem? Não é mal pago.

Zequinha – O avô pode ajudar-me a resolver este problema?

Pai – Não!

Zequinha –Porquê?

Pai – Porque... Porque...

Zequinha – Porque não sabe...

Pai – Não sei? Ouça lá, seu atrevido. Como é que eu não sei resolver este problema? O menino fique informado de que

durante cinquenta e dois anos, na Câmara Municipal, resolvi problemas mais complicados do que este. Sim, ainda por cima na Secção Municipal de Construção Civil, ouviste? E não havia de saber orçamentar uma pintura sobre metal?!

Zequinha – Então ensine-me a resolver o problema...

Pai – Não ensino!

Zequinha –É porque não sabe...

Pai – Entendo que um estudante deve resolver sozinho as suas dificuldades. Compreendeste? Ninguém fica a saber coisa nenhuma, se não for com muito trabalho.

Zequinha – Está bem, avô. Vou perguntar ao papá quando ele chegar.

Pai – E pede à tua mãe que te ponha uma ligadura na cabeça, que está a sangrar. Que porcaria!

Zequinha – Sim, avô. *(Passos)*.

Pai – *(Grita)* E fecha a porta!

Zequinha – Sim, avô.

Fecha-se a porta com estrondo.

Mãe – Ai, que música! Muito bem canta aquele pássaro!

Pai – Foi a porta!

Mãe – Uma galinhola?

Pai – Isso, isso, foi uma galinhola. *(Ri-se)*.

Música densa, com intervenções cómicas. O relógio bate nove horas. Quando acaba a música cessa.

Jaime – Há já dois dias que aqui estamos e ainda nada apareceu. Nem imperador, nem papa, nem limpa-chaminés, nem outra qualquer espécie de alma penada... Estou a estranhar isto... E o pior é que não consigo pregar olho que jeito tenha.

Manuela – Tantas farroncas, tantas farroncas! E afinal, como todos nós, estás cheio de medo.

Jaime – Eu não estou com medo. Pelo contrário, estou decepcionado. Instalei-me aqui contando com um fantasma, e afinal o fantasma falta miseravelmente. E se não durmo, julgas que é por medo? De maneira nenhuma. É porque entendo que a primeira vez que um fantasma me vem visitar à minha casa, deve ser recebido com cortesia.

Batem três pancadas.

Manuela – (Grita) Ai!

Jaime – Ei-lo. Dá-me o casaco.

Manuela – Para quê?

Jaime – Não vou recebê-lo em mangas de camisa.

Batem outras três pancadas.

Manuela – É na porta do jardim...

Jaime – Se calha, para ele, é o caminho mais curto. A gravata está bem posta?

Manuela – Está.

Jaime – Eu vou.

Passos.

Manuela – Jaime, Jaiminho, meu querido, não saias de ao pé de mim.

Jaime – (Em segundo plano) Nelinha, deixa-te de disparates.

Correr de fechos. Abre-se a porta. Gritos de Manuela.

Guarda – Vossências dão licença?

Manuela – Oh, o senhor Isidoro!...

Jaime – O que é que o senhor quer aqui?

Guarda – Eu... Eu queria perguntar se os senhores querem alguma coisa.

Jaime – Não queremos nada, muito obrigado.

Guarda – É só disporem. Têm-se dado bem, na nova habitação?

Manuela – Por enquanto, muito bem.

Jaime – Menos mal. Mas quanto a fantasmas é que não há maneira de aparecer nenhum.

Guarda – O quê? O que é que me diz? Nem sequer o imperador?

Jaime – Não.

Guarda – Nem o Terrincha?

Jaime – Quem é o Terrincha?

Guarda – Foi mestre de obras no tempo do Marquês de Pombal. Enriqueceu depois do terramoto de 1755...

Jaime – Costuma também aparecer?

Guarda – Poucas vezes. Ele e o imperador não se dão bem. De modo que quando, por acaso, aparecem os dois ao mesmo tempo vai nesta casa uma algaraviada que ninguém se entende.

Jaime – Pois fique sabendo que até agora ainda não houve visitas. Começo a desconfiar de que se trata de histórias inventadas pela sua imaginação.

Guarda – Vossência desculpe mas tudo isto é verdade. Até podia passar um certificado com assinatura reconhecida. Bem, não incomodo mais vossências. Muito boa noite.

Jaime – Boa noite.

Manuela – Boa noite... e muito obrigada, senhor Isidoro.

Fecha-se a porta e correm-se os fechos.

Jaime – Embirro com este guarda, com este Isidoro.
Manuela – Porquê? O homem é tão delicado...
Jaime – Sim, mas embirro.
Manuela – É o teu costume. Tu és de embirrações! Embirraste que havíamos de alugar esta casa. Vivemos todos aterrorizados, de nervos em franja. Tu nem dormir consegues. Tudo porque embirraste!
Jaime – Deixa-te disso, Nelinha, deixa-te disso.
Manuela – É que tu tens um feitio...
Jaime – Acabamos as discussões por hoje, ouviste?
Manuela – Mas...
Jaime – Acabou-se! *(Pausa)* Ah!... Bom... Eu vou trabalhar com o Zequinha.
Manuela – Eu também vou. Sozinha aqui é que eu não fico.
Jaime – Pois vem.

Passos.

Manuela – O Zequinha parece que tem hoje um problema difícil.

Fecha-se a porta.

Manuela – Esta tarde deu-o ao meu pai para o ajudar a resolver.

Caminham pelo corredor.

Jaime – E o teu pai?

Ouve-se um longínquo murmúrio de vozes.

Manuela – Escuta.
Jaime – São vozes... Vêm do quarto do meu querido sogro. Deve estar em discussão com a tua mãe. Vamos ver.

Passos. Música.

César – Pronto, já encontrámos a superfície do cilindro que serve para guardar o alcatrão...

Zequinha – Alcatrão, não, gasolina.

César – Isso. Uma vez conhecida a superfície, não há dificuldade nenhuma a avaliar quantos sestércios...

Zequinha – Não são sestércios, são escudos.

César – Ah, pois... escudos... Não compreendo esta mania que os povos têm de estar sempre a mudar de moeda. O sestércio era uma moeda tão bem calculada, tão bem cotada... Nunca caiu no ridículo, nunca teve falta de liquidez, nunca flutuou... Para que é que a mudaram? Escudos... Escudo é uma arma que se ata ao braço, não é uma moeda.

Zequinha – Pois é, mas se eu dou o resultado em ses... ses... ses quê?

César – Sestércios.

Zequinha – Se eu levo o resultado em sestércios, o senhor professor diz que o problema está errado.

César – Está bem. Tens razão. Se em vez de escudos eu disser sestércios de vez em quando, é como se dissesse escudos. Entendidos?

Zequinha – Entendidos. Bom, agora tenho de fazer as contas. Em contas é que eu não sou muito forte. Engano-me sempre.

César – Também eu. Mas o Fúlvio resolve-nos este assunto.

Zequinha –Quem é o Fúlvio?

César – Foi o meu ministro das Finanças. Fúl-vi-o...

Ruído metálico.

César – Pronto, cá está ele.

Zequinha –Onde?

César – O Fúlvio ainda não sabe tornar-se visível. Acaba de resolver este problema, Fúlvio. Vai-te embora. Volta quando estiver resolvido.

O *mesmo ruído.*

Zequinha – Que giro! Isto é uma maneira fácil de viajar.

César – Pois é.

Zequinha – O senhor doutor Fúlvio é assim alguma máquina de calcular...

César – Não tem. préstimo para outra coisa.

Manuela – (Em segundo plano) Zequinha, Zequinha...

Zequinha – É a minha mãe.

César – Vou esconder-me.

Zequinha – Para quê?

César – Para não a assustar.

Zequinha – A mãe é fixe, não se assusta assim com duas tretas.

Manuela – (Aproximando-se com passos rápidos) Zequinha, o teu pai desmaiou...

César – Boa noite, minha senhora.

Manuela – Mas... Mas... O senhor... Quem é o senhor?

César – Octaviano César Augusto.

Manuela – O imperador de Roma?

César – Em carne e osso... Que disparate! Disse em carne e osso por hábito... Mas de qualquer modo sou o que foi o imperador de Roma, sim, minha senhora.

Manuela – E extraordinário. E que faz aqui o imperador de Roma?

César – Ajudava o seu filho a calcular a despesa da pintura de uns cilindros de alcatrão.

Zequinha – Depósitos de gasolina. É um problema.

César – Apreendi que o seu filho se encontrava em apuros com um trabalho escolar, uma questão orçamental, e resolvi ajudá-lo.

Manuela – Apreendeu?

César – Apreender é a nossa maneira própria de tomar conhecimento. É um fenómeno característico do fantasma, que hoje parece que se explica através das ondas cósmicas.

Manuela – Muito obrigada a Vossa Majestade! E já agora, sem abusar da sua paciência... da sua docilidade... talvez Vossa Majestade pudesse ajudar-nos lá dentro.

Ruído de Fúlvio a descer.

César – Um momento, e já a ajudo. Dá-me o pergaminho, Fúlvio.

Zequinha – Não é pergaminho. E papel.

César – Ah, sim, obrigado, rapaz! Dá-me o papel. Perdoe-me mais um momento, minha senhora. Aqui temos O resultado, Zequinha. Obrigado, Fúlvio, podes retirar-te.

Ruído de Fúlvio em segundo plano. A conversa continua.

César – São dois milhões, trezentos e vinte e seis mil, quatrocentos e noventa e cinco sestércios para pintar o cilindro de alcatrão.

Zequinha – Estarão certas, estas contas?

César – Foi com contas feitas pelo Fúlvio que eu administrei o império romano. Não me dei mal com elas. Espero que sejam boas para o teu professor.

Zequinha – Sei lá! Hoje em dia os professores estão de uma exigência!

César – Às suas ordens, minha senhora. Agora estou pronto para a ajudar. Então, que aconteceu?

Manuela – O meu marido entrou no quarto do meu pai que nesse momento conversava com um... com um... um colega seu.

César – Outro fantasma?

Manuela – Eu não queria pronunciar a palavra... mas... de facto... tratava-se de um fantasma. Quando entrou e o viu, o meu marido desmaiou.

César – Era o Terrincha. São coisas do Terrincha. Eu vou lá dentro, tratar do assunto. Ele vai ouvir-mas! Com licença, minha senhora.

Ruído próprio.

Manuela – Desapareceu... Viste?

Zequinha – O quê?

Manuela – Ele desapareceu... Mas isto é fantástico, não sei como é possível... Quando ele descer lá dentro e o teu pai o vir ainda fica mais desmaiado.

Zequinha – *Ó* mãe, não esteja assustada. Aquilo entre eles é mesmo assim. Não se importa que eu continue a copiar para o caderno as contas do problema?

Manuela – Continua, meu filho.

Zequinha – Sestércios! Mas que mania que ele tem dos sestércios!

Manuela – Zequinha!

Zequinha – *(Impaciente)* Mãe?

Manuela – Acompanha-me lá dentro. Tenho medo de ir sozinha.

Zequinha – Está bem, mãe. Mas depois, deixe-me vir acabar isto, que eu não quero chegar amanhã à escola com os trabalhos por fazer. Vamos.

Música.

Terrincha – Pois eu garanto-lo a vocemecê qu'isso é fanico que le deu e não tem perigo algum.

Pai – Está bem. Ele está desmaiado e é meu genro. Nestes casos uma pessoa da família deve dar naquele que desmaiou dois pares de estalos.

Terrincha – Que vocemecê não faça outro tanto, home! Sono de desmaio dá fuga aos humores ruins. Deixá-lo estar, que entrementes nós cá vamos conversando... A conversa estava mesmo a atirar para o interessante. Vocemecê dizia que...

Pai – Coitado do Jaime...

Terrincha – Deixe-o lá...

Pai – Senhor... Senhor?

Terrincha – Terrincha. Ex-mestre de obras do senhor Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo. Pois vocemecê alvitrava qu'a respeito de obras, hoje em dia, é um louvar a Deus.

Pai – Por acaso. Sou reformado da Câmara Municipal. Trabalhei justamente na Secção de Construções.

Terrincha – A minha especialidade era a edificação sobre o lodo.

Pai – Sobre o quê?

Terrincha – O lodo...

Pai – Ah sim? Hoje em dia eles são construtores de prédios, sobre o terreno. Sabe que chega a haver terrenos de quinhentos escudos o metro quadrado?

Terrincha – E caro?

Pai – Quinhentos e mil e dois mil e cinco mil e dez mil!

Terrincha – Isso é muito?

Pai – Por um bocadinho assim de terreno? Nem se pergunta.

Terrincha – Mas vamos a saber finalmente: é caro ou é barato?

Pai – Dez mil escudos por um metro quadrado?

Terrincha – Mas eu não sei o que são dez mil escudos. Se vocemecê pudesse trocar-me isso em ducados.

Pai – Em ducados, não sei. Mas dez mil escudos... Ora como é que eu lhe posso dar uma ideia? Olhe, por exemplo: uma passagem de comboio de ida e volta ao Porto custa...

Terrincha – Isso pra mim não serve. Nós nunca íamos ao Porto. Ou se íamos era pelo mar. E se íamos por terra era a cavalo.

Pai – Ai, é verdade, desculpe. Então outro exemplo. Olhe, quanto custava um metro quadrado de lodo?

Terrincha – Não custava nada. Aquilo era chegar e construir. O que não se fazia nada era sem apresentar o risco ao senhor Marquês de Pombal. O senhor Marquês era um leão.

Pai – Nós sabemos.

Terrincha – E não deixava roubar nos materiais. A gente bem queria. Mas a quem se atrevesse, cortava-lhe dois dedos da mão esquerda e ferrava com ele nas naus do Brasil.

Pai – Ah, grande Marquês de Pombal! Se fosse hoje em dia, não lhe faltariam tripulações.

Barulho de César.

Pai – Estou a ouvir um ruído.

Terrincha – Que enfadamento! É o imperador. Só me faltava esta.

César – *(Em segundo plano)* Terrincha...

Terrincha – Vossa Majestade...

César – Não viste que o senhor Bonito está desmaiado?

Terrincha – Saiba Vossa Majestade que não. Não tinha notado.

Pai – É preciso descaramento.

César – Quantas vezes já te avisei que não quero que metas sustos aos mortais?

Terrincha – Eu não le meti susto nenhum. Estava a conversar com este companheiro a respeito de construções. Se ele desmaiou, foi porque quis.

César – Quantas vezes já te ensinei que no trato com os mortais, todo o cuidado é pouco? Quantas vezes já te expliquei que eles não são criaturas fortes como nós, são almas débeis, sensibilidades delicadas?

Terrincha – Eu dou-le o sopro. Vossa Majestade quer qu'eu le dê o sopro?

César – Não é o "sopro". É o "sopro da consciência".

Terrincha – Ou isso.

César – Dá.

Terrincha assopra.

Terrincha – Ele está bem ferrado. Hem? Eu sozinho não chego.

César – Eu ajudo.

Assopram os dois

César – Não há maneira... Não se reanima... Que sarilho!

Pai – Vossa Majestade permite? Com licença.

Ouvem-se duas bofetadas.

Pai – Pronto.

César – Oh! Que brutalidade!

Jaime – *(Voltando a si)* Eh... Eh... Oh...

César – Afastemo-nos, Terrincha, para que ele não nos veja ao despertar.

Terrincha – E qual era o mal?

César – Via-nos e desmaiava outra vez.

Pai – Olé... Meu querido genro...

Jaime – Olá... Papá... Eles ainda aí estão?

Pai – Quem?

Jaime – Eles...

Pai – Ah, os duendes...

Jaime – Os duendes não, os fantasmas.

Pai – Ou isso.

Jaime – Ainda estão?

Pai – Sim. Ou melhor: não. Isto é, estão aqui umas pessoas nossas amigas. Um deles é mestre de obras.

Jaime – O que é que vem cá fazer o mestre de obras?

Terrincha – E por causa da humidade. Venho tirar a humidade destas paredes.

Jaime – Não é preciso. Muito obrigado. Vou mudar de casa. Esta noite já não durmo cá.

César – Porquê? Mas que precipitação!

Jaime – É o imperador... *(Grande grito)* Ah...

César – Calma... Então o que há? Sim, eu sou o imperador. Mas que tem isso de terrível?

Jaime – Tem de terrível que eu conheço a história de Roma. Sei as atrocidades que praticou. Sei como o senhor liquidou o Lépido, seu colega no triunvirato. Sei quantas pessoas foram reduzidas à escravatura por sua causa. Quantas tiveram de se suicidar. Quantas morreram de fome, quantas foram espoliadas, sujeitas a torturas legais e ilegais, quantas desapareceram nas masmorras, quantas...

César – Basta! Todos esses crimes ando a espiá-los! Compreendeu? Não tem o direito de mos atirar ao rosto. Eu suporto o julgamento da minha consciência, o da história e o dos deuses. Sou uma criatura respeitável. Em vez de me invectivar a mim, que passo agora por todos os tratos da remissão, porque não acusa, invectiva, condena aqueles que hoje possuem o poder de que eu dispus ou melhor: um poder tal como eu nunca tive e cometem os mesmos erros, as mesmas tiranias, as mesmas crueldades que eu cometi, apesar

de disporem da minha experiência para os evitar? Senhor Jaime Bonito... Eu sou o fantasma desta casa.

Abre-se violentamente a porta.

César – O que é isto? Ah, o que foi isto? Pregam-me cada susto!...

Manuela – Desculpe, Vossa Majestade, fui eu.

Zequinha – Pronto, mãe. A mãe já cá chegou. Vou lá para dentro continuar a copiar o problema.

Manuela – Obrigada, Zequinha. Vossa Majestade desculpe o estrondo com que entrei. Mas ando um pouco descontrolada de nervos.

César – Vamos já tratar disso. Públius! Públius... Pú-bli-us...

Pai – Quem é esse Públius?

César – O meu médico privativo. Não deve demorar. Dizia eu, minha senhora, que sou o fantasma desta casa. Vou viver aqui, eu e as pessoas que preciso de ter à minha volta, incluindo o Terrincha, que foi colocado à minha guarda para o conduzir nos caminhos da perfectibilidade. Seja esse desconto dos meus pecados...

Terrincha – Ó Vossa Majestade! Vocemecê não está contente comigo?

Olhe que eu tenho feito o possível...

César – És um sujeito absolutamente inconveniente.

Terrincha – Ó Vossa Majestade!

César – O Terrincha, além de chocantemente boçal, é muito bronco e pouco recomendável.

Terrincha – Ora esta! Ó Vossa Majestade!...

César – E gosta, às vezes, de causar pequenos distúrbios, incómodos mesquinhos, como, por exemplo, entornar o açúcar, apagar o esquentador enquanto está uma pessoa a

tomar duche, bater com as portas a desoras e assim, pequenas patifarias. Quando os senhores notarem coisas deste género - por exemplo, cócegas numa orelha, como que feitas com uma pena - comuniquem-me, que ele tem de se haver comigo. Mas estou admirado com o Públius. Pú-bli-u-uuus... Que lhe terá acontecido?

Pai – O senhor Terrincha não é vingativo? Se a gente o denunciar ele não se vingará?

Terrincha – Vocemecê não me diga que pretende denunciar-me, ó cavalheiro. Nós que conversámos tão bem e eu que até já me estava a tornar seu amigo e vocemecê pretende denunciar-me?

Pai – Se tiver juízo, não o denuncio. Mas se enquanto eu estiver a ler o "Diário das Sessões", o senhor me vier fazer cócegas nos ouvidos, tem de se haver com o imperador.

César – Não o poupe, não o poupe!

O *bebé chora.*

Manuela – O Manecas desatou a chorar. Tenho de lá ir.

César – De maneira nenhuma! Quem lá vai é o Terrincha.

Terrincha – Eu?

César – Sim. Vá e faça calar o menino. Embale-o.

Terrincha – Não tenho lá muita jeiteira.

César – Não tem o quê? Eu até já lhe ensinei uma canção para estas ocasiões... Vá lá...

Terrincha – Cá vou.

Assobio.

César – Não faça barulho na descida.

Terrincha – Ó Vossa Majestade, esteja descansado, a coisa é cá de minha conta...

César – Tudo dá trabalho neste mundo. Até ser fantasma. Quando eu era imperador de Roma, se me viessem dizer que eu havia ainda de aturar sujeitos como este Terrincha, malhava rapidamente com o portador da notícia no fundo do Tibre.

Ruído estranho na descida de Públius.

César – Cá está o Públius. Públius, sabia que não faltavas. Esta senhora sofre de um desequilíbrio nervoso. Trata dela. Ela toma rá o que tu disseres. Vai buscar a mezinha...

Jaime – Não! Não!

Barulho de Públius que se vai.

Jaime – Nelita, tu não tomarás o que ele disser. E eu não quero que o meu filho seja embalado por um fantasma. *(Corre)*.

Pai – *(Em segundo plano)* Para onde é que vais?

Jaime – Vou acudir ao Manecas que nesta hora já está a ser maltratado pelo mestre de obras.

Pai – Não, espere.

César – Vamos todos, mas devagar.

Música. Sentem-se passos cuidadosos. A medida que se aproximam, ouve-se o cântico de Terrincha que entoa uma canção de embalar popular (talvez "Ó papão, vai-te embora").

Manuela – *(Baixa um pouco a voz)* Ele está a cantar...

César – Não faz mais que o seu dever.

Pai – E embala a criança...

Manuela – Então, senhor Terrincha?

Terrincha – (Suspende a canção) Pschiu... *(Ainda canta mais umas notas. Murmurando)* Adormeceu...

Música.

Jaime – Com mil demónios! Quem, é Vossa Majestade?

César – Octaviano César Augusto.

Jaime – Mas... Mas... Porque é que desde que o senhor vive aqui connosco, tudo nesta casa se facilitou?

César – (Risonho) Não diga isso, eu não faço serviços domésticos.

Jaime – Não, mas...

César – Sabe? É que eu vivi no alto da maior altura do plano social. Lá em baixo estavam os outros, e eu então encontrava-me só. As minhas dificuldades pessoais não existiam. Eram as dificuldades do império romano. E quando assim é, a nossa pessoa ganha fisicamente uma dignidade que as pequenas coisas não tocam. Deste modo, não somos viciados pelo contacto das pequenas dificuldades. Vocês, os homens quotidianos vivem abafados, mastigados por tudo o que é momentâneo. Podem libertar-se disso. Simplesmente, na quase totalidade dos casos, a luta quotidiana limita o espírito e cria um tipo de mentalidade que vocês já não querem abandonar. Habituaram-se a ele e recusam-se a deixá-lo, convencidos de que esse afastamento é doloroso, como o afastamento de uma pessoa querida. Eu não fiz mais do que libertar-te da tua mentalidade.

Jaime – Para quê?

César – É esse o meu destino, por razões superiores, que não podes compreender.

Jaime – E o Terrincha? Porque colabora ele nesse destino?

César – Pertence à minha côrte. *(Dolorosamente)* Triste cortesão, para um imperador de Roma! Humilhante condenação, trazer o Terrincha sempre junto de mim.

Jaime – Não compreendo o que se passa... Tudo isto devia ser mentira. E no entanto, eu sei que é verdade. Dantes, eu entrava todos os dias na repartição, como quem vai prestar-se a uma prova rebaixante. Hoje, cada dia na repartição é uma espécie de percalço numa eternidade maravilhosa. Por isso vivo feliz, porque disponho de um universo enorme para rodear a minha existência. E foi tudo desde que vim para esta casa e desde que Vossa Majestade passou a viver connosco. Viver? Isso que Vossa Majestade tem é vida?

César – Não sei.

Jaime – Vossa Majestade é homem ou é fantasma?

César – Para que queres saber, Jaime? Para quê? Quer eu seja fantasma, quer seja homem, os resultados, como acabaste de dizer, estão à vista.

Jaime – Sim, é maravilhoso o que se tem passado.

César – Contentemo-nos com isso.

Jaime – Mas eu quero saber!

César – Ouve: talvez eu seja um fantasma, talvez eu seja um homem, talvez eu seja apenas uma ideia, um pensamento. Um simples pensamento pode produzir num homem todo o efeito que obteve nesta casa o fantasma de Octaviano César Augusto, imperador de Roma.

Música.

19 a 21 de Abril de 1977

Bim Lim Ré Ó Lim

Comédia

PERSONAGENS:

Secretária
Vice-Presidente
Locutor
Presidente
Princesa Sabá
Bulum Kadem Bliotah I, Rei do Gigli Klabeín

Secretária – Bulum Kadem Bliotah I, Rex.
Vice – É o que aí está escrito?
Secretária – Sim, nosso Vice-Presidente.
Vice – Rex? Em latim!?
Secretária – Rex, aqui, aqui, no cartão em que esse El-Rei pediu audiência ao nosso Presidente.
Vice – Logo ao Presidente, hem? Não o faz por menos...
Secretária – El-Rei alega que é um Chefe de Estado como outro qualquer; Brejnev, Giscard d'Estaing, Jimmy Carter, Ramalho Eanes são seus colegas; por isso, dirigindo-se a esta Firma, reclama ser recebido pelo Presidente.
Vice – Espantoso!
Secretária – Diz que sendo esta Firma uma organização com fins lucrativos, não vem extorquir dinheiro a esta Firma; vem dar a esta Firma a possibilidade de lhe extorquir dinheiro, a ele, e ao povo de quem é rei; portanto, exige tratamento de alto nível!
Vice – Não é tão ignorante como o aspecto indica...
Secretária – Ai, é muito fino! Ofereceu-me isto.
Vice – Uma pepita de ouro!?

Secretária – Sim. Falou na língua lá dele e os outros traduziram: "Isto, menina, nem sequer é do mais valioso que há no nosso território"... E o rei riu: "Ah, ah, ah, ah...".

Vice – Livra! Mete medo! *(Pausa)* Você consultou o computador?

Secretária – Logo.

Vice – E então?

Secretária – Pôs-se a transmitir um pedaço do programa "Efemérides Recentes e Antigas".

Ouve-se o indicativo do "programa".

Vice – É o nosso programa radiofónico...

Secretária – Pois. Ouça. sr. Vice.

Depois do indicativo, transmissão de parte do programa.

Locutor – 13 de Fevereiro. Há 14 anos, os Estados Unidos libertam o povo de Gigli Klabeín. Nação afro-asiática, cuja origem se perde na noite dos tempos, os gigliklabeínos, apesar de considerados do terceiro ou quarto mundo, gozam hoje da fama de povo privilegiado devido à riqueza do subsolo, que contém petróleo, ouro, prata, diamantes e pedras preciosas, tudo em rara abundância. O povo, no entanto, é nômada por instinto e dedica-se à agricultura e à pastorícia. A forma de governo é uma monarquia, exercida pelo filho de um dos Sobas que foi investido Rei, com o nome de Bulum Kadem Bliotah I. Elevando à dignidade máxima o actual monarca, as potências imperialistas terão cometido um erro grosseiro, por defeito de informação. De facto, Bulum Kadem Bliotah I pertence à única tribo do país que ainda conserva hábitos e práticas antropófagas.

Música do "programa".

Vice – (Rápido, sobre a música) Acabe com isso! *(Corta)* E é um antropófago desses que quer avistar-se com o nosso Presidente!? Nunca!!!

Secretária – Compreendo. O sr. Vice receia que ele trinque o nosso Presidente... Mas olhe, sr. Vice, o nosso Presidente é duro de roer!

Vice – Eu sei...

Secretária – O nosso Presidente tem deglutido sabichões de toda a ordem. Cuidado, sr. Vice, não menospreze o nosso Presidente... *(Ameaçadora)* Olhe, se o menospreza...

Vice – Mas...

Secretária – Eu não consentirei e, se for preciso, trinco-o eu a si.

Vice – Para trás, menina! O Presidente, quem aqui o defende sou eu!

Secretária – É o que se há-de ver.

Vice – A menina o que está é apaixonada pelo Presidente.

Secretária – Eu?! Que engraçadinho... E mesmo que estivesse... Paixões pelo nosso Presidente é o que devia haver com mais normalidade e mais gosto!

Vice – Ah, sim?

Secretária – Sim, porque ele é o único que merece!

Ruídos do computador.

Vice – O computador vai exprimir-se. Traduza.

Secretária – (Formalizada) Muito bem. *(Ruídos do computador)* É o nosso Presidente que vem aí.

Os passos do Presidente ressoam, ruído cuja intensidade vai crescendo. O ruído cessa.

Presidente – O sr. Vice sai, entra a antropófaga, miss Sabá Bulum.
Secretária – E eu?
Presidente – A Secretária fica.
Vice – É melhor eu ficar também. Sabe os riscos que corre, sr. Presidente, recebendo uma tribo de antropófagos?
Presidente – Obrigado. Já dividi a tribo, portanto, dividi os riscos: primeiro recebo sozinho a rapariga, que tem 17 anos. Se uma mulher de 17 anos me metesse medo, que medo me meteria, mesmo não sendo antropófaga, uma mulher de 34, que é a idade aqui da nossa Secretária?! *(Vice ri)* Ria, sr. Vice, se lhe apetece. Mas saia.
Vice – Muito bem, sr. Presidente.

O Vice ri e vai saindo.

Presidente – Que lhe aconteceu?
Secretária – A quem?
Presidente – Ao Vice.
Secretária – Ou o quer lisonjear, nosso Presidente, ou tem medo de antropófagos.
Secretária – Já?!
Presidente – Já, irra, já! E saia depois.

Música própria para a. entrada de Sabá.

Presidente – O seu nome?
Sabá – Sabá Bulum Bliotah.
Presidente – Profissão?
Sabá – Princesa.

Presidente – Idade?
Sabá – 17 anos e meio.
Presidente – É virgem?
Sabá – Já fui.
Presidente – Qual a sua música preferida?
Sabá – O batuquá alichoané.
Presidente – É antropófaga?
Sabá – Sim.
Presidente – Há quantas luas?
Sabá – Desde os oito meses de idade.
Presidente – Como!?
Sabá – Aos oito meses começaram a dar-me croquetes.
Presidente – E gostava?
Sabá – Devorava-os.
Presidente – E espantoso! Tão pequenina e já comia carne do seu semelhante! Não tem vergonha?
Sabá – De quê? Essa é a honra da minha tribo. Mas pode estar sossegado quanto à sua pessoa, sr. Presidente. Ainda que mo dessem, cozido num caldeiro, preferia uma salada de pepinos com cebola.
Presidente – *(Ofendido)* Diz isso para me denegrir?
Sabá – Não. Mas nem eu nem a minha família desejamos comê-lo.
Presidente – Porquê?! Insinua que a minha carne não é apetitosa?
Sabá – Ah, é da melhor.
Presidente – Não o diz para me bajular?
Sabá – Não. Já o nosso mestre Baracholué afirmava: "Cholô quibã alonoié ipani!".
Presidente – Ele disse isso, o tal mestre?
Sabá – Sim.
Presidente – E o que significa?

Sabá – "Branco maduro quando não destituído de carne cheia é o melhor pitéu que deuses concederam a povo eleito". Traduzi à letra.

Presidente – E qual é o povo eleito?

Sabá – O nosso.

Presidente – Acha então que eu corro perigo...

Sabá – Correria se... Ah, sr. presidente, começando-lhe por cima: esses olhos passadinhos em óleo de baobá...; esse peito cabeludo descascado à volta da fogueira, ao ritmo da dança pirená, para lhe sugar as fibras malãs...; as ancas musgosas, carregadas do senso do amor, fibra a fibra; essas coxas afiambradas...;Ah...!

Claro, sr. Presidente, não falando nas suas miudezas - que seriam outra história... O sr.? O pasto ideal numa noite de tambores, na clareira sagrada! Kazumbis e perfumes viriam dos cinco cantos do Reino... E o seu melaço, sr. Presidente, só para nós, para a Família Real!

Presidente – A princesa Sabá fala com tal sinceridade que vejo bem: não o diz para me lisonjear.

Sabá – Eu!? Nem era capaz...

Presidente – Portanto a minha carne é apetecida pelos antropófagos.

Sabá – Oh, pois!

Presidente – *(Em pânico)* Ah... Ah... Vocês o que querem é devorar-me! Não! *(Chama)* Guarda! Sr. Vice! Acudam depressa! Secretária!

Vice – *(Entrando de roldão com a Secretária)* Aqui estou eu! Que horror. Aqui estou.

Secretária – E eu também. Trouxe um penso rápido.

Presidente – Não é preciso. Não houve agressão.

Sabá – (Formalizada) Nem haverá! Sr. Presidente, eu estou a ser educada em. Inglaterra.

Presidente – Porque não nos Estados Unidos?

Sabá – Uma vez que o papá é Rei, os Estados Unidos entendem que a Inglaterra é o país ideal para eu me educar.

Presidente – Porquê?

Sabá – A Inglaterra também é monarquia. Sua Majestade a Rainha ficou muito honrada com a escolha; e sou sempre convidada para a festa de aniversário de Lord Winchester, que tem mais dois anos do que eu e é sobrinho de sua Majestade.

Presidente – Lord...?

Sabá – Winchester. É o Wooly. Oh, uma tara de rapaz, um borracho! Dedica-se à aviação. Um dia levou-me pelos ares. Andámos em. voo planado durante três horas.

Presidente – (Insidioso) Ah! Os dois?...

Sabá – Sim. Mas o que está a pensar é falso. Não foi então que perdi a virgindade.

Presidente – Não? Olhe, supus que durante o voo planado...

Sabá – Já a tinha perdido. Antes. Sobre o solo da minha terra, debaixo da seringueira, como mandam as nossas leis.

Presidente – Ah, bom, foi tudo legal...?

Sabá – Tudo.

Presidente – Nesse caso... Pode sair, sr. Vice.

Vice – Eu!?

Presidente – Sim. *(Baixo)* A Guarda que esteja a pau, hem?

Vice – (Baixo) Muito bem.

Passos do vice, que se afasta. A porta fecha-se.

Presidente – (Lírico) Princesa Sabá...

Sabá – Sr. Presidente?

Presidente – (Lírico) Princesa Sabá... *(Duro)* Secretária, queira sair.

Secretária – Fica só com ela? Pode ser horrível...

Sabá – Não se preocupe. O sr. Presidente é a única salvação da minha pátria. E antropófago que se preze não come a sua própria salvação.

Secretária – (Chorosa) Nunca fiando...

Presidente – Saia...

Secretária – (Saindo e falando) Nunca fiando... Nunca fiando...

Passos. Porta que se fecha.

Presidente – Princesa Sabá, desculpe...

Sabá – O quê?

Presidente – Tratei-a rudemente, com presunção, com suspeitas…

Sabá – Ah, já estou habituada...

Presidente – E fui injusto porque, antropofagia à parte, com a princesa eu dava uma curva em voo planado...

Sabá – Prometido. Se tratar bem o meu pai e salvar a minha pátria, vou passar um fim de semana consigo no Algarve.

Presidente – Porquê no Algarve?

Sabá – Porque não no Algarve?

Presidente – Seja. Esse ponto das nossas relações está adquirido?

Sabá – Sim. Nunca falto à minha palavra.

Presidente – Então tratemos de negócios.

Sabá – (Muito feminina, artificial) Comigo?! Ai, eu sou muito fútil, não trato de negócios.

Presidente – Então porque veio?

Sabá – Vim na comitiva real... Pouco poderei ajudar o meu pai. Nada sei de negócios.

Presidente – Sabe ao menos o que deseja o seu pai da minha Firma?

Sabá – Nem isso.

Presidente – Mas sabe o que é a minha Firma...?

Sabá – Dizem que é uma Firma disfarçada.

Presidente – Ora essa! É uma Firma! Seguros e Resseguros.

Sabá – (Duvidosa) Oh...

Presidente – Não viu a tabuleta à entrada?

Sabá – (Ri) Ah, ah...

Presidente – Porque se ri?

Sabá – Se fosse apenas de seguros e resseguros o papá não precisava da Firma para nada.

Presidente – E sempre prudente fazer um seguro...

Sabá – Não precisamos.

Presidente – Então não faço ideia... *(De súbito)* Sabá, não me diga que o seu pai acredita nessas balelas que por aí correm, que a minha Firma negoceia em droga...

Sabá – Sabemos que negoceia em droga. Mas não precisamos desse serviço. Nós auto-abastecemo-nos e exportamos. A droga faz entrar em Gigli Klabeín tantas divisas como o petróleo... *(De súbito)* Ai! Acabo de lhe revelar um segredo de Estado; mas confio em si, sr. Presidente, espero que não abuse...

Presidente – (Digno) Sabá, por quem me toma...

Sabá – Eu não o tomo. Já expliquei porquê.

Presidente – Claro. Mas insisto: o seu papá, por que motivos se me dirige?

Sabá – (Propondo ela o jogo da adivinha) Sim, porquê? Não é por seguros e resseguros; não é por droga. Porque será? Diga, diga, sr. Presidente...

Presidente – Eu!?

Sabá – A sua Firma... *(Suspende)*

Presidente – Ah, é a cantiga do costume: seguros, resseguros e mais a droga são os disfarces da minha Firma, que, efectivamente, trabalha noutro ramo...

Sabá – Exacto. Trabalha em governos...

Presidente – Calúnia!

Sabá – ... fornece governos a países que precisam de governos. A países que não são capazes de formar os governos de que precisam...

Presidente – (Riso)... É uma idiotice, princesa...

Sabá – Bem...

Presidente – (Rápido, largo) Eu sei que a imprensa internacional me faz tal acusação. Mas não tem sentido. Os países e os povos sabem perfeitamente como governar-se, sabem-no por instinto gregário, sentem que se não formam os seus governos são suicidas. Qual seria o mercado de semelhante Firma? Para que serviria? Destinava-se à falência; e a minha Firma está próspera. É uma campanha vil dos meios de comunicação contra mim. Firma para fornecer governos? Ah, ah, que disparate! Não tem sentido, princesa.

Sabá – No entanto, é esse o motivo por que o meu pai a procura.

Presidente – (Subitamente repousado) Ah, bom, que bom! Esse ponto fica esclarecido... Ah, que grande alívio!

Sabá – A sua Firma poderá valer ao papá?

Presidente – Claro, com todo o prazer...

Sabá – Promete?

Presidente – Sim.

Sabá – (Mais íntima) Jura?

Presidente – Sim.

Sabá – Então avanço um adiantamento sobre o fim de semana no Algarve.

Presidente – O quê, Sabá?

Sabá – Um beijo, Presidente. Ei-lo.

Presidente – Oh, oh...

Sabá beija-o, o que impele o Presidente a produzir diversas exclamações, durante as quais soam, num britânico relógio de carrilhão, as badaladas do meio-dia. Ouve-se um som terrífico de tam-tam, logo seguido de um ritual sonoro de instrumentos primitivos, vozearia, etc.

Presidente – O que é aquilo? *(Chamando, terrificado, com voz fraca)*
Guarda! Sr. Vice!

Sabá – (Alucinatoriamente) Meio-dia. Hora da veneração do Sol. O papá celebra o ritual do meio-dia. *(Muito crítica)* Eu tenho dito ao papá que aqui não fazia sentido celebrá-lo, mas o papá não resistiu e pôs-se a celebrá-lo. *(Grita)* Papá! Papá! *(Afasta-se gritando)*.

Todas as sirenes da Firma.

Sabá – (Um pouco afastada, imperativa) Sr. Presidente! Mande calar o alarme. *(Aproxima-se)* Que o papá perca a cabeça, bem se compreende. Mas que uma Firma tecnocrática também perca a cabeça, não se justifica! Acabe o alarme. Mande calar as sereias.

Presidente – Sim? E depois?

Sabá – O ritual do meio-dia demora apenas uns minutos. Depois... pára e o papá volta à normalidade. Sr. Presidente, mande calar as sirenes ou temos o caldo entornado, não haverá Algarve, nem negócio, nem coisa nenhuma.

Abre-se a porta. O Presidente grita, para longe. Ouvem-se os seus passos a afastar-se.

Presidente – Desliguem as sirenes! Desliguem as sirenes... *(Continua, enquanto se afasta)*.

Sucessivamente, as sereias extinguem-se.

Presidente – (Som qualificado, em cúmplice e vibrante segredo) Sr. Vice! Secretária! Eles vêm pedir-nos que formemos lá um governo...

Vice – Nunca esperei.

Secretária – Convém-nos formar-lhes um governo?

Presidente – Sim, é a glória da nossa Firma. O Gigli Klabeín é o país do mundo que tem o subsolo mais rico. Ponham os computadores a trabalhar! Depressa. Quero os índices de produção do petróleo, do ouro, da prata, dos diamantes! Quero os índices da produção e da exportação! Os índices dos salários, do nível de vida e do poder de compra! Do investimento estrangeiro! Da independência e da dependência do povo! Da capacidade negociai e de transporte! Quero todos os índices. Rapidamente, pois com os subdesenvolvidos a táctica é não os deixar pensar. É afogá-los logo em esperanças e em promessas! Deixá-los pensar é admitir que recuam e sevoltam contra nós. Depressa, o Rei Bulum Kadem Bliotah I tem de ser salvo! Salvo, para a nossa prosperidade!

Barulho e música do ritual do meio-dia, com vozes delirantes que ressoam pela sede da Firma.

Sabá – (De longe, com eco) Apresento Sua Majestade o meu pai.

Ruído de instrumentos adequados que se aproxima, sinal de que El-Rei e a comitiva penetram no gabinete.

Rei – Bu oxu á ni-á chi-tian!

Presidente – O que é aquilo?
Sabá – El-Rei meu pai saúda o Presidente e deseja-lhe muita saúde e bom apetite!
Presidente – Retribuo quanto à saúde. Quanto ao apetite, ponho reticências...
Rei – Lichoá u-ainé, ramelan titi nefiorran.
Sabá – O papá compreende. E jura que não há-de ser nada.
Presidente – Óptimo.
Rei – Ramié nolo fá.
Presidente e Sabá – (Em conjunto) Vamos ao que importa.

O Rei dá gargalhadas.

Presidente – De que se ri?
Sabá – É que o papá e o Presidente disseram o mesmo.
Presidente – Eu disse: "Vamos ao que importa".
Sabá – E o papá também.

Mais gargalhadas do Rei, muito divertido. O Presidente ri também, por cortesia.

Rei – Ma-lutec gigliklabeínês Sabá puté-puté li.
Sabá – O papá manda-me a mim explicar ao sr. Presidente qual a miséria que derrubará o nosso povo se o senhor o não salvar.
Presidente – E a princesa vai fazer essa exposição?
Sabá – Sim.
Presidente – Será muito longa?
Sabá – Para bom entendedor, posso reduzir a metade.
Presidente – Isso, isso!
Sabá – Ora bem: o papá está sem ministros e no Reino já não há quem queira ser ministro. Não há governo, nem esperança de que, com os próprios meios, o papá consiga formar governo.

Presidente – (Muito racional) O problema são três: primeiro, não há ministros - eu pergunto porquê; segundo, ninguém quer ser ministro - eu pergunto porquê; terceiro, ele não pode formar governo - e eu pergunto porquê.

Sabá – Respondo pelo fim: terceiro, não se pode formar governo porque sem ministros não há governo e toda a gente tem medo de ser ministro; segundo, ninguém quer ser ministro por ter medo; primeiro, não há ministros porque todos os ministros foram sendo comidos.

Presidente – O quê?! É possível?!

Sabá – Sim.

Presidente – Sabá... então vocês... vocês... consumiram... os ministros?

Sabá – Sim.

Presidente – (Com grande perturbação, tentando compreender e ordenar ideias) Bem... Bem... Bem, expliquemo-nos. Um ministro, seja onde for, é sempre desgastado. O povo não lhe perdoa ser ministro e a sua imagem vai sendo devorada. A certa altura, ainda que tenha governado perfeitamente, ninguém o considera competente. É um fenómeno de erosão. Neste sentido, todos os povos são politicamente antropófagos. Mas, pergunto eu, foi isto o que aconteceu aos vossos ministros?

Sabá – Não, não. Nós comêmo-los.

Presidente – Assados ou fritos ou cozidos?

Sabá – Sim. Exacto. Qual é a dúvida? Nós mastigámos, digerimos!

Presidente – Os ministros?

Sabá – Pois...

Presidente – Espantoso!

Sabá – É conforme à nossa lei: Súbdito do Chefe que exerça o poder durante certo tempo, servirá de comida ao soberano.

Presidente – Quem fez semelhante lei?

Sabá – Antepassados nossos, há 3000 anos. É lei do nosso povo, que nos mantém há três milénios, enquanto que os Estados Unidos, por exemplo, não têm mais que uns escassos 200 anos...

Presidente – Não vou discutir História consigo, princesa Sabá. Considerando as riquezas que existem no vosso subsolo, muito menos discutirei consigo Filosofia da História. Considerando que passaremos, nós os dois, um fim de semana no Algarve, também consigo não discutirei Moral. Vamos ao que importa.

Rei – Ramié nolo fá.

Presidente – Exacto.

Sabá – O papá desejaria que o Presidente compreendesse que a deglutição dos ministros não se fez por selvajaria, mas por imperativo da lei. O meu papá não procedeu discricionariamente, nem sob o jugo do apetite e do alambazamento; mas sim em obediência à Lei e à Sabedoria, valores a que se considera inferior.

Presidente – Tomo a devida nota. Essa lei de 3000 anos é para ele uma... uma... Constituição, como hoje diríamos.

Sabá – Sim. Mal comparado...

Presidente – Bem...

Sabá – O Presidente deseja saber em que condições foram comidos os ministros, um por um?

Presidente – Suponho que não quero.

Rei – Ro-né opórró sicá nain.

Sabá – O papá compreende.

Presidente – Que contém esse baú que ele me mandou entregar?

Sabá – 123 processos relativos aos 123 ministros comidos, para que o Presidente confirme a sua honestidade.

Presidente – A honestidade de quem?
Sabá – Do papá.
Presidente – Ah, obrigado, é uma grande gentileza. Ficam em meu poder?
Sabá – Claro, para os analisar.
Presidente – Secretária! Secretária!

Abre-se a porta.

Secretária – Sr. Presidente?

Presidente – Leve consigo esse baú, que contém processos de deglutição. A secção H e a secção MX que comecem imediatamente a análise.
Secretária – Hoje?
Presidente – Hoje.
Secretária – Mas essas secções acabam o trabalho daqui a meia hora.
Presidente – Secretária, ouça, venha cá. *(Em segredo)* Eu pago as horas extraordinárias, ouviu?
Secretária – Então as secções sacrificam-se.
Presidente – Leve isto daqui para fora.
Secretária – Imediatamente... imediatamente...

Secretária sai repetindo "imediatamente" e fecha a porta.

Presidente – Façamos o ponto da situação: existe em Gigli Klabeín um vazio governativo causado pelo facto da Família Real ter comido 123 ministros. Esse vazio mostra-se impossível de preencher porque todos os ministeriáveis negam-se a ser ministros, por não quererem ser deglutidos pela Família Real.

Sabá – E suponho que também não o desejam ser por quaisquer outras famílias.

Presidente – Por maioria de razão. De acordo?

Sabá – De acordo.

Presidente – Verificado um vácuo de poder, o Rei Bulum Kadem Bliotah I dirige-se a mim, isto é, a esta Firma, para que lhe forme um governo. Está certo?

Sabá – Certo.

Rei – Funfó, ó ni fifó?

Sabá – Forma ou não forma?

Presidente – O governo? Claro que formo!

O Rei e a. comitiva expressam, alegria através dos seus meios.

Sabá – O povo de Gigli Klabeín e o seu rei manifestam alegria perante a decisão do sr. Presidente.

Presidente – E eu manifesto alegria por prestar tal serviço. Seguidamente, cabe-me fazer perguntas.

Sabá – Venham elas.

Presidente – Em Gigli Klabeín o regime é democrático?

Sabá – Sim. no sentido em que o Rei representa permanentemente a vontade popular.

Presidente – Há eleições?

Sabá – Não.

Presidente – Então não há democracia, o que, no nosso caso, facilita as coisas.

Sabá – *(Muito feminina)* Para quê eleições? Não fazemos eleições porque...

Presidente – Não é preciso justificar, princesa, não há, pronto, basta! Estamos livres dessa maçada. *(Pausa)* Existem órgãos consultivos?

Sabá – Um único. O Conselho dos Anciãos.

Presidente – E que tal?
Sabá – O papá domina-os.
Presidente – Como?
Sabá – À entrada das reuniões manda distribuir droga. Os servos põem em cima das mesas a liamba, o LSD, a morfina, a mescalina. O papá não obriga ninguém a usá-las. Mas na prática todos os Anciãos as usam. No Conselho portam-se bem. e, no fim das sessões, assinam de livre vontade tudo o que o papá quer.

Gargalhada do rei.

Presidente – Algum dos Anciãos foi comido?
Sabá – Não.
Presidente – Algum deles está para ser comido?
Sabá – Já todos ultrapassaram a idade legal.
Presidente – Idade legal para quê?
Sabá – Para se ser comido.
Presidente – Isto é, o Conselho dos Anciãos é um órgão que não corre riscos...?
Sabá – Nenhum. A não ser a morte dos componentes.
Presidente – Morte natural? Ou há outra... prevista?
Rei – Nu-lu kapi nali traz.
Sabá – O papá diz que qualquer deles pode ser morto, se for preciso.
Presidente – *(Alarmado)* Não, não, não! Esses Anciãos são preciosos.

(Gargalhada do Rei).

Sabá – O papá não os acha preciosos...
Rei – Bim lim ré ó lim.
Sabá – O papá está de acordo.

Presidente – Bim lim ré ó lim quer dizer que está de acordo?
Sabá – Sim.
Presidente – Então é simples. Os meus homens vão lá fazer um golpe de Estado.
Sabá – Contra o papá?
Presidente – A favor do papá. Bim lim ré ó lim?
Rei – Ó fá naí.
Sabá – Sim!
Presidente – *(Exultante)* Bim lim ré ó lim! *(Semi-gargalhada)* Eh, eh!...

Afasta-se, abre a porta e chama para fora.

Presidente – Eh! Sr. Vice! Secretária!

De roldão entram o Vice e a Secretária.

Presidente – Secretária, vá tomando nota. O sr. Vice parte imediatamente para Gigli Klabeín.
Vice – De avião?
Presidente – Pois. Existe lá um Conselho de Anciãos, uns velhos que não podem ser comidos.
Vice – Porquê? Já têm as carnes muito rijas?
Presidente – Isso. Vai lá fazer um golpe de Estado.
Vice – Eu? Óptimo. Em que consiste o golpe de Estado?
Presidente – Na ocupação do poder executivo pelo Conselho dos Anciãos.
Vice – E as Forças Armadas?
Presidente – Tem razão. Eh, Majestade. E as Forças Armadas?
Rei – Aná-koló in-é-i-i.
Sabá – As Forças Armadas estão de férias.
Presidente – Não irão intervir?
Rei – Sô bá li am.

Sabá – Só fazem o que o papá manda.

Presidente – Portanto, há que pôr os Anciãos do Conselho nos Ministérios, a proclamarem-se Governo e Ministros.

Sabá – Não o farão sem droga.

Presidente – Portanto, levem drogas.

Vice – Quais?

Presidente – Todas, homem, todas. Desde a liamba até à mescalina. Olhe, leve o Dr. Schian para as ministrar, não vão eles cometer abusos.

Rei – Bim lim ré ó lim.

Presidente – O Rei está de acordo.

Vice – E se alguns dos velhos morre?

Presidente – Enterrem-no.

Vice – Qual a orientação do novo Governo?

Presidente – Nenhuma. O Governo é de ocupação, não é de governação. O sr. Vice aguentará durante uma semana. Daqui a uma semana chego lá eu.

Vice – E leva consigo o verdadeiro Governo?

Presidente – Que está a dizer?! Ah!!! O verdadeiro Governo é o que o sr. Vice vai colocar no Governo. O Conselho dos Anciãos passará a ser o Governo. *(Segredo)* Que não governa, claro, eles já não têm idade nem energia. *(Risos abafados)* Quem governará efectivamente? A nossa equipa, na sombra, ui... ah, ah, ah... tudo para nós... *(Alto)* Entendido? A Secretária estenografou?

Secretária – Sim.

Presidente – Então passe à máquina, como Acta desta reunião, para sua Majestade assinar.

Rei – Bim lim ré ó lim.

Presidente – Sua Majestade está de acordo.

Ruídos festivos.

Sabá – Juntamente com a comitiva, El-Rei manifesta a sua alegria.

Os ruídos crescem, sendo, a dada altura, interrompidos pelo de um. avião que descola, depois do qual continuam.

* * * * *

O indicador do programa de efemérides.

Locutor – Devido à iniciativa do monarca El-Rei Bulum Kadem Bliotah I, ocorrem em Gigli Klabeín acontecimentos dos mais fecundos e inesperados.

Corridinho algarvio.

Presidente – Amanhã já acaba o nosso fim de semana no Algarve, Sabá, querida, princesa, meu amor!

Sabá – Ai, quem me dera que o fim de semana tivesse mais sete dias...

Presidente – Sabá, depois do prazer do amor e do sexo...

Sabá – Ó Presidente, agora também a mim tu presides...

Presidente – Bim lim ré ó lim, Sabá, princesa...

Sabá – Querido.

Presidente – Consumados, com rara felicidade, o sexo e o amor, falemos de democracia.

Sabá – Porquê?

Presidente – A democracia é uma forma de amor.

Sabá – Qual?

Presidente – A da igualdade. Sim, Sabá, a antropofagia, tal como há 3000 anos vocês a vêm praticando, é o privilégio de uma classe!

Sabá – A lei assim ordena.

Presidente – No mundo actual, ninguém admite que a única entidade que em Gigli Klabeín pode comer outras pessoas, seja a Família Real.

Sabá – Pensas que devemos deixar de ser antropófagos? Querido, se é isto o que pensas, o papá, sem dúvida, bim lim ré ó lim.

Presidente – Pelo contrário. O quê? Extinguir em Gigli Klabeín uma das suas mais antigas tradições?! Não! Nós vamos democratizar, dar direitos ao povo. E, portanto, alargar a fruição das tradições milenárias. A Família Real tinha o monopólio e o privilégio...

Sabá – Meu amor...

Presidente – Mas vai deixar de os ter. Sim, Sabá, nós somos democratas! Não podemos manter famílias reais com privilégios e monopólios!

Sabá – Porquê?

Presidente – Porque se continuam a detê-los, daqui a nada deixa de haver famílias reais. E eu quero-te, meu amor, quero-te assim como és, quero-te sem nada a menos, quero-te princesa!

Sabá – Oh, eu estou a viver um sonho!...

Presidente – Além disto, é preciso fazer avançar o país.

Sabá – Achas, querido, que o Gigli Klabeín está assim tão atrasado...?

Presidente – Uma vergonha. Por exemplo, não tem um aparelho repressivo.

Sabá – Pois...

Presidente – Ora, não há país que se preze que dispense aparelho repressivo: Estados Unidos, Brasil, Quénia, Afeganistão... Todos têm um aparelho repressivo que custa fortunas e provoca grandes desperdícios. Neste aspecto, o Gigli Klabeín dará ao mundo um exemplo de severidade e de eficácia, que todas as nações podem aproveitar no futuro.

Sabá – Ah, vai ser bom. Vamos tornar-nos um país conhecido. Talvez até dêem ao papá o Prémio Nobel da Paz! *(Pausa)* E o que é?

Presidente – Sabá, minha querida, já pensastes, nesses países civilizados que têm repressão, os tesouros de proteína - sim, proteína, querida, um dos alimentos de que a humanidade mais precisa; já pensaste nesses países quanta proteína a repressão estraga? Olha, Hitler queimou nos fornos crematórios mais de 40 milhões de pessoas. Estragou para cima de um milhão e seiscentas mil toneladas de proteína. Um desperdício! Pois bem, a cultura dos gigli-klabeínos vai permitir-nos dar lições ao mundo!

Sabá – Quais?

Presidente – Já redigi o decreto.

Sabá – *(Admirada)* Quando?

Presidente – Esta noite. Enquanto tu, de sorriso nos lábios e de corpo e alma exaustos pelos nossos delírios, dormias a meu lado...

Sabá – Ainda tivestes cabeça para redigir um decreto?

Presidente – Sim.

Sabá – Oh, querido, como tu és forte... oh... que bom...

Presidente – Agora não. Não, agora não me tentas.

Sabá – Está bem, amor... *(Suspira)* Que diz o decreto?

Presidente – Bem, nos considerandos invoca, é claro, os direitos democráticos, a igualdade, etc. Fala do progresso da nação...

Sabá – Evidentemente...

Presidente – E logo estabelece este princípio geral: todo o delinquente, todo o que infrinja a lei, actue contra a segurança do Rei, do Governo, dos governantes, do Estado, das instituições, provoque público escândalo, pratique crimes, organize e execute assaltos, deite bombas, conteste os órgãos de soberania, etc., etc., é comido.

Sabá – Por quem?

Presidente – Por aqueles com quem a Família Real vai repartir o seu milenário privilégio.

Sabá – Bravo, meu amor. E quem são esses?

Presidente – Primeiro, as Forças Armadas. Os generais podem comer os oficiais e os soldados que se portem mal. Os soldados e os oficiais também podem comer os generais que se portem mal.

Sabá – Ah, é democrático e é justo! Segundo?

Presidente – Segundo, o Conselho dos Anciãos.

Sabá – Já não há. Eles agora são o Governo.

Presidente – Sim. Mas quando nós lá chegarmos, nomearemos novo Conselho dos Anciãos.

Sabá – Ah, bem... Terceiro?

Presidente – Terceiro, o Governo. O Governo pode comer qualquer membro mal comportado das Forças Armadas ou qualquer cidadão mal comportado, inclusivamente os funcionários públicos e até - repara Sabá, repara bem - os membros do próprio Governo.

Sabá – Quarto...?

Presidente – A Polícia.

Sabá – Não há Polícia...

Presidente – Mas haverá quando lá chegarmos. A Polícia, no entanto, não pode comer membros das Forças Armadas.

Sabá – Claro.

Presidente – ... nem do Governo...

Sabá – Sim... E depois?

Presidente – A seguir, o decreto define quem não pode ser comido.

Sabá – Quem é? Quem, é?

Presidente – A Família Real...

Sabá – Obrigada.

Presidente – ... e os cidadãos com idade superior a 78 anos.

Sabá – O que já vinha na antiga lei.

Presidente – Exacto. Que tal, hem?

Sabá – Ai, eu acho óptimo! Só uma coisa: se os membros do Governo podem ser comidos quando se portam mal e até podem sê-lo uns pelos outros, daqui a nada voltamos outra vez ao princípio: não haverá Governo e o papá não poderá formá-lo. Então a que Firma se irá dirigir?

Presidente – Bom, pensei nisso. *(Ri)* E aí entra uma astúcia, uma astuciazinha cá das minhas. O Governo será sempre formado por velhos de mais de 78 anos!

Sabá – *(Radiante)* Que não podem ser comidos... Claro! Oh, tu és um génio, meu amor.

Presidente – Isto, dito assim, pode parecer que lá toda a gente come toda a gente. Não, nada mais errado. Há regras a respeitar.

Sabá – *Tal como na* antiga lei...

Presidente – Exacto. Determinar quem come quem. Se este deve ser comido, quem tem competência para o comer? Nada será de qualquer maneira, tudo bem regulamentado, inclusivamente levanta-se um auto e forma-se um processo de deglutição.

Sabá – Como os que o papá te mostrou.

Presidente – Os 123. Isso mesmo.

Sabá – Tu és genial, querido... oh, tu és... és genial...

Presidente – Sabá, achas que o teu pai... bim lim ré ó lim?

Sabá – Sem dúvida, querido... oh *(beijo)* o meu papá... *(beijo)* bim lim... *(beijo)* ré... *(beijo)* ó... lim *(beijo)*.

Corridinho do Algarve, que funde com música gigliklebeína.

* * * * *

Presidente – Sr. Comissário para os petróleos, já falou o bastante. Já todos compreendemos. As nossas reuniões são de certo modo clandestinas, isto é, o que se diz é para bom entendedor, pois temos o nosso código e só se diz o indispensável. Chamo-lhe a atenção para o seguinte: o sr. Comissário para o ouro, o sr. Comissário para a prata, o sr. Comissário para os diamantes, o sr. Comissário para as restantes pedras preciosas; e os senhores Sub-comissários, também aqui presentes, para outras sub-especialidades e sub-fontes de rendimento - que nem por serem sub são menos valiosas - todos eles já compreenderam o espírito da nossa Firma em relação à situação verificada em Gigli Klabeín e a posição gloriosa que a nossa Firma neste país mantém e manterá. Além da competência, a Firma aos seus sequazes exige habilidade, isto é, poder negociai. Nós consideramos toda a profissão de fé, toda a ideologia, todo o comprometimento, toda a militância mesmo generosa, lesivos dos interesses da nossa Firma, portanto negativos e insuportáveis. Pelo que, quem se mostrar conforma do a esse espírito negativo, a ele aderente ou para ele tendente, será comido, através dos processos, institucionalizados de deglutição; será duramente abrangido pela lei deste país. A regra do nosso comportamento de ocupadores tem de ser: "Em Roma faz-te romano, em Gigli Klabeín faz-te gigliklabeíno". Assim convém à nossa Firma. Nunca esqueçam que estamos a trabalhar, não, de facto, para o povo deste país, mas para nossa prosperidade. Quem em Gigli Klabeín se não fizer gigliklabeíno, será friamente deglutido.

Murmúrios.

Presidente – O que digo não é uma ameaça cruel e mentecapta. É um desafio à vossa inteligência e à vossa capacidade. Temos de salvar El-Rei Bulum Kadem Bliotah I e engrandecer a nossa Firma, dois desígnios, mas uma só vontade. A unicidade desse querer é a prova suprema, srs. Comissários e Sub-comissários, que de vós eu exijo!

Vozes *de aprovação, misturada à música ocidental de grande pompa. Funde com música de Gigli Klabeín, sobre a qual fala o Locutor.*

Locutor – Continuamos de Gigli Klabeín a reportagem das pompas públicas, através das quais El-Rei consagra com o título de Salvador, o genro do próprio monarca. Neste momento, no interior do palácio, celebram-se as bodas da princesa Sabá com aquele que neste momento ou já é marido ou é ainda o seu noivo - não sabemos ao certo porque os órgãos de comunicação social não tiveram acesso à cerimónia. O noivo - ou o já agora marido - é um estrangeiro há pouco instalado em Gigli Klabeín, conhecido anteriormente pelo título inexpressivo de "Presidente".

Música mais forte. O Locutor eleva a voz.

Locutor – Na varanda do palácio, surgem os charameleiros, em estilo local, não sabemos o que tal significa, mas certamente... precedem... precedem... Sim, precedem o cortejo nupcial. Sim, já se vêem as damas de honor... De seguida... de seguida aparece Sua Majestade El-Rei Bulum, de magnífico e resplandecente manto. E... *(Como se anunciasse a grande vedeta)* E os noivos!!! Os noivos.

O povo aclama.

Locutor – O povo aclama, não sabemos se o Rei, se os nubentes, se o Presidente, que ultimamente alcançou grande popularidade.

As aclamações vão cessando.

Locutor – Agora El-Rei dirige-se para... para... para onde? Ah, sim, para o microfone. Proferirá decerto um discurso, pois é conhecido o prazer que El-Rei tem de discursar. Sim, sim, El-Rei vai falar, nós tentaremos traduzir.

Rei – Bu lim fax ó nó-quesói rem lim. Úmié fá faloenró in...

Passa a falar em fundo.

Rei – Prriá cidiá alonian alganini irró pó pópó manivu tiqué i ni nini ruánianté multi rupri ne chiluoé ani mariló ru fá r'pió tempi tempo. *(Pausa)*.
SAL-VÁ-DORÉ

Locutor – El-Rei disse: "Povo de Deus e portanto meu! Salvámo-no3sS da crise, no respeito das tradições herdadas nos nossos maiores e através da vontade e competência desse que fica proclamado para todo o sempre".
Salvador

Grande alarido do povo que glorifica o Presidente.

Rei – É nói pópó ni elai bim...

Passa a falar em fundo.

Rei – Ri-nó nói miantá ijanloé irracu cui a fa dem tidi arrá nian naiem minonónó idienti gá Gigli Klabeín notá pópó miá. *(Pausa)* Miorri miarró eli elá qui Sabá Presideti.
Iu erré fá ló in pópó e si nó fáfá pópó oloim ré má nó imé didi ram. *(Pausa).*

Silêncio.

Rei – Pópó bim lim ré ó lim.
Pópó bim lim ré ó lim.

Breve silêncio.

Rei – E ó nó fáfá riné bim lim ré ó lim.
Mió miá é éié rami nó raín né fá fudói braaaá *(passa a segundo plano)* ena riofi fini diamé diami taitcsi tocsi dita rirrá ramé potu nói nassuaré monói pópó *(Vem a primeiro plano)* fani fáfá nói ai vó filim daná: *(pausa)* sal-vá-ci-éé́é!
Bim lim ré ó lim! *(Pausa, em desespero)* Bim lim ré ó lim, bim lim ré ó lim...

Locutor – O Rei continuou: "Vejo que o meu povo bim lim ré ó lim", perdão, "vejo que o meu povo está de acordo pois se manifesta com tanta alegria. Somos agora um país que caminha para diante. E a prova está aqui: pela primeira *vez* a princesa real de Gigli Klabeín casa com um estrangeiro.
E nisto também o povo está de acordo".
O Rei repetiu a frase anterior: "E nisto também o povo estará de acordo". Repetiu-a porque certamente esperava por parte do povo uma manifestação que não se observou. O silêncio é impressionante e denso. Começa a sentir-se no ar uma inquietação, um receio... Que se vai passar? O Rei imóvel, olha em redor. Parece que vai... sim... vai prosseguir.
Repetiu de novo: "E nisto também o povo está de acordo...".

Como estará de acordo com todas as medidas que irão sendo tomadas.
Daqui por diante, a frase que todos hão-de rezar e escrever e que aparecerá nos céus como uma espada de fogo...
A frase que alimentará o fogo da nossa salvação, será:
Bim lim ré ó lim!

Continua a repetir a frase em gritos desesperados, que são comidos pela música final.

Outubro de 1978

Estâncias de Amor Interrupto

PERSONAGENS:

Mercedes
Olinda
Vicente
Gaston
Mimi

I

Música. Ruídos duma praça

Mercedes – Ai, mi quirido bambino, que não tengas frio... Ai mi amore... Hoje lhove com todos los demónios. Gracia tanta a nuestro Señor que manda tantíssima lhuvia, mas no importava que caísse aqui em la cittá... Ai amore, que te agasalho io... Lei não suporta estas solturas del cielo. *(Num impropério)* Cielo mijão! Cielo mijão! Cielo mijão! *(Continua em 2ª plano)*.

Olinda – Lá está a galega maluca. Perdeu em Itália o seu namorado, há mais de trinta anos, morto debaixo dum guindaste, pois era dono de guindastes no porto de Ústia. voltou para Lisboa com o corpo. Não queria que o enterrassem, imaginem! Mas levaram-lho. E ela comprou um boneco de cera, desses das promessas, e anda com ele, de então para cá, como se fosse o corpo do noivo. Ali está ela, a Ti Mercedes, com o boneco de cera deitado num carrinho de bebé, que é assim que o traz quando tem de descer à rua.

Mercedes – (2º plano, aproximando-se) ... que hoy tubo tu corpo amante e amado... Fué mio, muitíssimo mio...

Olinda – O que é que foi seu, Ti Mercedes?

Mercedes – Mi tantissimamente amado cuerpo de mi Sidónio.

Olinda – Sim? E quando?

Mercedes – Hoy, hoy por la mañana.

Olinda – (Truculenta) E onde?

Mercedes – En las margens del rio, para os lados de Olivais, rio arriba...

Olinda – Sim? Corpo de cera, não?

Mercedes – Caía la lhuvia.

Olinda – E a água não apagou o pavio?

Mercedes – Lhe acendeu ainda más. Ai Sidónio, Sidonito de mi cuore! Que me deixas lhena de espanto!

Olinda – (Rindo) O que lhe fez?

Mercedes – Me deixa siempre lhena de espanto...

Olinda – O quê? Pregou-lhe um beijo na boca? Ou deu-lhe alguma palmada no cu?

Mercedes – Com sus manos subtiles me agarrou por la cinta. E foi a cinta. Umbigo de lei no umbigo di me. Ai, quando más caía em sus espaldas, mais gemiti cá dentro, en el más hundo de cá de dentro de mi, por trás dei trripe. Cinta a crepância, como en il banchetto... Ai, amore...

Olinda – Ora, Ti Mercedes, já lhe chegou a idade de ter juízo. Pensa que o seu Sidónio, se fosse vivo, ainda embarcava em tais avarias?

Mercedes – Essa é la vàntajen que seja de cera. És que eu o guarde em lá misma qualitá em que se morió. És ainda como era, quando o guindaste lo esmigalou. Lo mismo.

Olinda – E nunca se gasta?

Mercedes – É siempre lo mismo que era, ouviste, perjura?

Olinda – Só se é porque quando ele envelhece, a Ti Mercedes vai ao cirieiro e compra outro boneco, para o ter sempre fresco...

Mercedes – Pués assim faço eu, fica a saber. E mais, que tengo más uns tantos...

Olinda – Bonecos de reserva?!

Mercedes – Si. Pero, palavra de honor, só uso uno de cada vez. Sempre Sidónio e somente Sidónio.

Olinda – (Com malícia) Ora, ora! Nunca teve tentações? Nunca escutou uma voz que lhe dizia: "Assim como assim, este já eu conheço... Quem me dera, logo à noite, conhecer outro, para saber como é, para o consolo ser doutro modo...?". Hem? *(Ri)*.

Mercedes – Cabra és tu e todos tus primas! Arrenegada! Maldita boca que tal has dicho! Maldito peito, porque disseste que io lo pensei, pero en verdade lo sentiste tu! E lo hicieste, portanto, maldito cuerpo tuo, malditas piernas tuas que se abriram para tan monstruoso deseo...!

Olinda – Ai, se não fosses maluca! Ai, se não fosses maluca! Então eu lhe responderia, Ti Mercedes!

Mercedes – Maluca, io?

Olinda – O quê? Quer dizer-me que está em perfeito juízo?

Mercedes – No, não quiero! Não quiero convencer-te! Tampouco quiero estar em mi perfecto juicio. Si estuvera em perfeito juicio, então, eu seria infeliz. Não... *(chora, assustada)* não quero ter el juízo todo... no quero... Oh que no me le obriguem... *(continua)*.

Olinda – Pronto, pronto! Ninguém vai obrigar. Porquê obrigá-la? Nós o que todos queremos é que continue, assim, a gozar do seu Sidónio. Quantos anos tinha quando morreu?

Mercedes – Trinta e dos.

Olinda – E agora quantos teria?

Mercedes – Más quatro que io, setenta e seis. Pero, para mim, lei avete siempre trinta e dos e eu sempre veinte otto.

Olinda – Isso, Ti Mercedes, é o que se chama saber de poda. Aos setenta e dois anos continuar com vinte e tal, nem São Cipriano o faria... Mas uma coisa me faz espécie: o que a Ti

Mercedes sente agora... o que sente, lá dentro... será o mesmo dantes? Os mesmos pensamentos, os mesmos desejos, os mesmos abalos, a mesma vontade, a mesma força nos rins que aos vinte nos atira as bimbas para diante?

Mercedes – Lo mismo, hija mia. Todo do mismo. Perche io vivo lo que recuerdo; e todo isso que dices, io le recuerdo; portanto, lo vivo.

Olinda – E eu, Ti Mercedes, eu que tenho vinte e nove e estou em idade de o viver, eu recordo... recordo... Mas vivê-lo é que eu não consigo... Ai de mim!

Música.

II

A música do final de I funde com os ruídos de um cacilheiro que vai largar de Lisboa para a outra banda. Gaivotas.

Olinda – Ah, cuidava que não vinhas...

Vicente – *(Arfando)* Demorei-me um pouco... sim...

Olinda – Pensaste em não vir?

Vicente – Nunca... Oxalá que ninguém me tenha visto!

Barulhos do barco que larga. Vai-se afastando das gaivotas.

Olinda – Resolveste-te a vir à última hora...?

Vicente – Eu? Dizes isso porque demorei? Não, não, Olinda. Demorei-me porque... por causa do trânsito. Não consegui um táxi. Sabes como é... Procura-se, procura-se, o tempo vai passando... Acaba por se apanhar o autocarro... sabes? Felizmente que...

Olinda – Chegaste à última hora...

Vicente – Mas a tempo.

Olinda – Felizmente. Se não viesses, desesperava.

Vicente – Porque desesperavas? Porque não havias de pensar apenas que tive alguma chatice, algum percalço...

Olinda – Por exemplo?

Vicente – Por exemplo, esse que me ia acontecendo, o do trânsito... falta de táxi... se o autocarro não tivesse passado...?

Olinda – Mas felizmente estás aqui.

Vicente – Pois...

Olinda – Porque olhas em redor?

Vicente – Eu olhei em redor?... Ah, sim, eu... gosto de ver a cidade a afastar-se.

Olinda – Ou receias que te tenham seguido?

Vicente – Receio... é claro que sim. Receio sempre. Mas desta vez o que quis foi ver Lisboa a afastar-se.

Olinda – Oh, meu Deus! Nós podíamos ser tão felizes! E só nos vemos disfarçados... Nunca fui feliz senão contigo.

Vicente – *(Em segredo)* E eu contigo, meu amor.

Olinda – Porque não dizes: *(erguendo a voz)* "e eu contigo, meu amor?". Que importa que esta gente que aqui vai no barco para a outra banda saiba que desejes ser feliz comigo?

Vicente – Pschiu *(pedindo que ela se cale)*. Ao menos fala baixo...

Olinda – Ao menos fala baixo... fala baixo... fala baixo... *(explosão)*. Arre! Vou ali para fora.

Vicente – Lá está frio.

Olinda – Que me importa o frio?

O barco apita. Ouvem-se mais fortes o trabalhar do barco, o ruído das vozes dos circunstantes, o zunir do vento, etc. Eles estão no exterior do barco, à proa. Falam muito forte para se sobreporem ao ruído do vento e da água.

Olinda – Aqui, estamos sozinhos.
Vicente – Tens a certeza?
Olinda – Julgas que alguém virá para aqui?
Vicente – Estou todo molhado dos respingos da água?
Olinda – Mas estás comigo.
Vicente – Eu queria-te beijar...
Olinda – Porque não me beijas? *(Pausa)* Porque não me beijas?
Vicente – Estamos a ser vistos pelos passageiros lá de dentro. Se alguém me seguiu...?
Olinda – (Mais baixo, falsamente resignada) Está bem...

O barco apita.

Vicente – O que disseste?
Olinda – Disse: está bem.
Vicente – Ah!

O barco apita.

Olinda – (Pausa) Ela tem-te perseguido?
Vicente – Persegue sempre.
Olinda – E ele?
Vicente – E ele?... Também. E outros.
Olinda – Quem?
Vicente – Detectives.
Olinda – Detectives?!
Vicente – Pois, atrás de mim.
Olinda – Malditos!

O barco apita.

Vicente – (Pausa) Este navio não pára de apitar!

Olinda – Aproxima-se um banco de nevoeiro!

Vão parando os motores do barco.

Vicente – Páram os motores.

Olinda – Só há nevoeiro à nossa volta. Agora é certo: ninguém nos vê.

Vicente – Oh, Olinda, é tão cerrado o nevoeiro que mal nos vemos um ao outro. Meu amor!

Olinda – Meu amor!

Vicente – Abraça-me. *(Beijam-se)* Muito mais Olinda...

Olinda – Foi Deus quem, nos mandou o nevoeiro, para nos ocultar.

Vicente – Eu queria-te sempre assim! Oh meu amor, a tua boca é doce, é mel feito de seda. As tuas pernas são fortes e todo me enlaçam como turquesas. O teu coração pica o meu peito. Os teus cabelos são tão longos, dão-me a volta à cintura! Oh como eu te quero, assim, assim...

Olinda – É verdade o que dizes? É verdade o que sinto? Vicente, é verdade o que sinto?

Apito.

Vicente – Se é verdade que estamos aqui, é tão verdade como aqui estarmos.

Olinda – Meu amor, não posso andar sem ti e não posso continuar, tu e eu separados por essa gente ruim.

Vicente – (Ansioso) Pronto. Pronto! Lá se foi o nevoeiro!

Olinda – Oh... é verdade. Ainda não tinha aberto os olhos.

Motor do barco.

Vicente – E o barco continua.

Olinda – O rio ficou calmo. E uma pontinha de sol aparece do lado de Cascais.

Vicente – Oh, como tudo está calmo... Sabes, Olinda, é melhor tu ires para aquele banco ali. Ou então vou eu.

Olinda – Pois.

Vicente – Podem-me ver.

Olinda – Parece-me que estive num sonho e que o sonho foi o nevoeiro; passou o nevoeiro, passou o sonho.

Vicente – Não tarda, chegamos a Cacilhas. Então, que vamos fazer?

Ficamos aqui no barco.

Olinda – Não. Eu saio.

Vicente – E eu?

Olinda – Vens comigo.

Vicente – Achas que não há perigo?

Olinda – Não veio ninguém atrás de ti. Caso contrário já te tinham topado. Vens comigo.

Vicente – Sabes? *(Pausa)* Ela ontem foi esperar-me à saída do escritório.

Olinda – E o pai?

Vicente – Ficou na caixa, a fingir que fechava as contas. Ficou ali sentado a fingir que fechava as contas mas, realmente, espreitava-me detrás do vidro da montra.

Olinda – Ah, ela combinou com o pai que te ia esperar...

Vicente – Sim, tenho a certeza de que ele me espiava detrás do vidro da montra.

Olinda – E então?

Vicente – Então, Olinda, então...? Oh, que tortura para mim! É tortura que ela me tenha ido esperar, tortura que me perguntes o que aconteceu... Não percebes?

Olinda – Pergunto porque te amo, porque te quero.

Vicente – Ela diz o mesmo.

Olinda – Com que direito?

Vicente – E tu, com que direito me amas? Alguém tem o direito de amar outro? Quem assegura esse direito?

Olinda – Tu não me asseguras o direito de eu te amar?

Vicente – O que queria era fugir de tudo, para me amares... só tu. Mas sabes que já não depende de mim. Que posso eu fazer, Olinda?

Lento, aproxima-se o piar das gaivotas da outra banda.

Olinda – Tu não me amas de livre vontade? Não é de livre vontade?

Vicente – É.

Olinda – Ora aí está, é esse o meu direito. E eles? Que direito têm de te obrigar?

Vicente – Nenhum.

Apito do barco.

Olinda – (Pausa) Estamos a chegar. Eu vou sair, e tu vens comigo.

Vicente – Mas...

Olinda – (Forte) Tu vens comigo.

Vicente – Mas...

Olinda – Quer queiras, quer não queiras!

Vicente – Não me desgraces, Olinda. Talvez eles me matem. Talvez estejam à minha espera e me matem.

Olinda – Não, não te matam porque ela te quer e te quer vivo.

Vicente – Talvez me levem.

Olinda – Não te levam. Isso era dantes. Hoje só se raptam políticos e embaixadores. Já não há raptos por amor, a não ser nos filmes. E nos filmes antigos, porque nos actuais já ninguém rapta ninguém.

Vicente – No escritório eu tenho sempre trabalhado o mais possível, sempre direitinho. Palavra de honra que nunca roubei nada, nem vinte e cinco tostões. Mas o pai dela, o Sr. Alexandre, tem um monte de papéis que provam que eu desviei em meu proveito, para cima de dois mil contos.

Olinda – Não é possível!

Vicente – Sim, sim, ele mostrou-me. E disse que se não caso com a filha, me mete na cadeia!

Olinda – Estás a mentir, Vicente.

Vicente – Palavra de honra.

Olinda – Vem, vem comigo...

Vicente – Olinda! *(Música)* Que vais fazer?... Que vais fazer?...

Olinda – Vou telefonar.

Vicente – A quem?

Olinda – A esse estupor desse Sr. Alexandre. Dali, da cabina, à saída do barco...

Vicente – Não!... Não!...

Música mais forte.

Olinda – (Ainda sobre a música, que vai desaparecendo) Está?... O Sr. Alexandre está?... Vai chamá-lo? Sim, sim, por favor, muito obrigada. Eu espero. *(Abre a porta da cabina, ouve-se mais forte o ruído da rua)* Vicente, eh, Vicente.

Vicente – (Afastado) O que é?

Olinda – Vem cá. *(Passos na calçada)* Sabes? Foram chamá-lo.

Vicente – A quem?

Olinda – Ao Sr. Alexandre.

Vicente – Vê lá no que te metes...

Olinda – Eu sei muito bem. Está? É ele, fecha a porta da cabina. *(A porta fecha-se, quase se deixam de ouvir ruídos da rua)* Sr. Alexandre, peço-lhe o favor de me ouvir. É que eu queria falar

consigo pessoalmente... Eu sou a namorada do seu empregado Vicente. Lembra-se dele?... Sim, mas podia não se lembrar, a sua organização é tão grande, tem tantos empregados... podia não se lembrar... Eu sou a namorada do Vicente. O que eu quero é o seguinte: sei que ele fez um desfalque, sei, sim, à roda de dois mil contos... Eu sei, ele contou-me... Ele conta-me tudo, para mim não tem segredos. Ora eu sou uma mulher rica... E... se o Senhor quisesse, dava-me todos os papéis que provam o desfalque e eu dava-lhe o dinheiro... O Sr. não quer? Então eu... dou-lhe mais quinhentos contos... para o Senhor me entregar as provas do desfalque...

Automóvel que chega e trava ruidosamente. Gritos de pessoas, nomeadamente de Vicente.

Vicente – Não, não... Ah... Olin...

Tapam-lhe a boca. Fecham violentamente as portas do carro, que arranca a toda velocidade.

Olinda – Não foi nada, Sr. Alexandre, não foi nada, foi uma travagem dum automóvel aí da rua, sim, porque eu estou a falar duma cabina... Duma cabina, é claro... O que eu dizia, é que... dou-lhe mais quinhentos contos, para além da quantia do desfalque, para o senhor me entregar as provas do roubo e... considerar o caso arrumado, não se fala mais nisso, hem?... Quinhentos contos... Óptimo, pois então se o senhor considera que esta é uma base de negociação, eu estarei amanhã consigo lá no escritório...

Às onze horas? Pronto, até amanhã às onze horas. E muito obrigada, Sr. Alexandre.

Desliga o telefone. Abre a porta da cabina, pelo que cresce o volume do ruído do exterior.

Olinda – Vicente, Vicente, escuta, meu amor. Onde te meteste? Vicente... Vicente! Vicente! Oh... que terá acontecido? Fugiu?! Será possível que me tenha fugido? Oh não, meu Deus! Não... Ah... foi aquele maldito automóvel! Foram aqueles homens que o prenderam e o levaram... Ah, sim, sim, desgraçada de mim, foi ele que gritou... gritou, chamou-me e eu não respondi, não o salvei devido à fúria em que estava, não o salvei para continuar a falar ao telefone com o Sr. Alexandre... Ah... maldita vida... *(Pausa)* Ah, bendito amor...

Música.

III

A música de II funde com a ária final da Butterfly, muito forte.

Gaston – Mimi, você ontem no São Carlos olhou insistentemente… *(Suspende)* Mimi, estou a falar consigo.
Mimi – Sim ? Então ponha essa porcaria mais baixa. Já basta obrigar-me a ir ao São Carlos.

O volume da música baixa até desaparecer.

Gaston – Obrigo e obrigarei. Não quero que digam em toda a Lisboa que nós não vamos ao São Carlos.
Mimi – Eu ficava melhor em casa.
Gaston – Tem de vir, não a dispenso!
Mimi – Você gosta de ópera?

Gaston – Não.

Mimi – Ah!...

Gaston – Mas gosto de ir ao São Carlos. Deve-se ir ao São Carlos. O Presidente da República nunca lá aparece. Por isso vai perder as próximas eleições, verá.

Mimi – Você, desde que foi saneado do Banco, tem ideias insuportáveis. Dantes parecia um democrata cordato... O saneamento "hipopotamizou-o"!

Gaston – A mim?

Mimi – A si.

Gaston – Não me diga...

Mimi – Oh, em absoluto. Até me obrigou a deixar o hospital!

Gaston – Claro. Eu não ia permitir que a minha mulher continuasse entre greves e reivindicações, exposta a toda a espécie de doentes. Uma noite sonhei que você tratava dum homem, um doente das virilhas...

Mimi – Ah, foi por isso! Não me tinha dito...

Gaston – Não foi por isso. Simplesmente, essa visão não me permitia dormir. Razão por que lhe... pedi que deixasse o hospital.

Mimi – "Pediu-me?!". Ora essa! Exerceu as mais reles pressões. Ameaçou-me. Fez-me a vida negra. Impediu-me de dormir noites a fio dando-me urros e cotoveladas. E chagando-me com discursos absurdos. Eu zarpava às sete da manhã para o serviço, enquanto você, como hipopótamo que é...

Gaston – Oh...

Mimi – ... você ficava a roncar até ao meio-dia. Depois de lhe ter provado que, até devido ao seu saneamento, não me convinha perder a minha profissão de médica, você "consentiu"...

Gaston – Oh...

Mimi – Sim, con-sen-tiu que eu abrisse o meu luxuoso consultório de ginecologia. As senhoras doentes não lhe

fazem ferros, Gaston; os homens doentes, das virilhas ou doutros sítios, fazem-lhe fornicoques e tiram-lhe o sono! É mesmo de hipopótamo!

Gaston – A minha atitude tem explicação: nós...

Mimi – *(Forte)* Não tem explicação! Se eu lhe quisesse pôr os cornos, julga que o faria com doentes? Escolheria um homem saudável, Gaston – que ainda os há, graças a Deus!

Gaston – Por isso mesmo, notei que ontem no São Carlos você olhou insistentemente...

Mimi – Para quem?

Gaston – Quer que lho repita?

Mimi – Para o marido do tal merceeiro?

Gaston – Marido do merceeiro? Que é isso? Para o rapaz que casou com a filha do Alexandre Víctor, este sim, merceeiro, ou melhor, proprietário dum armazém de mercearias por atacado, dos maiores de Lisboa.

Mimi – Como se chama o rapaz?

Gaston – Então você não lhe sabe o nome...

Mimi – De todo!

Gaston – Não disfarce, não disfarce...

Mimi – Ignoro a quem se refere. Aliás, não conheço ninguém no ramo das mercearias. A não ser que a esposa do merceeiro vá ao meu consultório; e a filha também. Não dei por elas. Mas quem sabe se as conheço, e na intimidade, até aos entrefolhos?

Gaston – Não seja obscena!

Mimi – Chama-me obscena? Pois é essa a minha vida. Eu observo à roda de trinta obscenidades por dia! E reparo-as. Os mecânicos de automóveis reparam automóveis; eu reparo obscenidades.

Gaston – Não desvie a conversa, Mimi.

Mimi – Ah, desculpe. Falemos do meu "desconhecido" amante.

Gaston – Não brinque. É um escândalo. Já se fala em Lisboa. Você olhou para ele já várias vezes.

Mimi – Onde?

Gaston – Não se recorda? Eu lembro-lhe: na exposição de Rim Plái, na Gulbenkian: viu os quadros sempre ao lado dele, desconfio até de que murmuraram coisas um ao outro... fizeram combinações...

Mimi – Não me lembro.

Gaston – No jantar do CDS, você não tirou os olhos dele...

Mimi – Não me lembro...

Gaston – O espantoso é que ele esteve no Congresso de Obstetrícia. Não me dirá o que terá ido fazer ali o administrador duma firma de mercearias?

Mimi – Foi lá para me ver?

Gaston – Claro. Começo a perceber que esse homem pode ser um amante de grande imaginação... Ontem, no São Carlos... Não só o fitou por diversas vezes... *(exalta-se)* mas até... no bar... vocês roçaram-se um pelo outro...

Mimi – Não me lembro...

Gaston – Sim, roçaram-se um pelo outro... Eu vi!

Mimi – Bom, tudo isso é falso e delirante. O que não me admira: você, que não faz nada, vai muitas vezes colocar-se em frente da porta do meu consultório... Para me espiar, para ter a certeza de que não recebo homens no consultório. É um insulto.

Gaston – Oh...

Mimi – É mentira?

Gaston – *(Quebrado)* É verdade, confesso...

Mimi – Ah, bem... Nunca lhe falei nisso antes por... por.. Olhe, vou dizer porquê, é cruel mas digo: por piedade.

Gaston – Eu não posso resistir... preciso de a fiscalizar, Mimi. Se não a fiscalizo, vivo numa ansiedade... que não suporto... Compreende-me?

Mimi – Oh, sim, Gaston. Compreendo-o; no fundo é consequência do saneamento; uma pessoa desocupada cria sempre um mundo fictício, mental, demencial, habitado por minhocas dentro da cuca e por macaquinhos no sótão. Você, depois de saneado, não arranjou emprego. Todos o conseguiram. Você não. Ah, mas eu tenho-o compreendido e vou continuar a compreendê-lo! Quero sossegá-lo quanto a esse homem. Não o conheço, palavra, nunca dei por ele... Terá estado em todos aqueles lugares, mas nunca dei por ele...

Gaston – Jura?

Mimi – Juro. Gaston, só você me interessa. Vamos eliminar essas ridículas suspeitas. Esse rapaz deve ser um Apolo, uma brasa, um borracho para lhe suscitar desconfiança...

Gaston – Tenho a certeza: é o tipo de homem de que você gosta.

Mimi – Gaston, só gosto de você.

Gaston – Alto, moreno... Podia ser actor de cinema ou toureiro, se não fosse um tímido. Ah, mas é agressivo com as mulheres, ah sim, tirei informações. *(Conta)* O Alexandre tinha um problema... enfim... a filha engravidou. O Vicente...

Mimi – Quem é?

Gaston – É o tal rapaz... Vicente Areia.

Mimi – Vicente Areia... Ainda que nada mais tenha, tem um lindo nome...

Gaston – Ele era empregado do armazém e o Alexandre decidiu casar a filha com ele, para... enfim, para resolver o problema...

Mimi – E ele casou?

Gaston – Sim, ela é filha única, milionária, portanto. Quem resiste a este argumento nos nossos dias ?

Mimi – Claro...

Gaston – Fez dele administrador da firma.

Mimi – E ele...?

Gaston – Óptimo administrador. Esse problema resolveu-o bem o Alexandre. Mas o da filha...

Mimi – Ficou mal resolvido?

Gaston – Sim, porque o Vicente deixou a rapariga com os pais, e alugou casa para si, onde vive sozinho. Vai dormir com a mulher uma ou duas vezes por semana.

Mimi – Compreendo.

Gaston – E anda por aí, numa roda viva. Tornou-se um escândalo, mulher para quem olha, não lhe escapa... não lhe escapa... *(Choraminga)*.

Mimi – Gaston, oh meu querido Gaston...

Gaston – *(Chora)* E tem olhado tanto para si... será possível que você me engane com ele?

Mimi – Está enganado, Gaston, está enganado...

Gaston – Mimi... *(Chora mais)*.

Mimi – Então, Gaston, acha que eu me interessaria por um homem, desses?

Gaston – Não...?

Mimi – Só me interessei por si... Não chore, Gaston. Não vê que me ofende. Nunca, até agora, tive o mínimo pensamento por um homem que não fosse você... acredita?

Gaston – Tenho acreditado... *(Chora)*.

Mimi – E vai continuar... A mim, só me interessam a medicina e você... Ouça, agora vou-lhe falar como médica, não como ginecologista, claro... *(Sorri)* Você está muito nervoso... precisa de descansar... Vou dar-lhe um comprimido...

Gaston – Para me pôr a dormir? E depois ir logo telefonar-lhe?

Mimi – A quem?

Gaston – A esse Vicente.

Mimi – Ora aí está uma ideia! *(Outro tom)* Se eu fosse outra... *(Pausa)* Toma o comprimido? É para lhe fazer bem...

Gaston – Tomo...

Mimi – Pronto, aqui está... Um copo de água... *(ouve-se a água no copo)* Beba, beba mais água... E agora vá para a cama, vá-se deitar...

Gaston – Mas...

Mimi – Quando acordar sentir-se-á como novo...

Gaston – Palavra?

Mimi – Sim, vá lá... eu ajudo-o... *(Música)*... Eu acompanho-o... nada de mal lhe vai acontecer...

Gemidos de Gaston. Passos. Abrir e fechar de porta. Música mais forte. Campainha de telefone.

Vicente – Está?

Mimi – Vicente Areia?

Vicente – Sim, sou eu. Quem fala?

Mimi – Mimi Zinsberg.

Vicente – Ah... não a conheço, suponho eu...

Mimi – Temo-nos encontrado muitas vezes.

Vicente – Onde nos encontrámos? A ver se me recordo...

Mimi – Olhe, na Gulbenkian, na exposição do Rim Plái; no jantar do CDS, há três ou quatro meses; no Congresso de Obstetrícia...

Vicente – Aquele na Gulbenkian...?

Mimi – Também na Gulbenkian. E ontem, no São Carlos. Você ficou na plateia... muito elegante, ai teve um sucesso... Eu

estava numa frisa à direita. Tive o privilégio dos seus olhos me fitarem duas ou três vezes... pelo menos... Quando se encontram, os nossos olhos deitam chispas!

Vicente – Levava um vestido branco?

Mimi – Sim.

Vicente – Ah, já me lembro. Depois, no bar, ficámos frente a frente, naquele aperto, estava tanta gente...

Mimi – Bendito aperto, Vicente!

Vicente – Porquê bendito?

Mimi – Porque tenho resistido à corte que me faz. Mas ali... fiquei rendida!

Vicente – Quer encontrar-se comigo?

Mimi – Sim.

Vicente – Agora?

Mimi – Sim... Ouça, você é um homem discreto?

Vicente – Discreto e de confiança *(riem)*.

Mimi – Vou... vou sem demora...

Vicente – Até já.

Desligam.

Mimi – Vou, vou e vou! Enquanto o Gaston fica a dormir! Aliás, a culpa é toda dele! Eu estava inocente e sem maldade. Ele é que me deu a ideia... Cá por mim, nunca vi mais gordo o tal Vicente.

Ária final da Butterfly, muito forte.

IV

A música anterior funde com outra, totalmente diferente, de entoação cómica ligeira.

Olinda – Grande desavergonhada! Grande galdéria!
Mimi – Desculpe...
Olinda – Que ia fazer a casa do Vicente?
Mimi – Eu? É engano, com certeza...
Olinda – Desça imediatamente a escada! Desça-a bem, senão sou eu que a levo por'i abaixo, a mal! Ouviu, estupor?
Mimi – Não é comigo com certeza.
Olinda – É consigo, sim. Pois o Vicente é meu, ouviu? É meu!

Abre-se rapidamente uma porta.

Vicente – O que é que se passa?
Olinda – Outra que vinha foder contigo! Outra! Vá descendo, sua cabra, vá descendo, antes que eu lhe deite as mãos aos gorgomilos!
Vicente – Tu estás louca? Eu nunca vi essa senhora! Esta mulher enlouqueceu, minha senhora.
Olinda – Qual senhora, Mulher como as outras putas. O que é que faz aí especada? Não tem pernas para descer? Desça!
Vicente – Olinda, eu chamo a polícia!
Olinda – Chama a polícia, chama a puta que te pariu ou mesmo o S. Gonçalo Amarante.
Mimi – De facto é melhor eu ir descendo. Afinal, eu não tenho nada com isto, não é verdade?
Vicente – Desculpe, minha Senhora, desculpe este vexame aqui à porta... Eu vou resolver esta loucura...

Passos de Mimi a descer a escada.

Olinda – Estou doida, sim! Enlouqueceste-me. Mas trato-te da vida bem tratada... Fica sabendo que não arredo pé de ao pé de ti. Eu hei-de dar fé de tudo o que faças. Já não é essa serigaita que me rala, essa bosta com quem casaste por causa do dinheiro do papá, do gatuno do Alexandre... é que não te vou deixar com nenhuma outra. Ouve cá: se te vejo despir as calças, eu pico-te o cu com um alfinete! Olha que me chamo Olinda... Olha que nunca fui para brincadeiras! Eu... Eu até te capo... como se faz a um porco. Eu capo-te! Ouviste, safardana? *(Esta algazarra vai-se afastando e reboando pela escada do prédio)* Já roubei uma faca, sabes pra quê? Para te capar... Se não és meu, não serás de mais ninguém...

A algazarra funde com ruídos da rua, semelhantes aos do início de I.

Gaston – Eu segui-a, Mimi.

Mimi – Como?!

Gaston – Admira-se, não? Vomitei a droga que me impingiu. Levantei-me da cama e segui-a.

Mimi – E depois?

Gaston – Está provado: eu não tenho macaquinhos no sótão. Você é amante desse Vicente.

Mimi – Como é que está provado? Como é que está provado?

Gaston – Não sou tão idiota, nem estou tão diminuído que acredite que você tenha vindo a casa dele por ele precisar de assistência ginecológica... ah não!

Mimi – Pronto, não tenho pachorra para discutir consigo. *(Grito)* Não há nada entre mim e esse homem! Ouviu?

Gaston – É claro que há. Está à vista.

Mimi – Bom, vou admitir que há. É falso, mas admito. E depois? E depois? Que é que você faz? O que é que faz contra isso? Diga lá!

Gaston – Eu? Entro no automóvel... *(Ruídos)*. Fecho a porta do automóvel... *(Fecha a porta)*. Ponho o automóvel a trabalhar... *(Põe o automóvel a trabalhar)*. E parto... *(Acelera)*.

Mimi – Para onde?

Gaston – *(Alto)* Vou para casa. Vou tomar "dois" daqueles comprimidos que me deu... e vou dormir...

O automóvel larga, rápido. Aproxima-se de longe a voz de Ti Mercedes.

Mercedes – Ai, amorcito de mio cuore... que te tenho por alimento de mi vida... e que se no me faltas tu alimento, jamais morrerei... Ai, que me vou... por sendas dell'a vita... Todos los ojos que mirei, todo lo mundo que vi, toda el mio de cá de dentro... tudo, tudo tenho em ti... *(suspende)*. Olá senhorita...

Mimi – Boa tarde...

Mercedes – Nunca io la tinha guardado en esta plaza...

Mimi – Nunca cá tinha vindo...

Mercedes – Pués no se le espante, que eu sou la Mercedes, la vieja de veinte otto años de idad, la siempre comprometida e la siempre libertada... La que tieno el cuore como quiero, el amor como lo hei tido, assi mismo por la eternitá... Que mulheres, homens e boñecos, tudo és lo mismo... e ninguno tem amor por qualquer otro, sinon que lo tiene nada más que por si mesmo...

Afasta-se.

Mercedes – Io lo aprendi por mi en la vida experimentada, e de amor me alimento, e de amor viverei... que tiengo veinte e otto años e todo lo que sinto é cá de dentro, e é por ti, que lo sinto, mio amore, amor de mio cuore, mio senso e mio amore, muñequito mio. Que só se amam boñecos... só simulacros nosotros amamos... Ai, Mercedes... la única feliz entre todos los que amam...

Música igual ao do início.

Junho de 1980

Trémulos Perante o Senhor

Farsa Radiofónica

PERSONAGENS:

Teté – Pai de Tinico e de Funfas
Sacristão – E futuro zelador
Supremo Ministro – Do braço português da religião gronelandesa "Trémulos Perante o Senhor"
Dadá – Mãe de Tinico e de Funfas
Edwiges Gaiola – Mãe de Dadá
Tinico – 13 anos
Funfas – 8 meses
Catarata – Criado preto de Teté
Feytor – Farmacêutico e provavelmente alquimista
Campoamor – Técnico de radiocomunicações
Locutor
Ministro dos Ministros

A acção decorre em Portugal, em Novembro de 1979

Sob o "genérico" música solene de órgão com a qual funde a canção de Teté.

Tenho o rio aqui defronte
e os abraços no acesso
da serrania e do mar.
Da água corrente, em que águas
as mãos irei mergulhar?

Lúcido e misto
em ti me perco e regresso
oh! rio de curso redondo,
pois existo
na outra margem do mundo

Soa a campainha da casa de Teté.

Teté – (Acordando, chamando) Catarata! Eh! Catarata! *(Outro tom)* Diabo de preto, onde se terá metido? Nos copos, logo de manhã, hem? Que horas são? Meio-dia. *(Surpreendido)* Já?! Raios me partam! *(A campainha retine) (Gritando)* Lá vou... *(Outro tom)* Domingo ao meio-dia... quem será? Onde está o meu robe? O meu robe. Eh! o meu robe! *(Aterrado)* Ah! não, não pode ser ainda a Dadá com as crianças... Oh! não, não! *(Outro tom) O* robe... cá está. *(Campainha)* Gaita, já vou, chiça! *(Reflectindo assustado)* Será ela, a Dadá?... Oh! não, é cedo, que os sete diabos o não permitam! Deixa-me espreitar à janela. *(Abre a janela. Ruídos do trânsito citadino)* Hum... Raio de vida, Lúcifer me leve se conheço aqueles dois ali em baixo na rua. *(Assustado)* Podem ser agentes da Judiciária, sim, até podem ser da Judiciária, o aspecto não lhes falta... Oh! sim... *(Campainha. Gritando da janela para a rua)* Já lá vou! *(Fecha a janela)* Teté, Teté, talvez tenha chegado o supremo instante da tua vida. Ou te portas como senhor que és, como se nada houvesse contigo, ou malhas com os ossos no chilindró. *Charme,* Teté, domina-os com o teu *charme,* ensaia o melhor do teu *charme...* e desce a escada... assim... *(Teté desce a escada, solene e lentamente)* ensaia o sorriso... ensaia a pequena e subtil gargalhada... ah! ah! *(Pequena e subtil gargalhada)* e agora... como se nada fosse. . . abre a porta da rua, Teté.

Abre a porta. Ruídos do exterior.

Sacristão – Permissão para entrada a dois agentes do bem... Teté-Agentes?! Ah! não... *(Entram)* Sentem-se.

Fecham a porta.

Teté – (Com enorme cortesia) Srs. agentes, eu...

Em ritual.

Supremo Ministro – Que o Senhor nos bafeje neste lar...
Sacristão – ...e esclareça as dúvidas...
Supremo Ministro – .. .ilumine as consciências...
Sacristão – ...implante a concórdia...
Supremo Ministro – ...e conglomere as forças da paz...
Sacristão – Amem.

Sacristão toca as suas campainhas.

Teté – Vossências são da Judiciária?
Supremo Ministro – Nós!? Porque o seríamos?
Teté – Ainda bem... Sentem-se.
Supremo Ministro – Ficamos de pé. Nós pregamos a benvinda verdade.
Teté – Essa verdade, como todas as outras, interessa-me.
Supremo Ministro – Então, entender-nos-emos.
Teté – Com muito gosto. *(Exageradamente prestável)* Trazem água-benta? Querem um recipiente? Precisam dum funil?
Sacristão – Para quê?
Teté – Dá-lhes jeito uma escalfeta?
Sacristão – Para quê?
Teté – Por exemplo, para queimarem o incenso...
Supremo Ministro – Não consumimos incenso. Teté-Não?!
Supremo Ministro – Pregamos a evidência. Incenso é hipnotismo, droga, alienação dogmática.
Teté – Pertencem à Judiciária ou pertencem à religião?
Supremo Ministro – Pertencemos à Religião.

Teté – Hum...
Supremo Ministro – Mas não usamos incenso...
Teté – *É* pena, para dar uso à escalfeta... Ah! ah!... *(Gargalhada falsa)*

Ritual.

Sacristão – Senhor, ilumina o espírito deste fanático com a tua Divina Auréola...
Supremo Ministro e Sacristão – ...e o de todos os fanáticos torcionários do espírito iluminado, limitadores do Ser e da Vida.
Sacristão – Amen.
(Campainhas do Sacristão)

Teté – *(Desorientado)* Francamente... A verdade, não é? Quem melhor do que eu a assimila?
Supremo Ministro – Qualquer pecador a respeita. Mas o Sr., não.
Teté – Ora essa! Veio aqui a minha casa insultar-me?
Supremo Ministro – Trago a verdade. E não venho desprevenido: sei muito de si.
Teté – (Aparte) Afinal são da Judiciária...
Supremo Ministro – Conhece a Sr.£ D. Edwiges Gaiola?
Teté – É a minha sogra.
Supremo Ministro – (Escarninho) Sua sogra, hem?
Sacristão – (Idem) Sogra, não?
Teté – (Confuso) Pois, mãe da Dadá, da minha mulher...
Supremo Ministro – (Escarninho) Sua mulher, hem?
Sacristão – (Idem) Mulher, não?
Teté – (Hesitando) Hum!...
Sacristão – (Forte) Concubina! Concubina à face do Senhor!

Teté – (Irritado) Quem é esse homem?

Sacristão – Sou a voz do respeito e da verdade!

Supremo Ministro – Não faça caso. É um temperamental, o nosso sacristão. E futuro zelador da nossa igreja, quando em Portugal a tivermos.

Teté – Compreendo.

Supremo Ministro – Em breve edificaremos õ Templo...

Teté – (Meigo) Muito bem... *(De súbito, forte)* E o Sr. quem é? Diga já!

Mas não disfarce...

Sacristão – (Brutal) Eh! calma aí!

Teté – Hum! Os Srs. vêm da parte da minha sogra?

Supremo Ministro – Refere-se à Sr.ª D. Edwiges Gaiola?

Teté – Mais sogra, menos sogra, refiro-me à D. Edwiges.

Supremo Ministro – Ah!... Admite que ela não é sua sogra...

Teté – Custa-me a admitir... mas admito.

Supremo Ministro – O quê?

Teté – Tanto admito que é minha sogra, como admito que o não é. Se o Sr. é agente dela junto de mim, então, por Lúcifer, antes a Judiciária!

Supremo Ministro – Irmão...

Teté – Hem ? Qual irmão?

Supremo Ministro – Tu és nosso irmão!

Teté – (Espantado) Como?

Supremo Ministro – Eu sou em Portugal o Supremo Ministro...

Teté – (Com respeito) Ah! é do Governo...

Supremo Ministro – ...o Supremo Ministro do braço lusitano da religião gronelandesa Trémulos Perante o Senhor.

Teté – Isso existe?

Supremo Ministro – Somos na Gronelândia uma grande comunidade, mais de trezentos mil.

Teté – E em Portugal?

Supremo Ministro – Já somos sete.

Teté – Só?!

Supremo Ministro – Formamos uma Religião tão respeitável como outra qualquer.

Teté – Mas sem a força das que por aí já existem.

Supremo Ministro – O Senhor é magnânimo e lá chegaremos!

Teté – (Desconfiado) A minha sogra aderiu?

Supremo Ministro – É um dos nossos membros.

Teté – (Rosna) Hum!... Quem lá está mais?

Supremo Ministro – Pergunta indiscreta...? *(Sorri)* Bom, nada temos a esconder. Além da Sr.ª D. Edwiges Gaiola, além aqui do nosso sacristão, de mim próprio e da minha mulher...

Sacristão – Senhora de grandes virtudes...

Teté – (Rosna) Hum!...

Supremo Ministro – (Continuando) Temos o Sr. Feytor, comerciante de farmácia, um sábio, um alquimista; o Sr. Campoamor, técnico de radiocomunicações de grande competência... Todos muito fervorosos, muito respeitáveis! Temos ainda o Matraca.

Teté – Pois...

Supremo Ministro – Aqui os tem: são sete! Hem?

Teté – Para o arranque, vá lá!...

Supremo Ministro – E esperamos ter mais alguém desta casa...

Teté – (Alarmado) A Dadá?

Supremo Ministro – (Incisivo) A Sr.ª D. Dadá não é propriamente desta casa.

Teté – (Irritado) Então... quem?

Supremo Ministro – O Catarata.

Teté – O Catarata! O meu criado?! Admitem um preto na seita gronelandesa dos Trémulos Perante o Senhor?!

Supremo Ministro – Nós não vemos cores...

Teté – Têm a visão a preto e branco?

Supremo Ministro – Nem raças.

Teté – Isto é, os Srs. decidiram atacar-me no âmago da minha casa, através da minha sogra e do meu criado.

Sacristão – E não só.

Teté – Que mais há?

Supremo Ministro – Ganharemos para nós o seu filho.

Teté – O Funfas?

Supremo Ministro – (Sorrindo) Esse, com oito meses?! Oh!...

Sacristão – O Tinico, o Tinico já cá canta!

Teté – O quê? Já o baptizaram?

Sacristão – Não tarda.

Teté – E a mãe concordou?

Supremo Ministro – A avó, sim.

Sacristão – A Sr.ª D. Edwiges.

Teté – Essa velha é a minha ruína e a dos meus filhos. Ela já vos deu o consentimento?

Supremo Ministro – Para o baptizado?

Teté – Para introduzirem em Portugal essa coisa, os Trémulos Perante o Senhor. Se a minha sogra decidir que vocês não se instalam aqui, garanto que não se instalam mesmo!

Supremo Ministro – Aparte o respeito que me inspira a Sr.ª D. Edwiges Gaiola e por maior vulcanismo que reconheça no seu carácter... *(Um pouco enigmático)* Nós temos a nossa estratégia. Em estratégia não nos pode ser prestável, irmão. Sim, nós cá esta mos. E não se instala aqui o braço lusitano duma religião tão nórdica sem os devidos apoios...

Teté – Que apoios?

Supremo Ministro – (Malicioso) Não lhe vou responder, é claro. *(Somando insinuações)* Os da maçonaria? Aleatório... Da Internacional Socialista? Ora!... O sionismo? Bem, esses judeus não desmazelam os seus interesses; mas daí apoiarem

os Trémulos Perante o Senhor... Oh! não liga. Sente que não liga?

Teté – Sinto.

Supremo Ministro – Prova de que é sensível. *(Solene)* Irmão, os interesses deste mundo voam mais alto do que a sua filosofia pode desconfiar...

Teté – *(Receoso)* Acusa-me de servir ou de ter servido interesses? Interesses inconfessáveis?

Supremo Ministro – Sei lá...

Teté – Hum!... Os Trémulos são um disfarce da Judiciária...

Supremo Ministro – *(Retórico)* Meu filho, se a Judiciária te apoquenta e angustia, se os teus remorsos temem a Judiciária *(patético)*, coloca em nossos braços a tua consciência e serás salvo!

Ritual.

Supremo Ministro – Se crês e temes e tremes...

Sacristão – ...perante o vizinho ou perante o Senhor...

Supremo Ministro e Sacristão – ...és Trémulo Perante o Senhor. Sê feliz com o teu temor.

Sacristão – Amem.

Campainhas do Sacristão.

Teté – Porque agitam essas campainhas?

Supremo Ministro – Um dia compreenderás, meu filho.

Teté – Um dia?! Julgam que me vão apanhar, a mim?

Supremo Ministro – Eu sei.

Teté – Sabe... o quê?

Supremo Ministro – Que é difícil decidires-te.

Teté – A quê?

Supremo Ministro – Seja ao que for.

Teté – Vamos a ver: os Srs. já fizeram a sua propaganda. E bem feita, oh!, fiquei muito impressionado com os Trémulos. Compreendido?

Supremo Ministro – Sim.

Teté – Ora, eu atendo muito bem toda a gentinha que vem aqui à porta fazer a propaganda das religiões em promoção. Escuto todos com paciência. E aos Srs. já os ouvi com muita paciência. Portanto, queiram sair, hem? Pronto, já aqui têm a porta aberta. *(Abre a porta)* Vamos... Queiram fazer o favor... *(Pausa)* Bons dias, desejo-lhes um domingo muito feliz. Ah! ah!... *(Pequena gargalhada, com muito charme. Pausa)* Arrancam ou não arrancam? *(Pausa)* Saem ou não saem? *(Pausa)* O que é isto? Eu abro-lhes a porta com toda a cortesia... enfim, ponho-os na rua gentilissimamente... e os Srs. continuam aí especados?! Os Srs. não saem?!

Supremo Ministro – (Doce) Não...

Teté – Porquê?

Supremo Ministro – Porque... *(Cala-se)*

Teté – Não saem, não é?! Pois então fiquem! E que lhes faça bom proveito!

Supremo Ministro – Não te irrites, irmão, porque a ira...

Teté – (Irritado) Eu não me irrito... mas fecho a porta! *(Fecha a porta)* Mais: eu subo a escada! *(Teté sobe a escada)* Podem ficar por aí, mas não desarrumem coisa nenhuma, ouviram? Pelas trombas de Satanás! Se desarrumam seja o que for, têm de se haver com a Dadá!

Afasta-se subindo a escada. Abre a porta do seu quarto, entra e fecha-a com violência.

Sacristão – (Furioso, incontível) Ai, eu vou lá acima. Esse malcriado...

Supremo Ministro – (Prudente) Deixe lá...
Sacristão – Eu vou lá acima.
Supremo Ministro – (Resignado) Então vá, vá lá acima, irmão...

Sacristão ruge, enquanto sobe a escada.

Sacristão – Ah!
Supremo Ministro – Mas não se exceda, não perca a coerência...
Sacristão – Não perco. De filho da puta para cima não o chamo de nada.
Supremo Ministro – Calma, irmão...
Sacristão – Ah! perdão, Supremo Ministro... Estou calmo. *(Bate violentamente à porta do quarto)* Eh! Sr. Teté, grande filho...
Supremo Ministro – Então...
Sacristão – Ah!... Sr. Teté, olhe que se lixa, grande sacana, é sacrilégio desprezar assim dois agentes da verdade... *(Bate)* Ouviu?
Supremo Ministro – Irmão....
Sacristão – Ah!... *(Bate à porta)* Ouviu?... Sacana!
Supremo Ministro – Irmão...
Sacristão – Ah!

Abre-se a porta do quarto.

Teté – Não incomodem. Estou a preparar a minha comunicação à Sociedade de Geografia.
Sacristão – O que é isso?
Teté – Com licença... Ignorante!

Fecha violentamente a porta. Pausa.

Sacristão – Insisto, Supremo Ministro? Devo insistir?

Supremo Ministro – Não insista. A religião é a sabedoria de dar tempo ao tempo...
Sacristão – Safado!

Sacristão desce a. escada.

Supremo Ministro – Eu sei que esse homem é um fraco. Que só de fraco deu contas pelo que fez na vida. E, apesar disto, perante nós manifesta uma força...
Sacristão – Que lhe vem de Belzebu, filho da puta!
Supremo Ministro – Irmão...
Sacristão – Ah!...
Supremo Ministro – Todavia, não nos preocupemos. Por agora vamos sair desta casa... Mais tarde, a Sr.ª D. Edwiges Gaiola lhe tratará da saúde... Vamos.

Abre-se a porta da rua. Ruídos da saída e do trânsito. Funde com a canção inicial. Na rua, Funfas choraminga.

Tinico – A avó Edwiges sempre vem?
Dadá – Vem, sim.
Tinico – Quando?
Dadá – Amanhã ou depois. Funfas, Funfinhas, está calado, que vais a casa do teu papá... *(Funfas chora fortíssimo)*
Tinico – Eu queria a avó aqui já hoje.
Dadá – Eu, não.
Tinico – Amanhã é pior do que hoje.
Dadá – Porquê?
Tinico – Hoje é domingo e amanhã tenho a escola.
Dadá – Tu não vais faltar às aulas para ficares com a avó, como da última vez! Ouviste?
Tinico – A avó é melhor do que a escola. As aulas estão cada vez mais uma chatice.

Dadá – Não faltas outra vez à escola. Entendido, Tinico?
Tinico – Então, foi a avó que mandou. Se ela me mandar faltar de novo, falto ou não falto?
Dadá – *(Choro do Funfas)* Ai, esta criança não se cala...
Tinico – O Funfas sofre de carências afectivas.
Dadá – Tinico, tira as chaves daqui, da minha mala. *(Zangada)* Mas não remexas tudo...
Tinico – Não remexo. É só encontrar as chaves. *(As chaves tilintam)*
Cá estão elas.
Dadá – Vá, abre a porta. Sem barulho, não incomodes o papá.
Tinico – O Catarata já o deve ter acordado.
Dadá – É domingo, o Catarata está de folga. Hoje é o meu dia de arranjar a casa. Vá, abre a porta, despacha-te!

A campainha da porta retine.

Dadá – Tinico, eu disse-te para abrires a porta com a chave. Porque tocaste à campainha?
Tinico – *(Falsa surpresa)* Ah! não tinha compreendido.

Campainha.

Dadá – Tinico, estás a fazer de propósito!
Tinico – Eu?

Campainha.

Dadá – Tu estás a desafiar a tua mãe! Estás a provocar-me.
Tinico – Eu, mamã!?

Abre-se a janela com estrondo.

Dadá – O teu pai ficou furioso, até veio à janela.

Funfas chora fortíssimo.

Teté – (Da janela) Quem está aí?

Tinico – Papá, são os teus filhos. E a mamã. Abre depressa.

Teté – Não trouxeram a chave?

Tinico – Vem cá abaixo abrir, papá, a gente tem muitas saudades tuas.

Teté – (Agora em primeiro plano, falando para fora) Vou, vou, desço já. *(Fecha a. janela)* Raios os partam... Não podiam deixar-me gozar nas calmas esta tarde de domingo? Mas não... *(Funfas chora mais forte. Teté desce a escada)* Lá está o estupor da criança na choradeira... *(Com raiva)* Já te deito na alcofinha e fecho-te na despensa...

Abre-se a porta da rua.

Tinico – (Alegre) Papá, papá, a avó Edwiges chega hoje.

Teté – Hum! Querida, tinha tantas saudades... *(Beijo)* Tinico, então?

Que bom estarem aqui!

Dadá – Teté, ai a desarrumação que vai nesta casa...

Fecham a porta.

Teté – Foram uns sujeitos que aí estiveram... Trémulos Perante o Senhor...

Funfas chora.

Tinico – (Queixando-se) O Funfas veio sempre a chorar pela rua fora...

Teté – Funfas, Funfinhas... Vem ao colinho do teu papá... Dadá, vieste a pé? Então, o carro? *(Funfas cala-se)*

Tinico– Uma árvore veio contra o automóvel. Está empanado.

Teté – Porque não me disseste?

Dadá – Telefonei-te, ninguém atendeu.

Teté – O carro tem arranjo?

Dadá – Sim

Teté – E tu, meu amor, Dadá querida? E tu? *(Pequena pausa)* Funfas, meu menino

Tinico – Vê, mamã? Vê? No colo do papá, o Funfas adormece logo.

Teté – Então? A avó Edwiges vai chegar?

Tinico – Sim... Hoje.

Teté – Hum!

Dadá – (Dramática) Tu não quiseste saber de mim, Teté! Não quiseste saber se me magoei no acidente do automóvel.

Teté – Quis, sim. Perguntei-te. Tu é que não respondeste.

Dadá – (Idem) Não quiseste saber de mim

Teté – Sim, Dadá, sim!

Tinico – Quis! Até perguntou: "E tu meu amor, Dadá, querida? E tu?"

Teté – (Severo) Ouves? Ouves o testemunho da criança?

Dadá – (Idem) Oh! estão todos contra mim.

Teté – Já te respondo. Psiu! *(Murmurando)* Vou deitar o Funfas. Depois discutimos isso

Dadá – (Idem) Vais pô-lo na despensa?

Teté – (Idem) Sim.

Dadá – (Idem) E se chora e não o ouvimos? Se morre com falta de ar?

Teté – (Idem) É o que se verá. Mas não. Receio mais os ratos. Há ratos que devoram as mãos e os pés das crianças. No entanto,

estou tranquilo: mandei o Catarata limpar a despensa, pôs estricnina.

Dadá – (Idem) Oh! a confusão que tudo me faz

Teté – (Idem, afastando-se) Nada receies, meu amor. *(Abre a porta da despensa. Entra levando o Funfas)*

Dadá – Ai, nem sei como continuo viva. Estou delida...

Tinico – (Sarcástico) "Estou delida... tenho o coração sempre num fio..."

Dadá – Tinico, tu gozas com o sofrimento da tua mãe!?

Tinico – Não. A mamã é que está sempre a dizer que está delida...

Teté – (Voltando, satisfeito) Lá ficou o menino a dormir como um anjo... *(Fecha brutalmente a porta da despensa)*

Dadá – Não faças barulho, que acordas o Funfas.

Teté – Oh!... é improvável...

Dadá– –Como?

Teté – (Pequena pausa. Outro tom) É verdade que a tua mãe chega hoje?

Dadá – Amanhã ou depois de amanhã.

Tinico – Eu é que disse que ela vem hoje.

Teté – Porque mentiste?

Tinico – Não menti. Eu "queria" que a avó Edwiges chegasse já hoje e disse que vem hoje. Mais nada.

Dadá arruma louças, copos, talheres.

Teté – Hum!... Olha, Dadá, sabes? Ouve. Ou não me queres ouvir?

Dadá – Quero, sim, quero.

Teté – Então não te ponhas já para aí a apanhar os copos e os pratos.

Dadá – Este serviço, tenho de o fazer, não é?

Tinico – Papá, vou para a garagem...

Teté – Para quê?
Tinico – Vou brincar.
Teté – Da última vez, encheste-me o automóvel de ratos.
Dadá – *(Em sobressalto)* Ai! O Funfas!
Teté – O que foi? Gemeu?
Dadá – Afinal, aqui há ratos! Vão roer os dedinhos do Funfas.
Teté – *(Com autoridade)* Eu disse que encontrei ratos dentro do automóvel, disse que quem lá os pôs foi o Tinico. Também disse que não há ratos na despensa. Irra! *(Outro tom)* Tinico, porque não vais ao cinema? Para a garagem não irás, não te deixo. Toma cinquenta escudos e vai ao cinema.
Tinico – Porreiro. Passa para cá os cinquentas, papá.
Teté – Toma.

Tinico dirige-se à porta. Abre-a.

Dadá – Quando acabar o filme, volta sem demora.
Tinico – *(De fora, longe)* Sim, mamã.
Teté – Estava com pressa, nem fechou a porta, o estupor! *(Teté fecha a porta)* Afinal, calha muito bem a tua mãe vir amanhã, porque eu tenho umas coisas a fazer por fora.
Dadá – Onde?
Teté – *(Inventando)* Em... em... Arraiolos... E também em Buarcos... Parto amanhã de manhã. Telefono-te. E quando a tua mãe se for embora, então eu volto.
Dadá – Oh! como detestas, como odeias a minha mãe!
Teté – Dadá, sempre enfrentei a tua mãe corajosamente. Sempre, hem?
Dadá – Tu não odeias apenas a mamã. Tu odeias-me a min!
Teté – Amo-te, adoro-te!
Dadá – Eu sujeitei-me a ti. Mas tu... gostares de mim...?! Não...

Teté – Sim, sim, minha querida. E a prova... Reparaste nos cinquenta escudos que dei ao Tinico?

Dadá – E depois?

Teté – Donde é que eu tirei a nota? Da algibeira do robe. E porquê?

Dadá – É natural...

Teté – Não é natural. Meti a nota nesta algibeira, de propósito.

Dadá – Para quê?

Teté – Meu amor, eu sabia que vinhas ter comigo... Com o Tinico por aqui, não podíamos fazer nada um com o outro. Pensei que é preciso estarmos sozinhos durante duas horas, pelo menos. E então lembrei-me: "Dou-te cinquenta paus e mando-te para o cinema". E pus a nota na algibeira do robe. Portanto, foi a pensar em ti.

Dadá – Essa é que é a prova?

Teté – Pois!

Dadá – Prova espantosa! Triste prova...

Teté – Lá estás tu a exagerar...

Dadá – Eu exagero!? Eu exagero!?

Teté – *(Com veemência)* Meti ou não meti a nota no bolso? Sim, meti-a no bolso. A pensar em quem? Em ti! E porquê? Porque desejei passar duas horas a sós, com quem? Contigo! Ou julgas que pensava noutra mulher?

Dadá – Pensavas em mim. Mas já não sei o que significa pensares em mim...

Teté – É amor.

Dadá – Duvido...

Teté – Porque duvidas sempre. A tua dúvida crónica! *(Irrita-se)* Amo-te, Dadá. E exijo o teu amor.

Dadá – Exiges? *(Pausa)* Está bem... de acordo...

Teté – Ah! bom...

Dadá – Que desejas de mim antes de eu fazer o serviço da casa?

Teté – Vamos para o quarto.

Dadá – (Vagamente) Concordo... E o Funfas?

Teté – Não acorda.

Dadá – (Sem entusiasmo) Vamos...

Teté – O quarto está aquecido. É só nosso. Vamos beber o nosso licor. Sobe a escada como a subiste da primeira vez...

Dadá – Há catorze anos...

Teté – É sempre a mesma escada!

Dadá – (Com enorme força evocativa) Então eu era fresca como a onda do mar. A minha doçura era veneno. E sentia-me estouvada, apaixonada. Amor que me subia pelas pernas e me trepidava nas virilhas. Jurei que te havia de ter dentro de mim.

Teté – E hoje?

Dadá – Antes de te lavar a loiça e limpar o pó, lá em cima no quarto "estarei" contigo. *(Lenta)* Pronto, subamos essa "crónica" escada... que já não é a mesma escada...

Sobem. Abrem a porta do quarto. Fecham-na.

"Canção da Dadá"

Nos quatro cantos de tudo
quem canta
ou afina ou desatina.
Eu desafino cantando
as notas da minha sina.

Fui o sol. E sou a lua
de serradura,
dependurada, esquecida
na cova inútil do céu,

nos quatro cantos da vida.

Teté – Repete, Dadá, repete.

Dadá – (Impaciente) Outra vez?

Teté – Temos de repetir tudo, até à exaustão.

Dadá – Para quê?

Teté – Não podemos esquecer nada, nem os factos nem os pormenores. Precisamos de nos ouvir e ver; e ver e ouvir... Repete!

Dadá – (Quase mecânica, como sabendo de cor as palavras da "história") Está bem... Foi há catorze anos. Eu tinha-te conhecido meses antes. Era secretária da administração da Empresa Metalomecânica Firmino & Irmão, Lda. Já lá não havia nem o Firmino nem o Irmão. Os sócios eram gente desembaraçada mas aflita, pois o negócio corria mal. Os trabalhadores não tinham nível técnico, só conheciam a velha maquinaria, uma concepção do século passa do. Não obtiveram dinheiro para a renovação. Tentaram uma multinacional que acabou por desinteressar-se devido à baixa rentabilidade. *(Começa a animar a narração)* Tentou-se tudo, sem resultado. Eu estava muito ligada à Empresa. Entregava-me ao trabalho, aos problemas, sinceramente, e se não fosse assim, nada fazia. Lembras-te? Falei-te das dificuldades da empresa com o mesmo ardor com que te beijava. Tu foste admirável. Então, de nada te ocupavas e também te concentraste naquilo...

Teté – Vivia duns rendimentos que os meus pais me deixaram em herança, como me deixaram esta moradia.

Dadá – Apresentei-te ao Administrador. Teté - Sim... falei com ele.

Dadá – Que lhe disseste?

Teté – Que se me fizesse a venda fictícia de parte da empresa, eu lhe resolvia tudo, obtinha financiamento e a multinacional investiria.

Dadá – E ele, o que respondeu?

Teté – Foi difícil convencê-lo.

Dadá – Conseguiste?

Teté – Sim. Quando entendeu que havia condições, assinámos os papéis.

Dadá – (Torturada) Eu sabia o que tu ias fazer! Eu sabia!

Teté – Deitei fogo ao escritório, deitei fogo à fábrica, deitei fogo aos armazéns. Labaredas imensas, ainda as vejo. E os ferros retorcidos, as máquinas derretidas, os corpos carbonizados...

Dadá – Que horror... Que horror durante tantos anos guardar o segredo desse crime... Dele somente podemos falar um com o outro...

Teté – Sós um com o outro...

Dadá – Ah! e continuar com este segredo, sempre... *(Geme)* Naquela noite vieste ter aqui ao quarto. E sobre esta cama fizemos amor com tanta raiva, tanto medo, tanto desespero... parece que o nosso amor se consumiu a si próprio naquela noite, como as chamas que lá longe devoravam tudo... Oh!... *(Chora)* Foi nessa noite que tu me meteste o Tinico na barriga. *(Chora mais)*

Teté – Ainda choras? Ainda choras?

Dadá – Tive-te nos braços nessa noite com amor pela última vez...

Teté – (Pausa) Quando lá voltei, os bombeiros acabavam o rescaldo. Aqui e acolá colunas de fumo directas ao céu. Os buracos negros das fachadas sem janelas pareciam olhos esvaziados. Senti-me pequeno diante de tanto mal... tanto mal... Só o teu amor evitou que ateasse também, logo ali, a fogueira para me consumir.

Depois...

Dadá – (Interrompe-o exaltada por um enigma) E se tudo isso não se tivesse dado!? Se não fosse memória mas fantasia, miragens acumuladas e reconstruídas no pesadelo destes anos de merda!? Treze, catorze anos de merda! De merda... Mas na realidade eu... Realidade? Oh!... Fui despedida eu e todos os trabalha dores. Mil e duzentos novos desempregos, dez mil novas fomes a curtir...

Teté – (Pausa) O seguro pagou tudo, muito acima do valor real. Começámos de novo. Não se admitiram os mesmos operários, mas outros, treinados nos novos equipamentos. Aos despedidos não se pagaram indemnizações, a lei não obrigava. A multinacional investiu.

Dadá – E tu...?

Teté – Prosperei. Continuo a viver do meu "investimento" daquela noite. *(Vago)* Vivo nesta moradia... Vivo por aqui... Às vezes saio, para investir o lucro e reinvestir... reinvestir...

Dadá – Casa comigo, casa comigo!

Teté – Não.

Dadá – Porquê?

Teté – Pelas mesmas razões, pelas mesmas razões.

Dadá – Repete!

Teté – Pelas mesmas razões que mil vezes repetimos.

Dadá – Repete!

Teté – Não é preciso.

Dadá – Repete, é indispensável.

Teté – Para quê?

Dadá – Para explicarmos o absurdo de viveres tu na tua casa, eu na minha, separados, eu com dois filhos teus, filhos dum pai que visitamos ao domingo à tarde... *(Sorri amargamente)* Eu, sempre atraída por ti...

Teté – Atraída porquê? Ainda há pouco mo demonstraste: tu não me amas, Dadá, abres-me as pernas, consentes que te apalpe. Disseste: desde há catorze anos entre nós é sem amor.

Dadá – Casa comigo.

Teté – O que é que te seduz em mim? Adormece-te o que se meteu entre nós, como o incenso das igrejas, como a droga. É o nosso segredo que te leva a pedir: "casa comigo". Hipnotiza-te a nossa cumplicidade.

Dadá – Portanto, casa comigo...

Teté – Não. O quê? Um casamento de fantasmas, nada mais, para ilusão dos nossos remorsos comuns! E não justificaria nada! Arde-me nas mãos um fogo... que arde sempre...

Dadá – Queimam estas mãos as mesmas labaredas... como às tuas... e continuarão... Portanto, casa comigo.

Teté – Para tudo se alterar? Para eu ir viver noutra casa, ver gente doutra rua, doutro bairro? Perder os meus pequenos apoios, as minhas barricadas, os escudos de Me defender, as minhas setas e seteiras... - o meu arsenal que tanto tempo levei a assentar à minha volta...? E que torna "isto" menos insuportável!... Quem te diz que o equilíbrio a que chegámos não é entre nós o máximo equilíbrio possível? O melhor ao nosso alcance? Poderíamos ir mais além? A que mais teremos direito do que às... às...

Dadá – (Muito calma) Oh! estou tão destruída... Que resta de mim...?

Casa comigo. Quero reconstruir-me na vida.

Teté – Comigo?! *(Pausa)* Não te convenho. Sou abjecto e danado. E não um criminoso vulgar, um ambicioso, um político. Porque se fosse, tinha feito o que fiz, ou pior; e não me ficava rasto, desde que salvasse as aparências, não fosse apanhado e tivesse dinheiro. Pratiquei o crime perfeito - pelo menos até agora. Sou podre de rico. Ah! mas esta merda

cresce... cresce... cresce aqui dentro. Tanto me aperta o aro de fogo, que o tenho já no pescoço, como os cães a coleira. *(Outro tom)* E sofro... de medo... Sim, se eu for descoberto... Dadá, não tenho apoios políticos, não sei usar as influências do mundo financeiro para me defender. Não tenho defesas, Dadá... Preso e julgado, eles tiravam-me tudo. E, neste caso, quem serias tu e os nossos filhos? A mulher e os filhos dum condenado que vivem na miséria. Pelo contrário, se não nos casarmos, nem tu nem as crianças terão perante a lei nada de comum comigo. Continuarão livres, ainda que eu seja apanhado. Livres e ricos. *(Muito dorido)* Apesar de tudo, eu sei, Dadá, que se acontecer o pior, tu irás à prisão confortar-me... Ninguém mais me visitará na prisão... Tenho medo, Dadá... medo... Medo... horrível... E tremo... *(Soluça. Pausa)*

Dadá – Vês? E preciso repetir... repetir... Nada vem de novo quando se repete... mas é preciso... Já todos os argumentos se gastaram... todas as razões... Mas é preciso repetir... repetir... *(Início da canção de Dadá. Outro tom, decidida)* Vou-me vestir. O Tinico não deve tardar por aí. E tenho de ir lá para baixo arrumar a casa, que está uma vergonha.

Continuam os soluços de Teté. Depois, o comboio em que D. Edwiges Gaiola marcha sobre Lisboa.

" Canção de D. Edwiges"
Poder é além do querer
– objectivo
dum querer potenciado,
que se dinamiza
em vista dum resultado

Forte e fito
no destino,

vai direito ao fim,
sujeito a toda a vontade
que se desprende de mim

Edwiges – E foi para isto que deixaste a nossa casa e vieste para Lisboa! Foi para isto! Oh! Dadá! Afinal vieste para Lisboa para isto!

Dadá – Mamã...

Edwiges – Cala-te, estafermo! Há quantos anos vieste para Lisboa?

Dadá – Há mais de quinze.

Edwiges – Vieste, afinal para nada seres, nem sequer casada; e parires filhos sem marido e estares pr'aí com cada olheira que mais parece uma beringela!

Dadá – São vidas, mamã. O Teté...

Edwiges – O Sr. Teté, se o apanho, esgano-o!

Tinico – *(Entrando)* Chamou-me, avó?

Edwiges – Não te chamei, Tinico, vai-te já daqui, vai-te já daqui!

Tinico – Mas avó...

Edwiges – Sape-gato, depressa...

Tinico – Pronto, avó, pronto... *(Sai, fecha a porta)*

Edwiges – Que vais tu, fazer? Ficas-te, com tanto prejuízo para as crianças?

Dadá – Prejuízo?

Edwiges – Além de que metes a tua alma no abismo...

Dadá – Deixe-me, mamã...

Edwiges – Não te deixo! Já por de mais te deixei. Mas agora abri os olhos para a verdade do Senhor... Oh! não, não, Dadá! O Supremo Ministro já me aconselhou.

Dadá – Qual ministro?

Edwiges – O nosso, o dos Trémulos Perante o Senhor.

Dadá – Ele aumenta os remorsos que trazemos na consciência. Foi o que senti quando lhe falei.

Edwiges – Porque cada qual não tem os remorsos que deveria ter. E ele põe as coisas direitas na devida quantidade. É esta a paz que aquela Santa Religião oferta aos pecadores. Mas por que não casas com o Teté?

Dadá – Porque...

Edwiges – Bom, há a história do teu escorreganço... escorreganço com esse homem... Mas deixe-mos isso...

Dadá – Sim, porque já foi há catorze anos...

Edwiges – Oh! filha corrupta, o tempo não apaga a culpa! Mas passemos adiante, que a culpa te tem sido bem amarga.

Dadá – Excepto quando a cometi. Foi bom, foi bom. Assim faria de novo, se tudo voltasse atrás.

Edwiges – Ó alma danada! Tens o desplante de mo dizer na cara?!

Dadá – É a verdade. Também é verdade que depois... excepto as crianças... nada mais me deu prazer...

Edwiges – Eu não falei de prazeres.

Dadá – Eu sim.

Edwiges – Porque não casaste com o Teté?

Dadá – Ele nunca quis.

Edwiges – Já lhe falaste?

Dadá – Sim.

Edwiges – E insististe?

Dadá – Todas as semanas.

Edwiges – E ele não quis... Já é casado?

Dadá – Não.

Edwiges – Tem outra mulher?

Dadá – Não.

Edwiges – Com certeza?

Dadá – Absoluta.

Edwiges – Vive em corrupção?

Dadá – Como?

Edwiges – Se vive em corrupção, com mulheres ruins, bebedeira, prazeres nocturnos...

Dadá – Não, mamã.

Edwiges – Gostará de homens?

Dadá – Sempre gostou de mulheres e agora só gosta de mim.

Edwiges – E não quer casar contigo...?

Dadá – Não.

Edwiges – Apesar disso, continuas a lá ir, a estar com ele.

Dadá – Sim, mamã...

Edwiges – Há oito meses tiveste esse filho, prova de que, pelo menos há dezassete meses, fornicaste com ele...

Dadá – Sempre. Ainda no domingo passado.

Edwiges – (Afrontada) Santo e Sagrado Senhor!... Santo e Sagrado Senhor!

Dadá – E continuarei, mamã.

Edwiges – Gostas dele até andares de cabeça perdida a esse ponto?

Dadá – Estou presa a ele até este ponto.

Edwiges – Pois não fornicam mais!

Dadá – Porquê?

Edwiges – Não permito, antes de se casarem.

Dadá – Não quer... Por várias vezes tratei dos papéis. Mas ele apresenta razões e não se casa. Julga que estive a dormir? Não, mamã. O certo é que tenho dois filhos, cujo pai não vou deixar.

E não é o casamento que me decide. É a minha ligação com ele...

Edwiges – O que vos liga?

Dadá – Tudo... Tudo... E também as crianças... E também porque o Teté nos sustenta e somos ricos por causa do Teté...

Edwiges – Ó mulher má! Curvas-te a interesses! Meteste-te com ele na cama por ganho...?

Dadá – Também...

Edwiges – Santo e Sagrado Senhor... Santo e Sagrado Senhor...

Dadá – Um momento, mamã. *(Pedindo silêncio)* Psiu...

Edwiges – *(Alto)* O que há?

Dadá – Psiu...

Abre a porta bruscamente.

Dadá – Tinico, estavas a escutar à porta!

Tinico – Não, eu só espreitava pelo buraco da fechadura.

Dadá – Isso não se faz, ouviste? Ficas castigado: no domingo não vais a casa do papá.

Edwiges – Nunca mais irá a casa do pai. Nunca mais! Ouviste?

Tinico – Sim, avó.

Edwiges – A conversa era com a tua mãe, Tinico.

Tinico – Ah! julguei que fosse comigo. Avó, eu também, penso não ir mais a casa do papá.

Dadá – Porquê?

Tinico – Disse o Senhor: "Vive com o teu irmão segundo a Lei e nunca em mancebia e promiscuidade". *(Chora)* A casa do papá é o local onde a minha mãe vai como porca ao chiqueiro do porco e eu como se fosse o bácoro.

Dadá – Tinico, tu já te converteste aos Trémulos Perante o Senhor?!

Tinico – Fui baptizado ontem.

Dadá – Sem o meu consentimento...

Edwiges – *(Exaltada, gratificante)* Neto, querido neto, vem à tua avó.

Tinico – Avó...

Dadá – Tu baptizas-te sem a tua mãe consentir?

Edwiges – Compreendo agora porque escutas às portas, meu neto. Mas disseste que apenas espreitavas pelo buraco da fechadura; e aí mentiste por que ouviste tudo. Não é verdade?

Tinico – Sim, avó.

Edwiges – Porque mentiste?

Tinico – A mamã estava assanhada, podia bater-me. Menti para me defender.

Edwiges – Ouves, Dadá?

Dadá – Vai-te, Tinico, vai-te! Depois ajusto contas contigo.

Tinico – Vou, sim, mamã.

Edwiges – De maneira nenhuma! Fica, Tinico.

Tinico – Fico, sim, avó.

Dadá – Oh! como sou infeliz, como sou infeliz! Não tenho poder sobre os meus filhos! Os Trémulos baptizam-nos, a avó contraria as minhas ordens...

Edwiges – Deixa as lamúrias! Compreendo que esta criança, abandonada, aflita pelo que a rodeia, se ponha a escutar às portas e a espiar. Qual o apoio desta criança? Que moral o serve? Não é, Tinico?

Tinico – Sim, avó.

Edwiges – Ouves, Dadá? Ouves o que a criança diz? Vive no desamparo. Sem regra de viver...

Tinico – Por isso me converti aos Trémulos. Decidi-me numa noite de desespero, em que já tinha amarrado uma corda no cano do autoclismo da retrete para me enforcar.

Edwiges – Meu querido neto!

Tinico – Mas o Senhor iluminou-me. Tremi perante a Sua luz. Então, desenfiei a corda do autoclismo. E depois pedi, implorei ao Supremo Ministro: "Baptiza-me, irmão!".

Dadá – Tu não ataste corda nenhuma ao autoclismo!

Tinico – Sim, mamã, sim!

Dadá – Qual corda? Qual corda?

Tinico – A corda de secar a roupa.

Dadá – *(Desesperada)* Essa corda está no estendal.

Tinico – Tirei-a do estendal, armei o laço na retrete mas, devido à minha conversão, tornei a amarrá-la no estendal.

Dadá – Vocês querem enlouquecer-me. Mas não! Eu vou à marquise ver se a corda está ou não está como estava. *(Saindo)* Querem dar comigo em doida... *(Abre a porta, sai e fecha-a)*

Edwiges – Tinico... fizeste... realmente... aquilo?

Tinico – Quis acabar com a vida, sim, avó... Antes, estive para fugir de casa... desaparecer... Matando-me, eu entrava nas escuras fendas do Inferno... Então o Senhor pôs a sua Divina Auréola por baixo da minha alma e aqui estou, pronto para a salvação, se tiver coragem na vida...

Edwiges – Meu neto, tu falas como o Supremo Ministro...

Tinico – Ele é tesouro de sabedoria...

Edwiges – Adivinho que um dia serás Supremo Ministro.

Tinico – A minha vida, dedico-a ao Senhor. Se Ele assim determinar, como Supremo Ministro O servirei.

Edwiges – Meu neto, és um iluminado... um inspirado do Senhor... Mal haja quem te tocar ou ofender!

Entra Dadá.

Dadá – Tinico, o estendal não tem cordas. Tem cabos de aço. Estão soldados, não os podias tirar. Mentiste! Tu não armaste nenhuma forca na retrete! Não existe nesta casa qualquer corda.

Edwiges – Não vamos discutir por causa de cordas, está bem? Ai! Esta criança está acima de qualquer suspeita!

Dadá – Obrigada! Mas o meu filho não passa dum mentiroso!

Edwiges – Mentiroso o quiseste fazer enrolando-o na tua mentira.

Não levaste a melhor: o Senhor salvou-o!

Tinico – *(Imperativo)* Mamã, case com o papá, ouviu? Se não casar...

Dadá – Se não casar, o quê?

Tinico – Saio desta casa.

Dadá – E para onde vais?

Tinico – Para um convento na Gronelândia. Um mosteiro dos Trémulos.

Dadá – Abandonas-me? Abandonas-me?

Tinico – Sim, mamã, se não tiver outra solução...

Dadá – Oh! até o meu filho me quer abandonar... Que faço neste mundo...?

Tinico – Ficas com. o Funfas... e com o papá...

Dadá – E tu?

Tinico – O Senhor chama-me, mamã!

Edwiges – *(Radiante)* Eu pago-te a viagem para a Gronelândia, meu neto! E ofereço-te o enxoval de monge e dou-te uma mesada… Quero que sejas uma figura gloriosa no seio dos Trémulos Perante o Senhor! E que fortaleças a nossa Santa Religião em Portugal!

Tinico – Amem.

Dadá – Como se pode ir tão longe na crueldade contra uma pobre mulher indefesa?

Edwiges – Não tens um. marido que te defenda.

Dadá – Mas eu quero ter marido. Eu quero! Sempre quis casar com o Teté. Ele é que nunca quis. Insisto, ele não quer. Mas eu quero, eu quero...!

Edwiges – Então vai lá para dentro, Dadá. Sou eu que to digo; casarás, minha filha, casarás com esse Teté ou não seja eu Edwiges Gaiola!

Choro convulsivo de Dadá. Sai.

Tinico – E agora, avó? Que vai fazer?
Edwiges – Felizmente não estamos sós...
Tinico – Sim, estamos, podemos falar à vontade.
Edwiges – ...temos a protecção dos nossos irmãos.
Tinico – Claro.
Edwiges – De toda a comunidade.
Tinico – Mas não pode haver casamento sem noivo. E o papá não quer.
Edwiges – Isso é um pormenor.
Tinico – Também acho.
Edwiges – Ora bem: não há por aí tantos homens que são obrigados a casar?
Tinico – Sim, porque engravidaram as namoradas.
Edwiges – Foi exactamente o que o teu pai fez à minha filha. Portanto, só há uma coisa a fazer: obrigar o teu pai a casar.
Tinico – (Com perfídia alegre, infantil) Boa ideia!
Edwiges – Casará, quer queira, quer não queira!

Gargalhada de Tinico. Canção de D. Edwiges. Campainha do telefone.

Catarata – (Atendendo) Estais?
Edwiges – (Ao telefone) Quem fala?
Catarata – Aqui eis os Escatarata.
Edwiges – Catarata, quero falar com o teu patrão. Ele está?
Catarata – Os espatrão estais.
Edwiges – Vai chamá-lo, que venha ao telefone. Aqui fala Edwiges.
Catarata – (Muito alegre) Irmã Esgaiolas… Irmã Esgaiolas… Eu vai chamar nos espatrão.

Edwiges – Depressa, depressa...
Catarata – Eu vai nos espatrão, despressa. Os espatrão...
Edwiges – Cala-te e vai, Catarata.
Catarata – Vai, sim, irmã Esgaiolas...
Edwiges – Supremo Ministro, o Catarata foi chamar o Teté.
Supremo Ministro – Está em casa?
Edwiges – Sim. Ei-lo, ei-lo.
Teté – (Ao telefone) Sr.ª D. Edwiges?
Edwiges – Sim.
Teté – Está em Lisboa?
Edwiges – Estou.
Teté – (Efusivo) Se soubesse, já a tinha visitado. Então como vai? *(Incisivo)* Não lhe aconteceu mal nenhum?
Edwiges – (Incisiva) Estou óptima, não há mal que me chegue!
Teté – Hum!... Muito folgo. Posso ser-lhe prestável, Sr.ª D. Edwiges? Pergunto porque tenho de partir.
Edwiges – Para onde?
Teté – Para Arraiolos... e também para... para... Buarcos...
Edwiges – Então temos de nos encontrar já.
Teté – Hum!...
Edwiges – De acordo?
Teté – Com quem é o encontro?
Edwiges – É comigo.
Teté – Só?!
Edwiges – E ao mesmo tempo aqui com o Supremo Ministro.
Teté – Ah! sim, já cá esteve em casa.
Edwiges – Ignorava...
Teté – Pergunte-lhe se quiser.
Edwiges – Um momento. *(Tapando o telefone, falando para o Supremo Ministro)* Diz que já esteve lá em casa...
Supremo Ministro – Eu!? Sim, é verdade.
Edwiges – (Ao telefone) O Supremo Ministro confirma.

Teté – Vê, Sr.ª D. Edwiges? Vê quem fala verdade? Vê quem não é tão mau como o pintam?
Edwiges – Eu nunca o pintei.
Teté – Hum!...
Edwiges – O que eu quero é que nos encontremos.
Teté – Onde?
Edwiges – Na sua casa, ou na casa da Dadá.
Teté – Só em lugar neutral.
Supremo Ministro – Seja onde ele quiser.
Edwiges – (Ao telefone) Bem, o encontro será onde quiser.
Teté – Então, no Jardim da Estrela. Amanhã às três horas da tarde.
Edwiges - *(Para o Supremo Ministro)* Que tal, Supremo Ministro?
Supremo Ministro - No Jardim da Estrela, sim!
Edwiges – Combinado. Amanhã, às três da tarde, no Jardim da Estrela.
Supremo Ministro – Oh! sim, é um lindo espaço verde...

Desligam. Trinar de pássaros nas árvores e outros ruídos peculiares.

"Canção do Espaço Verde"

Espaço verde
porque tens porquês? Dás
guarida ao amor das aves.
O da gente
porque fica atrás?

No ninho se aninha
o passarinho.
E a passarinha
da menina
em frenesi,
colhe o que zela por si.

Espaço verde
guarida da cidade
em liberdade.

Supremo Ministro – Sr.ª D. Edwiges, há ruídos suspeitos. É melhor afastarmo-nos: medida de decência e de castidade.

Edwiges – *(Com desprezo)* Ah! os ruídos... Bom, afastemo-nos, mas não muito para o Teté não nos cortar as voltas.

Supremo Ministro – Passeemos nesta alameda... *(passos no saibro)* enquanto descobrimos a nossa argumentação...

Edwiges – Contra o Teté?! Já está descoberta. É zás-trás!

Supremo Ministro – Atentemos, no entanto, em que a Sr.ª D. Dadá esteve de acordo em ser violada pelo Sr. Teté; e não se prova que o Sr. Teté a tenha violentado para a pôr no estado interessante. Ou melhor, nos estados interessantes, sim, porque foram dois.

Edwiges – Ah! isso são pormenores. Não complique, não complique, Supremo Ministro.

Supremo Ministro – Uma Religião tem de ser escrupulosa, mormente quando proclama em abstracto. Este é um princípio que devemos defender.

Edwiges – Ai, eu defendo-o.

Supremo Ministro – *(Parecendo-lhe ver Teté aproximar-se)* Se não me engano...

Edwiges – Não se engana, é o Teté que lá vem. E traz uma pressa...

Passos rápidos. O relógio dá três horas.

Teté – Minha Senhora...

Edwiges – Como está... ?

Teté – *(Jovial)* Caro Senhor, desde a última vez? O Sr. Sacristão continua bem? Ai, o Sr. Sacristão... *(Pequena gargalhada)*

Supremo Ministro – Está bem, sim.

Teté – Não veio?

Supremo Ministro – Não veio.

Teté – Óptimo, porque eu tenho de me ir embora.

Edwiges – Ora essa!

Teté – Era um prazer conversar, mas o diabo tece-as! Tenho de partir. Telefonemas urgentes, de Arraiolos...

Edwiges – (Ácida) E de Buarcos?

Teté – De Buarcos, telefonemas alarmantes. Enfim, desgraças por todo o lado. Tenho de ir. E depressa, com seiscentos milhões de macacos, acelerador ao fundo! Se não, é a calamidade. Desculpem, mas...

Edwiges – Calamidade é o que cai sobre si se não falamos já!

Teté – Pode largar-me a gola do sobretudo, Sr.ª D. Edwiges? É que amarrota.

Edwiges – (Forte) Amarrotada está a minha filha!

Teté – Sim? Não fui eu.

Edwiges – E quer casar consigo.

Teté – Já mo disse... É gentileza dela. Mas eu não sou casadoiro, nem casável. Pronto. Era só isso?

Supremo Ministro – (Com unção) Irmão, querido irmão...

Teté – Psiu! não há tempo para palanfrórios... vou... acudir àquelas desgraças... Cá vou... Cá vou... Sr.ª D. Edwiges, tive muito prazer... Os anos não passam por cima de si... Ah! ah! *(Gargalhada)*

(Afasta-se rápido)

Supremo Ministro – Escapa-se como uma enguia...

Edwiges – Cobarde!

Supremo Ministro – Um especialista na esquiva...

Edwiges – (Furiosa) E o Sr., Supremo Ministro, não disse nada! O Sr. calou-se! Que decepção! Eu esperava tanto, esperava tudo de si...

Supremo Ministro – Penaliza-me a irregularidade da sua filha com o Sr. Teté. Porém, eles não pertencem à nossa Religião.

Edwiges – Mas pertenço eu!

Supremo Ministro – Ocupo-me de todos os nossos, como um clínico de almas. E ocupar-me-ei também dos que venham, puros e trémulos perante o Senhor.

Edwiges – Abandona-me neste transe da minha vida?

Supremo Ministro – Não. Aqui, estou consigo neste jardim. Mas compete ao Sr. Teté descobrir a sua verdade. Vai descobri-la. Por mim, a toda a hora aguardo que me diga: "Irmão, eu tremo perante o Senhor. Acolhe-me no seio da tua comunidade."

Edwiges – A sua acção, Supremo Ministro, deveria ser mais decidida, mais viril. Com as suas águas moles, os Trémulos, daqui a vinte anos, serão pr'aí quando muito uns duzentos e cinquenta. É preciso força! Não esperemos que eles se nos entreguem! Temos de os obrigar! Abaná-los e gritar-lhes: "ou vens ou estás perdido!"

Supremo Ministro – Na Gronelândia somos mais brandos... Mas temos um clima brutal de gelos e de intempéries, as pessoas são frágeis e sensíveis.

Edwiges – Os portugueses estão habituados a todos os tratos! Se não for à paulada, a poucos lhes cheirará a estrada que leva aos nossos redis. Ou lhes damos paulada ou nem acreditarão que existimos! Aliás, que ameaças serão as nossas, se as fazemos em serviço do Senhor? Serão ameaças? Oh! não, são sinais de trânsito! A grande parte das pessoas vive em necessidade. Aos que não têm necessidade, é preciso criar-lha. E depois salvar todos esses necessitados através ela

conversão que lhes oferecemos, assim: "Tu estás perdido! Tu estás à rasca! O quê, dizes que não? Isso é o que pensas. Estás, sim, perdido! Portanto adere à nossa comunidade, cai nos nossos braços e serás salvo!" Assim mesmo, ouviu? Assim é mais depressa.

Supremo Ministro – (Duvidando) Oh!... oh!... Que severidade...

Edwiges – Não, Supremo Ministro! O que eu pergunto é se temos o direito de deixar tantos irmãos, que poderiam ser nossos desde já, prolongarem por aí o seu próprio estado de ignorância e de sacrilégio. Se não os conquistarmos o mais rapidamente possível,

O Senhor não nos acusará de desleixo, de incúria, de mau governo? A Religião abre o caminho para convencer ...

Supremo Ministro – Convencer de quê?

Edwiges – Do que quisermos. Convencer e persuadir aqueles que temem e tremem nesta vida...

Supremo Ministro – (Com muito ânimo) Alegro-me por, no seio do braço lusitano dos Trémulos Perante o Senhor, existirem já duas tendências: a minha, a da suavidade na persuasão; e a sua, a da persuasão pelo terror. Ambas possíveis, sim, irmã Edwiges, oriente a sua acção nesse sentido.

Edwiges – (Com entusiasmo) Assim farei, irmão! Mas desejo saber uma coisa: se eu puser o Teté e a Dadá lado a lado para se casarem, casa-os ou não os casa?

Supremo Ministro – (Quase eufórico) Oh! sim, presidirei ao matrimónio. Será a primeira alegria histórica da nossa comunidade lusitana! O primeiro casamento dos Trémulos Perante o Senhor em Portugal! Na Gronelândia trezentos mil Trémulos cantarão, em uníssono, as hosanas do seu regozijo. E daqui levantaremos hinos, que penetrarão os umbrais da Casa do Senhor – primeira luz que Lhe envia este

jardim à Beira-Mar Plantado, maravilhoso espaço verde do nosso Planeta!

"Canção do espaço verde". Funde com música de órgão.

Feytor – É espantoso! Que terá no corpo esse homem que, sem usarmos de subterfúgios, não o conseguimos apanhar?

Edwiges – O Teté tem estado fora, por Arraiolos e Buarcos. Telefonava à Dadá de vez em quando para saber de mim, pois não queria voltar a Lisboa enquanto eu cá estivesse. Eu então, para ficarem com a certeza de que tinha partido, fiz as malas, comprei o bilhete do comboio e a Dadá foi despedir-se de mim a Santa Apolónia. Mas apeei-me logo na estação seguinte, em Braço de Prata. E apanhei um táxi para o hotel, no centro de Lisboa.

Feytor – (Amoroso) Em boa hora o fez, Edwiges!

Edwiges – (Risonha) Olhe que não sei. Depende do seu comportamento.

Feytor – Que felicidade termo-nos encontrado na oração das sextas-feiras em casa do Supremo Ministro! Os nossos olhares cruzaram-se à luz radiosa da Divina Auréola do Santo e Sagrado Senhor.

Edwiges – (Brejeira) Não meta nisto o Senhor, ouviu? Pensa que defini intenções a seu respeito, Sr. Feytor? Que já decidi sobre o nosso futuro?

Feytor – Desejaria que sim...

Edwiges – Olhe, se eu fosse necessitada, a sua riqueza impressionava-me; o Sr., um alquimista, com tantas farmácias, tantos produtos em tantas prateleiras, era irresistível! Mas eu tenho o que me basta.

Feytor – Lá na terra...

Edwiges – Portanto, se me quer, tem de se fazer valer muito a meus olhos, ouviu?

Feytor – *(Amoroso)* Edwiges...

Edwiges – Deixe-se de disparates. Tudo depende das provas que me der.

Feytor – Edwiges...

Edwiges – Arre! Concentre-se no que viemos aqui fazer.

Feytor – Estou concentrado. Nunca por amores me desviei das obrigações.

Edwiges – Não tenho ciúmes do seu passado. E não me cativa invocando a sua devassidão.

Feytor – Que já lá vai, Edwiges. Por ela, tremo perante o Senhor, sim! Ah! mas não tremo perante o meu vizinho... Desejo consumar consigo a pureza da nossa Santa Religião, Edwiges...

Edwiges – Para eu lhe ceder, olhe que tem de fazer muito!...

Feytor – O quê? Diga...

Edwiges – Para já, pensar no que nos traz aqui.

Feytor – Pensei. Penso. Estou preparado.

Edwiges – E não estranha que o Teté não esteja em casa?

Feytor – Estranho.

Edwiges – Nem sequer o Catarata?

Feytor – É esquisito...

Edwiges – *(Pausa)* Onde tem a gazua?

Feytor – Aqui no bolso.

Edwiges – Não se esqueça: vamos dizer-lhe que a porta estava aberta. Guarde a gazua bem guardada. *(De súbito)* Oh! nunca fiando: passe-a para cá, na minha mala fica mais segura.

Feytor – Se a faz feliz... *(Entrega-lha)*

Edwiges – Onde a arranjou?

Feytor – Eu? Enfim, é sempre bom ter uma gazua... não é? *(Muda ostensivamente de tom)* Sabe? Não gostei de ver o seu neto, o... o...

Edwiges – Tinico.

Feytor – Não gostei nada de o ver na oração de sexta-feira... É capaz ide ir dizer que a Edwiges continua em Lisboa...

Edwiges – Ordenei-lhe que não dissesse. Não dirá.

Feytor – É criança, pode descair-se...

Edwiges – Não se descai. *(Ruído de meter a chave à porta)* E a prova ali vem. Quer ver?... É o Teté... *(Abre-se a porta)* Ei-lo.

Fecha-se a porta.

Teté – *(Chamando)* Catarata!

Edwiges – O Catarata saiu.

Teté – Mas...

Edwiges – Não me esperava?

Teté – Não.

Edwiges – Entrámos porque a porta estava aberta...

Teté – O Catarata, ai, esse Catarata... *(Furioso)* Deixou outra vez a porta aberta... Ah! mas desta não lhe perdoo. Desta vez vai a chicote, olá se vai! ...

Edwiges – Não lhas poupe!

Teté – *(Muito solícito)* Ora, nem a cumprimentei. Então como está, Sr.ª D. Edwiges? Ainda bem que veio... Da última vez vi-a muito de raspão...

Edwiges – Eu notei...

Teté – É o Sr....

Feytor – Arquimedes Feytor.

Teté – Muito prazer.

Feytor – Noivo da Edwiges.

Teté – (Com surpresa falsamente agradável) Palavra? É? Palavra...?

Edwiges – Por enquanto, tudo o indica.

Teté – (Muito efusivo) Parabéns, parabéns, parabéns aos noivos! Caro Sr. Arquimedes, tenho desde já a maior admiração por si...

Feytor – Muito obrigado.

Teté – Admiração e respeito. Pela sua coragem. Dedica-se a quê?

Feytor – À química.

Teté – Ah! já compreendo melhor. A química confere poder de vida e de morte sobre aqueles a quem o nosso braço pode chegar… Ah! Ah! *(Gargalhada)* A Dadá já sabe?

Edwiges – Ainda não.

Teté – Telefono-lhe a participar. Vai ficar varada. Ah! Ah! *(Gargalhada)*

Edwiges – (Forte, ríspida) Não telefone!

Teté – Porquê? Ela gostará de saber. Ora, a Sr.- D. Edwiges... Hem? Quem havia de dizer...? Ah! Ah! *(Gargalhada)*

Edwiges – Acabe com a macacada! A Dadá está aflita, aflita, ouviu? Quando é que deixa de ser inconsciente?

Teté – Eu? *(Sério)* Bom, que tem a Dadá?

Edwiges – Baptizou-se.

Feytor – Baptizámo-la.

Teté – Aderiu aos Trémulos?

Feytor – Sim.

Teté – Quando?

Feytor – Anteontem.

Teté – Não me disse nada...

Edwiges – Tinha de lhe pedir licença?! Teté - Não; não... E... E ela quis?

Feytor – Acabou por querer. Não foi fácil. Mas por lá estivemos e acabou por querer.

Teté – De livre vontade?

Feytor – *(Forte)* Acabou por querer, é só o que digo.

Teté – Pois... *(Pausa)* E... confessou?

Feytor – *(Inquiridor)* Se confessou? Que desejaria o Sr. que ela tivesse confessada?

Teté – Eu? Bem...

Feytor – Ou melhor: que receia o Sr. que ela tenha confessado?

Teté – A bem dizer, nada...

Feytor – Está a tremer....

Teté – Eu? Não... Terei sido inconveniente? Perguntei se a Dadá se confessou. E nem sei se os Trémulos praticam, a confissão... Desculpe se fui desastrado... Hem? Uma *gaffe*, talvez... Saiu-me, compreende? Ah! Ah! *(Gargalhada)*

Feytor – O Sr. não perguntou se ela se tinha confessado. Perguntou se ela "confessou". É diferente.

Teté – *(Muito admirado)* Eu perguntei isso? Foi engano, perguntei o que não queria. Ah! Ah! *(Gargalhada)* A propósito: os Trémulos têm a Confissão?

Feytor – Pois bem: *(Pausa)* ela não confessou.

Teté – *(Suspiro)* Ah!...

Feytor – Nem era preciso, pois nós sabemos.

Teté – O quê?

Feytor – Tudo! *(Pausa. Lento)* O seu medo à Judiciária... o seu verdadeiro terror...

Teté – Ah! bom...

Feytor – E conhecemos as causas...

Teté – *(Alarmado)* Conhecem? *(Pausa)* Quais são? Quais são?

Feytor – *(Severo)* Tenhamos pudor... O pudor é a nossa norma.

Teté – *(Suspenso)* O pudor?!

Feytor – Pois...

Teté – *(Rápido)* Então eu vou telefonar à Dadá.

Edwiges – De maneira nenhuma!

Teté – *(Falsamente brilhante)* É que... pudor, pudor... pudor é com ela. Pudor comigo? Ah! Ah! *(Gargalhada)* Não me lembro já do que isso é, não sei... Mas a Dadá...

Feytor – Pudor... quero eu dizer; não vale defrontarmo-nos abertamente... Compreendeu?

Teté – Não.

Feytor – Eu explico. Ora suponhamos, por exemplo, que o Sr.... o Sr….*(Suspende)*

Teté – *(Ansioso)* Eu?

Feytor – Que o Sr. *(Pausa)* afundou um navio.

Teté – *(Forte)* Não afundei nenhum navio!

Feytor – Claro. Mas fez... outra coisa qualquer... Ora eu, para não nomear directamente essa... outra coisa que o Sr. fez, digo que... afundou um navio.

Teté – Ah!...

Feytor – Para que havia eu de dizer exactamente o que o Sr. fez? A quem aproveitaria tal brutalidade? Digo, "por pudor", que afundou um navio... Hem? Um crime, pois! Não será a verdade, mas digo... digo que afundou um navio... Hem? E todos compreendemos ao que me refiro... Hem?

Teté – Pois...

Feytor – Que tal?

Teté – É... é bem visto... Enfim, questão de cortesia... De nada vale vexar, cara a cara, outra pessoa...

Feytor – Vexar uma pessoa, cara a cara, é normal. Eu posso vexá-lo cara a cara, não me falta com quê... Simplesmente, não me convém.

Teté – E porque não lhe convém?

Feytor – Não me convém. Só não o faço porque não me convém.

Teté – Creio que... efectivamente... *(Explode)* E o Catarata que não volta... *(Chama)* Catarata! Catarata!

Feytor – Sabe que o Catarata não está. Porque o chama?

Teté – Desculpe...

Feytor – Não desculpo porque o apanhei.

Teté – A mim? Vou telefonar à Dadá.

Edwiges – Não telefona, não. Para quê? Para ela lhe vir valer? Para lhe acudir na aflição? É o que lhe faz a Dadá há catorze anos: salva-o das aflições. Por isso ela está como está. Chulo!

Teté – Chulo? Eu?!

Edwiges – Sim, chulo!

Teté – Isso é que não sou.

Edwiges – Vê, Sr. Feytor, vê? Chulo, sim! É chulice atormentar uma mulher, como faz à Dadá. É chulice privá-la da honra e do bem!

É chulice ser-lhe o vampiro da felicidade e da alegria!

Teté – O que têm contra mim? Vou telefonar à Dadá.

Feytor – Não!

Teté – Quem mo impede?

Feytor – Eu.

Teté – Porquê? *(Atira o telefone ao chão)*

Feytor – Porque estoirei o telefone.

Teté – Com que direito?

Feytor – Com que direito mo perguntas, cadastrado?

Teté – Estou na minha casa.

Feytor – Fraco direito; a minha força não o reconhece.

Teté – *(Num grito)* Vou sair!

Lutam.

Feytor – Não sais, não, que não deixo!

Teté – Vedam-me a porta da minha casa? Afinal o que é isto?

Aplicam-lhe as correntes.

Feytor – Está agarrado. Ponha-lhe as correntes, Edwiges.
Teté – Larguem-me!
Feytor – Não!
Teté – Quero sair da minha casa. E o meu direito. Estou na minha casa e quero sair.
Feytor – Como? Como?
Teté – (Grito) Ah!...
Feytor – Como, se tens mãos e pés atados com correntes? Como? Diz lá, ó criminoso!
Teté – O que é isto?
Feytor – E tudo!
Teté – Mas...
Feytor – Cala-te! Agora falo eu. Edwiges, pegue-lhe por esse lado. Força! Vamos amarrá-lo ao piano de barriga para baixo. Eh!... eh!... *(Erguem-no e deitam-no sobre o teclado. Fizeram-no num esforço conjunto, regulado pelas exclamações: eh! eh! eh! Ao cair sobre o teclado, tumulto de sons das teclas premidas ao acaso. Gritos de Teté)* Assim, de borco. Ah!... Dê-me o seu lenço de pescoço, Edwiges.
Edwiges – Para quê?
Feytor – Para amarrar o focinho deste porco. Tem de me obedecer. *(Feytor amarra Teté pela boca)*. Tens de me ouvir. Vou explicar-te o que sentes e que não sabes explicar a ti próprio, sabujo!
Edwiges – Já está?

Teté, forçado, debate-se produzindo sons no piano.

Feytor – Suponhamos que sim.
Edwiges – Ficou mesmo a meio do teclado.
Feytor – Tanto faz. Pode ouvir-me - eis apenas o que interessa.

(Gemido)

Edwiges – Ele geme...

Feytor – Sim. Impressiona-a? Ora... Ouve: estás preso. *(Gemido)* Pensas que te tenho em cárcere privado. Proibido nas sociedades civilizadas. Pois! Eu sou contra o cárcere privado. *(Som de Teté)* O quê? Contradigo as minhas convicções com os meus actos? Cárcere privado é para o homem, com todos os direitos. Tu és homem? Tu tens direitos? Sabujo! Que fizeste na vida senão mal? Que direitos tens? *(Bate-lhe, Teté geme)* Ah! cão! Qual cárcere privado! Pico-te com um aguilhão, assim, na ilharga *(Gemido)* para te meter na ordem, como se faz a uma mula. Ouviste, pá? Tenho-te nas mãos. Sei, a teu respeito, tanto como tu próprio. *(Reacção de Teté)* Para quê explicar, se de ti sabes tanto como eu? Para quê? Para perdermos tempo? Ora, tem juízo! Tu tremes, filho duma vaca! *(Protesto de Teté)* Sim, eu sei. Ora, viva! Viva a tua mãezinha que era vaca e o teu paizinho boi... *(Gemido)* Boi, boi, ouviste? *(Gemido)* Assumes? Ah! bom, começas a entrar na linha. Tremes. Tremes todo.

Edwiges – Treme porque teme.

Feytor – Tremes perante o teu vizinho.

Edwiges – Ou perante o Senhor?

Feytor – Não é ainda o momento de fazer essa sublime destrinça, Edwiges. Ele treme. Está a ver? Sim, materialmente. *(Ruído)* Tremes mesmo! *(Gemido. Trémulos sons no piano)*

Edwiges – Treme, pois... *(Fraquejando)* Talvez já possamos agora...

Feytor – Descomprimir!? Não, Edwiges, ainda é cedo. Este palhaço ainda não aderiu. Eh! palhaço, aderes ou não aderes? *(Gemido)* Perguntou *a quê,* aderir a quê... *(Gargalhada)*

Edwiges – Para responder, deseja saber ao que teria aderido. É natural...

Feytor – Isso é que era bom! Ele terá de dizer que aderiu, sem saber a quê, nós cá sabemos por ele. Aderiste ou não aderiste? *(Pausa)* Bom, eu podia dar-te uma injecção e tu aderias... Mas vais evitar-me a mim esse trabalho e a ti tal violência. Vá, responde! *(Gemido)*

Edwiges – Acho que disse que sim.

Feytor – Tenho dúvidas... Eh! pulha, disseste que sim? *(Gemido)*

Edwiges – *(Com entusiasmo)* Disse que sim... Já disse que sim!...

Feytor – Ora essa! Está condoída, Edwiges...?

Edwiges – Eu? Não! *(Recobrando ânimo)* É por causa da Dadá. Afinal foi esse detrito quem a violou.

Feytor – "Detrito", diz muito bem! *(Ri)* Nós não queremos adesões de detritos. Queremos adesões de gente. *(Ri)* Eh! ó por enquanto gente! Aderiste? *(Gemidos)*

Edwiges – Aderiu! Ah!... finalmente! *(Suspira, aliviada)*

Feytor – Engana-se. Não podemos reduzir infinitamente o tempo das conversões. Nem o recorde do tempo anula o tempo. Compreende? Esse sacana o que está é a dizer que precisa de reflectir.

Edwiges – Pois que reflicta.

Feytor – Qual, Edwiges?! Enlouqueceu? Não permitiremos. Exigimos que decida já! É um risco idiota deixá-lo reflectir. Eh! filho da puta! Decide, já. *(Pausa)* Edwiges, onde pôs o açoite?

Edwiges – Um momento. *(Edwiges procura-o)* Está aqui.

Feytor – Quer ouvir como soa, o açoite? *(O açoite zune)* É um açoite histórico, tem este precioso cabo de prata lavrada. Anterior ao Marquês de Pombal, já esteve num museu, donde foi roubado. Que pena, aplicá-lo nas costas dum criminoso vulgar. Seria mais próprio do lombo dum revolucionário, dum salvador da pátria. Nas costelas deste palerma é desperdício. Mas a verdade é que não há aqui

outro açoite, temos de nos servir deste. *(Pausa. Forte e divertido)* Lá vai! *(O açoite zune. Pausa)* Feri o ar, a título experimental. Mas o sacana mijou-se... *(Gargalhada)* Vê, Edwiges? Mijou contra os pedais do piano. *(Fortíssimo)* Porco, porcalhão, lá na manada a tua mãe e as outras vacas não te ensinaram em criança onde se fazem as necessidades? Precisas dum caixotinho de areia? Ou queres que te esfregue as fuças na mijadela?

Edwiges – Não se rale, Sr. Feytor, o Catarata limpa.

Feytor – O Catarata, não é? Este negreiro tem o Catarata, explora o Catarata, enquanto pelo mundo fora todos os brancos já renunciaram a explorar os pretos. Mas este continua! Continua a explorar o irmão, o nosso irmão Catarata... Claro, ele vai dizer que lhe paga, e outras coisas... mais ou menos sindicalistas, mais ou menos sociais-democratas... A verdade é que quando se dá ao luxo de mijar, esse gajo põe-nos todos a admitir que o negro alomba e alimpa... *(Gemidos)*

Edwiges – Entendeu o que ele disse?

Feytor – Pergunta o que desejamos dele.

Edwiges – Ah! claro.

Feytor – Não lhe é claro, mas vai ficar-lhe claríssimo. Ora bem: tu tremes. Sim ou não? *(Gemido)* Sim? Ah! pois! já tremias antes, aliás. Agora responde: tremes perante o Senhor? *(Gemido)*

Edwiges – Está bem.

Feytor – Tremes perante a Senhor. E perante o teu vizinho? *(Gemido)*

Edwiges – Também. Ele diz que também.

Feytor – Calma, Edwiges! Desconfio de tanta facilidade. Se calhar, este cadastrado declara o que desejamos ouvir. Depois escapa-se--nos e alega que foi coagido. Qual coagido,

filho da mãe! Então tu alegas que foste coagido?! *(Chicotada. Gemido)*

Edwiges – (Aflita) Diz que não... diz que não...

Feytor – E a gente acredita? Edwiges, nós não temos pressa. Ele aí está muito bem instalado, de barriga sobre o piano. Para o animar, podemos fazer-lhe um bocadinho de música, assim... *(Toca no piano sons graves e sons agudos)* Hem? Que tal a sinfonia? Hem? *(Gemido)*

Edwiges – Diz que lhe é indiferente...

Feytor – (Furioso) Está a ver o malcriado? Fiz todo este esforço para tocar uma sonata que o regalasse... E ele paga-me deste modo, diz que a música lhe é indiferente... Viu o malcriado? Só a açoite! A açoite, é o que eu lhe digo!

Edwiges – Oh! ele está muito mal deitado. A mim, naquela posição, a música sabia-me a palha...

Feytor – Não se compara! A Edwiges é uma criatura fina, delicada, só pratica o bem. Esse aí só fez o mal. E a Edwiges é de carne; mas ele é coiro. Ora vamos lá a saber avaliar bem as coisas, hem?

Edwiges – Pode ser que o rapaz, coitado, não goste de música.

Feytor – Ó grande sacana! Com que então tu não gostas de música?! Ah!... *(Açoite. Exclamação de Edwiges. Teté geme)* Não gosta de música, o estupor! Há milhões de pessoas a gostar de música, a pedir música! Ele julga que pode não gostar de música? Será admissível? Ah! nunca, coirão! Porque tu vais ser baptizado. *(Gemido)* Tu, sim, e de livre vontade! Vais entrar nos Trémulos Perante o Senhor. E os Trémulos Perante o Senhor na música se confirmam e sublimam, pela música ascendem à salvação. Como!? Um Trémulo Perante o Senhor que despreza a música?! O diabo possui-te? E o diabo que te guia? *(Gemido)* Eu quero saber: tu tremes ou não tremes perante o teu vizinho? *(Açoite)*

Hem? Responde! *(Açoite. Muito comovido)* Flagelo-me porque te açoito, irmão, o açoite dói-me, rasga a minha carne como se tua fosse. Oh!... *(Um soluço. Pequena pausa. Outro tom)* Oh! eis-nos aqui os dois, torturador e torturado, cúmplices do mesmo sacrifício, De nós os dois, qual terá acesso à Casa do Senhor? Hem? Responde lá, responde! Ah! não respondes? *(Açoite. Gemido)* Dizes que tu é que terás acesso à Casa do Senhor... *(Ri)* É atrevido, hem? Pois fica a saber que sou eu! Ouviste? *(Açoite)* Eu é que terei acesso à Casa do Senhor. Eu! Eu e não tu! Porquê tu, ó vitelo?

Edwiges – Sr. Feytor, talvez...

Feytor – Com certeza, Edwiges, eu consigo nem discuto, estou sempre de acordo. Mas ele abusa, abusa! Hem?

Edwiges – Como?

Feytor – Então não vê? Durante mais de duas horas, obriga-me a flagelar-me a mim próprio e por fim. cala-se?!

Edwiges – Tem a boca amarrada...

Feytor – Sim, mas já disse uma data de coisas! Não tem a boca amarrada para dizer uma data de coisas. Tem a boca amarrada para me esconder se treme ou não treme perante o seu vizinho. Acha que isto é igualdade, Edwiges?

Edwiges – No entanto...

Feytor – Qual! Este homem é um cágado! Julga que ele quer falar? Pelo contrário, obstina-se em calar-se. Quer ver? Responde! *(Açoite)* Vá! *(Gemido)*

Edwiges – O que gemeu ele?

Feytor – Em vez de responder, perguntou o que lhe estava eu a perguntar.

Edwiges – E o que lhe perguntava?

Feytor – Então este safardana não sabe? Se ele treme perante o seu vizinho. *(Gemido)*

Edwiges – Diz que sim, que treme.

Feytor – Bravo. E quem é o teu vizinho? *(Gemido)* Diz que é a Judiciária.

Edwiges – Vê?

Feytor – Ora aí tem. A isto chamo eu franqueza. O vizinho diante de quem treme é a Judiciária. Exacto. Doravante será outra loiça, Edwiges. Isto é, temo-lo na mão! *(Gemido)*

Edwiges – Então, o que disse agora?

Feytor – Quer ser desatado.

Edwiges – Desatemo-lo. *(Algemas. Correntes)*

Feytor – Não, Edwiges, não!

Edwiges – Mas...

Feytor – Sabemos que o gajo treme perante o Senhor e perante o seu vizinho, que é a Judiciária. Sabemos que, de livre vontade, ele adere aos Trémulos e que vai ser baptizado. *(Gemido de protesto. Chicotada)* Ouviste? Se não sabias, ficas a saber... Hem? Vê Edwiges, ele agora já não protesta, portanto está de acordo.

Edwiges – *(Muito alegre)* Santo e Sagrado Senhor, Divina Auréola! Mais um para a nossa comunidade!

Feytor – Já somos duzentos e vinte e três em Portugal!

Edwiges – Vamos de vento em popa!

Feytor – Alegra-me o trabalho que tantas conversões me tem dado! Vou completar este serviço, para logo ir deitar mãos ao que se segue. Bem: nós sabemos muito bem o motivo por que teme a Judiciária. Mas é indispensável que o ouçamos da sua própria boca. *(Açoite)* Vá, fala! *(Teté articula uma série de sons)*

Edwiges – Está disposto a falar. Parece que é melhor soltá-lo agora, para se explicar melhor.

Feytor – Ouve, besta! Estás disposto a dizer tudo de ti? Estás? *(Gemido)*

Edwiges – Diz que sim. Vou tirar-lhe as correntes.

Feytor – *(Violento)* O quê? Perdeu a cabeça? Estará a ficar idiota, Edwiges?

Edwiges – Para ele confessar melhor.

Feytor – Então para ele falar é preciso tirar-lhe as correntes. É? *(Sarcástico)* Olhe, não sabia... *(Forte)* Desate-lhe o lenço da boca. Ouviu?

Edwiges – Sim...

Feytor – Liberte-lhe a boca. E é um pau...

Edwiges – Está bem.

Feytor – Espere. *(Pausa)* Ouve, se abres a boca para dizer asneiras... olha o açoite, até parece vivo, hem...? *(Gemido)* Bom, ele compreendeu, pode tirar-lhe o lenço. *(Pausa. Teté produz sons diversos, muito doridos)* Vais lamentar-te, gemer, protestar e chorar...?

Teté – *(Dorido, mas seguro)* Vou falar. *(Pausa)* Fiz o que disse, Sr. Feytor: afundei um navio. Era criança e brincava no cais, onde estava aquele barco acostado. Saltei lá para dentro e desci as escadas. Sem saber o que fazia, abri as válvulas, uma espécie de torneiras de metal, lá no fundo... A água entrou; como se fosse um rio, a subir, a subir... Fugi, salvei a pele, não pude fazer mais nada... Fugi... Gritei, mas não estava ninguém... Vi o barco afundar-se... *(Chora, falsamente)* Vi-o afundar-se e não fiz nada... só chamei, chamei... E fugi... *(Enorme suspiro)* Eis porque tremo perante o Senhor; tremo à ideia de que ainda posso ser descoberto pela polícia... E toda a vida tenho vivido neste medo e neste remorso... Oh!... salvai-me! Salvai-me! *(Soluça)*

Feytor – Tremerás todos os teus dias! Mas se fores obediente, serás salvo.

Edwiges – Oh! Santo e Sagrado Senhor! Iluminaste-o, Senhor, com a tua Divina Auréola!

Teté – (Súplica exagerada) Baptizai-me, sem demora. Não quero mais viver no inferno e na tortura. Salvai-me! *(Soluça)*

Edwiges – Oh! que alegria!

Feytor – Desamarre as correntes. Não tenho dúvidas: este já é dos nossos e jamais se atreverá a deixar de o ser.

Tilintar das correntes. Funde com a "Canção da Liberdade de Opção".

Opta,
Cidadão em liberdade.
Vota.
A cidade
Adopta
a tua vontade.

Conquistamos o ideal
de optar
sem coacção. Viva o sistema
optativo;
abaixo o esquema
impositivo.

Opta,
adopta,
adapta
à liberdade
a pulsação
da cidade.

Um táxi nas ruas de Lisboa.

Edwiges – Afinal tudo acabou em bem. A minha filha ficou varada: durante anos e anos o teu pai negou-se a casar; agora casa e de livre vontade.

Tinico – Eu só acredito depois de ver.

Edwiges – Tinico, sabes o que dizes?

Tinico – Eu, só depois de ver! *(Divertido)* Se o papá falta ao casamento é cá uma bronca...

Edwiges – Não falta.

Tinico – Porquê? Por se ter baptizado?

Edwiges – Também por isso. Sim, porque hoje já somos em Portugal quatrocentos e vinte e sete. Não falando dos irmãos da Gronelândia...

Tinico – Trezentos mil...

Edwiges – ...que lá cantarão à hora do casamento em sinal de regozijo.

Tinico – Por isso mesmo. O melhor para o papá não dar a bronca, é o Sr. Feytor "chutar-lhe" uma... assim daquelas mesmo a sério que "ganzam" para caraças...

Edwiges – O quê?

Tinico – Ou pelo menos introduzir-lhe uns "drufes" para ele ficar com uma "pedrada"... ou mesmo com uma "alta pedra".

Edwiges – O que estás tu a dizer?

Tinico – Digo que o melhor é drogar o papá antes do casamento.

Edwiges – Tinico!

Tinico – Ele ficava a dormir deitado na cama. E, na hora da cerimónia a gente ia buscá-lo, obrigava-o a descer a escada e então o Supremo Ministro casava-o com a mamã.

Edwiges – O irmão Feytor dirá se é preciso. Na nossa Santa Religião cada qual é responsável, não se forçam consciências e a liberdade é a nossa lei.

Tinico – Palavra?

Edwiges – Na nossa Religião é assim.

Tinico – (Ri) Então há-de ir longe, a nossa Religião, não haja dúvidas!...

Canção da Liberdade de Opção. Funde com os ruídos de preparação do casamento de Dadá com Teté, em casa deste. Campoamor experimenta a aparelhagem radiofónica que captará a transmissão da cerimónia gronelandesa.

Teté – Então? Eu já estou nervoso! Se essa aparelhagem não é das valentes, lá ficaremos sem a transmissão, sem a companhia dos nossos irmãos gronelandeses.

Campoamor – O irmão está preocupado? Tem medo?

Teté – Quem se casa sou eu...

Dadá – E eu. Ai! parece um sonho, mas é verdade! Acha que vai funcionar bem?

Campoamor – De certo, irmã Dadá. Incompetência não é comigo!

Ruído. Chegam os sons da Gronelândia - apitos e outros ruídos.

Teté – Serão eles?

Campoamor – Sem dúvida alguma.

Teté – Dadá, quando te vestes?

Dadá – Ainda é cedo.

Teté – Não te podes vestir aqui. É contra as regras a noiva vestir-se diante do noivo.

Dadá – Ora, isso é quando as noivas são virgens. Ou quando restam dúvidas.

Teté – Eu não te quero ver com o fato do casamento antes da cerimónia.

Dadá – Que asneira! Onde queres que me vá vestir?

Teté – A tua casa!

Dadá – É longe. Não voltava a horas.

Teté – Aqui na minha casa não te vestes, Dadá. A tradição é que manda.

Dadá – E se eu não me vestisse? Se ficasse com este fato?

Teté – Passava este a ser então o fato de casamento. E eu não posso ter-te visto com ele antes da cerimónia, esse ou outro, com flor de laranjeira ou sem flor de laranjeira. Se ficas com esse fato, eu já to vi vestido e, portanto, cairão maldições sobre nós.

Dadá – Teté, tu estás contra mim!

Teté – Não.

Dadá – Tenho tanto que fazer ainda!

Teté – No dia do casamento a noiva não trabalha. Acumula energias para a noite de núpcias! Ouviste? Tu hoje não trabalhas. Eu sou um noivo, não sou um desistente.

Música triunfal no receptor.

Campoamor – A antena funciona! A antena funciona!

Dadá – Que alegria!

Teté – O que dizem eles?

Campoamor – Não dizem. Mas cantam.

Cântico gronelandês de regozijo.

Locutor – Irmãos portugueses! Irmãos portu...

O cântico e a voz do locutor são interrompidos por uma série de interferências. Abre-se a porta, entra Feytor.

Feytor – (Estridente, sobre os ruídos) Eh, lá! o que é isto aqui? *(Autoritário)* Irmão Campoamor, como é que essa coisa ainda não está em ordem?

Campoamor – A rádio é a rádio. E na rádio a técnica manda, ouviu?

Feytor – Frustrações quem não as tem? Mas frustrações por causa da técnica, chiça! Digo-o como alquimista!

Campoamor – A técnica é a deusa do século!

Feytor – Fala de deusas...? Fale de deusas e verá como será irradiado.

Campoamor – De quê?

Feytor – Dos Trémulos Perante o Senhor.

Dadá – Já sei o que vou fazer.

Feytor – Olá, irmã! Como está?

Dadá – Boa-tarde, irmão.

Teté – *(Animado)* Irmão Feytor, que o Santo e Sagrado Senhor o proteja sob a Sua Divina Auréola!

Dadá – Sabes como faço, Teté? Fecho-me na despensa e mudo o vestido. No momento próprio saio da despensa. E só então tu me vês.

Teté – Nunca! Para te casares comigo, tu não sais da despensa! Tu entras pela porta desta casa!

Dadá – Teté, tu não queres casar comigo!

Feytor – *(Brutal)* Irra, você quer, ou não quer casar?

Teté – Que espera de mim a sua ternura, irmão? Que me case...

Feytor – Espero e sem contemplações!

Teté – Não sei se me caso porque me baptizei ou se me baptizei porque me vou casar. Enfim: baptizei-me e caso-me!

Dadá – Sabe? Ele está a fazer-se esquisito por causa do meu vestido de noiva....

Feytor – *(Entre dentes)* Estupor! *(Outro tom)* Irmão, qual é a sua esquisitice, para eu a tratar à minha maneira?

Teté – Quero apenas honrar as tradições quanto à indumentária matrimonial.

Feytor – (Forte) A gente hoje não honra tradições. A gente hoje casa-se!

Teté – (Rápido, ligeiro) Com certeza. Vou vestir-me. Um noivo tem de vir de ponto em branco. Subo ao meu quarto. Irmão, se essa maquineta não transmitir a cerimónia da Gronelândia, considero para toda a vida o meu casamento prejudicado. *(Ameaçador)* Ouviu?!

Campoamor – Vá descansado. Envergue a labita a primor. Depois desça para o casório... *(Gargalhada)*

Teté – Cá vou. *(Sobe a escada)*

Feytor – Irmã Dadá, vá preparar-se também.

Dadá – Vou, pois.

Feytor – Eh! irmão Campoamor, essa merda funciona ou quê?

Campoamor – Funciona, pois!

Feytor – Ainda bem, porque não se admitem cá falhanços. Irmã, vá e não se demore.

Dadá – Porque me olha dessa maneira? Receia que eu não me queira casar?

Feytor – Hoje receio tudo. Hoje é a prova definitiva da nossa comunidade. Ou somos, ou não poderemos ser jamais! Compreendeu? Vá-se vestir.

Subitamente, grande barulho da transmissão.

Campoamor – (Triunfante) Estão a ver? Estão a ver?

Locutor – Irmãos portugueses: falo do Grande Templo de Farsenterr. Transmitimos as cerimónias da Gronelândia festejando o primeiro matrimónio português de Trémulos Perante o Senhor. Escutam-se os hinos de regozijo, entoados por toda a comunidade gronelandesa. É notável a adesão que esta festa jubilosa, proposta pelo Ministro dos Ministros, desencadeou em todos os cantos da ilha.

Feytor – Perfeito!
Campoamor – Deu trabalho, mas ficou óptimo!
Locutor – (Tom mais sensacionalista) O Ministro dos Ministros neste momento sobe a escadaria e vai proferir o discurso de regozijo.
Feytor – Estamos atrasados? Ou terá, havido engano nas horas?
Campoamor – Seguimos o programa estabelecido.
Feytor – Rigorosamente?
Campoamor – Minuto a minuto.

O cântico é substituído, ao longe, pela voz de um orador que fala na língua local. Batem à porta. Abrem-na.

Feytor – Oh! Supremo Ministro!
Supremo Ministro – Irmão...
Sacristão – Boas-tardes, irmão Feytor...
Feytor – Irmão sacristão...
Campoamor – Supremo Ministro, o Ministro dos Ministros começou o discurso. Quer ouvir?
Supremo Ministro – De certo, de certo...
Sacristão – (Noutro plano) Ora bem, vejamos como eu resolvo o meu problema.
Feytor – Qual é?
Sacristão – Onde vou fazer o altar?
Feytor – Ah! é fácil. Sobre o piano. Afasta-se o piano da parede. Felizmente que é baixinho. O Supremo Ministro fica aí por detrás e celebra para diante. Que tal?
Sacristão – Boa ideia. Só falta dar um jeitinho ao piano. Ora pegue daí desse lado, irmão.

Esforçam-se. Pronunciam frases como: "Mais para este lado", " Empurre daí um bocadinho"; " Só um quase nada", "Pronto, já está".

Sacristão – Agora já posso estender a toalha e desdobrar o escapulário.
Feytor – Desdobre, irmão.

Batem à porta. Abre-se a porta.

Edwiges – Sr. Feytor...
Feytor – Olá, Edwiges... há que tempos...
Tinico – Irmão Feytor, boa-tarde...
Edwiges – Supremo Ministro....
Supremo Ministro – Irmã, desculpe...
Edwiges – (Baixo) Que está ele a fazer?
Feytor – Ouve o discurso do Ministro dos Ministros...
Edwiges – Ah! Então são horas... Os noivos?
Feytor – Foram vestir-se.
Edwiges – Ai! a mesa está muito bem posta!
Tinico – Onde se meteu o papá?
Feytor – Foi lá a cima, ao seu quarto.
Tinico – Sempre se casa?
Feytor – (Forte) Casa-se! Que remédio tem ele?

Ao discurso sucede-se na rádio o repicar dos sinos na Gronelândia.

Supremo Ministro – Irmãos, comecemos o casamento, para que a cerimónia lusitana coincida exactamente com os hinos dos que de tão longe se regozijam por nós.
Edwiges – *(Chama)* Dadá! Dadá!

Abre-se a porta da despensa. Choro do Funfas, que se aproxima

Feytor – (Chama) Irmão Teté! Desça! Desça!
Dadá – Oh! mamã, que felicidade!
Edwiges – Estás linda, minha filha! Ah!... tencionas casar-te com o Funfas ao colo?
Dadá – Estava a chorar, coitadinho. O Teté?
Edwiges – Já aí vem.
Dadá – (Chama) Teté!
Supremo Ministro – Escutei o Ministro dos Ministros que na nossa Catedral abordou os temas do sexo: a família, o matrimónio, os filhos, a concupiscência, a paixão desregrada… Comecemos a nossa cerimónia. Mas... não vejo o noivo...
Edwiges – Tinico, vai lá acima chamar o teu pai, que desça depressa.
Tinico – Sim, avó.

Os sinos tocam mais forte.

Supremo Ministro – O Santo e Sagrado Senhor nos tenha a todos em seus braços de harmonia!
Todos – (Repetem em coro)
Supremo Ministro – E sob a Sua Divina Auréola.
Todos – (Idem)
Supremo Ministro – A todos os da nossa comunidade lusitana...
Todos – (Idem)
Supremo Ministro – ...mas sobretudo aos noivos...
Todos – (Idem)
Tinico – (De longe, aproximando-se) Avó, avó, o papá fugiu.
Edwiges – O quê?
Tinico – O papá fugiu pela janela das traseiras.

Todos – (Aranzel) Não é possível! O quê?
Sacristão – Cobarde!
Edwiges – Tinico, como sabes que o teu pai fugiu?
Tinico – A janela estava aberta e em cima da cama deixou este papelinho.

Choro de Funfas.

Edwiges – O que diz? Lê o papel.
Tinico – (Lendo) "Mais uma vez me escapuli. Amo demasiadamente a Dadá para casar com ela. Amo demasiadamente os meus filhos para me casar com a mãe deles. Escusam de me procurar, que não me encontram. Fujo para me defender; para protestar em nome da liberdade; não quero que a liberdade seja invocada para encobrir a ignomínia. Ouviu, Sr.ª D. Edwiges Gaiola? Vós, aqueles que sois verdadeiramente meus irmãos, perdoai-me!"
Sacristão – Que grande sacripanta!

Dadá dá um grito é cai desmaiada. Choro fortíssimo do Funfas.

Campoamor – A irmã Dadá desmaiou; e deixou cair a criança.
Edwiges – Apanhem aí o Funfas!

No receptor, hino matrimonial.

Supremo Ministro – O hino! Devíamos começar agora o matrimónio. Sinto que neste momento estamos a intrujar trezentos mil irmãos que, de boa fé, estão connosco.
Edwiges – Santo e Sagrado Senhor! Que fazer?
Feytor – Aquele gajo... Ah! se o apanho...

Supremo Ministro – O demónio do desespero bate agora à porta da minha alma. Porque vim para Portugal fundar a nossa Religião, neste país onde tudo sai às avessas?! Eis-me perdido. Como explicarei ao Ministro dos Ministros!? Irmãos, também eu tremo; tremo perante o Senhor; e tremo perante o Ministro dos Ministros.

Edwiges – Que fazer?

Tinico – Eu não disse? Eu não disse?

Edwiges – Cala-te, Tinico!

Feytor – Malandro! Esta vergonha ultrapassa as fronteiras de Portugal!

Todos – *(Balbúrdia)* Traidor! Disparate! Vamos atrás dele! Vamos agarrá-lo!

Sacristão – Sacripanta!

Feytor – Nós, como irmãos e como portugueses, não podemos deixar mal o Supremo Ministro. Tem de haver aqui um casamento! E haverá!

Todos – Quem se casa? Quem quer casar? Ora, ora! *(Grande alarido)*

Feytor – Supremo Ministro, pode casar-me, a mim, com a irmã Edwiges Gaiola?

Edwiges – *(Num grito)* Arquimedes!

Supremo Ministro – Não estava previsto...

Edwiges – Ai, não, ai, ai, ainda é cedo...

Feytor – Mas é a maneira de acabar tudo em bem.

Edwiges – Pois é...

Feytor – Edwiges... Edwiges... Não te basta o que já me fiz valer a teus olhos? Não te basta?

Supremo Ministro – Está de acordo, irmã Edwiges?

Edwiges – *(Numa decisão terrífica)* Vamos a isso! Dêem-me daí o ramo de flores da Dadá. *(Forte)* Tinico, dá-me o ramo de flores.

Tinico – Aqui está, avó.

Edwiges – A Dadá continua desmaiada?

Tinico – Sim, avó.

Supremo Ministro – Graças ao Senhor, o Ministro dos Ministros não passará por um desastrado e desonroso desaire!

Feytor – Estás pronta, Edwiges?

Edwiges – Estou pronta!

Todos – (Alarido) Bravo! Muito bem! Milagre! Milagre! Vivam os noivos!

Toque das campainhas do sacristão.

Supremo Ministro – Irmã Edwiges Gaiola, ama o irmão Arquimedes Feytor, aqui presente?

Edwiges – Sim.

Supremo Ministro – Irmão Arquimedes Feytor, ama a irmã Edwiges Gaiola, aqui presente?

Feytor – Sim.

Supremo Ministro – Na presença da comunidade lusitana dos Trémulos Perante o Senhor, eu vos caso, para que vos reproduzais conforme as regras da nossa Santa Religião; e vos ameis, segundo as mesmas regras; e façais em comum a vida da harmonia e da paz. Não esqueçais, irmãos nubentes: é terrível e implacável o juízo do Senhor, perscruta os vossos actos a cada instante. *(Campainhas do sacristão)* Caso-vos para que sejais livres e para que, através do vosso exemplo, a liberdade do Senhor prolifere neste mundo. *(Idem)* Caso-vos para que... *(Continua o discurso, mas as palavras não se compreendem, abaladas pela música e pelo choro do Funfas. Campainhas do sacristão)* Caso-vos para que... *(Idem)* Caso-vos para que... *(Idem)* Caso-vos para que... *(Idem)*

A música do cerimonial gronelandês sobrepõe-se às circunstâncias.

Dezembro de 1981

Peça Teatral elaborada por encomenda da
Secretaria de Estado da Cultura

Índice

Introdução de Eduardo Street 5

O Diabo Infeliz e o Banqueiro 9

Isabel 34

Luar Encantado do Mar Vermelho 54

Sonhos Deitados na Areia 65

Cassilda e o Reino dos Sonhos 88

Terra Minha, Meu Destino 123

O Barco Louco 140

O Teatro da Crueldade 168

Requiem – a Esperança e a recordação 194

São Vapor 218

Marco Pórcio Catão 240

Miau-Miau-Béu-Béu-Pum-Pum 265

A Luta pela Vida ou a Promessa de Ling-Fu-Tong 284

Os Fantasmas como Prumo das Decisões Domésticas
e a sua Influência nas Emergências Vivenciais 298

Bim Lim Ré Ó Lim 331

Estâncias de Amor Interrupto 362

Trémulos Perante o Senhor 386